



ISBN 978-989-8607-15-7



Edição AICL,

ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO EM 16/10/2019

- ÍNDICE GERAL
- 1.1. HISTORIAL
- 1.2. TEMAS
- 1.3. COMISSÕES
- 1.4. INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO
- 1.5. BIODADOS DOS PATRONOS
- 1.6. HOTEL
- 1.7. HORÁRIO
- 1.8. LISTA DE PARTICIPANTES
- 1.9. ROTA CULTURAL
- 1.10. ATAS COMPLETAS (TEXTOS FINAIS E BIODADOS )



## 1. HISTORIAL DA AICL, A SOCIEDADE CIVIL ATUANTE (APÓS 31 COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

### 1.1. HISTORIAL CURTO DA AICL EM 32 COLÓQUIOS

#### Quem é Chrys Chrystello que lidera os colóquios da lusofonia

*Jornalista e tradutor, a partir de 2006 traduziu dezenas de escritores açorianos em projetos dos Colóquios (15 autores da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos).*

*Em 2009 publicou o vol. 1 da trilogia "ChrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores" cronicando as suas viagens pelo mundo.*

*Em 2011 publicou o vol. 2 e em 2012 lançou a obra completa de poesia “Crónica do Quotidiano Inútil (vols. 1 a 5)”, a assinalar 40 anos de vida literária. Foi nomeado, nesse ano, Académico da Academia galega De Língua Portuguesa.*

*Em 2015 lançou a 4ª ed. da monografia “Crónicas Austrais 1978-1998” e editou os 3 volumes da “Trilogia da História de Timor”.*

*Nesse ano fez trabalhou na compilação da obra de D. Ximenes Belo, “Pe. Carlos da Rocha Pereira”, vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor.*

*Em 2017 lançou o seu opus magister “Bibliografia Geral da Açorianidade” em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e traduziu para inglês o livro “O Mundo Perdido de Timor-Leste” de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich.*

*Lançou em 2018 “Fotoemas”, foto e-book, com fotos de Fátima Salcedo e poemas seus <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>, fez a revisão e compilação de “Missionários açorianos em Timor” vol. 2 de D. Ximenes Belo, finalizou os vols. 3 e 4 de “ChrónicaAçores uma circum-navegação” e completou a Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (poesia).*

*É Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos.*

*Em 2019 foi nomeado Vice-presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo e membro do Pen International (Açores)*

#### Quando e onde começaram?

Começamos no Porto, mas a ideia foi sempre de descentralizar.

Até 2010 a base foi Bragança. Houve colóquios em cidades, vilas e freguesias.

Nos Açores na Ribeira Grande (2006, 2007), Lagoa (2008, 2009, 2012), Vila do Porto (2011, 2017), Maia (2013), Porto Formoso (2014), Santa Cruz da Graciosa (2015, 2019), Lomba da Maia (2016), Madalena do Pico (2018).

Fora estivemos no Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), Seia (2013 e 2014), Fundão (2015), Montalegre (2016), Belmonte (2017,18 e 19). Iremos a PDL em 2020, ao Faial (2021) e regressaremos ao Pico (2022).

Faltam-nos ainda obter apoios para S. Jorge, Flores, Corvo e Terceira

#### Qual o principal objetivo, ou interesse máximo destes colóquios?

OS “**COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**”, são um movimento cultural e cívico com o objetivo de promover a Investigação Científica para reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político - na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes, em qualquer país, região ou comunidade. Os valores essenciais da cultura lusófona constituem, com o seu humanismo universalista, uma vocação da luta por uma sociedade mais justa, da defesa dos valores humanos fundamentais e das causas filantrópicas.

No contexto da Lusofonia, a Galiza e Portugal aumentarão a sua influência ibérica e europeia, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné, Angola e Moçambique, a sua influência africana, o Brasil a sua influência no continente americano e Timor a sua influência asiática, sem esquecer Goa, Damão, Diu, Macau, todos os lugares onde alguém fale Português ou onde a diáspora esteja presente, os quais, integrados noutros estados, serão núcleos de irradiação cultural desta noção alargada de Lusofonia

#### Qual a periodicidade anual dos colóquios?

Dois ao ano desde 2006 quando passamos a incluir a açorianidade literária.

Agora temos a sede em Belmonte desde 2016 e lá fazemos o da Páscoa e depois outro nas ilhas no fim de setembro ou princípio de outubro.

#### Quem são e o que fazem os Colóquios da Lusofonia (AICL)

Aqui se traça em linhas gerais o percurso da AICL. Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o projeto ALFE (Lusofalantes na Europa em 1997) e quisemos torná-lo universal. Assim nasceram os colóquios de uma LUSOFONIA que abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião, nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Esta visão visa incluir todos, numa Lusofonia que não Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades.

Realizámos desde 2001, 32 Colóquios (2 ao ano desde 2006) numa demonstração de como é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Juntam-se os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como amigos de longa data. Partilham ideias, projetos, criam sinergias, irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos além da informalidade e do contagioso espírito de grupo que nos irmana. Abolimos os axiónimos, títulos apensos aos nomes, esse sistema de castas que distingue sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais dentro da associação e contribuam, para os nossos projetos sem reclamar a autoria, mas a partilha do conhecimento, e isso é anátema nos corredores bafientos de instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), ...

Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em 2015 entidade cultural de utilidade pública. Em 2001 todos foram leitos em nos assegurarem que o formato dos colóquios estava condenado ao fracasso. Garantiram-nos que esta fórmula solidária de todos participarem a expensas suas e contribuírem para as despesas organizacionais, estava condenada ao insucesso num país subsidiodependente. Aquando da crise económica de 2008, várias pessoas pretendiam fazer apenas um colóquio ao ano, mas fomos em 2010 e 2011 ao Brasil e Macau e em 2012 à Galiza.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Aquando da crise económica de 2008, várias pessoas pretendiam fazer apenas um colóquio ao ano, mas fomos em 2010 e 2011 ao Brasil e Macau e em 2012 à Galiza. Prossegui e aqui estamos com dois colóquios ao ano programados até 2024, devidamente escudados em planos B para qualquer falha. Prossegui com dois colóquios ao ano (programados até 2024, devidamente escudados em planos B para qualquer falha). Como patronos temos Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara, Ximenes Belo, Ramos Horta e a AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa) e estamos associados às Academias de Língua Portuguesa no mundo.

Quando aterrei nos Açores em 2005 admiiti o meu desconhecimento sobre o arquipélago. O pouco que aprendi no liceu estava esquecido. Depois, as telenovelas aqui filmadas e as companhias aéreas de baixo-custo colocaram os Açores no centro do mundo e do turismo que pasma com o clima que muda constantemente (tanto chove como faz sol...as tais quatro estações num só dia que tanto apregoam)... as lagoas, as crateras e as baías são um assombro e os montes sempre verdes pejados de vacas alpinistas. Adotei-os como nova matéria depois de Bragança, e nova pátria, depois de Timor e da Austrália, considerando-me hoje absolutamente integrado, um ilhanizado ou açorianizado. A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar é Marília, para Daniel de Sá Ilha-Mãe, para mim Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu. Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa no Estado Novo, seguida de um capítulo naufragado da História Trágico-marítima camoniana, nas ilhas de Timor, de Bali, na então (pen)ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), na imensa ilha-continente Austrália, e em Bragança, ilhoa esquecida que é o nordeste transmontano.

Acolho como premissa o conceito de açorianidade de José Martins Garcia que, «*por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura*», admite a existência de uma literatura açoriana «*enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência*»<sup>1</sup>. Nos Colóquios, na sua versão insular desde 2006, o ponto de partida foi o debate sobre a identidade, a escrita, as lendas e tradições açorianas. Do intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos os que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou outro ramo de conhecimento científico, *aspirava-se a tornar mais conhecida a identidade açoriana*. Os Colóquios levaram os Açores ao mundo, aos que não têm vínculos familiares nem conhecimento desta realidade. Independentemente da Açorianidade, mas por via dela, mais lusofalantes ficaram a conhecer a realidade insular e suas peculiaridades. Os colóquios divulgaram a *identidade açoriana* na Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, onde fizeram traduções de autores açorianos.

*Era imperioso alguém ler esses autores, insuflando-lhes nova vida, novas leituras, trazendo-os à mais que merecida ribalta. Deparei com noções etimologicamente ancestrais contrastando com o uso atual. No Dicionário do Moraes vêm os termos “chamados” açorianos e em 2008, um médico nas Flores (J. M. Soares de Barcelos) publicou o Dicionário de Falares dos Açores. A língua recuada até às origens foi adulterada pelo emigrês de corruptelas aportuguesadas e anglicismos. Tratamos de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se desfraldaram ao enguiço do presente e não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Quisemos apreender as suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizavam face aos antepassados e às ilhas e locais de origem, constatando:*

- 1. O clima inculca um caráter de torpor e de lentidão em que a pressa é amiga da morte;*
- 2. A História define os habitantes do arquipélago ainda quase tão afastados da metrópole como há séculos;*
- 3. A forma como se recortam todos os estratos sociais: vincadamente feudais apesar do humanismo que a revolução dos cravos alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;*
- 4. O modo como a proximidade da terra se manifesta de forma sobrejacente fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.*

Neste universo tão idílico não busquei a essência do ser açoriano, que existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra, nem se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se continuam a impor condicionando a presença humana, para assim evidenciar a sua açorianidade? Nos colóquios temos tido sempre dois temas importantes “Açorianos missionários no Oriente” (Macau e Timor) e as obras publicadas no séc. XI por autores estrangeiros sobre os Açores.

Agora estamos a tratar de criar um núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos em Belmonte, enquanto não se concretiza o sonho do Museu da Açorianidade, suspenso desde 2009. Há mais livros e antologias em preparação, e em 2017 lançou-se o primeiro CD de autores açorianos musicados pela Ana Paula Andrade. Desde 2009 que, anualmente, se homenageia um autor açoriano ainda vivo, e todos podem consultar o nosso historial e anuários, revista anual e demais publicações, além de vídeos, sons e imagens de todos os colóquios em [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)

### Quem os subsidia?

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, e sobrevivem com o pagamento das quotas dos associados e das inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados para cada evento, levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, beneficiam do apoio das entidades locais e têm parcerias com universidades, politécnicos e outros e com esta subsídioindependência sobrevivem com dois eventos ao ano

### O Estado tem sido parceiro? Se não, porquê?

Do governo regional temos tido apoios reduzidos, mas que nos permitem trazer mais um convidado especial a quem isentamos de inscrição. Nos últimos dois anos o apoio da Dir. Reg. do Turismo permitiu apoiar algumas despesas da deslocação, estadia e alimentação. Cada participante gasta no mínimo 500.00€, com o pagamento da inscrição (e quota de sócio), viagem e estadia e alimentação, contribuindo diretamente na economia local. Em média temos 45 a 50 pessoas, que muitas vezes ficam mais dias para melhor conhecerem os locais dos eventos e outras ilhas. A participação financeira do governo carece, como nas restantes atividades culturais, de um investimento sério e duradouro (a longo prazo) em eventos consagrados como os nossos, que apresentam trabalho feito e publicam obras de divulgação de autores açorianos. A título de anedota, o falecido escritor micalense Daniel de Sá dizia que os colóquios, com muito menos dinheiro, fizeram mais pelos autores açorianos que os governos autonómicos e orgulhámo-nos de o continuarmos a fazer com tão poucos recursos (cada um paga as suas despesas)

<sup>1</sup> [http://lusofonia.com.sapo.pt/acoes/acorianidade\\_pavao\\_1988.htm#\\_ftn11#\\_ftn11](http://lusofonia.com.sapo.pt/acoes/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11)

#### Que participações importantes tiveram os colóquios e o que abordaram esses participantes?

Não gostaria de realçar nenhum, para além de salientar que não só tratamos de literatura, há música, poesia, teatro, outros ramos da ciência e do saber (educação, vulcanologia, biologia, história), exposições de artes e pintura, dança, folclore, música popular (da viola da terra a cantigas ao desafio tivemos de tudo), erudita, Cancioneiro, sempre tão diversificado quanto o permitem os parcos orçamentos. Com mais de cem autores açorianos e mais de 1500 participantes ao longo dos anos seria difícil destacar algum em detrimento de outros.

#### Como nasceu a BGA (Bibliografia Geral da Açorianidade)?

No 11º *Colóquio da Lusofonia* [Lagoa 2009] decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos da UAç em Ponta Delgada (criado e ministrado por Martins Garcia e, posteriormente, por Urbano Bettencourt). Concebemos e organizamos na Universidade do Minho em Braga, um Curso Breve de Açorianidades e Insularidades com a colega Rosário Girão (25 set. 2010-14 fevº 2011) e até hoje, aguardamos que haja uma entidade universitária capaz de colocar o curso em linha para todo o mundo, revertendo os proventos das propinas para a entidade que nele queira apostar. Depois de 2011 alunos de mestrado e de doutoramento, na Universidade do Minho, na Roménia e Polónia, trabalharam autores açorianos e traduziram excertos em 15 línguas (francês, inglês, italiano, chinês, árabe, romeno, polaco, russo, búlgaro, alemão, esloveno, neerlandês, flamengo, castelhano e catalão). A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

- *O dos insularizados ou «ilhanizados<sup>2</sup>» e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais.*

Muitos destes autores fazem parte da ***Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos*** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram (2011), na versão **bilingue** (PT-EN de 15 autores), na **monolingue** (2012 com 17 autores), na ***Coletânea de Textos Dramáticos*** (2013) de Helena Chrystello e Lucília Roxo (Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo T Almeida), a que seguiu, em 2014, ***uma Antologia no Feminino “9 ilhas. 9 escritoras”*** (Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho). Decidimos colocar no portal AICL ([www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)) uma publicação para dar a conhecer excertos de obras (a maioria esgotada) de autores açorianos e abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita, que entendemos ser diferente, para não dizer única. Foi em janeiro 2010 que brotaram os despretentosos Cadernos de acesso generalizado, fácil leitura em formato pdf.

Já se publicaram mais de cinco dezenas de autores contemporâneos (a maioria presente nos colóquios) nos **Cadernos (e Suplementos) de Estudos Açorianos**:

*Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá. Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Eduardo Bettencourt Pinto, Urbano Bettencourt, Eduíno de Jesus, Onésimo Teotónio Almeida, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Norberto Ávila, Victor Rui Does, José Martins Garcia, Joana Félix, José Nuno da Câmara Pereira I, Manuel Policarpo, Tomaz Borba Vieira, Maria das Dores Beirão, Maria Luísa Soares, Susana Teles Margarido, Madalena San-Bento, Carlos Tomé, Brites Araújo, Maria Luísa Ribeiro, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara, José Nuno da Câmara Pereira II, Machado Pires, Anabela Mimoso, Anthony de Sa, Natália Correia, Adelaide Freitas, Almeida Pavão, Antero de Quental, Martins Garcia, Cecília Meireles, Madalena Férin, Antonio Tabucchi, Armando Côrtes-Rodrigues, Katherine Vaz, Carlos Faria, Manuel Machado, Raul Brandão.*

No entanto, segundo alguns estudiosos, a nossa principal obra é a Bibliografia Geral da Açorianidade (BGA) compilada ao longo de sete anos (2010-2017) que inclui autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (ilhanizados, açorianizados ou não), que escreveram sobre autores e temáticas açorianas, abrangendo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havai, etc. incluindo referências bibliográficas à diáspora, colonização açoriana, caça à baleia e temas relacionados com a saga açoriana no mundo. Não se privilegiou a literatura, mas todos os ramos do saber, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, vulcanologia, etc. A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou descendência açoriana e que dela se servem para a sua escrita. De uma forma geral estão aqui incluídos os trabalhos que logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e autores, embora saibamos faltarem ainda muitos.

#### Fala-se pouco na comunicação social sobre os colóquios ou tem havido uma divulgação satisfatória pelos OCS a nível nacional? Se não, o que poderá estar a falhar?

Tentamos sempre a maior divulgação. Nos Açores, a cobertura quer da imprensa escrita, quer da RTP e RDP tem sido satisfatória, mas em Portugal nem a LUSA nos tem dado o destaque que os nossos convidados mereciam. Por exemplo no Pico em 2018 tivemos mais de 25 autores açorianos presentes (um facto notável dados os constrangimentos financeiros), na Graciosa iremos ter nomes de elevado gabarito Teolinda Gersão, José Luís Peixoto, Joel Neto, o cientista Félix Rodrigues, mais 17 autores açorianos o que se tem tornado norma nestes últimos anos e deveria merecer mais atenção. Contemporâneos das Correntes d’Escritas (Póvoa de Varzim), somos a mais antiga e ininterrupta entidade organizadora de eventos deste jaez, mas sem os fundos daquelas.

Presença constante na Póvoa, Onésimo T Almeida será homenageado pela AICL em 2020.

O que falha, é que a cultura não vende nem dá votos, ao contrário dos festivais de verão onde há sempre milhares para investir. Não temos meios humanos para fazer mais do que já se faz na rede de associados voluntários, todos trabalhamos pro bono em tudo.

#### Há alguma história interessante que se tenha passado num colóquio?

Por exemplo quando, na tentativa de poupar os custos, colocamos inadvertidamente dois artistas de teatro num mesmo quarto sem serem um casal (e tivemos de improvisar novo alojamento para eles).

Outro episódio foi em 2008 quando Adriano Moreira se deslocou a primeira vez a Bragança e o edil não acreditava que tivéssemos convencido o professor a ir tão longe.

O autarca estava escondido num gabinete e de 15 em 15 minutos mandava alguém ao palco perguntar-nos “tem a certeza de que ele vem?”, até que o conhecido politólogo apareceu com a sua consorte e o edil pode sair da toca, incrédulo com a nossa capacidade de atrair grandes personalidades para os colóquios.

Um ano mais tarde Adriano Moreira ofertaria o seu espólio à Câmara que criou uma segunda biblioteca municipal com o seu nome, facto do qual nos orgulhamos sempre com um enorme sorriso na lembrança do sucedido. E ele já esteve presente em mais colóquios (o último foi 2018 em Belmonte).



2 (adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino)

## 1.2. HISTORIAL LONGO

Aqui se traça em linhas gerais o já longo percurso da AICL. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais.

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito do nosso primeiro patrono JOSÉ AUGUSTO SEABRA de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças. Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Tínhamos gerido o seu projeto ALFE desde 1997 e quisemos torná-lo universal. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam. A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade. Gostaria de parafrasear Martin Luther King, 28 agosto 1963, “*I had a dream...*” para explicar como nascidos em 2001 já realizámos trinta e dois Colóquios da Lusofonia (dois ao ano desde 2006 quando passamos a incluir a divulgação da açorianidade literária) numa demonstração de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos - as de longa data se tratasse, partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas. Desde a primeira edição abolimos os axiónimos, ou títulos apensos aos nomes, esse sistema nobiliárquico português de castas que distingue as pessoas sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais dentro da nossa associação e queremos que todas contribuam, na medida das suas possibilidades, para os nossos projetos e sonhos... A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), e daí termos tido o 21º Colóquio na esplanada de uma praia...

Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública. Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa. Depois, acrescentamos como sócios honorários e patronos Dom Ximenes Belo em 2015 e em 2016 José Ramos-Horta (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e a Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a prometida adesão da Academia Angolana a este projeto. O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.



Ao longo de quase duas décadas realizamos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança (como base entre 2003 e 2010), Brasil (Floripa 2010), Macau (2011), Ourense (Galiza 2012), Seia (2013 e 2014), Fundão (2015), Montalegre (2016), Belmonte (2017 e 2018), e nos Açores na Ribeira Grande (2006-2007), Lagoa em São Miguel 2008-2012), Vila do Porto (Santa Maria 2011 e 2017), Maia (S Miguel 2013), Moinhos de Porto Formoso (São Miguel 2014), Santa Cruz da Graciosa (2015), Lomba da Maia (S Miguel, Açores 2016), Madalena do Pico 2018. Belmonte e Santa Cruz da Graciosa (2019).

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos, artistas plásticos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos, além de dois livros de autor, das quatro (4) antologias que já publicamos, dois (2) livros de Dom Ximenes Belo dedicados aos *Missionários Açorianos em Timor*, a história infantojuvenil trilingue *O menino e o crocodilo* de Ramos-Horta entre várias outras obras que editamos.

SOMOS uma enorme tertúlia reforçando a lusofonia e a açorianidade. De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas.

Provámos a vitalidade da sociedade civil quando congregámos vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

### ***Solução - síntese:***

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado. As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;

8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: “não interessa!” A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir! Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas.

#### No 1º Colóquio 2002 afirmou-se:

Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida, perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos média nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e nos outros onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes. Há tempos (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

*“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba. Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O Inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso. A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de Inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”*

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileiroismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o Inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Câmbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal. A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

*“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é, sem dúvida, a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário Inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É, até, irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de Latim e de Francês na sua origem. Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como kingly (Anglo-saxão), royal (Francês), e regal (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão.*

*Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas. Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro Language Death. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário. É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo. Recordo ainda que não é só o Inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo português, e todas as principais línguas: espanhol, chinês, russo, árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”*

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

#### Em 2002....

Patenteamos que era possível ser-se organizacionalmente INDEPENDENTE e descentralizar sem subsidiodependências e os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. Os Colóquios inovaram, na primeira edição, e introduziram o hábito de entregar as Atas em DVD - CD no ato de acreditação dos participantes.

#### No 2º Colóquio [2003] afirmou-se:

“só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da linga portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo.

Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real. Urge, pois, apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

A atual crise portuguesa não é meramente económica, mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar.

A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização. Os cursos superiores estão ainda desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas sim falta de empregos. Mas será que falam português? “

---

### No 3º Colóquio [2004],

cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se que o Colóquio, como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar para uma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Alertávamos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperar pelo Estado ou Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

Nesse ano, lançamos a campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

---

### No 4º Colóquio [em 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste

“O português faz parte da História timorense. Não a considerar uma Língua oficial colocaria em risco a sua identidade”, defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa "tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas" e é tanto mais plausível porque "o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Díli", afirma Hull. "

A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender a língua portuguesa". Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Tivemos a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, e a exposição de fotografia do Presidente Xanana Gusmão (Rostos da Lusofonia).

Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma Língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca (Tétum) e vários dialetos. A organização do Colóquio entende que "foi sobremodo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor", e daí a relevância da presença do Bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos.

Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias.

A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do português em Timor. “*O Tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do Inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do Inglês, o Tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem o que enriquece tanto o português como o Tétum*”.

---

### Em 2006, no 6º Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza

e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas). Debateu-se uma Galiza que luta pela sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, apontaram-se soluções, sendo exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma.

Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A República Popular da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal.

A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os países lusófonos e as comunidades lusofalantes. Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das caraterísticas culturais de um povo que nunca foi nação. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar.

---

### Em 2007, buscou-se um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate: “O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro.

O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões. Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes... O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, Galiza, Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa a Malaca. São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja Língua-Mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer país lusófono.

---

### Em 2008 foi atribuído o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateu-se, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.

Inaugurámos a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor Adriano Moreira deslocou-se propositadamente para dar “o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia”. Na sequência da vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores) onde se homenagearam Dias de Melo e Daniel de Sá. Prosseguimos, incansáveis, a campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais. Desde então, esta é regra inelutável da AICL sobre a Ortografia: dado haver inúmeras ortografias oficiais em Portugal e no Brasil, a AICL converteu e uniformizou, para o AO 1990, todos os escritos posteriores a 1911, incluindo títulos de obras. A caótica ortografia anterior a 1911 foi mantida sempre que possível.



**Em 2009 nos 11º e 12º colóquios definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA (Bragança) e do MUSEU DA AÇORIANIDADE (Lagoa),** que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. O projeto de Bragança viria a desenvolver-se sem a nossa paternidade após 2016, e reavivamos o projeto em Belmonte 2017 para ser integrado no Museu dos Descobrimentos com apoio da Câmara local. Em 2009 convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a primeira Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía ainda Carolina Michaëlis, Leite de Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho da Silva, Rosália de Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu em 2011.



**Em janeiro de 2010 lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos** (em formato pdf no nosso portal <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html> que trimestralmente publicámos, estando disponíveis mais de três dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos (um dia) levar em linha - online - para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

**Nesse ano, o 13º colóquio deslocou-se ao Brasil,** participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a AÇORIANÓPOLIS, a décima ilha açoriana, Florianópolis no Estado de Santa Catarina.

**Em 2010, Bragança, no 14º colóquio,** tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).



**Em 2011, no 15º colóquio, uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau** com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos. Ali se lançou o livro CrónicaAçores vol. 2 de Chrys Chrystello.

**No 16º colóquio, fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe homenagear Daniel de Sá.** Em Vila do Porto, além se apresentar a Antologia bilingue de autores açorianos, aprovou-se uma DECLARAÇÃO DE REPÚDIO pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo Acordo Ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão a posteriori do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.



**Em 2012 no 17º colóquio na Lagoa, reunimos 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO:** Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), C. Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Idalinda Ruivo e filha Mª João); Daniel de Sá; da Ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da Ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

**Em outubro 2012, no 18º colóquio, levamos os Colóquios a Ourense, Galiza,** parcela esquecida da Lusofonia, berço da língua de todos nós. Ali houve uma cerimónia especial da AGLP em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações, mas com fraca adesão de público. Nesse ano difundimos o MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico (<http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifesto2012aicl.pdf> ) contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Dois importantes projetos viram a luz do dia em 2011 e 2012, a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos (em 2 volumes), da Calendário de Letras e autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em poesia celebrando 40 anos de vida literária de Chrys Chrystello num volume intitulado Crónica do Quotidiano Inútil (vols 1 a 5).



**Na Maia (2013) no 19º colóquio, surgiram vários novos projetos,** a Antologia 9 Ilhas 9 escritoras, o projeto de musicar poemas, e novo Prémio Literário AICL Açorianidade. Registou-se a presença, pela primeira vez de representantes do Camões e do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP além do convidado de honra Dom Ximenes Belo.



**Em Seia (2013) no 20º colóquio, criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI).** Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 19º e 20º colóquios ao apresentar temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Igualmente iremos prosseguir com o projeto de musicar autores em versão pop, como tem sido feito pelo grupo de professores da Escola da Maia em São Miguel. Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos. Tenta-se colocar a Antologia no Plano Nacional (já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores).



**2014, o 21º colóquio teve a particularidade de obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data**

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

por excesso de oradores para o idílico local – a Praia dos Moinhos de Porto Formoso. Lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (Poesia). Lançamos neste 21º Colóquio mais dois projetos: a Coletânea de Textos Dramáticos de autores açorianos, da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (incluindo Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo T Almeida) bem como a Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras” incluindo Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férrin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho.

**Em 2014, no 22º colóquio em Seia, tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa,**

desconhecidos para a maioria da população –José Carlos Teixeira do Canadá, especialista em Geografia Humana e o professor José António Salcedo, especialista mundial em ótica e laser. Conseguimos trazer um grupo de 20 dançarinos de Timor-Leste (Timor Furak e Le-Ziaval) que ao longo de três sessões nos encantaram, numa aproximação entre culturas lusófonas distantes.

**23º colóquio no Fundão 2015:**

Anunciou-se a preparação do volume 9 Ilhas, 9 autores 9 línguas traduzidas.

**24º Graciosa 2015, aceite a proposta do associado José Soares de admitir Dom Carlos Filipe Ximenes Belo como Sócio Honorário**

tentamos apoios para a publicação do livro de D. Ximenes Belo sobre um missionário açoriano no Oriente. Aceite a proposta do júri do Prémio AICL para que Norberto Ávila seja o autor a homenagear em 2016

**25º Montalegre abril 2016. Foi anunciada a presença no 26º colóquio do outro Prémio Nobel da Paz de 1996, Dr José Ramos-Horta.**

Nesse colóquio lançaremos o CD de autores açorianos musicados. Em 2018 no Pico iremos ter um concerto especial com partituras do Padre Áureo da Costa Nunes e convidaremos autores picoenses ainda vivos

**26º colóquio Lomba da Maia 2016: PROJETOS SAÍDOS DESTE COLÓQUIO**

A possibilidade de se editar em Portugal o livro infantojuvenil do presidente Ramos-Horta, aceitar Ramos-Horta como sócio honorário da AICL e patrono.

Nomear Urbano Bettencourt como autor escolhido para a Homenagem contra o Esquecimento 2017 em Belmonte e Vila do Porto.

**27º colóquio Belmonte 2017: Aceitar a proposta da EMPDS e da Câmara Municipal de sediar os próximos colóquios de forma definitiva em Belmonte.**

Aceitar a proposta de revitalizar o nosso projeto de 2009 do Museu da Lusofonia e construir nos próximos dois anos o primeiro módulo dedicado ao período de início da língua galaico-portuguesa até Carta de Pero Vaz de Caminha, a fim de poder ser incluído no Museu dos Descobrimentos. Foi já criada uma equipa multidisciplinar liderada pelo Professor Malaca Casteleiro, coadjuvado pelas professoras Maria Francisca Xavier e Maria de Lourdes Crispim. A preparação de imagens e textos deverá estar pronta no prazo de um ano a fim de a entregarmos à EMPDS para encomendar a transposição para elementos interativos. Posteriormente iremos tratar do segundo módulo, com a inclusão de línguas nativas da era dos Descobrimentos e posteriores (tupi, guarani, etc.) e evolução até aos nossos dias.

**28º colóquio da lusofonia Vila do Porto 2017. Foram firmados novos protocolos com o Município de Belmonte e Hotel Belmonte Sinai**

a vigorar – pelo menos – durante quatro anos, em que a nossa base será em Belmonte e nela se realizará um colóquio anual. Foi renovado o protocolo com o IECCPMA (Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes). Face ao protocolo com a autarquia de Belmonte tivemos de mudar a nossa programação futura (mais 4 em Belmonte, até 2021, e os restantes obviamente nas ilhas dos Açores). O autor açoriano homenageado em 2018 será a compositora e maestrina Ana Paula Andrade. No Pico apresentaremos com a Ana Paula Andrade e Raul Leal Gaião a obra musical do Padre picoense Áureo da Costa Nunes e faremos uma Homenagem a Dom Jaime Garcia Goulart na Candelária com Raul Gaião e Dom Carlos Ximenes Belo.

Igualmente iremos introduzir temática arqueológica e apresentar novo documentário de Timor-Leste e convidaremos a Mirateca ARTS a colaborar. Projetos a apoiar e desenvolver nos próximos 2 a 3 anos:

Editar o 2º livro da série Missionários açorianos em Timor de Dom Carlos F Ximenes Belo; Iniciar o projeto de poemas dedicados aos Açores a fotografias do Porto pela Fátima Salcedo; Trabalhar na preparação do 2º CD de autores açorianos musicados pela Ana Paula Andrade e divulgar o 1º CD; Prosseguir na antologia dos açorianos traduzidos em várias línguas que a Helena Chrystello começou em 2015 e apoiar dentro das nossas possibilidades não-financeiras, a edição do Dicionário de Crioulo Macaense de Raul Leal Gaião e a futura edição crítica das obras anglófonas dedicadas aos Açores na segunda metade do séc. XIX, a produzir por Rolf Kemmler.

Por sugestão do nosso patrono e presidente da Assembleia-Geral, em 2018 iremos experimentar o modelo de 20 minutos para todas as sessões.

**29º colóquio da lusofonia Belmonte março 2018,**

*a EMPDS vai diligenciar para musealizar e converterem conteúdo digital o primeiro módulo do Museu da Lusofonia*

proposto para ser incluído no Museu dos Descobrimentos já no 31º colóquio abril 2019 (Dos primeiros documentos em galaico-português à Carta de Pero Vaz de Caminha)

o ICPD (Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vice-Presidente (João Paulo Constância) vai assinar um protocolo com a AICL para a colaboração ativa em vários projetos, a AICL vai lançar, em moldes ainda por determinar, o 2º volume de Dom Ximenes Belo missionários Açorianos em Timor, a AICL vai convidar a MiratecArts para colaborar numa sessão especial do 30º colóquio na Madalena do Pico em outubro 2018

**30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico out 2018 Conclusões –**

1. *Congratulamo-nos pelo acordo com a Câmara de Ponta Delgada para ali realizarmos o 34º colóquio de 1 a 5 outº 2020 EDUCAÇÃO: uma ciência transversal que todos os governos deviam privilegiar, com os Convidados de honra Alexandre Quintanilha Presidente da Comissão Parlamentar de Educação e Ciência* <https://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?ID=5930>; José António Salcedo cientista <https://www.facebook.com/jose.a.salcedo.988> e ainda o escritor Richard Zimler como escritor convidado.

2. Congratulamo-nos com os reforços dos laços com a autarquia de Belmonte que vai instalar o núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos com abertura prevista para abril 2019

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

3. Congratulamo-nos com o resultado das diligencias da AICL que irão permitir a geminação entre a Madalena do Pico e Belmonte, e conta-se com a presença lá do Sr. Presidente da Câmara,
  4. Depois de propormos à C M Madalena o regresso dos Colóquios a esta vila ficou o mesmo mutuamente acordado para 23 a 27 de setº de 2021
  5. Congratulamo-nos, que graças à ação da AICL, Ponta Delgada possa vir a ser incluída na Rede das Judiarias e que esse acordo seja já celebrado no próximo colóquio em abril 2019
  6. Por proposta de Frederico Cardigos do Gabinete dos Açores em Bruxelas, vamos estudar a possibilidade de levar um grupo restrito (10-12) de autores açorianos a Bruxelas para numa sessão de 1 a 2 dias, divulgar a literatura de matriz açoriana e alguma da sua obra (livros ou excertos já traduzidos noutras línguas)
  7. Proposta da AICL de acolher como sócio Sérgio Rezendes e promovermos a sua deslocação a escolas secundárias para promover o conhecimento da História dos Açores
  8. Vamos prosseguir com o projeto de finalizar o projeto do busto de Dom Carlos Ximenes Belo com um custo entre os 6 e os 8 mil euros cujo molde inicial foi feito pelo artista plástico picoense Rui Goulart (ver em <http://coloquios.lusofonias.net/XXX/ximenes%20um%20busto.mp4>).
- Pensamos que uma autarquia ou outra entidade que financie esta obra possa ficar com ela para expor em local apropriado.
9. Damos publicamente um voto de congratulação á MIRATECARTS por colocar ao longo destes últimos sete anos, o Pico no mapa cultural internacional através das suas atividades diversificadas
  10. Os autores homenageados pela AICL em 2019 e 2020 serão, respetivamente, EDUÍNO DE JESUS e ONÉSIMO T ALMEIDA



### CONCLUSÕES 31º colóquio da lusofonia, Belmonte 12-15 abril 2019

Salientamos com satisfação a assinatura de protocolo entre o Museu Judaico de Belmonte e a Sinagoga de Ponta Delgada, promovido no 30º colóquio da Madalena do Pico, a que se seguirá no 25 de abril a celebração da geminação da Madalena do Pico com a vila de Belmonte, também originado no 30º colóquio. Estas sinergias intermunicipais refletem bem o caráter agregador e dinâmico da AICL que agradece a presença do Sr. Presidente José Manuel Bolieiro e da sua delegação

Salientamos a participação de académicos de várias áreas científicas, vários países e regiões com a habitual presença da Galiza (Alexandre Banhos e Margarida Martins), a presença pela quinta vez de representação diplomática de Timor-Leste e a segunda participação de Cabo Verde pela académica, poetisa e juíza desembargadora Vera Duarte, nossa nova associada, e do nosso patrono e sócio-honorário Dom Carlos Ximenes Belo que assinalou a sua sétima presença de forma bem vocal no painel dedicado aos 20 anos após o referendo de Timor-Leste de 1999. Foi oficialmente confirmada a participação de 3 autores lusófonos no 32º na Graciosa (Teolinda Gersão, Joel neto e José Luís Peixoto) e de cerca de uma vintena de autores açorianos, em novos moldes com formato de mesa redonda. Notável envolvimento da comunidade local nas sessões, em especial nos concertos e recitais em que a sala do auditório municipal praticamente encheu. Foi assinalada a qualidade dos 5 livros apresentados pelos autores neste colóquio (D Ximenes Belo, **Missionários açorianos em Timor vol. 2;** Raul Gaião, **Dicionário de Crioulo Macaense;** Vera Duarte **“A Matriarca” e “A reinvenção do mar”**; José Andrade **“Açores no Mundo: as 15 Casas dos Açores”**, Luciano Pereira, **“Lusofonografias, Ensaios pedagógico-literários”**.

Regista-se com apreço a enorme capacidade de Ana Paula Andrade de conglomerar vontades para apresentar “Sodade” de Cesária Évora como música de fundo na intervenção do escritor timorense Luís Cardoso de Noronha (Takas) e em seguida, apresentou a mesma versão cantada, em versão impromptu com Piki Pereira e Mintó Deus, além de chamar ao palco a jovem talento local Joana Carvalho que cantou, de improviso, em segunda voz “As ilhas de bruma”.

A participação local de jovens intérpretes foi uma agradável surpresa e enviamos os nossos parabéns a todos (Francisca Marques (piano), Edgar Costa (acordeão), Juliana e Rodrigo bernardo (o mais jovem maestro português) e a Joana Carvalho

O associado Terry Costa da MiratecArts apresentou um ambicioso projeto da Quinta da Lusofonia, um espaço de cerca de 800 metros quadrados dedicado às palavras, dos poetas e das poetisas de língua portuguesa, espalhados pelo mundo - desde os que já disseram o seu último adeus, às novas gerações que por aqui passam. A Quinta da Lusofonia está projetada para uma inauguração no outono 2021, arrancando as celebrações dos 10 anos da Associação MiratecArts, e na altura do 36º Colóquio da Lusofonia a acontecer na Madalena, ilha do Pico.

Foi bastante proveitosa e participada a divulgação do tema Judaísmo quer na visita à Sinagoga, Museu Judaico ou mesmo nas duas sessões dedicadas ao tema, muito enriquecidas pela apresentação por José de Mello da História da Sinagoga de Ponta Delgada e da inauguração de uma exposição de peças da mesma sinagoga que ficará em exibição até finais de maio.

Numa reunião com Paulo Monteiro (GloryBox) responsável pela instalação do Museu dos Descobrimentos e pela sua próxima remodelação foi possível aumentar o polo da lusofonia para 3 módulos a saber: 1, medieval do galego-português a Pero Vaz de caminha, seguindo-se o português clássico renascentista, e 3º módulo os crioulos e dialetos locais e sua influência na língua. Se bem que o primeiro módulo coordenado pela equipa de Malaca Casteleiro, Maria de Lourdes Crispim e Maria Francisca Xavier esteja pronto será preciso trabalhar no segundo módulo e para o terceiro a AICL disponibilizou já os contactos a fim de a empresa encarregue da renovação do Museu tratar diretamente com os especialistas.

O presidente da Direção da AICL comprometeu-se a oferecer a sua Biblioteca pessoal a Belmonte como prova de gratidão aos excelentes anfitriões dos Colóquios 2016-2021,

A EMPDS mostrou-se disponível para renovar este ano o nosso protocolo por mais 5 anos (até 2026)

Luís Mascarenhas Gaivão comprometeu-se a expor a sua “Angola: Muxima, desenho e texto (ver <https://www.dailymotion.com/video/x6hq5l2> )” de sua coautoria com Luís Ançã no 33º colóquio em Belmonte e apresentar o seu mais recente livro no 32º na Graciosa

A AICL pediu o apoio do Presidente da Câmara de Ponta Delgada (que prontamente acedeu) para ali levar no 34º colóquio uma exposição de pintura chinesa de Lotus de Jade Tchum

A AICL pediu apoio na deslocação da jovem Joana Carvalho à Graciosa e a EMPDS comprometeu-se a custear a viagem da jovem intérprete dando a AICL apoio na estadia

A AICL decidiu também patrocinar e levar à ilha branca, ilha da música, as sonoridades de Timor com Piki Pereira e Mintó Deus

Vera Duarte comprometeu-se a estar presente, uma vez ao ano, e tentar obter apoios para uma pequena comitiva da AICL organizar um encontro em Cabo Verde, o que temos vindo a tentar há vários anos.

A Câmara de Ponta Delgada prontificou-se a aceitar o repto do Presidente da Câmara de Belmonte para se juntar à Rede das Judiarias e se geminarem as duas localidades num futuro próximo.

Saudamos o nosso patrono e cessante Presidente da Mesa da Assembleia-Geral Professor Malaca Casteleiro e a sua afável Conceição Casteleiro pelo apoio prestado e glorificação dos colóquios no período de 2007 a 2019.

De igual modo saudamos o outro patrono fundador Professor Evanildo Bechara e Dona Marlit, por tão meritória ação em prol dos colóquios e publicamente anunciamos aqui que na última Assembleia-Geral de 12 de abril os elegemos Presidentes Honorários da AICL em preito de admiração pela projeção que trouxeram a estes eventos.

Ao novo presidente da Mesa Luciano Pereira desejamos as maiores venturas.

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década e meia.

Leia o sempre atual MANIFESTO (2012) contra a crise: a língua como motor económico

<http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifesto2012aicl.pdf>



**2. TEMAS GRACIOSA 2019** [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXXII/TEMAS%202019%20GRACIOSA.PDF](http://coloquios.lusofonias.net/XXXII/TEMAS%202019%20GRACIOSA.PDF)

**TEMA 1 AUTORES E TEMAS DA ILHA GRACIOSA**

- 1.1. Autores Locais e suas Obras
- 1.2. Falares da Graciosa
- 1.3. Da História do Povoamento aos nossos dias, uma identidade Graciosense
- 1.4. Progresso, desenvolvimento, turismo e desertificação
- 1.5. outros temas locais

**TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA (TEMAS PERMANENTES)**

- 2.1. Língua Portuguesa no mundo. Lusofonia e diásporas
- 2.2. Língua Portuguesa: Língua de Identidade e Criação.
- 2.3. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários Científicos
- 2.4. Língua Portuguesa na Comunicação Social e no Ciberespaço
- 2.5. Língua Portuguesa, Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.
- 2.6. Política da Língua
- 2.7. Lusofonia na arte e noutras ciências
- 2.8. Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos sobre a ortografia
- 2.9. Outros temas lusófonos, outras ciências do saber lusófono.

**TEMA 3 Açorianidades (TEMAS PERMANENTES)**

- 3.1 autor homenageado 2019 EDUÍNO DE JESUS
- 3.2. Arquipélago da Escrita - Literatura de matriz açoriana - Autores açorianos
- 3.3. Açorianos em Macau e em Timor – Cardeal Costa Nunes, D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa, Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado, etc.
- 3.4. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, – por exemplo: ·  
Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): History of the Azores, or Western Islands, London;  
Bullar, Joseph / Henry (1841): A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas, London;  
Henriques, Borges de F. (1867) A trip to the Azores or Western Islands, Boston: Lee and Shepard;  
Orrico, Maria" Terra de Lúdia";  
Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha";  
Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim";  
Twain Mark (1899): The Innocents Abroad, vol. I, New York; London: Harper & Brothers Publishers. (capítulos sobre os Açores, Faial), CAP. V/VI; ·  
Updike, John. "Azores", Harper's Magazine, March 1964, pp. 11-37

**TEMA 4 Tradutologia (TEMAS PERMANENTES)**

- 4.1. Tradução de Literatura lusófona
- 4.2, tradução de e para português



**3. COMISSÕES** [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXXII/COMISSOES.PDF](http://coloquios.lusofonias.net/xxxii/comissoes.pdf)

**COMISSÃO EXECUTIVA DO 32º COLÓQUIO**

**PRESIDENTE,**

Chrys Chrystello, MA, Presidente da Direção da AICL e da Comissão Executiva dos Colóquios

**VICE-PRESIDENTE,**

Helena Chrystello, Vice-Presidente da Direção da AICL, Mestre, Coordenadora de Departamento Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

**ADJUNTO DA DIREÇÃO**

Pedro Paulo Câmara, APRODAZ

**VOGAIS:**

Presidente da Câmara Municipal (Manuel Avelar)

Jorge Cunha Diretor do Museu

**SECRETARIADO EXECUTIVO**

**PRESIDENTE:**

Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

**ADJUNTOS:**

Rolf Kemmler (Academia das Ciências de Lisboa e UTAD)

Pedro Paulo Câmara, APRODAZ

Carolina Cordeiro, Escola do Castanheiro PDL

João Chrystello, ENTA INOVA Ponta Delgada

**VOGAIS:**

Câmara Municipal (Presidente Manuel Avelar)

**COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE – TRIÉNIO 2017- 2020**

1. Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Professor Doutor Rolf Kemmler, Academia de Ciências de Lisboa, UTAD, Vila Real, Portugal
4. Professora Doutora Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro, Portugal
5. Professor Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instº Politécnico Setúbal, Portugal
6. Professor Doutor Manuel Urbano Bettencourt Machado, Universidade os Açores (Jubilado)
7. Professora Doutora Maria Helena Anacleto-Matias, ISCAP, Instº Politécnico do Porto, Portugal
8. Doutor Miguel Real, Investigador, Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas da Universidade de Lisboa, Diretor da Revista do CLEPUL
9. Chrys Chrystello, MA, Academia Galega Da Língua Portuguesa, Presidente da Direção da AICL, Açores
10. Mestre Helena Chrystello, Vice-Presidente da AICL, Coordenadora Dept.º EBI 2,3 Maia, Açores



#### 4. INSTRUÇÕES PARA PUBLICAÇÃO – I [NB: ORTOGRAFIA: DADO HAVER INÚMERAS ORTOGRAFIAS OFICIAIS, A AICL CONVERTEU E UNIFORMIZOU TODOS OS ESCRITOS POSTERIORES A 1911 PARA O AO 1990]

##### 4.1. INSTRUÇÕES PARA SINOPSES E TRABALHOS FINAIS PARA PUBLICAÇÃO – I

1. A sinopse (e biodados do autor) da comunicação a enviar por correio eletrónico dentro dos prazos (Ficha de Inscrição)
2. ■ Não deve (sinopse) exceder 300 palavras e nela deve constar SEMPRE, após o título do trabalho e nome do/a autor/a, o TEMA e SUBTEMAS em que se insere (ver TEMAS)
3. ■ Tem de ser escrita exclusivamente em português.
4. ■ Será incluída na parte inicial do trabalho final a apresentar para publicação nas Atas/Anais.
5. ■ Deve ser acompanhada de notas biográficas (biodados) até 300 palavras (não mais) Não queremos um currículo académico, CV, mas sim uma súmula ou resenha da atividade do autor.
6. Reservamo-nos o direito de amputar (sempre que necessário) toda a informação excedendo as 300 palavras.
7. **Importante:**
  - a. Deve enviar o TRABALHO FINAL por correio eletrónico dentro das datas indicadas (VER FICHA DE INSCRIÇÃO), para ser incluído no CD-DVD de Atas do Colóquio.
  - b. O não-envio dos trabalhos finais, dentro das datas estipuladas, permite à Comissão Organizadora excluir o orador e pode implicar a não-publicação do seu trabalho final no CD-DVD de Atas/Anais do Colóquio.
8. ■ **Cada orador dispõe de exatamente de 20 minutos** para fazer a apresentação. Visa-se permitir alguns minutos de debate no fim da sessão e o orador será atempadamente avisado pelo Moderador durante a sessão, se dispõe ainda de 10 ou de 5 minutos antes de lhe ser mostrado o sinal de que acabou o tempo.
9. **MODERAÇÃO.** Funções: (1) apresentação dos participantes; (2) o controlo do tempo das apresentações; (3) a dinamização da discussão. Concorde-se ou não com a sua condução de trabalhos, o Presidente da Mesa (Moderador) é soberano na condução dos trabalhos e no rigoroso respeito pela duração das sessões, apanágio dos colóquios. O moderador deve focar a atuação para que as questões sejam breves, a fim de haver tempo para um efetivo debate e evitar que as perguntas do público presencial se transformem em apresentações.
10. **COMITÉ CIENTÍFICO:**
  - a. *. Escreva de modo a persuadir que as suas ideias merecem aprovação. Simultaneamente deve convencer um perito com cultura científica não-necessariamente um especialista na área de candidatura.*
  - b. *. O objetivo da candidatura é convencer os avaliadores de que as ideias propostas são suficientemente importantes e relevantes para serem apresentadas.*
  - c. *Pode, se for o caso, salientar a relevância do plano de trabalho proposto face a interesses nacionais e ou internacionais específicos.*
11. **Critérios formais: qualidade, cientificidade, rigor, originalidade e estado da arte**
  - a. *O estado da arte corresponde à situação atual, na perspetiva científica, na área de investigação em que o candidato pretende desenvolver o seu trabalho.*
  - b. *Esta informação pretende situar o impacto científico que o trabalho proposto pelo candidato poderá vir a ter e a originalidade do seu contributo*
12. **Critérios informais** de apreciação pelo comité científico:
  - a. *Tratamento de tema interessante e atraente para uma audiência genérica e os sócios da AICL em geral*
  - b. *Ter cabimento dentro dos temas e subtemas propostos para cada colóquio...*
  - c. *Ter interesse e estar conforme aos principais objetivos dos colóquios*
  - d. *Prenunciar mais-valias para uma audiência genérica e latitude até 2 ou 3 temas especializados*

##### 4.2. INSTRUÇÕES PARA SINOPSES E TRABALHOS FINAIS PARA PUBLICAÇÃO 2

1. Formato: Microsoft Word 2007-2016
  2. Tipo de letra (Font): TIMES NEW ROMAN 12 (espaçamento 1,5)
- 3.1. Número de páginas do trabalho a ler: 5 páginas (A4 TIMES NEW ROMAN 12 espaçamento 1,5) para não exceder os 20 minutos.**
- 3.2. Número de páginas final não pode exceder 15 páginas, em média 12 páginas A4 Times New Roman 12 espaçamento 1,5) incl. Notas rodapé, fim e gráficos.**
4. Título: negrito.
  5. Autor(es): incluir nome que quer ver utilizado,
  6. Instituição Ensino / ou Trabalho: sem espaçamento entre o nome do autor e o da instituição.
  - 7 Subtítulos: negrito. Use algarismos árabes com decimais.
  8. Outras divisões: algarismos árabes com decimais.
  9. Citações, notas (incl. rodapé) e referências: **em itálico**, autor, data de publicação, vírgula e número(s) de pp.: i.e., Times New Roman tamanho 8 espaçamento 1
  10. Referências Bibliográficas - sempre no final do artigo
    - 10.1. Livro: *Melby, Alan K. (1995) The Possibility of Language, Amsterdam: John Benjamin's.*
    - 10.2. Artigo sobre livros: *Bessé, Bruno. (1997) 'Terminological Definitions'. In Sue Ellen Wright and Gerhard Budin (eds.) Handbook of Terminology Management. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.*
    - 10.3. Artigos (jornal/revista): *Corbeil, Jean-Claude (1991) "Terminologie et banques de données d'information scientifique et technique" in Meta vol. 36-1, 128-134.*

**11. NOTAS: SEMPRE** RODAPÉ.

**12. GRÁFICOS E TABELAS:** numeradas consecutivamente. Deve ser feita menção ao seu título e número no texto

5. BIODADOS PATRONOS [HTTPS://BLOG.LUSOFONIAS.NET/WP-CONTENT/UPLOADS/2018/12/BIODADOS-DOS-PATRONOS-DA-AICL.PDF](https://blog.lusofonias.net/wp-content/uploads/2018/12/biodados-dos-patronos-da-aicl.pdf)

6. HOTEL [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXXII/LODGING%20AND%20MEALS.HTM](http://coloquios.lusofonias.net/xxxii/looding%20and%20meals.htm)

## 7. HORÁRIO

 	<p align="center"><b>XXXII (32º) COLÓQUIO DA LUSOFONIA</b> SANTA CRUZ DA GRACIOSA 2-6 outº 2019</p> <p align="center">PATROCÍNIO</p> <div>     </div>		<p align="center"><b>32º COLOQUIO DA LUSOFONIA</b> SANTA CRUZ DA GRACIOSA 2-6 outº 2019</p> <p align="center">   <b>GRACIOSA RESORT</b>          BIOSPHERE ISLAND HOTEL          *****          Graciosa Island - Azores - Portugal       </p>	
 	<p align="center"><a href="http://coloquios.lusofonias.net/XXXII/">http://coloquios.lusofonias.net/XXXII/</a>  <a href="http://www.lusofonias.net">www.lusofonias.net</a></p> <p align="center">APOIOS</p> <div>     </div>	<p align="center">PATROCÍNIO</p> <div>     </div> <p align="center"> <a href="http://coloquios.lusofonias.net/XXXII/">http://coloquios.lusofonias.net/XXXII/</a>  <a href="http://www.lusofonias.net">www.lusofonias.net</a> </p>	<p align="center">APOIOS</p> <div>     </div>	

[http://coloquios.lusofonias.net/XXXII/32%20graciosa\\_horario2019.pdf](http://coloquios.lusofonias.net/XXXII/32%20graciosa_horario2019.pdf)

SESSÕES ABERTAS AO PÚBLICO ENTRADA LIVRE E GRATUITA. PASSEIOS, DORMIDA, REFEIÇÕES - RESERVADOS A PRÉ-INSCRITOS ATÉ 1/9/2019

### 2 OUT.º 4ª Fª HOTEL

<b>20.00</b>	<b>SECRETARIADO – ACREDITAÇÃO JANTAR - BOAS VINDAS</b> <a href="#">HOTEL GRACIOSA</a>
--------------	---

### 3 OUT.º 5ª Fª ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DA GRACIOSA - MANHÃ

<b>09,00</b>	<b>A pé para MUSEU</b>
<b>09.15</b>	<b>Sessão 1 PASSEIO CULTURAL 1:</b> Visita guiada ao Museu pelo Diretor Jorge de Medeiros Borges e Cunha
<b>11.00</b>	<b>A pé para a ESCOLA</b>
<b>11.15</b>	<b>Sessão 2 Modera Jorge Cunha</b> (90 MINUTOS) AICL (Chrys Chrystello) e Mesa Redonda com autores açorianos e açorianizados presentes - Álvaro Oliveira, Carolina Cordeiro, Chrys Chrystello, Conceição Andrade, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduíno de Jesus, Mª João Ruivo, (Pedro P Câmara e Pedro Almeida Maia)
<b>12.45</b>	<b>ALMOÇO GENTILMENTE OFERECIDO PELA EBS GRACIOSA</b>
<b>14,00</b>	<b>A pé para CENTRO CULTURAL</b>

### 3 OUT.º 5ª Fª CENTRO CULTURAL - TARDE

<b>14.30</b>	<b>Sessão 3 Vídeos:</b> AÇORES, GRACIOSA, AICL, HINO DA LUSOFONIA
<b>15.00</b>	<b>Sessão 4 Sessão de abertura,</b> Mesa 5: Discursos 1 Presidente da AICL (Chrys Chrystello, 2. Homenageado Eduíno de Jesus, 4 Secretária Regional da Energia, Ambiente e Turismo (Marta Guerreiro), 5 Presidente Câmara Municipal (Manuel Avelar),
<b>15.45</b>	<b>Sessão 5 APRESENTAÇÃO LITERÁRIA Modera Eduardo Bettencourt Pinto</b> Poesia 1 Dos Açores - Chrys
<b>18.30</b>	<b>RECEÇÃO NOS PAÇOS DO CONCELHO -</b> EDUÍNO DE JESUS, TEOLINDA GERSÃO, JOSÉ LUÍS PEIXOTO, Presidente da Empresa Municipal de Belmonte ENG.º JOAQUIM COSTA (entrega proposta de protocolo BELMONTE C M GRACIOSA)
<b>20.00</b>	<b>JANTAR</b> <a href="#">HOTEL GRACIOSA RESORT</a>

**4 OUT.º 6ª Fª - HOTEL MANHÃ**

09.15	<b>Sessão 10 AÇORIANIDADE</b> Modera Maria João Ruivo
09.15	<a href="#">CONCEIÇÃO A ANDRADE</a> Histórias Da Minha Avó Açoriana
09.35	<a href="#">MANUELA MARUJO</a> Diáspora, A Linguagem do afeto entre avós e netos
09.55	<a href="#">REINALDO SILVA</a> Literaturas / Questões da Diáspora Açoriana nos EUA
10.15	Debate e pausa
10.45	<b>Sessão 11 AÇORIANIDADE</b> Modera Helena Chrystello - Álamo Oliveira
10.45	<a href="#">URBANO BETTENCOURT</a> João de Matos Bettencourt e o seu projeto literário.
11.05	<a href="#">PEDRO ALMEIDA MAIA</a> A viagem de Juno
11.25	<a href="#">CAROLINA CORDEIRO</a> Fernando Aires: autobiografia ou diário?
11.45	Debate e pausa
12.00	<b>Sessão 12</b> Modera Hilarino da Luz
12.00	<a href="#">ROLF KEMMLER</a> S Miguel e os seus habitantes em A summer trip to the island of St. Michael, The Azores (1872) de Rupert Swindells (1835-1908)
12.20	<a href="#">JOAQUIM F DA COSTA, EMPDS</a> Lusofonia no Museu de Belmonte
12.40	Debate e pausa
13.00	PAUSA PARA ALMOÇO NO <a href="#">HOTEL GRACIOSA RESORT</a>

**4 OUT.º 6ª Fª - HOTEL TARDE**

15.00	<b>Sessão 13 AÇORIANIDADE</b> Modera Carolina Cordeiro
15.00	<a href="#">PEDRO PAULO CÂMARA</a> O assassinio de Deus em Húmus, de Raul Brandão
15.20	<a href="#">MARIANA BETTENCOURT</a> , Margarida Victória: Doença ou Circunstância
15.40	<a href="#">LUCIANO PEREIRA</a> , Lusofonografias, Ensaios pedagógico Literários: apresenta o autor e <a href="#">Chrys Chrystello</a>
16.00	DEBATE E PAUSA
16.30	<b>Sessão 14 RECITAL 1</b> <a href="#">ANA PAULA ANDRADE</a> (PIANO) CONSERVATÓRIO REG. DE PONTA DELGADA, <a href="#">CARINA ANDRADE</a> (SOPRANO) + alunos locais
16.45	<b>Sessão 15.1</b> Mesa Redonda Modera Pedro Paulo Câmara Convidado de Honra <a href="#">JOSÉ LUÍS PEIXOTO</a>
17.05	<b>Sessão 15.2</b> Modera Urbano Bettencourt Convidado de Honra <a href="#">TEOLINDA GERSÃO</a>
17.25	PAUSA
17.45	<b>Sessão 16 RECITAL</b> MÚSICA DE TIMOR 1 <a href="#">PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS</a>
18.00	<b>Sessão 17 RECITAL</b> MÚSICA DE BELMONTE E DO MUNDO 1 <a href="#">JOANA CARVALHO</a>
20.00	JANTAR <a href="#">HOTEL GRACIOSA RESORT</a>

**5 OUT.º SÁBADO HOTEL MANHÃ**

09.00	<b>Sessão 18</b> Modera Tiago Anacleto-Matias
09.00	<a href="#">Mª HELENA ANACLETO-MATIAS</a> o Treino de intérpretes de conferência, de comunidade e de acompanhamento
09.20	<a href="#">ALEXANDRE BANHOS</a> Lusofonia e corrupção
09.40	DEBATE E PAUSA
10.00	<b>Sessão 19 AÇORIANIDADE</b> Modera Carolina Cordeiro / Helena Chrystello
10.00	<a href="#">EDUARDO BETTENCOURT PINTO</a> Sobre a violência materna
10.20	<a href="#">JORGE ARRIMAR</a> A geografia da escrita
10.40	<a href="#">VICTOR RUI DORES</a> Da minha Graciosensidade (a toque de piano).
11.00	DEBATE E PAUSA
11.15	<b>Sessão 20 RECITAL 2</b> piano e canto <a href="#">ANA PAULA ANDRADE</a> (PIANO) CONSERVATÓRIO REG. DE PONTA DELGADA, <a href="#">CARINA ANDRADE</a> (SOPRANO)
11.30	<b>Sessão 21 Mesa Redonda</b> Modera Chrys Chrystello Convidado de Honra <a href="#">-FÉLIX RODRIGUES</a> Quem esteve nestas ilhas antes de aqui chegarmos? Na senda de um novo paradigma açoriano e mundial
11.50	Debate e pausa
12.15	<b>Sessão 22 RECITAL</b> MÚSICA DE BELMONTE E DO MUNDO 2 <a href="#">JOANA CARVALHO</a>

12.30	<b>Sessão 23 RECITAL</b> MÚSICA DE TIMOR 2 <a href="#">PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS</a>
13.00	ALMOÇO <a href="#">HOTEL GRACIOSA RESORT</a>

**5 OUT.º SÁBADO TARDE PASSEIO**

14.30	<b>Sessão 24</b> TRANSPORTE PARA <b>PASSEIO CULTURAL 2</b> Visita guiada por Jorge e Lurdes Cunha FURNA DO ENXOFRE e PRAIA (S MATEUS)
16.30	GASTRONOMIA na PRAIA (s. Mateus) Momento das queijadas
17.00	ermida de Sto António, rua Rodrigues Sampaio (sede do coro de São Mateus) <b>Sessão 25 RECITAL</b> 3 PIANO, VIOLINO E CANTO <a href="#">ANA PAULA ANDRADE</a> (PIANO), <a href="#">CAROLINA CONSTÂNCIA</a> (violino) e <a href="#">CARINA ANDRADE</a> (SOPRANO)
17.20	praça ao lado da igreja de São Mateus <b>Sessão 26 RECITAL</b> MÚSICA DE BELMONTE E DO MUNDO 3 <a href="#">JOANA CARVALHO</a>
17.40	praça ao lado da igreja de São Mateus <b>Sessão 27 RECITAL</b> MÚSICA DE TIMOR 3 <a href="#">PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS</a>
18.00	Igreja de São Mateus <b>Sessão 28 RECITAL</b> ÓRGÃO FÁBIO MENDES
18.30	REGRESSO AO HOTEL
20.00	JANTAR <a href="#">oferecido pela Câmara Municipal</a>

**6 OUT.º. DOMINGO PASSEIO MANHÃ**

09.00	<b>Sessão 29 PASSEIO CULTURAL 3:</b> a pé para PRAÇA E MATRIZ, GUIADO POR JORGE CUNHA E LURDES CUNHA
12.00	<b>Sessão 30 POESIA 2 NO CORETO</b> (ou no Hotel se chover) <a href="#">MANUEL JORGE LOBÃO</a> e POESIA Chrys com Luciano, Pedro Paulo e Carolina
12.30	<b>Sessão 31 RECITAL</b> MÚSICA DE BELMONTE E DO MUNDO 4 <a href="#">JOANA CARVALHO</a>
12.45	<b>Sessão 32 RECITAL</b> MÚSICA DE TIMOR 4 <a href="#">PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS</a>
13.15	ALMOÇO <a href="#">HOTEL GRACIOSA RESORT</a>

**6 OUT.º. DOMINGO HOTEL TARDE**

15.00	<b>Sessão 33 RECITAL</b> 4 piano, violino e canto <a href="#">ANA PAULA ANDRADE</a> (PIANO) CONSERVATÓRIO REG. DE PONTA DELGADA, <a href="#">CAROLINA CONSTÂNCIA</a> (VIOLINO), <a href="#">CARINA ANDRADE</a> (SOPRANO)
15.20	<b>Sessão 34 LUSOFONIA NO MUNDO.</b> Modera Álamó Oliveira
15.20	<a href="#">HILARINO DA LUZ</a> Vida e obra de Januário Leite
15.40	<a href="#">LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO</a> “Angola: colonialismo, colonialidade e epistemologia descolonial”
16.00	<a href="#">URBANO BETTENCOURT</a> Com navalhas e navios. poesia reunida
16.20	Debate e autógrafos
16.45	<b>Sessão 35 HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS</b> Modera Urbano Bettencourt VÍDEO AICL EM HOMENAGEM DO AUTOR
17.00	POESIA 3 HOMENAGEM A EDUÍNO (Chrys, Luciano, Pedro Paulo, Eduardo B Pinto)
17.15	<a href="#">MARIA JOÃO RUIVO</a> HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS
17.35	<a href="#">ÁLAMO OLIVEIRA</a> HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS
17.55	<a href="#">EDUARDO BETTENCOURT PINTO</a> HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS
18.15	<a href="#">EDUÍNO DE JESUS</a>
18.30	Sessão 33 ENCERRAMENTO E CONCLUSÕES
20.00	JANTAR DESPEDIDA

**MODERAÇÃO**

1, <a href="#">Jorge Cunha</a>	18 <a href="#">Tiago Anacleto-Matias</a>
2 <a href="#">Jorge Cunha</a>	19 <a href="#">Carolina Cordeiro</a> / <a href="#">Helena Chrystello</a>
5 <a href="#">Eduardo Bettencourt Pinto</a>	21 <a href="#">Chrys Chrystello</a>
10 <a href="#">Maria João Ruivo</a>	22 e 23 <a href="#">Pedro Paulo Câmara</a> <a href="#">Carolina Cordeiro</a>
11 <a href="#">Helena Chrystello</a> / <a href="#">Álamó Oliveira</a>	24, 25, 28, 29 <a href="#">Jorge Cunha</a> E <a href="#">Lurdes Cunha</a>
12 <a href="#">Hilarino Da Luz</a>	26, 27 <a href="#">Pedro Paulo Câmara</a> <a href="#">Carolina Cordeiro</a>

Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

13 <a href="#">Carolina Cordeiro</a>	30 <a href="#">Chrys Chrystello</a>
15.1 <a href="#">Pedro Paulo Câmara</a>	34 <a href="#">Álamo Oliveira</a>
15.2 <a href="#">Urbano Bettencourt</a>	35 <a href="#">Urbano Bettencourt</a>
16 E 17 <a href="#">Pedro Paulo</a> <a href="#">Carolina Cordeiro</a>	

8. LISTA DE PARTICIPANTES

Nº	Nome	Instituição e País ou Região		participação
1.	<a href="#">ÁLAMO OLIVEIRA</a>	Escritor, Terceira	<i>Açores</i>	<i>Orador</i>
2.	<a href="#">ALDA BATISTA</a>	Serviço de Tradução Portuguesa do Tribunal de Contas EUR	<i>Luxemburgo</i>	<i>Presencial</i>
3.	<a href="#">ALEXANDRE BANHOS</a>	Fundação Meendinho	<i>Galiza</i>	<i>Orador</i>
4.	<a href="#">ANA PAULA ANDRADE</a>	Conservatório R de Ponta Delgada	<i>Açores</i>	<i><a href="#">Recitais</a></i>
5.	<a href="#">ANTÓNIO CALLIXTO</a>	Ex Tribunal de Contas UE	<i>Luxemburgo</i>	<i>Presencial</i>
6.	António Costa	Belmonte	<i>Portugal</i>	<i>Presencial</i>
7.	<a href="#">CARINA ANDRADE *</a>	ORG Universidade de Aveiro	<i>Açores</i>	<i>soprano Recitais</i>
8.	<a href="#">CAROLINA CONSTÂNCIA</a>	Universidade dos Açores	<i>Açores</i>	<i><a href="#">Recitais</a></i>
9.	<a href="#">CAROLINA CORDEIRO</a>	Universidade dos Açores	<i>Açores</i>	<i>Orador Org</i>
10.	<a href="#">CHRYS CHRYSTELLO</a>	ORG UTS Sydney, NAATI Canberra	<i>Austrália</i>	<i>Orador Org</i>
11.	<a href="#">CONCEIÇÃO ANDRADE</a>	Harvard University	<i>EUA</i>	<i>Orador</i>
12.	<a href="#">EDUARDO BETTENCOURT PINTO</a>	Escritor	<i>Canadá</i>	<i>D R COMUNIDADES Orador</i>
13.	<a href="#">EDUÍNO DE JESUS</a>	Escritor homenageado 2019	<i>Açores</i>	<i>Orador</i>
14.	<a href="#">FÉLIX RODRIGUES</a>	Cientista, Universidade dos Açores	<i>Açores</i>	<i>CONVIDADO DE HONRA AICL CMG Orador</i>
15.	<a href="#">HILARINO DA LUZ</a>	FCSH - Universidade NOVA de Lisboa	<i>Cabo Verde</i>	<i>Orador</i>
16.	<a href="#">JOANA CARVALHO</a>	BELMONTE	<i>Portugal</i>	<i>Convidada recitais</i>
17.	JOÃO CHRYSTELLO	ENTA INOVA, PDL	<i>Açores</i>	<i>Org</i>
18.	<a href="#">JOAQUIM FELICIANO DA COSTA</a>	EMPDS BELMONTE	<i>Portugal</i>	<i>Orador</i>
19.	<a href="#">JORGE ARRIMAR</a>	Escritor	<i>Angola</i>	<i>Orador</i>
20.	<a href="#">JORGE DE MEDEIROS BORGES E CUNHA</a>	Diretor do Museu da Graciosa	<i>Açores</i>	<i>Org</i>
21.	<a href="#">JOSÉ LUÍS PEIXOTO</a>	Escritor	<i>Portugal</i>	<i>CONVIDADO DE HONRA AICL CMG Orador</i>
22.	<a href="#">LUCIANO PEREIRA</a>	ESE-IPS	<i>Portugal</i>	<i>Orador</i>
23.	<a href="#">LUÍS M GAIVÃO</a>	Universidade de Coimbra	<i>Portugal</i>	<i>Orador</i>
24.	<a href="#">MANUEL JORGE LOBÃO</a>	Escritor Graciosa	<i>Açores</i>	<i>Sessão de poesia</i>
25.	<a href="#">MANUELA MARUJO</a>	Universidade de Toronto	<i>Canadá</i>	<i>Orador</i>
26.	<a href="#">MARGARIDA MARTINS</a>	Fundação Meendinho	<i>Galiza</i>	<i>Presencial</i>
27.	MARIA <a href="#">HELENA ANACLETO-MATIAS</a>	ISCAP IPP	<i>Portugal</i>	<i>Orador</i>
28.	MARIA <a href="#">HELENA CHRYSTELLO</a>	ORG EBI Maia S Miguel	<i>Açores</i>	<i>Orador</i>
29.	<a href="#">MARIA JOÃO RUIVO</a>	Esc. Sec Antero de Quental	<i>Açores</i>	<i>Orador</i>
30.	<a href="#">MARIANA BETTENCOURT</a>	Universidade de Coimbra	<i>Açores</i>	<i>Orador</i>
31.	MARIZE PROSDÓCIMO	Santa Catarina	<i>Brasil</i>	<i>Presencial</i>
32.	<a href="#">MINTÓ DEUS</a>	Músico timorense	<i>Timor-Leste</i>	<i>Recitais</i>
33.	<a href="#">NORBERTO ÁVILA</a>	Escritor, Terceira	<i>Açores</i>	<i>Presencial</i>
34.	<a href="#">PEDRO ALMEIDA MAIA</a>	Escritor S Miguel	<i>Açores</i>	<i>Orador</i>
35.	<a href="#">PEDRO PAULO CÂMARA</a>	ORG Escritor S Miguel	<i>Açores</i>	<i>Orador, Org</i>

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

36.	<a href="#">PIKI PEREIRA</a>	Cantora timorense	<i>Timor-Leste</i>	<i>Recitais</i>
37.	<a href="#">REINALDO SILVA</a>	Univ., CEAUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa	<i>Portugal</i>	<i>Orador</i>
38.	<a href="#">ROLF KEMMLER</a>	ORG ACL Investigador UTAD	<i>Alemanha</i>	<i>Orador, Org</i>
39.	SÃO JOSÉ MARQUES	Belmonte	<i>Portugal</i>	<i>Presencial</i>
40.	SÉRGIO PROSDÓCIMO	Gira-Teatro E Museu de Arte de Santa Catarina, Floripa	<i>Brasil</i>	<i>Presencial</i>
41.	<a href="#">TEOLINDA GERSÃO</a>	Escritora CONVIDADA DE HONRA CMSCG	<i>Portugal</i>	CONVIDADO DE HONRA CMG <i>Orador</i>
42.	<a href="#">TIAGO ANACLETO-MATIAS</a>	ORG Parlamento Europeu Bruxelas	<i>Bélgica</i>	<i>Presencial, Org</i>
43.	<a href="#">URBANO BETTENCOURT</a>	Escritor Pico	<i>Açores</i>	<i>Orador</i>
44.	<a href="#">VICTOR RUI DORES</a>	Escritor Graciosa, Esc. Horta	<i>Açores</i>	<i>Orador</i>

EM [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXXII/LISTA%20PARTICIPANTES.PDF](http://coloquios.lusofonias.net/xxxii/lista%20participantes.pdf)

### LISTA DE ORADORES

Nº	Nome	Instituição e País ou Região	Título trabalho ou participação
1.	<a href="#">ÁLAMO OLIVEIRA</a>	Escritor, Terceira	<i>Açores</i> HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS, O POETA
2.	<a href="#">ALEXANDRE BANHOS</a>	Fundação Meendinho	<i>Galiza</i> LUSOFONIA E CORRUPÇÃO
3.	<a href="#">CAROLINA CORDEIRO</a>	ORG Universidade dos Açores	<i>Açores</i> FERNANDO AIRES: AUTOBIOGRAFIA OU DIÁRIO?
4.	<a href="#">CHRYSTELLO</a>	ORG UTS Sydney, NAATI Canberra	<i>Austrália</i> SESSÃO DE POESIA
5.	<a href="#">CONCEIÇÃO ANDRADE</a>	Harvard University	<i>EUA</i> <a href="#">HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ AÇORIANA</a>
6.	<a href="#">EDUARDO BETTENCOURT PINTO</a>	Escritor	<i>Canadá</i> <a href="#">CONVIDADO</a> DIR. REG. COMUNIDADES. SOBRE A VIOLÊNCIA MATERNA
7.	<a href="#">EDUÍNO DE JESUS</a>	Escritor homenageado 2019	<i>Açores</i> HOMENAGEM EDUÍNO DE JESUS
8.	<a href="#">FÉLIX RODRIGUES</a>	Cientista, Universidade dos Açores	<i>Açores</i> <a href="#">CONVIDADO DE HONRA AICL CMG</a> "QUEM ESTEVE NESTAS ILHAS ANTES DE AQUI CHEGARMOS". NA SENDA DE UM NOVO PARADIGMA AÇORIANO E MUNDIAL
9.	<a href="#">HILARINO DA LUZ</a>	FCSH Universidade Nova de Lisboa	<i>Cabo Verde</i> VIDA E OBRA DE JANUÁRIO LEITE
10.	<a href="#">JOAQUIM FELICIANO DA COSTA</a>	EMPDS BELMONTE	<i>Portugal</i> O ENCONTRO, LUSOFONIA NO MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS EM BELMONTE
11.	<a href="#">JORGE ARRIMAR</a>	Escritor	<i>Angola</i> A GEOGRAFIA DA ESCRITA
12.	<a href="#">JOSÉ LUÍS PEIXOTO</a>	Escritor	<i>Portugal</i> <a href="#">CONVIDADO DE HONRA CMG E AICL. AUTOBIOGRAFIA</a>
13.	<a href="#">LUCIANO PEREIRA</a>	ESE-IPS	<i>Portugal</i> <a href="#">LUSOFONOGRAMAS, ENSAIOS PEDAGÓGICO-LITERÁRIOS</a>
14.	<a href="#">LUÍS M GAIVÃO</a>	Universidade de Coimbra	<i>Portugal</i> "ANGOLA: COLONIALISMO, COLONIALIDADE E EPISTEMOLOGIA DESCOLONIAL"
15.	<a href="#">MANUEL JORGE LOBÃO</a>	EBS Graciosa	<i>Açores</i> Poesia de autor
16.	<a href="#">MANUELA MARUJO</a>	Universidade de Toronto	<i>Canadá</i> Diáspora portuguesa – A Linguagem do afeto entre avós e netos
17.	MARIA <a href="#">HELENA ANACLETO-MATIAS</a>	ISCAP IPP	<i>Portugal</i> Treino de intérpretes de conferência, de comunidade e de acompanhamento
18.	<a href="#">MARIA JOÃO RUIVO</a>	Esc. Sec Antero de Quental	<i>Açores</i> HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS
19.	<a href="#">MARIANA BETTENCOURT</a>	Univ. de Coimbra	<i>Açores</i> <i>MARGARIDA VICTÓRIA: DOENÇA OU CIRCUNSTÂNCIA</i>
20.	<a href="#">PEDRO ALMEIDA MAIA</a>	Escritor S Miguel	<i>Açores</i> <a href="#">A VIAGEM DE JUNO</a>
21.	<a href="#">PEDRO PAULO CÂMARA</a>	ORG Escritor S Miguel	<i>Açores</i> O ASSASSÍNIO DE DEUS EM HÚMUS, DE RAUL BRANDÃO
22.	<a href="#">REINALDO SILVA</a>	Univ. Aveiro, CEAUL - Fac. de Letras Univ. Lisboa	<i>Portugal</i> AS FESTAS DO ESPÍRITO SANTO NA DIÁSPORA NORTE-AMERICANA COMO INCENTIVO À ESCRITA LUSO-AMERICANA
23.	<a href="#">ROLF KEMMLER</a>	ORG ACL, Investigador UTAD	<i>Alemanha</i> S MIGUEL E OS SEUS HABITANTES EM A SUMMER TRIP TO THE ISLAND OF ST. MICHAEL, THE AZORES (1872) DE RUPERT SWINDELLS (1835-1908)
24.	<a href="#">TEOLINDA GERSÃO</a>	Escritora Convidada De Honra	<i>Portugal</i> <a href="#">CONVIDADO DE HONRA CMG E AICL</a>
25.	<a href="#">URBANO BETTENCOURT</a>	Escritor Pico	<i>Açores</i> JOÃO DE MATOS BETTENCOURT E O SEU PROJETO LITERÁRIO APRESENTA COM NAVALHAS E NAVIOS. POESIA REUNIDA
26.	<a href="#">VICTOR RUI DORES</a>	Escritor Graciosa, Esc. Horta	<i>Açores</i> DA MINHA GRACIOSENSIDADE (A TOQUE DE PIANO)

### 9. ROTA CULTURAL EM [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXXII/ROTA%20CULTURAL.HTM](http://coloquios.lusofonias.net/xxxii/rota%20cultural.htm)

### 10. BIODADOS DE ORADORES E PARTICIPANTES PRESENCIAIS E CONVIDADOS

Apresentação de 32 colóquios na Graciosa ver em [https://www.youtube.com/watch?v=m43JLyaoedU&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=m43JLyaoedU&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=2)

Atas completas com trabalhos finais e biodados ( ORADORES E PARTICIPANTES PRESENCIAIS E CONVIDADOS ) [nas páginas seguintes](#)

1. ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR, TERCEIRA, AÇORES AICL



19º MAIA 2013



30º PICO 2018



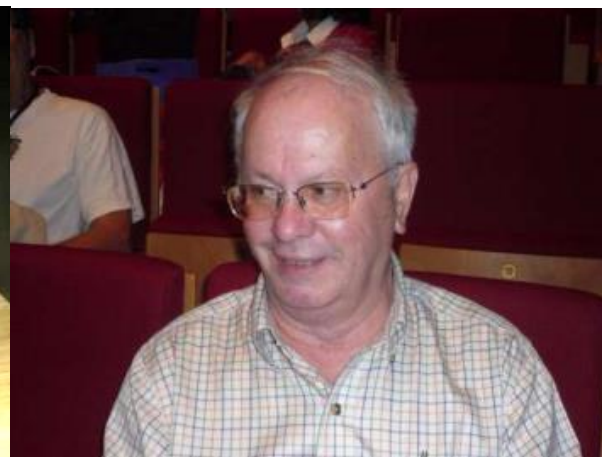
30º PICO 2018



BGA ANGRA 2013



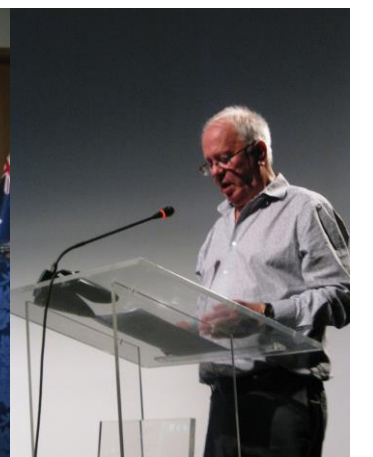
18º GALIZA 2012



29º BELMONTE 2017



24º GRACIOSA 2015



30º PICO 2018



30º PICO 2018



30º PICO 2018



BGA ANGRA 2017



(José Henrique do) ÁLAMO OLIVEIRA nasceu na Freguesia do Raminho – Ilha Terceira, Açores –, em 1945. Depois dos estudos no Seminário de Angra, foi funcionário em diversos departamentos governamentais ligados à Cultura.

Como escritor, tem 36 livros publicados com poesia, romance, conto, teatro e ensaio.

Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa, em Portugal e no estrangeiro.

Tem poesia e prosa traduzidas para Inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês.

O seu romance *Já não gosto de chocolates* foi traduzido e publicado nos Estados Unidos da América e no Japão.

*Até Hoje, memórias de cão* (3ª edição) recebeu o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal, em 1985;

*Solidão da Casa do Regalo* (teatro) recebeu o prémio «Almeida Garrett», em 1999.

Em abril de 2002, a Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para lecionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa – sendo o primeiro português a receber tal distinção.

Com algumas incursões na área das Artes Plásticas (exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80), criou mais de uma centena de capas para livros.

Em 2010, foram-lhe conferidas as seguintes distinções:

Insígnia Autônômica de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e Grau de Comendador da Ordem de Mérito da Presidência da República.

Vai representar a AICL no Parlamento Europeu, Bruxelas em out 2019

#### **BIBLIOGRAFIA**

**1968. A minha mão aberta. Opúsculo, ed. autor**

**1971. Pão Verde, esgotado, ed. autor**

**1972 in 14 poetas de aqui e de agora (Antologia). Angra do Heroísmo. União Gráfica Angrense**

**1973. Poemas de(s)amor, poesia esgotado. Tip. Fernandes**

**1974. Morte ou vida do poeta. Teatro. Angra, Livr. Adriano G de Figueiredo**

**1974. Fábulas, poesia, esgotado ed. autor**

**1974. Um Quixote. 2ª ed. Teatro**

**1976. Os quinze misteriosos mistérios. Poesia, esgotado ed. autor**

**1977. Manuel, seis vezes pensei em ti, teatro ed. autor**

**1977 in Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975 de Pedro da Silveira. Lisboa ed. Sá da Costa**

**1978. Manuel. seis vezes pensei em ti, peça em duas talhadas com dez pevides, posfácio de E Ferraz da Rosa, teatro, 2ª ed. Angra ed. autor.**

**1978. Almeida Firmino, Poeta dos Açores. Ensaio, poesia, ed. DRAC. SREC, esgotado**

**1978 in Antologia panorâmica do conto açoriano, sécs. XIX e XX, org., prefácio e notas de João de Melo. Lisboa ed. Vega**

**1979. Cantar O Corpo. Poesia, esgotado. Angra. União Gráfica Angrense ed. autor**

**1980. Eu Fui Ao Pico Piquei-Me, poesia, esgotado, ed. autor**

**1982. Uma Hortênsia Para Brianda. Teatro, ed. Separata Atlântida**

**1982. Abordagem" (teatral) a "Quando o mar galgou a terra" de Armando Côrtes-Rodrigues, Ensaio, separata da "Atlântida". Angra do Heroísmo**

**1982. Burra Preta Com Uma Lágrima, ficção, ed. autor**

**1982. Itinerário das Gaivotas, poesia, ed. SREC. DRAC esgotado**

**1982. «Nota de abertura ou Almeida Firmino, um poeta a recuperar» in Firmino, Almeida. Narcose: obra poética completa. Angra do Heroísmo. SREC. pp. 9-20.**

**1982. O presépio de esferovite: São Bartolomeu da Terceira com Etelvina Fraga, Manuel Fernandes, ed. DRAC. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra**

**1983 in Antologia The Sea Within, a selection of Azorean poets, ed. Gávea-Brown. EUA**

**1983 in 12 poetas dos Açores, org. e notas de Emanuel Jorge Botelho. Lisboa: IN-CM.**

**1983. Nem mais amor que fogo, poesia, com Emanuel Jorge Botelho. Angra ed. autor**

**1983. Em louvor do Divino Espírito Santo: fotomemória de Francisco Ernesto de Oliveira Martins, conto de Álamo O. Angra. DRAC. D S Emigração. IN-CM**

**1984. Missa Terra Lavrada. Teatro, ed. DRAC. SREC**

**1984. Sabeis quem é este João? Teatro, peça sobre o beato João Baptista Machado, ed. Separata Atlântida vol. 29 pp. 3-68 IAC**

**1984. Triste vida leva a garça. 1ª ed., Ulmeiro**

**1985. «Terceirense e Pintor: José Lúcio» Atlântida vol. XXX 2º sem. Angra do Heroísmo IAC pp. 34. 35.**

**1986. Até hoje, memórias de cão, Romance. 1ª ed. Ulmeiro, esgotado**

**1986. Textos Inocentes. Poesia, ed. autor**

**1987. O traje nos Açores, com João Afonso. 2ª ed. Angra. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais**

**1987. Até hoje, memórias de cão, Romance. 2ª ed., Ulmeiro esgotado**

**1987 Interação entre atividades culturais na região e ao nível local, correntes “ascendentes” e “descendentes”. Ponta Delgada. UAç**

1987. *Erva-Azeda. Poesia. Angra do Heroísmo*
1988. *Açores, com fotografia de Maurício Abreu, intro e seleção de textos de Álamo Oliveira, inglês Joaquim Nascimento. Setúbal. Ed. M Abreu e V. Figueiredo*
1988. *Até hoje, memórias de cão. Romance. 3ª ed. Angra, ed. Signo*
1990. O cenário de uma geração. Angra do Heroísmo, inédito 19 pp. Congresso de Literaturas Lusófonas de Expressão Portuguesa, Casa dos Açores de Lisboa.
1990. A Madeira é um jardim, Raminho, ed. Álamo Oliveira. Tip. Serafim Silva. Artes Gráficas. Maia
1991. Contos Com Desconto. Contos. Angra do Heroísmo: IAC
1992. Impressões de boca. Angra do Heroísmo: SREC DRAC, esgotado
1992. Pátio d'Alfândega. Meia-Noite, romance, ficção. col. Chão da Palavra. Lisboa ed. Vega
1992. Eugénio de Andrade nos Açores. Núcleo Açoriano da Fundação Eugénio de Andrade. Ponta Delgada. Câmara Municipal
1994. Manuel, seis vezes pensei em ti. 2ª ed. Teatro, ed. Jornal de Cultura
1994. Pai, a sua benção: Antologia de textos de autores açorianos. Ponta Delgada. DRAC.
1994. A história da Belárvore na cidade da Burocrácia, com desenhos de Virgílio Toste. Angra. Direção-geral de Organização e Administração Pública
1994. Açores, Azores com Maurício Abreu, versão inglesa de Vanessa Seed, ed. de M Abreu e Victor Figueiredo. 1ª ed. Setúbal. Corlito
1995. Burra preta com uma lágrima. 2ª ed., romance. Lisboa, ed. Salamandra.
1995. Os sonhos do infante. 2ª ed., Teatro. Ponta Delgada. Jornal de Cultura
1995. Impressões de boca. ilustrações David Almeida, col Gaivota 76. SREC
1995. Olá pobreza, textos de pompa e circunstância. Ponta Delgada. Ed. Éter
1995. E choveu papel, com Luís Belerique e Miguel Silveira. Angra. Direção Regional da Organização e Administração Pública
1995. Pai, a sua benção. Antologia de textos açorianos, org por Álamo, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, ed. Coingra. SREC. DRAC
1996. O homem suspenso. Supl. Açoriano de Cultura nº 43
1996. Olá. Pobreza! Ensaio, ed. Jornal de Cultura
1996. Os sonhos do Infante, teatro. Angra. Grupo de teatro Alpendre
1997. Com perfume e com veneno, contos. Lisboa, ed. Salamandra
1998. Mar de baleias e de baleeiros, com João Afonso. Museu dos Baleeiros. Lajes ed. SREC
1998. António, porta-te como uma flor, gravuras de António Dacosta. Lisboa, ed. Salamandra
1999. Já não gosto de chocolates, romance. Lisboa, ed. Salamandra
1999. Morte que mataste lira, com Carlos Alberto Moniz, Teatro, Lisboa ed. Dito E Feito
1999. Almeida Garrett, ninguém, teatro. Alpendre Teatro, ed. autor
2000. A Solidão da Casa do Regalo, Prémio de Teatro Almeida Garrett 1999, ed. Salamandra
2000. Memórias de ilha em sonhos de história. Poemas sobre aquarelas de Álvaro Mendes, ed. Álvaro Mendes
- 2000 in Nove Rumores do Mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, I. Camões e Seixo Publishers
2000. *Valter Vinagre, espírito nas ilhas, com Valter Vinagre, Manuel Hermínio Monteiro, ed. Instituto Camões. Ministério dos Negócios Estrangeiros*
2001. *Cantigas do fogo e da água, quadras sobre aquarelas de Álvaro Mendes, teatro. Teatro do Ser, atuações 2002, 2003, 2006*
2002. *Judite, nome de guerra de Almada Negreiro, Adaptação. Teatro*
2002. *NEO 1 vol. 1 com Urbano Bettencourt, Adelaide Monteiro Batista, Carla Silva, Pedro Alvim Pinheiro, ed. Dept.º de Línguas e Literaturas Modernas. UAç*
2002. *O homem que era feito de rede, com Katherine Vaz e Vamberto Freitas, ed. Salamandra*
2003. *O meu coração é assim. Antologia editada por Diniz Borges, ed. Câmara Municipal de Angra do Heroísmo*
2003. *Até hoje, memórias de cão. 2ª ed. Romance, ed. Salamandra*
2003. *Angra. cidade do mundo. Sanjoaninas 2002. Terceira. Açores, foto de Carlos Garcia, ed. Fotoletras*
2004. *Pedro da Silveira 1922-2003, um breve perfil. Boletim do N C Horta vol. 13*
2004. *A Solidão da Casa do Regalo; Almeida Garrett. ninguém. Teatro. 2ª ed. ed. Salamandra*
2005. *“As mulheres em ‘Já não gosto de chocolates’” em M. Marujo, A. Baptista e R. Barbosa (ed.) Congresso A vez e a voz da mulher imigrante portuguesa. The Voice and Choice of Portuguese Immigrant Women. Proceedings 1st Int’l Conference. Toronto. University of Toronto. Dept Spanish and Portuguese pp. 68-71 <http://www.museu-emigrantes.org/docs/conhecimento/conferencia-emigra%C3%A7%C3%A3o.pdf>*
2005. *Açores, Azores com Maurício Abreu, versão inglesa de Peter Ingham, ed. M Abreu e Victor Figueiredo. 2ª ed. Setúbal, Fotografia e Ed. Lda.*
2006. *I No Longer Like Chocolates. Trad. Diniz Borges. San Jose. PHPC*
2007. *Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island*
2007. *Açores profundos, Profound Azores, com Paulo Filipe Monteiro e Madalena San-Bento, trad Patrícia Correa Costa. Porto. Caixotim Ed.*

**2007. Terceira, uma ilha sempre em festa, foto João Costa. edição bilingue. Praia da Vitória, ed. Blu**

**2007. O ciclo do Espírito Santo. The Holy Ghost Cycle com João Manuel Magina Medina, João António Martins, Ana Martins. Angra, ed. J M M Medina**

**2008. “Já não gosto de chocolates” Ed. Japonesa Random House Kodansha**

**2008. Terceira, a ilha dos Impérios. Terceira Impérios Island com Mário Duarte e trad de Alexandra Grilo. Praia da Vitória, ed. Blu**

**2010. Andanças de pedra e cal 1ª ed. Praia da Vitória, ed. Blu**

**2010. Padre, Filho, Espírito Santo e o Futuro. IV Congresso Internacional sobre as Festas do Espírito Santo. PHPC. San Jose. Califórnia**

**2010 Passos de nossos avós, ed. Manuela Marujo, Aida Baptista.**

**2011. Caneta de tinta permanente na poesia popular, dedicado a Manuel Caetano Dias “Caneta”. Nova Gráfica ed. autor**

**2011 in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia**

**2011 in Antologia da Memória poética da Guerra Colonial. Roberto Vecchi, Margarida C Ribeiro (org.). Fotos: Manuel Botelho. Notas: Luciana Silva e Mónica**

**Silva. 1.ª ed. Porto: Afrontamento. Poesia. ISBN 9789723611748. 648 págs.**

**2012 in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia**

**2012. Quatro prisões debaixo de armas, Teatro, baseado no conto homónimo de Vitorino Nemésio, prefácio de A M Machado Pires, ed. autor**

**2013. Adelaide Freitas. Atas 19º colóquio da lusofonia. Maia. S Miguel. Açores**

**2013. Portugal pelo mundo disperso, coord de Teresa Cid. 1ª ed. Lisboa, Tinta da China**

**2013. Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia**

**2013. Murmúrios com vinho de missa. 1ª ed. Angra. Letras Lavadas**

**2013. Murmúrios com vinho de missa. 2ª ed. Ponta Delgada. Letras Lavadas**

**2014. No centenário de nascimento do pintor António Dacosta 1914-2014, IAC, Atlântida vol. LIX**

**2014. Marta de Jesus. a verdadeira. Letras Lavadas.**

**2014. Madalena Férin Atas 20º colóquio da lusofonia. Seia. Portugal**

**2015. Um escritor açoriano Manuel Machado Atas 24º Colóquio da Lusofonia. Graciosa. Açores**

#### TEMA HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS, Eduíno de Jesus – POETA

Eduíno de Jesus não é apenas o mais veterano dos escritores açorianos.

Ele é também o veterano do que a escrita portuguesa tem de qualidade literária.

Tive a oportunidade de escrever, opinando, sobre a obra de Eduíno de Jesus, relevando, sobretudo *Os Silos do Silêncio*, que reúne toda a sua poesia, mas não deixando de lembrar a sua escrita em prosa, nomeadamente, ficção narrativa bem como a sua intervenção crítica nas artes plásticas, teatro, música e cinema. Sobre estes temas, escreveu dezenas de apreciações que foram sendo publicadas em jornais e revistas com projeção nacional.

No texto a que fiz referência e que fez parte de um conjunto de muitos outros com autorias de prestígio e que enformaram um livro homenagemivo, permiti-me escrever: «*Os Silos do Silêncio* (é) um título que, só por si, é um poema deposto sob uma enorme metáfora. Poesia magnífica! Em cada palavra e mesmo em cada sinal ortográfico ressalta uma sabedoria que orienta a oficinação poética, sustentada por um silêncio siloso (...)»

Há momentos em que me disponho a ser juiz de mim através do olhar dos outros. Penso no que me diria Eduíno de Jesus sobre o que escrevo. E sinto-me perdido. Procuro, no que ele escreve, o deslize, o desconforto do verso que se esqueceu de dizer o que tinha para dizer. E sempre a perfeição se mostra sem a mais pequena mácula. Tenho muito receio de nódoas na minha própria escrita.

Os «mestres da escrita» existem e, por isso, neste momento, há que esquecer a entronização de tanta mediocridade em detrimento da qualidade provada, como a deste Mestre da Escrita que reúne as palavras de forma que se instalem no calendário da História da Literatura portuguesa. Digo calendário porque a produção literária de Eduíno de Jesus obedece à métrica do tempo e do lugar, cumprindo, internacionalmente, um estilo marcado por uma inovadora e consistente harmonia estética.

Prefiro que estas palavras venham marcadas pelo eu concreto de um discurso que não quer influências de ninguém. Esta presunção não deve passar disso mesmo, uma vez que outros (muitos outros) se anteciparam a dizer o que eu gostaria de dizer. Eduíno de Jesus não é apenas o mais veterano escritor açoriano. Ele é também o veterano da qualidade literária que o confirma como escritor universal.

Tive o privilégio de secretariar algumas reuniões de jurados em concursos literários, dos quais Eduíno de Jesus fazia parte. Perante a democraticidade de cada elemento do Júri, impressionava-me a exposição sábia e clara do seu parecer. Era sempre um parecer incontestável, sem que isso contribuísse para mostrar qualquer tipo de desrespeito pela opinião dos outros.

Curiosamente, as suas comunicações, apresentadas em congressos ou em colóquios, de forma aparente, pareciam desorganizadas e a mostrar o seu lado anárquico. As suas fichas conduziam a um discurso que se expandia, levedando em saberes e que sempre nos surpreendiam. Era fácil concluir que a sua atitude «negligêe» era altamente disciplinada, concisa e pertinente.

Na verdade, Eduíno de Jesus subiu fasquias de saberes tão diversos que se torna difícil falar com ele sem que nos escondamos na ignorância. Sentado à mesa, num tempo ainda presente mas já antigo, fui convidado para jantar em casa de Eduíno de Jesus, jantar esse que fora requintadamente preparado, com pratos de peixe e de carne, pela D. Hélia – cozinheira de estrelas merecidas. Nesse jantar, aprendi que beber vinho era uma ciência e uma arte e que isso exigia tantos cuidados como outra arte qualquer. Eduíno de Jesus preocupava-se com a escolha de um vinho branco que fosse de encontro à identidade do peixe que iríamos comer, pois ser peixe de rio não é o mesmo que ser peixe de mar; ser peixe de escama não é o mesmo que ser peixe de pele, com as variantes de poder ser frito, cozido, assado, grelhado. Menos difícil era escolher um tinto. A escolha foi explicada pelas castas, pelo ano de colheita, pela graduação, pela temperatura adequada, pelo ritual da decantação.

Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

A Associação dos Colóquios da Lusofonia propôs, muito justificadamente, esta homenagem a Eduíno de Jesus. Ainda bem que o faz e que temos a oportunidade de poder contar com a presença do homenageado. É importante que Eduíno de Jesus saiba que este reconhecimento não é fogo de artifício. Pelo contrário. É a forma, embora modesta, de lhe dizer obrigado pela capacidade de partilha dos seus saberes e também pela generosidade que demonstra na relação com tantas outras gerações de pessoas ligadas às Letras e às Artes. Todos lhe devemos a serenidade com que veste o nosso mundo.

Para vos provar o que acabo de dizer, deixo-vos com a saudação com que Eduíno de Jesus me brindou no dia do meu aniversário, em maio de 2019. Escreveu: «Amigo, aí tens mais um ano vivido. Viver é gastar a vida, não a delapides. Saboreia-a devagar como um bom vinho. Tempera-a com poesia (sempre) e com algum teatro e outras ficções, mas coze-a ao lume brando do amor. E vigia este lume brando com cuidado, porque ele se ateia muito para além da conta, queima e o caldo entorna. Um grande abraço.» Li, reli este abraço de aniversário vezes sem conta. Saboreei-o devagar com uma amizade sempre quente. Se o pleonasmo não fosse pecado, mandava esta saudação a Eduíno de Jesus, bumerangue de si mesma, mas com o mesmo abraço.

CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #5

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos/cadernos/caderno-05-alamo-oliveira/download.html>

SUPLEMENTO DOS CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS #5

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos/cadernos/caderno-05-suplemento-5-alamo-oliveira/download.html>

VÍDEOS DO AUTOR:

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_C8FCNBi81C](https://www.youtube.com/watch?v=_C8FCNBi81C)

<https://www.youtube.com/watch?v=fEEYIAKPWlQ>

[https://www.youtube.com/watch?v=YR4NY6\\_2FO4](https://www.youtube.com/watch?v=YR4NY6_2FO4)

<http://www.youtube.com/watch?v=YG5KN9D0IX4>

<https://www.youtube.com/watch?v=MZ-IULWC5IG>

VÍDEO HOMENAGEM COMPLETA 2013

[https://www.youtube.com/watch?v=XZ2ZJUKV9GU&T=0S&list=PLWJUyRYOUWOKYmKAIEPzIF1C\\_4TVTKerI&index=104](https://www.youtube.com/watch?v=XZ2ZJUKV9GU&T=0S&list=PLWJUyRYOUWOKYmKAIEPzIF1C_4TVTKerI&index=104)

VÍDEO HOMENAGEM SEIA 2013

<https://www.lusofonias.net/acorianidade2027-homenagem-aicl2-a-alamo-oliveira-2.html>

VÍDEO HOMENAGEM AICL AO AUTOR-20º COLÓQUIO SEIA VERSÃO ESTH-IPG

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/689-video-homenagem-alamo-oliveira.html>

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO (GALIZA 2012), 19º MAIA (AÇORES) 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 25º GRACIOSA 2015, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018

## 2. ALDA BATISTA, LUXEMBURGO, PRESENCIAL



**Alda Batista** nasceu a 6 de abril de 1967 em Coimbra, cidade em que se licenciou em Línguas e Literaturas Modernas (Francês e Inglês), tendo frequentado, em seguida, o Curso de Especialização em Tradução.

Após uma passagem pela vida docente na Universidade de Coimbra e nos Institutos Politécnicos de Coimbra e da Guarda, ingressou no Serviço de Tradução Portuguesa do Tribunal de Contas Europeu no Luxemburgo. É aí que reside desde 1995.

A sua relação com a escrita remonta à adolescência, época em que a página de papel era a amiga imaginária e a confidente real.

Gosta de ter uma vida social ativa, dedicando-se a causas em benefício, nomeadamente, de vítimas de cancro ou de crianças carenciadas.

Adora viajar para conhecer novas culturas, dançar, fazer fotografia e praticar desporto.

Nos seus tempos livres, gosta de frequentar o teatro, a ópera e os espetáculos de dança moderna.

Em 2016, publicou "Somos Todos Primos – Um diálogo de emoções", uma obra poética realizada em parceria com o poeta são-tomense Carlos Cardoso, e tem participado em várias antologias poéticas desde então.

Dedica-se igualmente a trabalhos de revisão de obras literárias e não literárias, trabalho que reflete de outra forma o seu amor pela língua portuguesa.

### A NOSSA CASA

SOMOS PRIMOS EM DIÁLOGO PERMANENTE  
NESTA LÍNGUA E NESTA HISTÓRIA PARTILHADAS  
ORIGEM DISTINTA MAS DESTINO COMUM.  
NOSSO FADO CRIOULO ESCRITO EM PORTUGUÊS,  
EM LÍNGUA MESTIÇA OU LÍNGUA EMPRESTADA  
DAS CULTURAS ONDE AGORA PEDIMOS ABRIGO.

ESTA É A CASA ONDE MORAMOS, NÓS DOIS,  
E NOSSOS PRIMOS DA DIÁSPORA SECULAR  
EM NOSSOS QUARTOS DE APARÊNCIA ISOLADA,  
O TEU, MULATO, DE VIVAS CORES GARRIDAS  
O MEU, MAIS PÁLIDO, SEM CORES DEFINIDAS,  
MAS UNIDOS NO SENTIR DO MESMO VERBO LUSO.

NESTA MORADIA EM PERPÉTUO CRESCIMENTO  
A CONJUGAR RITMOS QUE UNEM CONTINENTES  
E CHEIROS DE COZINHAS DOCES E QUENTES,  
PENETRAMOS DE NOVO AS ONDAS DOS MARES.  
DE QUARTO EM QUARTO NOS VAMOS ESPRAIAR  
JUNTOS NA LÍNGUA QUE SABEMOS NOSSO LAR.

ALDA BATISTA, IN "SOMOS TODOS PRIMOS – UM DIÁLOGO DE EMOÇÕES", CHIADO EDITORA, 2016

### ADEUS

NOS TEUS LÁBIOS COLOCO O SABOR FRIO DA DISTÂNCIA

AQUELES QUE EM TEMPOS AQUECI DE UM DOCE AMOR  
NOS MEUS IMPRIME-SE O FORTE AMARGO DA LEMBRANÇA  
O ARREPIO QUANDO SE EXTINGUE A CHAMA DA ESPERANÇA.

NOS TEUS OLHOS LIBERTAS UMA INTERROGAÇÃO HUMEDECIDA  
LANÇADA PARA OS MEUS, SECOS DE TANTA LÁGRIMA GOTEJAR  
OUTRORA NÃO PRECISAVAM DE INTERROGAR TEUS OLHOS LÍMPIDOS  
DOS MEUS BROTAVAM ANTES DISSO RESPOSTAS SEM PAR.

DO TEU CORPO ESQUECIDO ME APARTO ÁSPERA E EXANGUE  
CORPO QUE DANTES NAVEGUEI POR MARES DE DESCOBERTAS  
CORPO QUE TRAÇOU NA MINHA ROTA PARAGENS INCERTAS  
CORPO QUE DE BOTE ME FEZ NAVIO PARA DEPOIS ME NAUFRAGAR.

OS TEUS LÁBIOS TOCAM NA ROCHA MAS DELA NÃO JORRA ÁGUA  
OS TEUS OLHOS JÁ NÃO ANUNCIAM MANDAMENTOS NEM PROFECIAS  
O TEU CORPO NÃO ABRE PASSAGEM NO MEU RIO PROFUNDO  
SERÁ SEM TI QUE CHEGAREI À MINHA TERRA PROMETIDA.  
ALDA BATISTA, IN "TERRA DE POETAS", ED. GRUPO SOUESPOETA, 2017

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

3. ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA -



14º BRAGANÇA 2010



21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



30º MADALENA DO PICO



29º BELMONTE 2018

**ALEXANDRE BANHOS CAMPO** nasceu na cidade da Crunha no ano 54,  
É licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid.  
É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho diretivo.  
Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega.  
Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa.  
É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta.  
É o Presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego).

Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial. É master em Gestom da Formação de Qualidade pela UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pela USC.

Nos anos 2000 a 2005 fez parte da Comissom Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissom, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP).

É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos.

Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ.

Tem publicado sobre direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social.

Além disso, trabalha nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa.



24º GRACIOSA 2015



28º VILA DO PORTO 2017



8º BRAGANÇA 2007



12º BRAGANÇA 2009

TEMA Lusofonia e corrupção. Às voltas com a corrupção. Um apontamento final sobre o Brasil. Fundação Meendinho – Brasil, Alexandre Banhos – Graciosa 2019

O tema da corrupção é praga da que não está livre a Lusofonia. Por todo lado se percebem discursos moralistas contra a corrupção, mas a moral e a corrupção viajam em caminhos de ferro paralelos que nunca se cruzam. Por isso vou tentar pôr algo de luz sobre esse espinhoso tema, e porque não é com discursos moralistas nem com moralismo que ela vai ser resolvida.

Que é corrupção:

É tirar benefício da posição de poder que se ocupa para um ou para outrem; (é os níveis de poder podem ser inumeráveis e diversos, com diferente escala e alcance), e tanto pode ser o benefício económico, é dizer simples roubo, apropriando-se de bens que não correspondem de jeito legal.

É também corrupção, todo benefício para um ou para outrem que se tire de uma posição de poder ou do uso das capacidades legais não ajustadas a direito para se conseguir todo tipo de fins incluídos os políticos, ainda que isso não levasse necessariamente benefícios económicos (imediatos).

É isso feito sempre sob uma densa capa de opacidade. A corrupção não é compatível com a transparência e a luz, nem com o moralismo, que é sempre a escusa perfeita em quase todos os casos, para que sobre esse elemento fulcral da luz, nada se toque, e todo continue nas trevas.

- 1- Os seres humanos, a nossa espécie formou-se como tal e teve sucesso roubando. O natural nos humanos é roubar, e se beneficiarem como humanos de todo o que poderem.
- 2- História muito sucinta da nossa história como espécie e como ladrões.
3. A guerra e o roubo, são a cruz e coroa de uma mesma moeda. Os espartanos fazem luz sobre isso.
4. Que é a moralidade e porque na moralidade não há alicerces para lutar contra a corrupção
5. É possível limitar ou reduzir a existência da corrupção? Sim é possível e doado, porém fujam como demo da água benta, de todos os que tem receitas simples carregadas de moralismo.
6. Os alicerces universais contra a corrupção.
7. Um as notas sobre a corrupção e o Brasil, como exemplo no mundo lusófono, do que tirar bons conselhos.

Alexandre Banhos – Colóquio da Lusofonia na Ilha de Graciosa outubro de 2019, Fundação Meendinho - Brasil

Primeira Parte - Apresentação

1- Que é corrupção

1.1- Sobre a natureza humana e sua história

2- História muito sucinta da nossa história como espécie

3- A guerra e o roubo são a luz e a coroa duma mesma moeda

4- Que é a moralidade e porque na moralidade não há alicerces para lutar contra a corrupção

5- É possível limitar ou reduzir bem significativamente a existência da corrupção?

Segunda Parte

1- Umas notas sobre a corrupção no Brasil, e por onde teriam que ir os remédios

Apresentação:

O tema da corrupção é praga da que não está livre a Lusofonia. Por todo lado se percebem discursos moralistas contra a corrupção, mas a moral e a corrupção viajam em caminhos de ferro paralelos que nunca se cruzam.

Por isso vou tentar pôr algo de luz sobre esse espinhoso tema, e porque não é com discursos moralistas, nem com moralismo que ela vai ser resolvida.

1- Que é corrupção:

a) É tirar benefício económico da posição de poder que se ocupa para um ou para outrem; (é os níveis de poder podem ser inumeráveis e diversos, com diferente escala e alcance), e tanto pode ser o benefício económico, simples roubo, apropriando-se de bens que não correspondem de jeito legal, ou regalias de todo tipo por benefícios parta terceiros.

b) É também corrupção, todo benefício para um ou para outrem que se tire de uma posição de poder ou do uso das capacidades legais não ajustadas a direito para se conseguir todo tipo de fins incluídos os políticos, ainda que isso não levasse necessariamente benefícios económicos (tanto dos imediatos como dos afastados no tempo). É isso feito sempre sob uma densa capa de opacidade.

c) Também é verdadeira corrupção a capacidade dum grupo de estabelecer a meio do sistema legal, a apropriação da riqueza, e benesses existentes no sistema de jeito brutalmente discriminatório<sup>3</sup>

d) Há mais um tipo de corrupção, o que vai ligado a sistemas políticos e administrativos pouco funcionais, obscurantistas retoricadamente burocratizados de jeito racional ou com exigências destemidas e muito atrapalhadores do bom funcionamento da sociedade, e/ou no que a carreira política e muito cara e segregacionista. Nesse caso a corrupção acaba por ser o processo que permite que o sistema possa funcionar sem paralisia<sup>4</sup>, pois é o óleo que engraxa os mecanismos que fazem que possa haver funcionamento certo e não travado das cousas. Com muita frequência, em sistemas disfuncionais de todo o tipo, e onde a corrupção é o óleo do funcionamento social, esta acaba virando o quadro da ação em qualquer lado e cousa.

Na moderna engenharia da gestão, houve muito esforço nas análises dos processos; o como é que correm as cousas para que elas se derem ou se produzirem. E em todo tipo de instituições houve um verdadeiro esforço na melhora processual e suas garantias, porém nos sistemas político institucionais marcados por normas legais exigíveis com constrangimento, foi em não poucos lugares estabelecido o sistema de tal jeito louco, que só os malandros conseguem vir a tirar proveito dele.

A corrupção pode se dar em qualquer instituição humana, tanto tem que se estudem as forças armadas, ou a justiça, ou a polícia, ou o professorado, ou as igrejas..., nada é alheio a sua existência e ela aninha e se reproduz por todo o lado. Os corruptos são pessoas que compartilham os valores que são partilhados pela sociedade a que pertencem, não são nunca alienígenas ou indivíduos especiais.

Sobre a nossa natureza humana e a sua história

1- Os seres humanos, a nossa espécie formou-se como tal e teve sucesso, roubando. **O natural nos humanos é roubar**, e se beneficiarem de todo o que poderem. Os povos de mais sucesso histórico foram os povos que submeteram a outros e se serviram das suas riquezas.

A moralidade, foi inicialmente uma norma interna do clã, ou da tribo, é dizer o princípio socialmente coativo para o interior do grupo. Porém era legítimo se isso for feito a outros, o de tomar-lhe o que tiverem. Todavia na legislação de alguns estados, não é objeto de castigo a condição delinquente do cidadão, enquanto como tal roube noutros estados, ainda que declare no seu estado que isso é o que faz. É um caso bem interessante ao respeito o da civilizada Suíça<sup>5</sup>.

2- História muito sucinta da nossa história como espécie.

<sup>3</sup> No Brasil o sistema de juros bancário existente, é único no mundo, pois o comum no resto do mundo “capitalista”, e que os tais juros brasileiros forem declarados de usura, e a usura é tipificada como delito e duramente castigada. Passa-se praticamente o mesmo com a ausência de tributação das rendas pessoais quando procedem do capital, o qual é uma outra anomalia brasileira no mundo “capitalista”.

A outra grande anomalia brasileira é o seu sistema judiciário, o mais caro do mundo, consome a incrível fatia do 6 por cento do PIB, bem mais que o cuidado da saúde, caso que também é único no mundo. O poder judiciário é muito peculiar, os juizes são bem humanos, muito individuais ainda que conformem um poder coletivo, e com forte inclinação conservadora. Tem enorme tendência a cooptação dos seus membros (outro assunto que reclama a sua boa regulação pelos outros poderes, e essa regulação não tem nada a ver com a sua independência), e se os outros poderes não exercem o controle sobre eles em assuntos que vão além da independência judicial, e **NÃO SÃO REGIMENTADOS E REGULADOS PELOS OUTROS PODERES**, Tendem a funcionar como um lóbi, concentrando-se, como todos os lóbis, em tirarem a fatia mais grande que poderem do orçamento do estado, o que eles chamaram sempre **DIGNIFICAR A JUSTIÇA**: Regalias, compensações e ordenados, e incluso constituirém outro problema grave ao estado de direito, que é o **GOVERNO DOS JUÍZES**, eles são um poder de controle, porém nunca podem ser governo.

No Brasil, a justiça é muito autónoma, em campos onde não deviam ter autonomia nenhuma, como é no estabelecimento dos seus ordenados (este ano de crise, acrescentaram as suas receitas por cima do 16%). Onde regulações que teriam que fazer os outros poderes sobre os juizes, são autónomas e do próprio judiciário, e isso sem que no quadro da república brasileira exista um órgão de arbitragem entre poderes e territórios, do tipo Tribunal Constitucional. Como resultado o Brasil, tem o sistema de justiça mais cara do mundo 6, alcançando a monstruosa cifra de uma despesa do 6% do PIB brasileiro. Na maioria dos estados da OCDE anda na casa do 1% do PIB, e os salários dos juizes e suas regalias são bem menores. Na Europa o seu máximo tribunal, o da União Europeia, tem de ordenado para os juizes 4,5 vezes o salário meio na UE dos trabalhadores. O normal bem sendo uma proporção de entre 3 e 4 vezes o ordenado médio de trabalhador. No Brasil é de 22 vezes o ordenado meio inicial. Para entenderem a monstruosidade que é a despesa brasileira com a justiça, olhem esta comparança: Esse 6 por cento do PIB, é a despesa que fazem o estado espanhol e Portugal na sua sanidade pública universal, ela de muito alta qualidade. Na realidade nem chegam a ultrapassar o 6%. Enquanto a ciência económica aponta que os serviços de saúde, -a sanidade pública, são caros. No Brasil, num caso único no mundo, essa proporção é devorada pela justiça, contra as recomendações da OCDE e do Banco Mundial e sem que os próprios membros de essa corporação se escandalizarem ou percebam aí alguma injustiça. Não há correlação entre o crescimento da despesa na justiça de jeito irracional e a qualidade do serviço e a proteção dos direitos da população e das suas liberdades, e mais bem justo ao contrário, mais se afastam como elite privilegiada, do povo do que são poder garante. **Nem a redução dos ordenados dos juizes, afeta a independência judicial**, como estabeleceu o máximo órgão judiciário da União Europeia.

<sup>4</sup> Isto exprimiu-o de jeito bem claro Max Weber, que chegou a dizer que em certas sociedades, a corrupção é a janela única da liberdade. Se se está submetido a um estado totalitário, ao menos que ele for corrupto.

<sup>5</sup> A Suíça foi um dos estados europeus mais comprometidos com o comércio de escravos, com o que ganhou muito dinheiro. Mas como eram financiadores, ficaram limpos como uma patena.

Os modernos tratados internacionais aos que a Suíça vai aderindo, modificam isso, mas a Suíça não é membro da ONU, e é do espaço económico europeu (EEE) de jeito bem particular.

Na espécie humana não há um comportamento distinto do que se produz em outras espécies animais, de todo tipo: Hierarquia a hora de comer no seio do grupo e apropriação por uns animais dos recursos caçados (possuídos) por outros.

Como tem demonstrado a etologia<sup>6</sup>, o roubo forma parte do comportamento de quase todas as espécies, especialmente naquelas mais desenvolvidas em que funcionam grupos clânicos dos animais e se dispõem a roubar os recursos, ou se apoderar do território e seus recursos, ou das fêmeas, ou do que for de interesse, e que possuem outros clãs da mesma espécie. Enquanto no interior do clã animal rege a hierarquia, e o respeito a mesma e as suas regras duramente exigidas, para fora a legitimidade da apropriação e do roubo e bem recebido pelo grupo.

No nosso ADN está incutido, nisso que é a luta pela sobrevivência, o termos o maior sucesso, e para isso podermos-nos aproveitar do trabalho e dos bens de outros, pois isso é como o mel para o urso, irresistível<sup>7</sup>.

**A moralidade é uma construção cultural, um jeito de se proteger um coletivo frente a terceiros tecendo a vez laços de confiança e solidariedade.** Primeiro foi na família, segundo no clã, terceiro na tribo, quarto no âmbito das trocas regionais. Os princípios morais, são sempre um particularismo cultural<sup>8</sup>, incutido via de exemplo de comportamento social e via ferrenhamente coativa, a quem não seguirem as normas.

Nas sociedades modernas, cada grupo de especialização, de atividade, cria e fixa a sua própria deontologia (ou lhe é fixada), e ela está perfeitamente regrada nos seus processos internos. Porém os comportamentos deontológicos que figuram perfeitamente regrados, exemplo médicos ou juízes, logo eles estão, na sua aplicação, encruzilhados não poucas vezes, com a sua particular conceção moral e dizer de saber o que é bom ou mau, facto sempre bem subjetivo, e por isso quando essas especialidades de atividade, como as citadas antes a título de exemplo, não tem controles internos e externos do cumprimento das normas deontológicas, imediatamente se produzem desvirtuações de todo tipo que não podem ser definidas como de faltas de moral<sup>9</sup>.

Os modernos estados “nacionais” *isso que Bourdieu chamou do único deus verdadeiro dos nosso tempo*<sup>10</sup>, são um construto humano que se remonta a não muito além do século XIX. **As normas sociais, o construto cultural da moralidade, acompanha uma contraparte que são os laços de confiança e solidariedade;** muito fáceis de perceber nos pequenos grupos, mas muitas vezes totalmente ausentes, além de serem em muitos casos, simples palavras de ordem dos modernos estados, e quanto mais grandes eles forem, mais se pode dificultar o funcionarem bem nesse aspeto.

### 3. A guerra e o roubo, são a cruz e coroa duma mesma moeda.

Desde os primórdios da humanidade, na sua etapa de caçadores e pescadores, o se apoderar dos recursos dos outros, do esforço dos outros formou parte da ação humana. A guerra nasceu e segue sendo o caminho mais eficaz para dominar a outros, e se aproveitar das suas riquezas. Como dizia Einstein, *O pior das guerras, é o de quem vai logo convencer aos vencedores, de que a guerra não paga a pena*; pois é o caminho mais direto de obter riquezas e poder<sup>11</sup>.

Na militarizada sociedade espartana, era uma forma de formar os soldados, o de enviá-los a roubarem. No treinamento tinham, que se movimentar sem serem vistos nem descobertos, e tinham que tirar todo o que se poder aos que roubavam. O soldado que era apanhado e descoberto sofria grave castigo. Se pegarmos no moderno manual de treinamento das forças especiais americanas, isso segue presente, com outra linguagem, do tipo, Como se susten no campo inimigo etc.<sup>12</sup> mas lá está.

A maioria dos heróis que formam o panteão cívico de estados e povos, foram ladrões e bandidos de sucesso, ou nalguns casos aqueles que travaram o espólio e o submetimento que outros faziam ou tentavam. O direito a legitima defesa nasce do direito a não ser privado dos recursos que se possuem, como gentes, como tribos, como povos, como estados...

### 4. Que é a moralidade e porque na moralidade não há alicerces para lutar contra a corrupção

Na luta contra a corrupção ou do combate a corrupção aparecem por todo o lado as palavras de ordem contra a corrupção carregadas de moralismo, como se ela for um problema com determinadas pessoas e a sua natureza malandra e não um problema muito mais profundo.

Reclamam-se para os corruptos todas as pragas bíblicas, mas os mesmos que as reclamam e que compartilham normalmente o mesmo universo moral, que os corruptos certificados, agem nas suas escolhas morais entre o que é bom e o que é mau, escolhas que se fazem todos os dias, mas que se forem olhadas sob holofotes esclarecedores, perceber-se-ia que o seu agir tem bem seguro, a semente da corrupção.

A corrupção é compatível com fortes convicções morais, pois até as pessoas podem achar razões morais que amparem o seu comportamento corrupto.

A corrupção não desaparece por serem as pessoas religiosas, nem por temerem a ameaça do inferno, concebida como a força mais coativa moralmente imaginável, **além de que a moralidade religiosa, construto cultural, não é universal, tendo profundas diferencias entre as religiões mais estendidas do planeta.**

O padre Manuel da Nóbrega, primeiro chefe das missões jesuíticas no Brasil, e que percorreu o Brasil caminhando pelo menos uma vez desde Piratininga (atual São Paulo) até Olinda em Pernambuco, deixou-nos umas cartas que são de grande interesse para entendermos os primórdios desse território.

Nelas figuram decisões morais de grave confronto com outros membros do clero, como a sua decisão de que as pessoas totalmente despidas podiam assistir aos atos religiosos, feita pelos jesuítas e condenada por não poucas autoridades religiosas, ao afirmar ele, que essa é a forma de se vestirem os índios.

Descreve-nos nalgumas cartas<sup>13</sup> a devassidão moral e pecadora que se produzia no Brasil entre quase todos os clérigos, pois conviviam com mulheres, as mais das vezes com várias as que lhe faziam filhos. Fala-nos dum bispo da Bahia que nem reconhecia aos índios a condição de pessoas com alma, o qual acabou comido por eles, o que Manuel da Nóbrega percebe como justo castigo, e diz, eu que andei por todo o Brasil, e que muitas vezes suspirei pelo martírio de ser comido pelos índios, nunca recibim um mal trato deles, e sempre fum acolhido nas suas casas e aldeias com todo o agarimo.

6 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Etologia>. Estudo do comportamento animal

7 É legítimo que quem não tem nada para viver e se alimentar roube?, para ele seria uma escolha moral.

8 A ética é uma reflexão sobre porque são considerados válidos uns comportamentos e outros não o são. Isto no quadro da condição de homens e mulheres como seres livres, e além disso com a pretensão de serem os princípios éticos de validade universal, frente à moral, que se corresponde com cada cultura.

9 Porém que sejam morais, isso não obvia que ao se desviarem do código deontológico, sejam corruptas.

Não existe correlação entre mais ou menos corrupção e prática religiosa, sempre resulta que o poder coativo das igrejas e as suas ameaças -sobre o mal do pecado, acabam por não funcionar.

10 <https://www.wook.pt/livro/sobre-o-estado-pierre-bourdieu/15746586>

11 Eurípides além de ser um dos primeiros historiadores, foi um filósofo da História que diria Raymond Aron. Eurípides chegou a chamar às guerras “de aceleradores da história”.

12 <https://www.amazon.com/Mammoth-Book-Special-Forces-Training/dp/0762452331>

13 [https://books.google.es/books/about/Cartas\\_do\\_Brasil\\_e\\_mais\\_Escritos\\_do\\_Pe\\_M.html?id=bisTnayr-wkC&redir\\_esc=y](https://books.google.es/books/about/Cartas_do_Brasil_e_mais_Escritos_do_Pe_M.html?id=bisTnayr-wkC&redir_esc=y)

Manuel da Nóbrega, reclama dos superiores jesuítas de Portugal, a tomarem as providências necessárias, para que o Rei, (o poder secular), adote as medidas disciplinares que acabe com a devassidão dos padres. É dizer, os princípios morais e o castigo do inferno a padres pecadores não tem força suficiente para levarem essas pessoas ao caminho reto da temperança<sup>14</sup>.

**A corrupção não é compatível com a luz e a transparência, onde nada possa ser feito, se não é a vista de todos.**

Porém o moralismo, é sempre a escusa perfeita em quase todos os casos<sup>15</sup>, para que sobre esse elemento fulcral da luz, nada se toque, e todo continue nas trevas.

Assistia eu uma vez a um juízo que era feito a dous irmãos que foram pegados após inúmeros roubos e assaltos; num momento determinado o Procurador apontou que eles: Vocês, os réus carecem de moral para poderem conviver na sociedade.

Os réus saltaram como uma mola: Saiba senhor Procurador, que eu/nós, nunca roubaríamos nem assaltaríamos um irmão cigano, as pessoas temos a nossa moral.

Também é bom lembrar que não se resolve tampouco a corrupção se os sistemas políticos e de funcionamento do estado não são adequados e funcionais aos objetivos que o bem estar da população precisa.

##### 5. É possível limitar ou reduzir bem significativamente a existência da corrupção?

Sim, porém o primeiro que temos que saber, e que isso não é problema que se resolver da noite ao dia<sup>16</sup>. E além disso, sabemos que corrupção não é compatível com a luz e a transparência, onde nada possa ser feito, se não é a vista de todos.

A Dinamarca, o estado classificado como o menos corrupto do mundo, pode-nos dar algumas lições. Lá partiram dum grande esforço histórico em incutir padrões contra a corrupção, padrões que fazem sempre esforço na empatia com os outros e as suas necessidades<sup>17</sup>. A Dinamarca tem também uma característica, é um estado que adotou padrões integradoras e solidários.

É além disso, com certeza, é um dos estados mais patrióticos de mundo, mais nacionalistas, num grau só comparável ao Japão, e onde esse patriotismo é um cimento poderoso na defesa do próprio com grande orgulho, e como reforçador de solidariedade e empatia entre as pessoas do país. É um estado onde as diferenças entre os ricos e os pobres são muito pequenas, o que facilitou que se incutisse na sociedade, que o progredir depende em grande medida do mérito e do esforço e não do berço e as ligações sociais.

Mais além de todo isso, acreditam que a corrupção é universal, e que qualquer um, se se derem as condições pode ser corrupto<sup>18</sup>.

A primeira cousa que há que fazer para lhe fazer frente a corrupção, e sabermos qual o tipo de corrupção, que se dá. Não toda é a mesma nem os remédios são os mesmos.

a) Se o sistema político não funciona sem corrupção, fazer as reformas precisas e imprescindíveis.

E não funcionam os sistemas sem corrupção quando são:

1- Arbitrariamente autoritários. (Todos os autoritários têm muito de arbitrário, a arbitrariedade é o ninho do terror nos cidadãos)

2- Estruturas desajustadas aos objetivos do bom governo.

3- Extremamente cara a participação na carreira política, sem igualdade efetiva de oportunidades.

4- Falta de separação entre poderes e falta de controle eficaz entre os poderes, onde uns podem assumir funções de outros.

5- Inexistência de órgãos de arbitragem certos, entre poderes e territórios. (Os poderes tendem a constituir órgãos de arbitragem que são mais um elemento replicador deles próprios, de aí, que é bem interessante e funciona muito bem onde se usa, o de recorrer ao sorteio entre todos os que foram propostos e reúnem as condições adequadas, não só nos órgãos de arbitragem se não também em todos os órgãos de controle).

6- Os poderes ocuparem espaços que não lhe são próprios (o lawfare<sup>19</sup>)

7- Sistema penal absolutamente discricional, e onde a lei não é a mesma para todos no dia a dia, na sua aplicação real; por muitas razões facilmente inteligíveis.

7- Existência de grandes diferencias sociais. E falta de políticas de solidariedade, tendentes a integração com um bom sistema de saúde e segurança social<sup>20</sup>.

Para isso o remédio é:

b) Estabelecer normas deontológicas de todas as atividades que o precisam, que são praticamente todas, e as normas mais claras e precisas, quanto mais importante for a atividade, e com processos rápidos de punição, que podem levar a perda do emprego. No sistema de punição tem que estar pessoal independente e alheio, se se quer eficácia.

c) Um sistema de educação e ensino de qualidade, e onde a formação em valores seja fulcral.

14 Como se percebe o problema na igreja Católica com o sexo e os padres não é novo, e os problemas só os resolve a Igreja, quando age o poder secular, se não como muito, ficam como segredo de confessorário.

15 Os famosos [10 pontos propostos](#) pela Lava-jato contra a corrupção, mais que pôr os alicerces para deter a corrupção são uma bênção do que estava fazendo a Lava-jato, processo que começou dum jeito bem corrupto (Alexandre Banhos Belmonte 2019), e como logo poria branco sobre negro o Vaza Jato, era um elemento de mudança económica e política violando todas as normas deontológicas, e podendo se definir, como processo certificado como bem corrupto.

A questão de fazer uma coisa mal, mas quando o bem a que se aspira é superior (opção moral), ou a de se ser corrupto para combater a corrupção que defende o Sérgio Moro, é uma posição profundamente moralista, e esse tipo de escolhas estão também nas escolhas morais dos políticos que se pretende julgar. Pois ainda que existam muitos dirigentes de sucesso que podem ser definidos de [Psicopatas](#), na imensa maioria são pessoas morais e que fazem escolhas morais.

16 A maioria das pessoas acredita que os problemas complexos podem se resolver com soluções simples, mas isso nunca é assim. Problemas complexos exigem soluções complexas.

No Brasil todas as pessoas têm sempre uma espécie de fé cega em que vai vir um acaso, uma lotaria, um salvador que vai resolver os problemas que tem/temos. isso é muito bem utilizado por toda classe de trapaceiros e de vendedores de enganoso.

17 Na Dinamarca a população de religião judaica foi sempre muito pequena, porém quando a Dinamarca foi ocupada pelos nazis e se ordenou às pessoas dessa religião (ou que forem descendentes de pessoas que tiveram essa religião), o colocarem uma estrela de Davide no peito, o Rei (foi das poucas monarquias que não conseguiu escapulir-se) ao dia seguinte saiu com a estrela de David colocada no peito, e o mesmo gesto usaram a pratica totalidade dos súbditos, Como os alemães eram ferrenhos nos seus objetivos todo o povo dinamarquês ajudou a passarem para Suécia os 8000 judeus que havia. O resultado foi que a política industrial de extermínio de pessoas organizada pelos nazis, não teve efeito na Dinamarca.

18 Um avô meu contava-me a história dum rei que todos os que fazia ministros em vez de servir a coroa e ao povo, dedicavam-se a se fazer ricos e roubar do tesouro. O rei colocava os ministros e desentendia-se do governo, nem tinha controles sobre o que faziam. Ele farto decidiu escolher entre todos os que se apresentaram o que não fosse ladrão. Mandava a todos os aspirantes a vaga, de passarem com pouca luz pela sala onde se guardava o tesouro, e lá estavam sacas abertas com moedas de ouro e prata, pedras preciosas etc., Quando passaram todos mandou o rei, que o que quiser o posto tinha que dançar e dar voltas de pincha carneira (cambalhotas). E ninguém queria fazer isso e todos renunciavam a designação, pois tinham os bolsos cheios e iam saber que roubaram. Porém houve um que fez tudo e o rei designou-o primeiro ministro...Ele não roubara, pois era parvo, e o governo entrou num desgoverno ainda mais pior. Como dizia meu avô: O olho do amo engorda o cavalo.

19 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lawfare>

<http://www.justificando.com/2018/01/09/livro-com-comentarios-de-juristas-sentenca-que-condenou-lula-e-disponibilizado-na-internet/>

20 É legítimo que uma pessoa sem recursos roube para se alimentar ou para alimentar os seus filhos?

d) Políticas ativas contra do ninho da corrupção que existe na sociedade na imensa maioria das pessoas começando por aquelas que se escandalizam muito pela corrupção, porém acham legítimo qualquer pequeno trapão que for no seu benefício, ou o da sua família. **Os corruptos compartilham sempre os valores morais da sociedade à que pertencem.**

e) Processos claros e transparentes de manejo do recursos públicos e das carreiras profissionais públicas. A mais luz, mais fácil a punição rápida e eficaz das ações corruptas e mais difícil que estas possam se dar.

## Segunda Parte

### 1. Umas notas sobre a corrupção na Lusofonia e o Brasil.

Se entendermos por mundo lusófono o da CPLP mais Galiza. Podemos dizer que o Brasil não é o país mais corrupto, essa honraria corresponde a Guiné Equatorial<sup>21</sup>, onde os ladrões são o poder, sem dissimulações.

Os estados menos corruptos são Portugal e Cabo Verde (um estado do que muito se pode apreender). A Galiza viria logo, porém atrás dos dous primeiros.

No Brasil há um governo que chegou ao poder surfando na onda de luta contra a corrupção da Lava-jato<sup>22</sup>, operação político-económica sob verniz judiciário, que impulsionou o golpe político contra Dilma Rousseff, e que levou ao poder, nas eleições de 2019 (no que o principal candidato foi proibido de concorrer), um governo, que segundo a mídia dominante, era o dos anticorrupção<sup>23</sup>.

Porém se o sistema de justiça e o estado encoraja no seu trabalho os grileiros e roubadores do público, esse governo não é um governo de luta contra a corrupção.

E se tem no governo a um juiz que impulsionou esse governo sob o a palavra de ordem da luta a corrupção e ele teve todas as suas ações com procedimentos corruptos, esse governo, nem nos sonhos de um Dante, se pode identificar como fulcral para mudar a corrupção.

Se além disso é um governo unido aos gangues da violência e das milícias. Acreditar que o Brasil está no caminho de acabar com a corrupção, é como acreditar que a terra na suas revoluções a volta do sol, pode-se deter em qualquer momento.

**No Brasil há um sistema político que para funcionar precisa da corrupção.** É extremamente complexo e as campanhas políticas são muito caras, com uma eleição de uma única pessoa, o presidente, que tem caráter plebiscitário, mas com enormes dificuldades para levar avante políticas, pois a negociação política é no Brasil um mercado persa, no que tampouco tem muito valor e significação das siglas.

De facto o viés que se produz na eleição, em todas as eleições para grupos de interesse contrários as reformas necessárias no estado, estão muito relacionados com o grande custe das campanhas, e como isso é forte fator discriminatório, porém que faz necessárias caixas b, c e n...

**Manter o sistema brasileiro, e dizer que se vai combater a corrupção é a quadratura do círculo.**

Sem reforma dos sistema não há jeito, nem sequer o peculiar jeitinho brasileiro, que é a semente bem clara da corrupção.

**A reforma política que o Brasil precisa consiste:**

a) A transformação do Brasil numa república parlamentar com sistema de eleição proporcional com listas partidárias fechadas, e com eleição de um primeiro ministro pela câmara de conformidade aos resultados. O círculo eleitoral seriam distritos e não estados; não seria legal o guerrymandering<sup>24</sup> Os distritos seriam estabelecidos pelo organismo geográfico e estatístico e aprovados por lei com maioria absoluta das duas câmaras

Um presidente que teria poderes arbitrais, e como o Brasil tem uma longa tradição presidencialista, poderia ter umas competências muito semelhantes às que figuram na Proposta de Estatuto da Galiza do Fórum Carvalho Calero<sup>25</sup>

a1) Os governadores teriam competências no seu âmbito similares ao Presidente do Brasil, e cada estado terá um governo Parlamentar.

b) Um Tribunal Constitucional e de arbitragem<sup>26</sup>. Que fixará a constitucionalidade das leis, e fará de arbitro entre poderes e territórios no quadro constitucional, além de ser o órgão ante que impugnar a reclamar a anulação das sentenças que não se ajustarem a Constituição<sup>27</sup>.

c) Reforma do sistema judiciário. O seu custe não pode sobre passar o 2% do PIB. Fixação de um órgão de controle e punição do judiciário com participação externa (do governo e das câmaras, os outros poderes). Estabelecimento bem determinado das normas e critérios deontológicos.

21 <https://www.elsaltodiario.com/guinea-ecuatorial/guinea-el-documental-prohibido-vivir-en-guinea-ecuatorial-es-revivir-el-franquismo-pero-con-clima-tropical>

Tampouco é um estado lusófono, mas na CPLP as vezes cousas acontecem.

22 <https://www.redebrasilatual.com.br/destaques/2019/08/carol-proner-lava-jato-envergonha-pais/>

23 A realidade é que ele está mergulhado na corrupção dum jeito que faz inocente aos seus predecessores. Porém ele tem um grave problema de apreciação do que é isso, e se julga dum jeito válido à sua particular moral, que o isenta de tudo...ele é o novo Messias o mito.

24 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gerrymandering>

25 [http://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=contributos-pgl:novo\\_estatuto\\_para\\_a\\_Brasil.pdf](http://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=contributos-pgl:novo_estatuto_para_a_Brasil.pdf)

A título de exemplo:

1. O Presidente ou Presidenta do Brasil é a máxima representação do Brasil, garante do regular funcionamento das instituições democráticas; ostenta a representação do Brasil

2. O Presidente ou Presidenta do Brasil é eleito por um prazo de cinco anos, em circunscrição eleitoral única, os anos acabados em zero e em cinco o primeiro domingo de Novembro e proclamado pelo Tribunal constitucional e de arbitragem. Não podendo exercer tal cargo por mais de três mandatos continuados. É eleito Presidente ou Presidenta o Candidato ou Candidata que obtiver mais da metade dos votos validamente expressos. Se nenhum dos candidatos ou candidatas obtiver essa quantidade no terceiro domingo de Novembro repetir-se-á a eleição com os dous ou duas candidatos mais votados, sendo eleito o que obtenha mais votos. 3

3. Em caso de falecimento, demissão ou ser declarado incapaz pelo Parlamento, será substituído pelo Presidente do Parlamento que passará a ser o Presidente da Brasil pelo tempo que restar de mandato; passando o vice-presidente primeiro do Parlamento a ocupar a sua presidência.

4. O Presidente ou Presidenta do Brasil só pode ser declarado incapaz pelo Parlamento, nos seguintes casos: a) Que medicamente se constate a perda das suas faculdades mentais. b) Que fora inculpada, e condenado por delito no exercício das suas funções; a proposta do seu cese tem que ser aprovada por dois terços dos membros do Parlamento 5. uma lei da Brasil regulará a figura do Presidente ou Presidenta, e os requisitos e as condições de elegibilidade. (funções)

1. O Presidente ou Presidenta da Brasil Proclama as leis e ordena a sua publicação, no prazo máximo de vinte dias, convoca os referendos, e propõe ao Parlamento um membro do Parlamento para primeiro ministro presidente do governo, uma vez ouvido o Presidente do Parlamento e os porta-vozes de todos os grupos.

3. O Presidente ou Presidenta da Brasil é quem ostenta a capacidade de dissolver o Parlamento e fixar a data das eleições. uma vez feito o Parlamento só funcionará como conselho permanente do mesmo, e produzira-se a demissão do governo em Pleno ante o Presidente da Brasil, que dirigirá o funcionamento ordinário da Administração até a eleição dum novo presidente do governo.

4. O Presidente da Brasil, pode demitir a Junta da Brasil quando tal se tornar necessário para assegurar o regular funcionamento das instituições ouvido o Conselho de estado. O Presidente da Brasil ostenta a presidência do honorário do Conselho de estado, mas sem voto. Os ex-primeiros ministros e presidentes som membros do Conselho de estado, além dos membros e técnicos que a lei determinar.

5. O Presidente da Brasil tem a condição de Comandante chefe das forças militares

6. O Presidente pode estabelecer um Conselho do seu cargo, cuja pertença ao mesmo não gerará direito de nenhum tipo nem político nem económico

7. O Presidente da Brasil é inviolável pelas opiniões que emitir no exercício de seu cargo. Durante o seu mandato não pode ser detido nem retido pelos atos delituosos cometidos no território da Brasil a não ser em situação de flagrante delito, correspondendo decidir, em todo caso, sobre a sua inculpação, prisão, processamento e juízo ao Supremo Tribunal de Justiça da Brasil.

26 A proposta dos membros será realizada pelo Supremo tribunal, o Conselho das Universidades e os partidos presentes no congresso com mais do 5% de representação. Da lista existente se fixaram por sorteio 11 pessoas, que serão automaticamente designadas pelo Senado. A duração do mandato e de 20 anos, ou at+e cumprirem 70 anos.

27 O ideal é se ir chegando a sistemas de controle incluso de fora do país, por exemplo um tribunal do Mercosul, se ele algum dia tiver a fasquia da união europeia no quadro de desenho de Jean Monet, que a converteu em instituição não intergovernamental, e sim instituição a que os estados cedem competências que não voltam a ter mais. Porque não um órgão da CPLP com poder judiciário e claro, com poder coativo, pois a lei sem coação não é lei.

- d) Reforma da administração<sup>28</sup>. Com os seguintes três critérios: 1- Transparência da atuação e de acesso a informação e formação contínua. 2- Regulação e simplificação dos processos e dos tempos. 3) Existência de órgãos internos de fiscalização e controle, criando o corpo específico de intervenção das contas de todos os organismos e entidades territoriais dependente diretamente do Presidente do Brasil.
- 4) Criar o organismo Tesouro Nacional, com escritórios em todos os municípios e todos os pagamentos públicos, devidamente justificados se realizam com cargo ao tesouro.
- 5) Aperfeiçoamento do sistema estadual
- 6- Reforma da educação convertendo-a em o que é, o melhor jeito de formar o capital mais valioso dum país e garantir o seu futuro e sucesso, e a melhor alavanca de enfrentar a moralidade e o jeitinho corruptor.
- 7- Reforma agrária<sup>29</sup>

Entre outras cousas, uma reforma agrária reduziria o problema da segurança no Brasil num 50%. olhem que fácil é a cousa.

O que funcionou na Europa da revolução industrial e do nascente capitalismo, tem que funcionar no Brasil, o problema do crescimento de cidades como se forem uma metástase cancerígena, a favelização de muitos espaços mais ou menos urbanos do Brasil, assentam sob uma brutal deslocação de homens e mulheres do campo para as cidades expulsos pela mecanização agrária. O que o kaiser Guilherme II fez na Prússia, atacando a sua base aristocrática para favorecer que o país progredira, e que se evitara um crescimento anormal das cidades, porque não se pode fazer no Brasil. A metade de todos os problemas de segurança pública, e o respeito a natureza e colaterais tem solução com uma boa reforma agrária, e com limitação máxima da grande propriedade que em nenhum caso deveria poder superar as 3000 hectares, e o 20 por cento dessa superfície ser zona natural protegida. E com medidas de proteção e reflorestação da natureza, com medidas que obrigarem a que todas as beiras dos rios de mais de 15 metros de comprimento, manterão uma floresta de ribeira mínima de 30 metros, segundo o caudal. E os rios todos, incluídos os mais pequenos manterão uma floresta de ribeira de pelo menos 4 metros. Isso funcionaria como veias de saúde natural.

Além disso um verdadeiro programa de depuração de águas é necessário<sup>30</sup>, o Brasil está a envenenar os seus ricos recursos hídricos e subsolo, e não digamos o que o Brasil faz para envenenar os seus moradores, acaso isso não é o fruto da pior corrupção.<sup>31</sup> Um grave problema dos Brasil é que as elites brasileiras em geral têm uma baixa imagem do país e delas próprias como elites, confiando mais no que arranjem com o *jeitinho* brasileiro que com um projeto de Brasil rico<sup>32</sup>, de futuro e com voz.

8- Umas reforma tributária, que tem que ir no sentido contrário da proposta de Guedes, ela bem regressiva. É dizer uma reforma fiscal progressiva seguindo o modelo médio existente na OCDE, e que tão bons frutos deu no âmbito da redução das diferencias sociais e da solidariedade social. E a correspondente reforma da previdência não no sentido que foi feita.

9- Persecução da corrupção e punição desde o judiciário com imparcialidade e sem práticas corruptas<sup>33</sup> e distinguindo sempre as pessoas das entidades. Se a direção de uma entidade empresarial é detida, a justiça o primeiro que deve fazer é designar gestores competentes e garantir o sucesso da empresa nos seus objetivos e para os seus trabalhadores<sup>34</sup>

10- Reforma do sistema bancário. No Brasil não pode seguir pagando os juros mais altos do mundo e a sua população ser submetida a um grau de usura só comparável ao que exercem certas organizações criminais, e que tantas vezes foram olhadas em recreações fílmicas. O bom exemplo de cima para baixo é o melhor remédio para o mal no Brasil, tratando o assunto com firmeza, transparência e responsabilidade<sup>35</sup>

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU EM: BRAGANÇA 2006, 2007, 2009, 2010, GALIZA 2012, PORTO FORMOSO 2014, GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016, BELMONTE 2017, VILA DO PORTO 2017, BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019



28 Deveria ser regulado o sistema de retribuições, desfazendo a incríveis diferencias existentes no Brasil entre os servidores públicos, em nenhum caso as retribuições máximas deveriam superar 5 vezes as mínimas.

29 **A muito boa historiadora cultural** Lília *MORITZ* Schwarcz, aponta no livro *As Barbas do Imperador*, que fruto das suas pesquisas e contraste de documentos, acha que o 80 por cento da grande propriedade rural brasileira procede de simples falsificação de papeis oportunamente legalizados (grilagem) apropriando-se os agiotas do património público. E nisso se segue abençoando-o desde o governo da luta contra a corrupção (sic).

30 Nos anos em que morei em São Paulo ficava espantado com a contaminação dos rios e por mais que procurava não achei nenhum programa a sério de tratamento e depuração das águas, a ideia de que as pessoas possam a voltar a se banhar e pescar no Tieté e no Pinheiros, não ocupa nenhum lugar nas cabeças do pessoal. Ou ir as belíssimas costas de Ubatuba e achar a baía um esgoto....O rio Paraná chega contaminado até a sua desembocadura no Mar de Prata e isso que é um rio de 13000 metros cúbicos por segundo.

31 <https://blogdorosuca.files.wordpress.com/2010/11/as-barbas-do-imperador-d-pedro-ii-um-monarca-nos-tropicicos.pdf>

32 Como dizia o Prémio Nobel de Economia Schumpeter, dispor de muitos recursos naturais, é dizer, uma riqueza que caiu do céu, não é nenhuma benção, mais bem é um problema para quem isso acontece. O Capital mais valioso a mais verdadeira riqueza é a formação e capacitação dos seus habitantes, por isso a ciência económica a sério classifica o investimento em formação e educação como investimento na formação de capital fixo. Esclarecer isso para os que desgovernam e destroem o Brasil por muito abençoados que estejam pelos predicadores do ódio em nome de Jesus Cristo, é como se falar isso para a macacada que faz barulho nas selvas.

33 As práticas corruptas na justiça é como propor o impulsionamento do catolicismo enviando missionários ateus. A cousa não dá certo.

34 Isso é norma que funciona em praticamente todos os países europeus e na OCDE. O feito por Sérgio Moro e a Lava Jato de destruição de mais de 3 milhões de postos de trabalho, e de destruição de algumas das mais importantes empresas brasileiras, seria classificado como delito de lesa pátria e punido duramente com a prisão.

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-Operacao-Lava-Jato-e-os-objetivos-dos-Estados-Unidos-para-a-America-Latina-e-o-Brasil-/4/44776>  
<https://www.nodal.am/2019/07/a-operacao-lava-jato-e-os-objetivos-dos-estados-unidos-para-a-america-latina-e-o-brasil-por-samuel-pinheiro-quimaraes/>  
<https://www.brasil247.com/mundo/eua-esta-de-volta-a-america-latina-celebra-mike-pompeo>  
<https://www.brasil247.com/mundo/brasil-atrapalhava-planos-dos-eua-para-america-do-sul-admitre-ex-embaixador>

35 Há muitas mais reformas a fazer, como nas forças de segurança, exército, sistema prisional etc. Porém feitas as citadas o caminho ficaria muito fácil.

**4. ANA PAULA ANDRADE, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AUTORA HOMENAGEADA 2018 AICL**



24º GRACIOSA 2015



18º GALIZA 2012



BRAGANÇA 2009



23º FUNDÃO 2015



16º STA Mª 2011



17º LAGOA 2012



25º MONTALEGRE 2016



29º BELMONTE 2018



COM A UDESC EM SANTA CATARINA 13º COLÓQUIO 2010



30º MADALENA DO PICO 2018



15º colóquio IPM (MACAU) 2011



17º lagoa 2012

#### ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964-

Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professoras Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano).

Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora (Conservatório Nacional) tendo concluído o 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos Estados Unidos), tocando como solista, com a orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart. Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago.

Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades.

Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição, desempenhando desde 2005 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada.

Em 2004 criou o Coro Infantil do Conservatório de Ponta Delgada mantendo-o ativo desde essa data.

Em 2010 foi a pianista convidada dos Colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC. Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas. No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º Colóquio na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.

No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).

No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano). No 20º Colóquio (Seia 13) estreou mais peças musicadas de autores açorianos, atuando com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado. Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010.

Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro, tendo apresentado mais poemas musicados de autores açorianos nos colóquios de 2015 a 2017 e que foram apresentados em DVD no 28º colóquio em Vila do Porto.

As obras do Padre Áureo foram tocadas na Maia em 2013 e na Madalena do Pico em 2018. Posteriormente editar-se-á segundo CD.



12º BRAGANÇA 2009



14º BRAGANÇA 2010



29º BELMONTE 2018



**HOMENAGEM 2018** (necessita ligação internet)

**VERSÃO COMPLETA** [https://www.youtube.com/watch?v=yXVg2Fonug&index=58&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=yXVg2Fonug&index=58&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s)

**VERSÃO CURTA** <https://youtu.be/K-i5LNGU920>

**EXCERTOS DE GRAVAÇÕES NALGUNS COLÓQUIOS - OUVIR AQUI**

**FLORIPA BRASIL 2010** <https://youtu.be/SRbPimP04dU?>

RECITAL MACAU 2011  [\(https://youtu.be/dlCyM1iwz8E\)](https://youtu.be/dlCyM1iwz8E)

**HINO MACAU 2011**

RIBEIRA GRANDE 2011 APRESENTAÇÃO CHRÓNICAÇORES [https://youtu.be/wNQ\\_84RCITk](https://youtu.be/wNQ_84RCITk)

SANTA MARIA 2011 [https://youtu.be/Yr\\_0bKgl\\_SE](https://youtu.be/Yr_0bKgl_SE)

LAGOA 2012 [https://youtu.be/rnf\\_0f6lqls](https://youtu.be/rnf_0f6lqls)

MAIA 2013 <https://youtu.be/xrMBoMcG8CE>

SEIA 2013 <https://youtu.be/czQi8Imp7wo>

FUNDÃO 2015 <https://youtu.be/MbPCx7BA0os>

GRACIOSA 2015 <https://youtu.be/3TQgUAVRpQs>

GRACIOSA 2015 COM FRANCISCO LOBÃO <https://youtu.be/Ya0tNVaBqRU>

MONTALEGRE 2016 [https://youtu.be/H5\\_rn0TfB\\_M](https://youtu.be/H5_rn0TfB_M)

LOMBA DA MAIA 2016 <https://youtu.be/53RWfHwbwX8>

BELMONTE 2017 <https://youtu.be/WAAbuxdcQIA>

MADALENA DO PICO [https://youtu.be/fYZEFaxghdk?list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://youtu.be/fYZEFaxghdk?list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

**LINKS PARA TODAS AS GRAVAÇÕES QUE A AICL FEZ**

**31º BELMONTE 2019**

[https://www.youtube.com/watch?v=Ks3RxHk4j\\_Y&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=59&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=Ks3RxHk4j_Y&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=59&t=0s)

[https://www.youtube.com/watch?v=l1tASjTx5\\_4&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=60&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=l1tASjTx5_4&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=60&t=0s)

[https://www.youtube.com/watch?v=6R5l2Vl1Nzo&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=61&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=6R5l2Vl1Nzo&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=61&t=0s)

[https://www.youtube.com/watch?v=27lJtksAO4Q&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=62&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=27lJtksAO4Q&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=62&t=0s)

[https://www.youtube.com/watch?v=A6339leHn\\_E&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=63&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=A6339leHn_E&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=63&t=0s)

[https://www.youtube.com/watch?v=QxKOIRuXghs&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=64&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=QxKOIRuXghs&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=64&t=0s)

[https://www.youtube.com/watch?v=7wXNqFWVGQA&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=65&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=7wXNqFWVGQA&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=65&t=0s)

**30º MADALENA DO PICO 2018**

[https://www.youtube.com/watch?v=fYZEFaxghdk&t=20s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=8](https://www.youtube.com/watch?v=fYZEFaxghdk&t=20s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=8)

**29º BELMONTE 2018**

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2447-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-2.html> / [https://www.youtube.com/watch?v=ZsPqnW4Onlo&index=52&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=ZsPqnW4Onlo&index=52&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2448-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-3.html>

[https://www.youtube.com/watch?v=4S9MAayAjCg&index=53&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=4S9MAayAjCg&index=53&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2449-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-4.html>

[https://www.youtube.com/watch?v=Ro13UEmnoCM&index=54&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=Ro13UEmnoCM&index=54&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

[\(https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=8&v=Ro13UEmnoCM\)](https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=Ro13UEmnoCM)

[Quando o Silêncio me Abraça https://www.youtube.com/watch?v=Za8LJ5fsDOg&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=Za8LJ5fsDOg&feature=youtu.be)

**28º VILA DO PORTO 2017**

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2424-28%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-recitais-28-31-out-2018.html> / <https://www.youtube.com/watch?v=ejmr79lpwVU>

[no ASAS DO ATLÂNTICO https://www.youtube.com/watch?v=gj9AwkXjzCI&t=0s&index=55&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=gj9AwkXjzCI&t=0s&index=55&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

**27º BELMONTE 2017**

[https://www.youtube.com/watch?v=c367v1QC9N8&t=237s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=10](https://www.youtube.com/watch?v=c367v1QC9N8&t=237s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=10)

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2383-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-3-belmonte-2017.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2382-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-2-belmonte-2017.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2381-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-1-belmonte-2017.html>

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

[https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&t=5s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI&index=9](https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&t=5s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=9)

[https://www.youtube.com/watch?v=xrBOJTURzMM&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=xrBOJTURzMM&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)

[https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&index=4&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&index=4&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2379-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-a-solo-2-belmonte-2017.html>

[https://www.youtube.com/watch?v=hQz60NLXjK4&index=7&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=hQz60NLXjK4&index=7&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2380-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-a-solo-3-belmonte-2017.html>

[https://www.youtube.com/watch?v=rFKauX1UCPw&index=9&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=rFKauX1UCPw&index=9&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2384-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-escola-de-m%C3%BAsica-belmonte-1-belmonte-2017.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2385-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-escola-de-m%C3%BAsica-de-belmonte-2-belmonte-2017.html>

### 26º LOMBA DA MAIA 2016

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2257-ana-paula-andrade-abertura-29set16.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=53RWfHwbwX8>

### 25º MONTALEGRE 2016

[https://www.youtube.com/watch?v=H5\\_rn0TfB\\_M&index=14&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=H5_rn0TfB_M&index=14&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2223-25%C2%BA-col%C3%B3quio-montalegre-2016-a-p-andrade-recital-em-vilar-perdizes.html>

[https://www.youtube.com/watch?v=H5\\_rn0TfB\\_M&t=1s&index=42&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=H5_rn0TfB_M&t=1s&index=42&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

### 24º GRACIOSA 2015

<https://youtu.be/3TQgUAVRpQs>

[https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&index=19&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&index=19&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

[https://www.youtube.com/watch?v=JHUOEPKJEvI&t=3s&index=36&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=JHUOEPKJEvI&t=3s&index=36&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

[https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=49s&index=37&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=49s&index=37&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

[https://www.youtube.com/watch?v=gxCD2G2-7ZU&t=15s&index=38&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=gxCD2G2-7ZU&t=15s&index=38&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

[https://www.youtube.com/watch?v=9rmtHM-ImLE&t=8s&index=39&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=9rmtHM-ImLE&t=8s&index=39&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

[https://www.youtube.com/watch?v=u34j-G-B8UI&t=0s&index=40&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=u34j-G-B8UI&t=0s&index=40&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

[https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=2s&index=63&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=2s&index=63&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)

### 23º FUNDÃO 2015-1

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1943-2015-04-07-09-21-36.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1942-2015-04-07-09-06-15.html>

[https://www.youtube.com/watch?v=2yLpM\\_IsAn8&index=82&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=2yLpM_IsAn8&index=82&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)

[https://www.youtube.com/watch?v=aDITGat5A0M&index=21&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=aDITGat5A0M&index=21&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1944-2015-04-07-09-28-21.html>

[https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&index=22&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&index=22&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

[https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&t=1s&index=83&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&t=1s&index=83&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)

### 20º SEIA 2013

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1351-20%C2%BA-2013-seia-7-m%C3%BAsica-ilhas-de-bruma.html>

<https://studio.youtube.com/#/video/rX46kTudgRQ/analytics>

<https://studio.youtube.com/#/video/d-aWci0FKN0/analytics>

<https://studio.youtube.com/#/video/DhLaweHFsX0/analytics>

<https://studio.youtube.com/#/video/H1sKSQ-vK2U/analytics>

[https://www.youtube.com/watch?v=H1sKSQ-vK2U&t=1s&index=16&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=H1sKSQ-vK2U&t=1s&index=16&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

[https://www.youtube.com/watch?v=rX46kTudgRQ&t=0s&index=15&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=rX46kTudgRQ&t=0s&index=15&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

[https://www.youtube.com/watch?v=G8-FiFrK2Ss&t=0s&index=17&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=G8-FiFrK2Ss&t=0s&index=17&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

[https://www.youtube.com/watch?v=DhLaweHFsX0&t=0s&index=18&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=DhLaweHFsX0&t=0s&index=18&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

### 19º MAIA 2013

[https://www.youtube.com/watch?v=0tOshvYW6G8&t=1s&index=85&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=0tOshvYW6G8&t=1s&index=85&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)

[https://www.youtube.com/watch?v=xrMBoMcG8CE&index=8&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=xrMBoMcG8CE&index=8&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=2s)

[https://www.youtube.com/watch?v=FjsW\\_TAoHro&index=215&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://www.youtube.com/watch?v=FjsW_TAoHro&index=215&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)

<https://www.youtube.com/watch?v=uPqTWGWF7o>  
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1348-19%C2%BA-2013-maia-9-1-m%C3%BAsica-ilhas-de-bruma.html>  
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1347-19%C2%BA-2013-maia-9-2-m%C3%BAsica-menina-dos-olhos-verdes.html>  
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1483-20%C2%BA-2013-seia-8-m%C3%BAsica-recitais-todos.html>  
[https://www.youtube.com/watch?v=flhODrQYThQ&t=0s&index=44&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=flhODrQYThQ&t=0s&index=44&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)  
17º LAGOA 2012  
[https://studio.youtube.com/#/video/rnf\\_0f6lqls/edit](https://studio.youtube.com/#/video/rnf_0f6lqls/edit)  
[https://www.youtube.com/watch?v=JVz1sesWYhs&index=28&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=JVz1sesWYhs&index=28&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s)  
16º VIA DO PORTO 2011  
<https://youtu.be/ejmr79lpwVU>  
[https://www.youtube.com/watch?v=Yr\\_0bKgl\\_SE&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=46](https://www.youtube.com/watch?v=Yr_0bKgl_SE&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=46)  
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1598-16%C2%BA-sta-maria-2011-ana-paula-andrade-ilhas-de-bruma.html>  
15º MACAU 2011  
[https://www.youtube.com/watch?v=dICyM1iwz8E&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=dICyM1iwz8E&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s)  
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1349-15%C2%BA-2011-macau-8-2-m%C3%BAsica-chamarita.html>  
[https://www.youtube.com/watch?v=FP-S25f6gwI&index=27&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=FP-S25f6gwI&index=27&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s)  
13º FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL 2010  
[https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=44&list=PLwjUyRyOUwOKiC\\_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=44&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)  
[https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=233&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4vtkeRI](https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=233&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI)

- É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

- VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL.

DESDE 2008 NOS COLÓQUIOS, BRAGANÇA 2008-09, LAGOA 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO 2011, LAGOA E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015, GRACIOSA 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019

5. ANTÓNIO CALLIXTO, EX-CHEFE DA UNIDADE DE TRADUÇÃO PORTUGUESA DO TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO (1986-2012) PRESENCIAL



GRACIOSA 2015

**António Callixto**, Licenciado (1974) em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.. Filólogo e investigador linguístico.

Antigo chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, Luxemburgo (1986-2012).

António Callixto é um apaixonado pelas línguas, pela linguística e pela tradução. Com 12 ou 13 anos já se dedicava à escuta dos programas em onda curta de várias emissoras internacionais, tendo-se tornado mais tarde radioamador, atividade na qual deu largas aos seus conhecimentos linguísticos. Trabalhou com línguas ao longo de toda a sua longa carreira.

Além das línguas obrigatórias (inglês e alemão), frequentou como disciplinas de opção ou cursos livres aulas de várias outras línguas e culturas (italiano, neerlandês, romeno, sueco e até árabe).



MONTALEGRE 2016



BELMONTE 2017



VILA DO PORTO 2017

Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Foi professor do ensino secundário em Portugal de 1971 a 1979. Nesse ano, embora ao serviço de Portugal, partiu para a Polónia, onde desempenhou as funções de leitor de português na Universidade de Varsóvia.

Em 1981, devido à lei marcial decretada pelo General Jaruzelski, viu-se obrigado a abandonar a Polónia e passou a desempenhar as mesmas funções na Universidade de Helsínquia, na Finlândia. As línguas destes dois países não lhe passaram despercebidas, tendo adquirido conhecimentos razoáveis de finlandês e bastante bons de polaco. Em 1986 (ano da adesão de Portugal à então CEE) foi nomeado chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, lugar que ocupou até à sua aposentação no último dia do ano de 2012. No exercício dessas funções, participou e representou aquela instituição em vários seminários e congressos sobre temas linguísticos e ligados à tradução.

Em 1990, num original concurso organizado por uma instituição de ensino superior belga, António Callixto alcançou um dos primeiros lugares, tendo provado ser capaz de comunicar em 12 línguas.

É SÓCIO DA AICL.

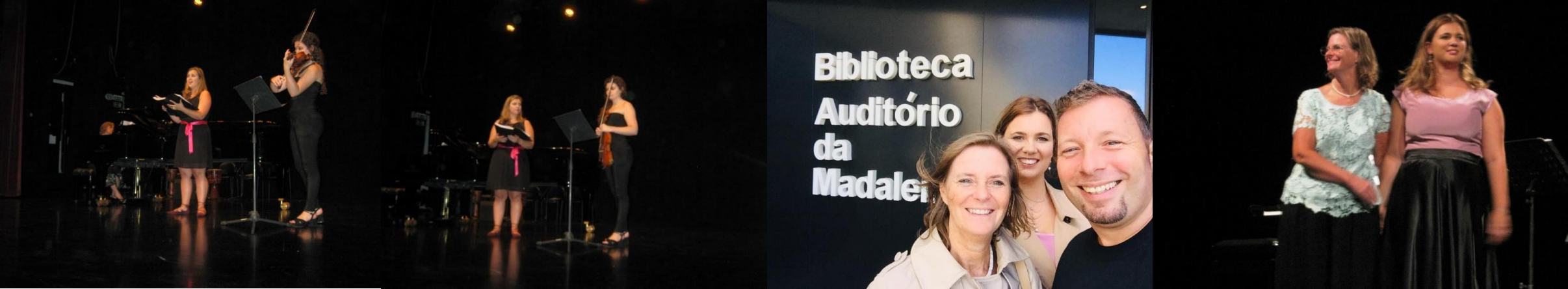
- PARTICIPOU NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO DA ESE - IPB, BRAGANÇA 2004 QUE FEZ PARTE E ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2004 E NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017, 28º EM VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018, 31º BELMONTE 2019

6. ANTÓNIO COSTA, BELMONTE, PRESENCIAL



ESTEVE PRESENTE NO 30º NA MADALENA DO PICO 2018

7. CARINA ANDRADE, UNIVERSIDADE AVEIRO, SOPRANO, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA A confirmar



26º LOMBA DA MAIA 2016

30º MADALENA DO PICO 2018



30º MADALENA DO PICO 2018



30º MADALENA DO PICO 2018



**OUÇA-A AQUI**

NO 26º COLÓQUIO NA LOMBA DA MAIA 2016

<https://youtu.be/53RWFHNBWx8>

NO 30º MADALENA DO PICO 2018

[https://youtu.be/fYZEFAXGHDK?list=PLWJUyRYOUWOKIC\\_SKWJM3DQRE3-GIGL7A](https://youtu.be/fYZEFAXGHDK?list=PLWJUyRYOUWOKIC_SKWJM3DQRE3-GIGL7A)

OUÇA-A AQUI EM MARIA NOBODY NA MADALENA DO PICO 2018

<https://www.youtube.com/watch?v=V3LHDM8XU3M>

**PARTICIPOU NO 27º LOMBA DA MAIA E 30º MADALENA DO PICO**

**ATUA NOS RECITAIS**

**8. CAROLINA CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA AICL**



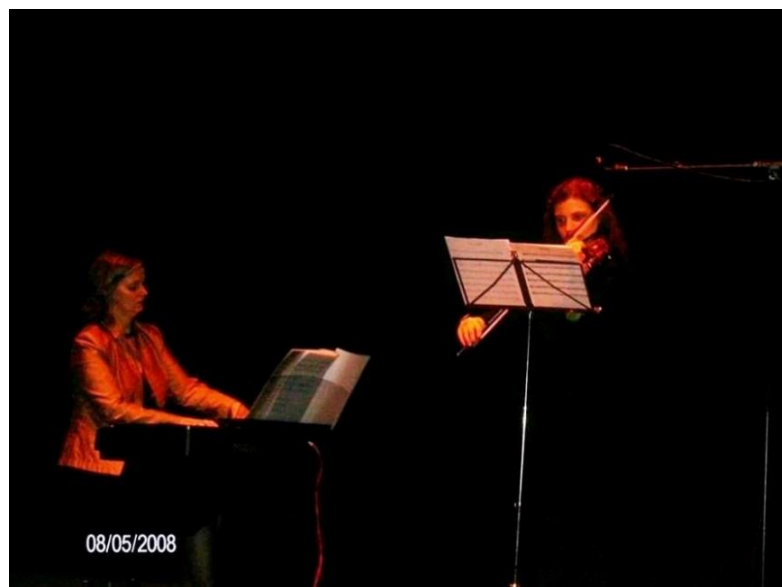
28º VILA DO PORTO 2017



28º VILA DO PORTO 2017



29º BELMONTE 2018



9º LAGOA 2009



23º FUNDÃO 2015



24º GRACIOSA 2015



26º LOMBA DA MAIA 016



18º GALIZA 2012



25º MONTALEGRE 2016



29º BELMONTE 2018



**ANA CAROLINA ANDRADE CONSTÂNCIA** – Nasceu em Ponta Delgada, a 24 de abril de 1993.

Aos seis anos iniciou os estudos de Violino no Conservatório Regional de Ponta Delgada, na classe da professora Antonella Pincenna.

No curso básico de ingressou na classe da professora Natália Zhilkina, com quem concluiu o 8º grau do curso complementar.

Foi selecionada para participar nos estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música realizados no Funchal (2009), Ponta Delgada (2010) e Coimbra (2011).

Participou em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana, e ainda nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena. Em abril de 2012 e 2013 participou num estágio de orquestra de jovens na Alemanha (Bayreuth), sob a direção de Nicolas Richer, constituída por jovens músicos de vários países da Europa, realizando concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig.

É licenciada em Matemática pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

É mestranda em Ciências Económicas e Empresariais na Universidade dos Açores, exercendo atualmente funções profissionais no setor bancário.

Apesar da sua paixão pela música e pela matemática, desenvolveu, desde cedo, o gosto pela literatura e pela escrita, tendo lançado em 2017 o seu primeiro romance “Aurora”.

Como refere nas capas do livro, é “uma história assente na busca constante da felicidade, com todos os medos e obstáculos próprios do caminho, que nos faz pensar na vida e em tudo o que ela nos reserva”.

OUÇA-A AQUI EM

2011 RIBEIRA GRANDE APRESENTAÇÃO CHRÓNICAÇORES

[https://youtu.be/wNQ\\_84RCITK](https://youtu.be/wNQ_84RCITK)

20º COLÓQUIO SEIA 2013

<https://youtu.be/cZQI8LMP7WO>

23º FUNDÃO 2015

<https://youtu.be/MBPCX7BA00S>

24º COLÓQUIO GRACIOSA 2015

<https://youtu.be/3TQGUAVRPQS>

[https://www.youtube.com/watch?v=3TQGUAVRPQS&T=2S&INDEX=63&LIST=PLWJUYYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKER/](https://www.youtube.com/watch?v=3TQGUAVRPQS&T=2S&INDEX=63&LIST=PLWJUYYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER/)

25º COLÓQUIO MONTALEGRE 2016

[https://youtu.be/H5\\_RN0TFB\\_M](https://youtu.be/H5_RN0TFB_M)

26º COLÓQUIO LOMBA DA MAIA 2016

<https://youtu.be/53RWFHWBWX8>

27º COLÓQUIO BELMONTE 2017

<https://youtu.be/wAABUXDCQLA>

29º COLÓQUIO BELMONTE 2018

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2447-29%C2%BA-COL%C3%B3quio-Belmonte-Ana-Paula-Andrade-Vol-2.html>

**ATUA NOS RECITAIS**

*PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ EM 2008 NA LAGOA TENDO SEGUIDAMENTE PARTICIPADO NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2009, VILA DO PORTO 2011, OURENSE 2012. SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO E GRACIOSA 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA 2016, VILA DO PORTO 2017, BELMONTE 2017, 2018, 2019*

**9. CAROLINA CORDEIRO, ESCRITORA, UNIV DOS AÇORES AICL.**



26º LOMBA 2016



27º BELMONTE 2017



25º MONTALEGRE 2016



29º BELMONTE 2018

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

**CAROLINA CORDEIRO** Carolina Cordeiro é licenciada em Estudos Portugueses e Ingleses, pela Universidade dos Açores e pós-graduada em Língua Portuguesa — Investigação e Ensino (Universidade Aberta).

Desde 2005 que tem vindo a aproximar a sua profissão de professora e formadora à escrita criativa. Leciona as línguas portuguesa, inglesa e alemã.

Publicou os seus primeiros poemas na coletânea *The International Who's Who in Poetry* (International Library of Poetry. 2004). Mais tarde, em 2012, publicou o seu primeiro livro de poesia *Invictas Brotassem*, sob o pseudónimo Clarice Nunes-Dorval, com a chancela da Chiado Editora. Em 2013, participou na *Antologia de Poesia Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho", vol. IV* (Chiado Editora) bem como na *Antologia Nós Poetas Editamos — PARTE V* (2014).

Em dezembro de 2013, editou o primeiro volume da trilogia Tempo, com o seu romance histórico *No Meu Tempo* (Pastelaria Estudios); e, em junho de 2015, apresentou o segundo volume, o romance *Naquele Tempo* (Letras Lavadas).

Tem participado, regularmente, em diversas revistas e jornais literários regionais e nacionais. De igual modo, coordena campos de férias e ministra workshops de escrita criativa, a públicos de diversas idades.

Entre 2013 e 2015, representou e colaborou com o programa EscreViver (n)os Açores; foi vencedora do concurso de poemas *Calendário Artelogy 2014*; e, em 2016, foi vencedora da 4ª edição do Prémio de Escrita MiratecArts com o conto “Conto da Mulher de Cordas”.

Carolina Cordeiro tem dinamizado vários eventos, em diversas escolas, com pequenos contos infantis tentando projetar a leitura como “bem essencial à vida”.

Participa ativamente no *Azores Fringe Festival* e, presentemente, é uma das responsáveis pela área cultural da Casa do Povo de S. Vicente Ferreira. Encontra-se a desenvolver a tese de mestrado com foco em Daniel de Sá e a componente autobiográfica da escrita açoriana.



26º LOMBA DA MAIA 2016



30º MADALENA DO PICO



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018

**Tema - Fernando Aires: autobiografia ou diário?** Carolina M. O. Cordeiro, Universidade dos Açores — Colégio do Castanheiro

Tendo em conta as noções quer de autobiografia quer de diário e baseando-nos na obra *Era uma vez o Tempo*, de Fernando Aires, com classificariámos essa mesma obra? Que distinção haverá entre autobiografia e diário? De que modo pode um leitor interpretar as palavras de um autor como sendo estes relatos da realidade, de memória ou apenas como mera ficção? Não será o relato de uma memória, ficção? Que noções do autor se podem ou se devem inferir a partir da frase de um texto literário? As respostas, a esse conjunto de questões, serão aquelas a que tentaremos dar resposta, tendo por base excertos da obra de Aires, através dos quais tentaremos aferir que, não obstante do género discursivo, um autor é sempre autobiográfico na sua escrita.

Os modos e géneros literários são, ainda hoje, um campo especial de estudo por propiciarem um entendimento profícuo não só das clássicas definições mas também das modernas tendências de escrita. A cada avanço tecnológico, a tendência é constatar que o que era norma nas décadas ou séculos passados, agora é algo visto, amiúde, como obsoleto. É óbvio que cada inovação parte de um clássico e cada escrito de hoje é, na nossa opinião, uma mera reinterpretação de um passado que nos une a todos.

Vários estudos viabilizaram o entendimento da escrita como o meio de comunicação mais pessoal que podemos, a priori, aferir. Ao escrever qualquer palavra, cada autor entende que aquilo que escreve é resultado do que é e do que sabe e ainda do que aprendeu a ser ou a querer ser. Cada escrito é, em último caso, um pedaço de biografia, autobiografia portanto. Então, o quão dispar é a produção textual do relato do nosso quotidiano, logo diário, face a esse registo de escrita mais ponderado? Eis a questão que nos propomos a dilucidar tendo como base a obra de Fernando Aires, uma obra classificada como diarística e que tentaremos estudá-la fundamentalmente como tal, dissolvendo as dúvidas de que poderiam ser autobiográficas, no seu cerne.

Segundo Sofia Rosado, no seu artigo sobre autobiografia, no Dicionário de Termos Literários de Carlos Seia, afirma que autobiografia, obviamente, provém de “biografia” que, tem por base um “termo etimologicamente composto por *bio-* (indicativo da ideia de “vida”, com origem no grego *bíos*) e *-grafia* (de *grafo* [+ sufixo *-ia*], elemento de composição culta, que traduz as ideias de “escrever” e “descrever”, com origem no grego *grápho-*, “escrever”)" (Rosado: XXXX) e tendo em conta que

*“O género **biografia** é um ramo da literatura que se dedica à descrição ou narração da vida de alguém que se notabilizou de alguma forma. Em sentido restrito, uma B. reporta-se a toda a extensão da vida do biografado pretendendo não somente recontar os eventos que a compõem mas também recriar a imagem dele como é/era/foi. Inclui necessariamente o nome do biografado, a data do seu nascimento, a sua naturalidade, filiação, habilitações literárias, profissões desempenhadas, circunstâncias em que escreveu as suas obras e respetivo enquadramento literário, apreciação crítica dos seus escritos e prémios recebidos. (...) “Em termos estéticos, a B. deve assumir uma responsabilidade para com a verdade que não anule a imaginação. O biógrafo transforma simples informação em engenho: ao inventar ou suprimir material para criar um determinado efeito, falha na verdade; se se contenta com o relato dos factos, falha na arte. Esta tensão valoriza a tarefa biográfica (enquanto tarefa artística), sugerindo a cronologia ao mesmo tempo que evidencia os padrões de comportamento que conferem forma e significado à vida do biografado.” (Rosado: XXX)*

Ainda segundo Rosado, “Na ficção apresentada como B., o romance apresenta-se-nos escrito sob a forma de B. ou de autobiografia (...) e num sentido mais restrito, as cartas, os diários íntimos e as B. baseadas em obras e documentos do biografado onde se incluem também as Autobiografias.” (Rosado: XXXX) <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/biografia/>)

Sabendo já esta proposta de definição de “autobiografia”, há que tentar esclarecer a noção de “diário”. Assim sendo, considera-se que diário

*“[d]entro do universo de enunciados orais e escritos, simples e complexos, o estilo individual, está sempre presente na escolha dos géneros do discurso. Quanto menos formal o estilo, mais próximo estaremos de um tipo de discurso onde a individualidade estará presente; ao contrário, a escolha por formas enunciativas padronizadas, diretivas, por um estilo mais formal, como aquele presente em documentos oficiais, por exemplo, produz as circunstâncias onde o estilo pessoal do indivíduo é mais difícil de aparecer.”* (Oliveira: XXXX, 14)

Do nosso ponto de vista, e de acordo com Oliveira, “ o diário como estilo íntimo revela uma fusão entre locutor e destinatário.” (Oliveira: XXXX, 15). A ser o diário, em essência, um relato íntimo e secreto, de memória pessoal, os diários que são considerados por literários seriam aqueles que “são frequentemente publicados e tornam-se produtos de consumo de massa.” (Ibidem, 17) Obviamente que, para tal, teríamos que recorrer à velha questão do que é Literatura e Cânone literário ou à questão financeira de quantos são precisos vender para se ter notoriedade.

No geral, e no decurso das últimas dezenas de anos, “o diário foi muito mais do que uma simples recordação dos pensamentos e das ações do escritor. Ele é um supremo trabalho de arte, revelando sobre cada página a capacidade para selecionar o pequeno, tão bem quanto o grande, o essencial que carrega o senso da vida” (Ibidem, 45) ou como “Lowenstein observa (...) “a manutenção do diário é análoga a traçar o desenvolvimento da autoconsciência”; enquanto Fothergill sugere que ela pode ser vista como “a manifestação da história da sensibilidade” (Ibidem, 65 *apud*, Gannett: 1992, 105).”

A publicação e venda de um diário literário remete-nos sempre a várias questões e a fundamental é saber o porquê manter um diário? Podemos considerar várias hipóteses, tais como:

*“alargar a autoconsciência; explorar a identidade pessoal; ter um confidente; colocar sentimentos e emoções sobre o papel; criar senso de continuidade em nossas vidas; preservar a memória de pessoas, eventos, de nós mesmos; lutar contra a descontinuidade, mudança, perda e angústia; explorar impulsos criativos; capturar ideias para histórias, poemas e outros projetos; recordar e explorar sonhos; celebrar graças e sucessos; engajar-se em um diálogo com o mundo em torno de nós; descobrir o que é sagrado em nossas vidas; aprofundar nossas jornadas espirituais; relembrar membros familiares e amigos queridos; entender a história de nossas vidas; arrumar pensamentos e clarear ideias; fazer um balanço de nossas vidas, de tempos em tempos; clarear nossas propostas de vida; esquadrinhar o desejo do inconsciente; e outras.* ( [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt))

Para além desta listagem, podemos ainda referenciar

“Outro autor inglês, Ronald Blythe, em *The Pleasures of the Diaries - Four Centuries of Private Writing*, [que] classifica os diários a partir da posição de seus autores, abrangendo na classificação 13 tipos diferentes: o diarista como testemunha, o diarista apaixonado, o diarista e o casamento difícil, o diarista na vila, o diarista como naturalista, o diarista doente, o diarista na loja, o diarista na guerra, o diarista como artista, diários e realeza, o diarista em rota, o diarista em desespero, o diarista e a morte.” (Oliveira: XXXX, 43)

No caso particular do autor que estamos hoje a estudar, Fernando Aires, podemos dizer que o que motivou a criação de um diário tenha sido a questão da preocupação com a passagem do tempo, aliás como sugere “Culley [que] destaca, ainda, o interesse do diarista em “segurar a passagem do tempo”, ideia associada ao que Schiwy chamou de “criar senso de continuidade em nossas vidas”. (Oliveira: XXXX, 70/71). Neste registo,

*“O tempo não é olhado de um ponto fixo, como na memória e na autobiografia; ou estruturado em um todo narrativo, como no romance, mas acontece num presente contínuo. Ao ler um diário, o leitor é levado a realizar a mesma jornada do diarista, recriando com ele, em paralelo, a continuidade, a partir de uma aparente descontinuidade de fatos e eventos. O leitor torna-se, portanto, um elo importante na estrutura que atualiza o valor da noção de continuidade de diários.”* (Oliveira: XXXX, 72)

Quer autobiografia quer diário assentam em relatos da experiência vivida pelo emissor de tais documentos onde é preciso não olvidar um elemento decisivo: a memória. Segundo Sofia Paixão, a memória é um termo que reflete

*“O homem [que] parte das coisas para que elas lhe provoquem uma recordação ou reminiscência (anamnesis) das ideias já contempladas. Conhecer é recordar o que está dentro de nós, as ideias anteriormente vislumbradas. (...) O poeta não canta a Verdade, mas sim verdades possíveis. Segundo Aristóteles, o ofício do poeta é o de representar o que poderia acontecer, ou seja, o que seria possível de acordo com a verosimilhança, retirando assim à poesia a detenção da Verdade sobre o que realmente aconteceu. Porém, as verdades da poesia revestem-se de um carácter indeterminado, enigmático, são verdades prometidas na linguagem do poema, passíveis de interpretação. A presença sensível dessas verdades enigmáticas leva a que a memória encerrada no poema seja reencontrada e reinventada. Assim, afastamo-nos do conceito de poesia como representação, porque a sua linguagem não representa, mas sim faz pressentir o indizível anterior à construção do poema. A poesia não é a expressão dos factos passados a partir de uma ativação da memória, mas sim a suspensão desse indizível imemorial buscado pela linguagem poética. Estamos perante a inacessibilidade da Palavra originária. (...) Assim sendo, a memória é entendida como retenção de um dado conhecimento, mas também como ativadora da imaginação e das capacidades de interpretação, problematização e reinvenção, as quais atuam sobre o que é recordado pelo sujeito. Nestes termos, é possível a aproximação à história literária, partindo dos conceitos de cultura, tradição e modernidade. (...) Daí que uma das funções da cultura seja a proposta de modelos que têm no seu cerne a adaptação da tradição a novos modos de vida. Desta forma, estabelece-se um acordo entre o passado e o presente, visando o futuro e, neste projeto, a memória tem um papel preponderante como reminiscência e não apenas como memorização de várias experiências. Quando aplicado no plural, o termo memória relaciona-se muitas vezes com a autobiografia, o diário e com a literatura confessional, em geral. Nestes casos, a narrativa é escrita na primeira pessoa e o relato das experiências pessoais funciona frequentemente como auto-revelação, na sequência do humanismo antropocêntrico do período renascentista que, encorajando a análise e a exploração da subjectividade, influenciou a produção* <http://coloquios.lusofonias.net/XXXI/> 43

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

*de autobiografias. As memórias constituem-se igualmente como artifícios ficcionais, sendo o autor uma personagem de um universo essencialmente fictício. (...) Assim, o romance confessional sugere um tipo de autobiografia ficcional, onde o autor poderá assumir uma personalidade que não é a sua.* (Paixão: 2009) <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/memoria/>

Na obra *Le Pacte Autobiographique*, Lejeune revela que

*"a autobiografia obriga a identidade entre autor, narrador e personagem. Neste sentido, o diário, como forma de escrita autobiográfica, codificada pela fusão entre autor-narrador (sujeito da enunciação é o mesmo sujeito do enunciado), também vai exibir outros elementos que o codificam discursivamente e acabam por diferenciá-lo de outras formas de narrativas autobiográficas, como a autobiografia, a biografia e a memória. Em relação ao tempo, o diário diferencia-se pelo facto de não cultivar a forma narrativa sob retrospectiva, como fazem a memória, a biografia e a autobiografia. Ele se atém ao momento presente, registando no dia-a-dia factos e eventos. Em relação à biografia, além da memória em retrospecto, a identidade autor-narrador pode coincidir ou não. "O importante é que, se o autor emprega a primeira pessoa, não é para falar do personagem principal da história". Isto porque, na biografia, "a semelhança deve fundar a identidade". Ou seja, não há uma colagem identitária entre autor-narrador. Já na autobiografia, ao contrário, "a identidade é que vai fundar a semelhança", lembra Lejeune. Na memória, por sua vez, há coincidência entre autor-narrador, mas o género se diferencia em relação aos diários, pelo narrativa em retrospectiva."* (Oliveira: XXXX, 16-17)

Entendendo, assim, as definições acima apresentadas, cremos que a linha que os distingue é ténue. Na opinião de Maingueneau, “(...) qualquer género discursivo está associado a uma determinada organização textual (Maingueneau, 1998:54) e assume que existem múltiplos eixos implicados, por exemplo, quanto à temporalidade de um discurso: a sua periodicidade, o seu tempo de ocorrência, uma continuidade, uma alternância, uma duração de perimação, etc.” (Oliveira: XXXX, 6)

Ora, em consideração ao que acima foi descrito, e tendo este trabalho o assento em Fernando Aires, que

*“[d]e entre os autores açorianos contemporâneos, aquele que mais atenção e sensibilidade revela ao ambiente geográfico – a paisagem, a vegetação, o mar, o tempo, os elementos em geral, a luz – é sem dúvida Fernando Aires. Os cinco volumes do seu diário – Era Uma Tez o Tempo – têm sido apontados como um momento único de sensibilidade estética ao meio físico que tão inconfundivelmente identifica o espaço insular. ( ...)”* (Basil: XXXX. 22-23)

Todas as classificações acerca da obra de Aires são, efetivamente, de diário nós não a descuramos. A obra é na maior aceção da palavra um diário: tem registo cronológico (mesmo que não consecutivo); há a presença de um emissor que relata a sua vida em primeira pessoa e, toda a sua produção, em primeira instância, não seria com objetivo último de publicação, mas apenas para uma forma de libertação e de registo escrito das suas questões mais elementares até à questão que mais o afligia, aliás como acima já o referimos: o tempo. Aires insere-se, claramente, na categoria de literatura de cariz diarístico e, como tal, neste caso, do nosso ponto de vista, com laivos autobiográficos. Cada diário tem as suas idiossincrasias mas no caso do nosso autor, a cada leitura de entrada do seu diário, mais nos convencemos que o texto é um relato da vida do autor, daí que a noção de autobiografia seja pertinente.

Onésimo Teotónio Almeida, no prefácio ao terceiro diário afirma que “para além da obra literária, havia (...) a marca profunda de autenticidade”. (Franco, 2015: 370). O mesmo Almeida afirma, no mesmo prefácio, que

*“Se um diário é sempre uma meia-confissão, ou uma espécie de exposição controlada, há um vício que assassina qualquer tentativa nesse género literário: notar-se a consciência que o ator possui de estar a atuar e de, por isso, trabalhar as poses. A primeira grande qualidade de encenação do palco onde o autor Fernando Aires põe o ator do mesmo nome está em não cair nesse vício. Era Uma Vez o Tempo prima mesmo por uma simplicidade natural e a natureza constituem já de si um cenário poderoso. O dia a dia na ilha dos ventos e do silêncio, das manhãs fulgurantes e das tardes melancólicas, do cinzento e dos mil tons de verde, lá estão constantemente numa justa medida a condicionar e a afetar a rotina de um simples mortal com «um punhado de areia nas mãos» (...) vivendo o seu drama existencial desprentensiosa nas convictamente, cavando nas rochas duras da lava dos costumes sociais e seu espaço de liberdade.”* (Franco, 2015: 371)

Ao afirmar que “O artista é aquele que, ao narrar-nos o seu microcosmo, consegue fazê-lo de modo que o leitor veja lá também o seu.” (Ibidem, 2015: 371) Almeida está a admitir que o enunciador do texto de Aires, por muito pessoal que esteja refletido na sua escrita, aquilo que Aires propõe é, indelevelmente, um relato da sua rotina que a faz tão semelhante como a de qualquer um dos seus leitores, esmorecendo a teoria de autobiografia e elevando a de diário. Ainda segundo Almeida: “Num diário, não são os factos da vida privada do próximo o que me fascina. É o modo como os diaristas descrevem as chatices e os pequenos sorrisos, a monotonia e os brevíssimos fulgores do quotidiano de todos nós” (Ibidem, 2015: 372).

Para o entendimento específico do nosso caso de estudo, veja-se, por exemplo, as entradas de:

2 de novembro de 1990 — “Saindo a barra, ia um navio sozinho. Os mastros balançados, livres, livres, A ria como uma gume. Num instante era só uma sombra - e as mulheres benzeram-se, fizeram velhíssimos gestos de exorcismo. Os cabelos desmanchados de vento. O xaile tapando a cara. Aquele coro rouco, tão antigo no coração dos homens. Tudo tão velho: o céu baço, a raiva, o lamento das mulheres de cara tapada e de cabelos aio vento. Dói-me cuidados de quem anda no desafio à morte. quotidianamente,. Um suor feito se saibro e de maldição.” (Franco, 2015: 378)

Ponta Delgada, 7 de novembro 90 — “ Encontro num armário vários números do Açores de 1976. Folheio alguns e é como levantar a tampa de um baú onde se tivesse aferrolhado o passado um cheiro a mofo e a traças. A imobilidade soturna a amarelecer de esquecida. (...) Fico a olhar em silêncio as letras impressas a negro sobre o tempo passado. As curtas vidas imoladas para nada. Aqueles nomes sem rosto, sepultados no fundo do meu armário. Não há medida humana que te meça, tempo que tudo encerras. Tempo tão perto de tão distante.” (Franco, 2015: 381)

Abril, 1991 — “ Hoje, dia sete. Desde o fim de novembro que não acrescento uma linha a este escrito. Súbito cansaço de mim? (...) Como eu disse, saiu o 2º volume deste Diário, e eu tive ocasião de estar entre as pessoas a ouvir falar de mim. Ontem à noite foi a ocasião de ouvir o meu nome repetido no silêncio de uma sala cheia de gente. A impressão que isso faz. A gente vive de cerro modo numa espécie de segredo para passar despercebido, pedindo desculpa de ocupar lugar entre os vivos. Não vou tão longe. No que me diz respeito, geralmente, em voz que se ouça e até, às vezes, bato os pés no chão com raiva. Isto só às vezes — porque não foi isso que me ensinaram a fazer. O que me ensinaram foi a incoerente comédia das dignidades que, talvez por cobardia, assimilei, mas que não garanto ter sempre posto em cena.” (Franco, 2015: 384-385)

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

20 de maio — “ Assim me purifico do enrugado das horas a olhar o mar — aquela flor enorme e azul no extremo do seu pedúnculo. As obras dos homens envelhecem todos os dias: envelhecem as cidades, envelhecem os regíamos, as repúblicas. E até Deus envelhece. Só o mar é pura juventude ate onde os seus límpidos caminhos alcançam. Presença que é força, abismo, cólera e delicada mesura. Deslumbrado olhar.” (Franco, 2015: 385)

5 de junho — “O meu monólogo sempre inacabado, tomado e interrompido para ser retomado, sem nunca ter uma resposta final. O pensamento errante, inapreensível e ambíguo. Às vezes a intuição a agarrar aqui e acolha pedaços disperso das coisas inapreensível que desde todo o sempre estão aí para serem.” (Franco, 2015: 386)

8 de junho — “Mais um dia. O quarto na mesma luz reticente de todas as manhãs. Na presença dos mesmo móveis perfilados nos mesmos lugares. Os vidros da janela a quadriculares a mesma paisagem. Os ruídos vendo dos mesmos pontos cardeais, identificados e sempre os mesmos. Sinto crescer pensamentos e sentimentos que todos já devem ter sentido. A perplexidade de ser uma coisa atirada à costa, na promiscuidade dos litorais. Entretanto, vou deixando aqui um contrafeito registo do meu mundo e da sua inalterável absurdidade. Um mundo que anda à roda (e anda à roda, e anda à roda) de si mesmo, como um boi cego a tirar água à nora.” (Franco, 2015: 386)

Poderíamos elencar muitos mais outros exemplos de Aires, mas creio que os apresentados refletem a indicação *qua* autobiográfica do seu diário, sem que o seu intuito o seja assim tão abertamente pessoal. Aliás, a noção de ficcionalidade também está presente nos seus registos, e para tal temos o exemplo da entrada de 14 de junho:

*“ A literatura tem de provocar surpresa. As pessoas têm de ser lavadas a dizer consigo, à medida que vão lendo: Hein? Isto soa a novo. Isto já foi dito mas não desta maneira! O leitor então concentra-se. E vai lendo. Espanta-se e diz: Ah, não!... Abana a cabeça. Ri. Enternece-se Choca-se. Às tantas t em de fazer mesmo uma pausa na sua comoção ou na sua surpresa. Respirar fundo antes de prosseguir. Repetir, que em voz alta: Mas é inesperado! E como é subtil e verdadeiro! Oh!... Há livros que a gente arrasta, penosamente, como um cepo por uma ladeira acima. Outros, a gente abre, começa a ler, e é assim logo nas primeiras linhas (...) Lê-se isto, e então sentimo-nos logo dispostos a aderir, a participar do jogo maravilhoso, todos excitados de surpresa. Despertos. Fazendo magote em torno do livro que alguém escreveu e está ali, entre as nossas mãos, como um astro caído do céu.”* (Franco, 2015: 391)

### Conclusão:

A escrita de Aires é poética, é diarística, é ficcional e é o espelho daquilo que comove e move, amiúde, cada um de nós. O relato dos dias, neste Diário III, é um baloiço que vai vazio em direção ao espaço e que regressa a nós cheio de emoção. A sua escrita é profícua e de tal forma que nos resta pouco espaço para tantas citações que podemos mostrar ao mundo a qualidade do diário de Fernando Aires.

Por muito ténue que seja a diferença entre autobiografia e diário, temos que ter em mente que a autobiografia tem por base um conjunto de provas e factos biográficos enquanto que o diário assenta, em grande parte, na visão que o seu emissor tem de si e do seu mundo. O diarista olha o mundo com um olhar pessoal e até, por vezes, distanciado, baseando-se em elementos que podem comportar a ficcionalidade e a falível ferramenta da memória.

*Era uma vez o tempo*, de Fernando Aires, é um exemplo de como um diarista nos transporta para a realidade emotiva de um espaço, de uma época e de um estado sem que tenha de, para isso, elaborar um mundo distante do que o seu, na realidade, é. É, também, não só uma leitura mas como uma escrita pessoal que faz dessa obra um exemplo único no universo da literatura açoriana.

### Bibliografia

FRANCO, Maria João Ruivo. (Org). Fernando Aires - Era uma vez o Tempo, Diário. Guimarães: Opera Omnia, outubro, 2015. ISBN: 978-989-8309-85-3.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como género discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Universidade Federal da Bahia

SEARA, Isabel Roboredo. A construção de um espaço de tertúlia no blogue: estudo sociopragmático. Universidade Aberta

TUTIKIAN, Jane e BRASIL, Luiz António de Assis (orgs.) Mar Horizonte Literaturas insulares lusófonas. Artigo de Nem sempre o mar à vista: condicionantes para um estudo do espaço literário açoriano. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Diários públicos, mundos privados 71, acedido a 1 de setembro, em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).

CADERNO AÇORIANO Nº 31

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/884/CADERNO-31-CAROLINA-CORDEIRO-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-(E-SUPLEMENTOS)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/884/CADERNO-31-CAROLINA-CORDEIRO-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF)

SÓCIO DA AICL

SECRETÁRIA DO CONSELHO FISCAL DA AICL

PARTICIPOU EM SEIA 2014 NO 22º COLÓQUIO, NO 25º COLÓQUIO EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019

**10. CHRYS CHRYSTELLO. AGLP, MEEA-AJA E UTS SYDNEY, NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA.**



2 OUT.º 2016 - 26º LOMBA DA MAIA 2016



25º MONTALEGRE 2016



26º LOMBA DA MAIA 2016



29º BELMONTE 2018



15º MACAU 2011



30º MADALENA DO PICO 2018



24º GRACIOSA 2015



12º BRAGANÇA 2008



28º VILA DO PORTO 2017



15º MACAU 2010



POESIA, GRUTA DE CAMÕES 15º COLÓQUIO MACAU 2011

CHRYS CHRYSTELLO, cidadão australiano, multicultural, de uma família mesclada de Alemão, Galego, Português, Brasileiro e marrano transmontano.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Publicou o seu 1º livro (poesia) em 1972.

O exército colonial português levou-o a Timor (73-75) onde foi Editor-chefe do jornal A Voz de Timor.

Jornalista desde 1967 (rádio, TV e imprensa) escreveu sobre o drama de Timor-Leste.

Foi Executivo na Eletricidade de Macau (1976-82). Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor na rádio e TV (Macau e HK).

Em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural. Foi Jornalista, Tradutor, Intérprete em ministérios federais e estaduais australianos.

Divulgou a descoberta portuguesa da Austrália 1521-25 e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português.

Desde 2017 é JORNALISTA membro vitalício Honorário da MEEA-AJA [Australian Journalists' Association] por ter atingido 50 anos de profissão.

Tradutor Profissional desde 1984

Fundador do AUSIT 1989

Lecionou Tradutologia na UTS (Univ. Tecnologia de Sydney), sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa no Australia Council (1999-05).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012);

Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000.

Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012);

Foi Consultor do Programa REMA, UAçores. (2008-12).

Académico Correspondente da AGLP desde 2012,

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - Oceânia - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (32 edições, 2 ao ano). <https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> [www.lusofonias.com](http://www.lusofonias.com)

Atual colunista do Diário de Trás-os-Montes desde 2005, do Diário dos Açores desde 2018 e Tribuna das Ilhas desde 2019.

### ALGUMA BIBLIOGRAFIA LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS

2019 Poema “Não quero saber o teu nome” in vol. XI da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado

2019. **CrónicaAçores: uma circum-navegação**, vol. 4 – 2011-2018 versão Quase final <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1175/chronicacores-2011-2019-vol-4-draft-sem-cortes.pdf>

2019. **CrónicaAçores: uma circum-navegação**, vol. 3 – 2005-2018 versão Quase final <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1024/chronicacores-VOL.-3-vol-2005-2018-rascunho-sem-cortes.pdf>  
<https://www.academia.edu/s/22eafae916/chronicacores-uma-circum-navegacao-volume-3-chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores?source=link>

2018. Poema “Partir II” in vol. X da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado ED ISBN: 9789895243648

2018 FOTOEMAS foto-book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro <http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas> ISBN: 9781388351083

2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

2018. **CrónicaAçores: uma circum-navegação**, vol. 2, 3ª ed. [https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-\(3%C2%AA-ed-2018\).pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf)

2018, **CrónicaAçores: uma circum-navegação**, vol. 1, 3ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores,-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf>

2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. AICL e Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada

2'17, revisão, compilação e Tradução de “O mundo perdido de Timor-Leste” de José Ramos-Horta ed. AICL e LIDEL

2017. Poema “Maria Nobody” in vol. VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado ED. ISBN: 9789895215423

2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Univ. Beira Interior, org. Alexandre da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório

2017. “Três poemas açorianos” in Antologia ed. Artelogy dezº 2016

2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, in “Povos e Culturas - A ilha em nós”, Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa Lisboa

2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, capítulo do livro “A condição de ilhéu”, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa

2016. compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor “Um missionário açoriano em Timor” vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café

2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia

2015, **Crónicas Austrais (1978-1998 monografia)** 4ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1007/CRONICAS-AUSTRAIS-1978-1998-4%C2%AA-ed-2015.pdf>

2014. Prefácio de “O voo do Garajau” Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0807-89672015000300016](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016)

2013, **Crónicas Austrais 1978-1998**, monografia, 3ª ed. <https://www.scribd.com/document/3051472/cronicasaustrais>

2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>

2012. **Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia)** 5 vols, 40 anos de vida literária, ISBN 9789728985646 ED. AICL e Calendário de Letras 2012

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3-Historia-de-Timor.pdf>

2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>

2012, Tradução “Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine” de Caetano Valadão Serpa

2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.

2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>  
[/ https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992](https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992)

2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras

2011, CrónicaAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras <http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55>

2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor

2009, CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, <https://www.scribd.com/doc/39955110/chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores-volume-um-da-trilogia>

2009, CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009

2008, Tradução para inglês de “S. Miguel uma ilha esculpida” Daniel de Sá. Ed. VerAçor.

2008, Tradução de “Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel” Victor Rui Dore, prelo, ed. VerAçor.

2008, Prefácio e Revisão “A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse” de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada

2007, Tradução para inglês “E das pedras se fez vinho” de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal

2007, Tradução para inglês, “Santa Maria Ilha Mãe” Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal

2005, coautor tradução para português “The Lost painting” Jonathan Harr, ed. Presença

2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf> -

2004, tradução para português “A People’s War” de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal

2004, tradução para português, “Dien Bien Phu” de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal

2002, tradução de “La familia: el desafio de la diversidad” Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal

2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/microreader/cronicasCA.lit> <http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb>.

2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. [www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf](http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf),  
<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf>

2000, vol. 1 da trilogia (inglês) da História de Timor: Timor-Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. [https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng -](https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-),  
<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf>  
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf> ,

1999, vol. 1 da trilogia (português) da História de Timor: Timor-Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758

1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baía, ed. 1991-2011 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf>

1985 Crónica XI Aborígenes na Austrália <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf>

1981. Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) <https://www.scribd.com/document/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd> –

1974. Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf>

1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf> ,  
<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQI.pdf> (fac-símile do original)

### Discurso na sessão de abertura

*Agradecimentos são devidos ao prestimoso Presidente da Câmara de Santa Cruz, Manuel Avelar, bem como ao Governo Regional e suas Direções Regionais do Turismo, das Comunidades, da Cultura, ao Hotel Graciosa Resort e Adão Torres que foi seu diretor executivo até dia 29/9, , e à Neuza Muzemba atual gestora, ao Dr Jorge Cunha, diretor do Museu coordenador da vertente cultural deste evento, ao Conselho Executivo da EBS Graciosa e ao professor Fábio Mendes coordenador da vertente musical*

*O nosso apreço vai para os convidados de honra que, prontamente, aceitaram o nosso convite, escritores Teolinda Gersão, José Luís Peixoto, cientista Professor Félix Rodrigues e ao nosso mestre, decano das letras açorianas EDUÍNO de JESUS que é o homenageado da AICL em 2019.*

*Agradecemos ao nosso parceiro institucional, a Câmara de Belmonte aqui representada pelo Eng.º Joaquim Feliciano da Costa, que aqui nos traz a fabulástica voz da jovem cantante JOANA CARVALHO, e agradecemos a disponibilidade total que, desde 2018, demonstram os amigos e músicos timorenses Piki Pereira e Mintó Deus que muito enriquecerão as nossas sessões. Encómi os ainda para os convidados escritores Eduardo Bettencourt Pinto do Canadá, Jorge Arrimar de Angola, Victor Rui Dore da Graciosa, e damos as boas vindas aos novos associados o escritor Pedro Almeida Maia dos Açores, e o escritor cabo-verdiano Hilarino da Luz, terminando congratulando a presença do Conservatório Regional de Ponta Delgada, com a maestrina, compositora e pianista Ana Paula Andrade, a violinista Carolina Constância, a soprano Carina Andrade. Ao nosso incansável adjunto da direção, Pedro Paulo Câmara o nosso obrigado pelo incomensurável apoio na seleção de convidados. Por fim reiteramos a nossa gratidão ao Governo Regional aqui representado pela Secretária*

**Regional da Energia, Ambiente e Turismo (Marta Guerreiro), cujo apoio financeiro nestes últimos dois anos tem sido fundamental para o leque alargado de mais de 20 escritores presentes.** Às entidades locais, congressistas e associados participantes no 32º colóquio, o nosso muito obrigado.

Os Colóquios da Lusofonia desde 2001, pugnam por concretizar utopias num esforço coletivo, em torno de uma ideia abstrata, a união pela Língua. Assim, construímos pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou residência. Somos uma tertúlia reforçando a açorianidade e vincando a insularidade.

*A Lusofonia é uma capela sistina inacabada; é comer vatapá e goiabada, um pastel de bacalhau ou cachupa, regados com a timorense tuaka ao ritmo do samba ou marrabenta; voltara a Goa com Paulo Varela Gomes, andar descalço no Bilene com as Vozes anoitecidas de Mia Couto, rever os musseques da Luuanda de Luandino Vieira, curtir a morabeza cabo-verdiana com a boca a barlavento de Corsino Fontes, ouvir patuá macaense no Teatro D. Pedro IV na obra de Henrique de Senna-Fernandes, e na poesia de Camilo Pessanha; saborear a bebinca timorense em plena Areia Branca ao som das palavras de Francisco Borja da Costa e Fernando Sylvan, atravessar a açoriana Atlântida com mil e um autores telúricos, reencontrar em Salvador da Bahia a ginga africana, os sabores do mufete de especiarias da Amazônia, aprender candomblé e venerar Iemanjá, visitar as igrejas e casas coloridas de Ouro Preto, Olinda, Mariana, Paraty, Diamantina, e sentir algo que não se explica em Malaca, nos burghers do Sri Lanka, em Korlai ou no bairro dos Tugus em Jacarta. É esta a nossa lusofonia*

Como de costume nesta sessão vamos falar de História. O descobrimento dos Açores está envolto nas brumas que turvam os céus do arquipélago. Há várias teses sobre o tema:

1. As que sustentam que ocorreu no segundo quartel do séc. XIV, no reinado de Afonso IV<sup>36</sup>
2. As que afirmam que teria sido na primeira metade do séc. XV, por marinheiros do Infante, designadamente por Fr. Gonçalo Velho<sup>37</sup>;
3. As que conciliam estas duas correntes de opinião<sup>38</sup>.
4. A tese de que as ilhas foram anteriormente visitadas por outros povos que disso deixaram vestígios e registos cartográficos.

As primeiras fundamentam-se em mapas genoveses após 1351, onde aparecem ilhas que muitos identificam com os Açores, pela sua localização e nomes. Os mapas indicam um conhecimento das ilhas por marinheiros genoveses ao serviço de Portugal aquando do regresso das expedições às Canárias, no reinado de D. Afonso IV,

As teses que defendem o descobrimento dos Açores como obra de Frei Gonçalo Velho e marinheiros do infante D. Henrique cerca de 1431, baseiam-se na tradição oral que o cronista micalense Gaspar Frutuoso recolheu na segunda metade do séc. XVI, mas escritores como Azurara, Duarte Pacheco Pereira e outros, nunca citam o nome de Gonçalo Velho.

As teses ecléticas consideram que o descobrimento data de D. Afonso IV e que as viagens por ordem do infante D. Henrique foram de simples reconhecimento. O mapa de Beccario datado de 1435, assinala a maior parte das ilhas dos Açores como “insule de nuovo reperte”. O Prof. Damião Peres, lendo atentamente a inscrição da Carta de Valsequa (de 1439), defende que “as ilhas foram achadas por Diogo de Sunis (ou de Silves), piloto de el-rei de Portugal no ano de 1427”. Só em 1452 as Flores e Corvo seriam reconhecidas por Diogo de Teive.

E por fim, a teoria de que existem provas de presença anterior à dos Portugueses consubstanciadas em vestígios, de presença, registos históricos e evidências arqueológicas e outras.

Perante a ausência de fontes credíveis<sup>39</sup>, não é possível identificar com certeza a data da descoberta da Graciosa, no grupo central do arquipélago. Terá sido avistada em 1427, pelo piloto régio Diogo de Silves, como aponta um mapa elaborado em 1439 pelo navegador natural de Maiorca, Gabriel de Vallseca. Na década de 1440, terá sido lançado na ilha algum gado diverso (vacas, cabras, ovelhas, coelhos...) e aves domésticas, de acordo com a ordem emanada pela Coroa portuguesa, em 1439. Crê-se que, por volta de 1450, tenham chegado à ilha,

36 (H. Major, Ferreira de Serpa, etc.);

37 (cardeal Saraiva, Aires de Sá, etc.)

38 (Jordão de Freitas, Velho Arruda, etc.)

39 <https://www.iac-azores.org/iac2018/projetos/IPIA/graciosa/santacruz/graciosa-ilha-esquecida.html>

## Bibliografia:

A. Ferreira De Serpa. O Descobrimento Dos Açores, Porto, 1925.

AAVV, História dos Açores, 2 volumes, Angra do Heroísmo, IAC, 2008.

Agostinho de Montalverne (Frei), Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2ª edição, volume III, 1994.

Aires De São. Frei Gonçalo Velho Lisboa (2 vols).

Anais da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1990.

António Cordeiro (Padre), Historia Insulana das Ilhas a Portugal Sugyatas no Oceano Occidental, edição fac-similada da edição Príncipeps de 1717, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1981.

Arquivo Dos Açores, “Coleção Pta. Delgada” (15 vols.).

Boletim C. R. C. A. A.” Coleção Pta. Delgada” (28 Tornos).

Cardeal Saraiva. Índice Cronológico Das Navegações, etc. Lisboa. 1841.

Damião Peres. História Dos Descobrimentos Portugueses, P. Delgada, 1890.

Dicionário De História De Portugal – Direção De Joel Serrão.

Diogo das Chagas (FREI), Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores, Angra do Heroísmo - Ponta Delgada, SREC

Ernesto Do Canto, Biblioteca Açoriana, Pta. Delgada, 1890.

F. Ferreira Drumond. Anais Da Ilha Terceira, Angra (4 vols.).

F. Ferreira Drumond. Apontamentos Topográficos, Políticos, Cíveis e Eclesiásticos para a História das Nove Ilhas dos Açores

Félix José da Costa, Memória Estatística e Histórica da Ilha Graciosa, IAC / Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa, 2007.

Gaspar Frutuoso, Saudades da Terra, 2ª ed., Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977-87, vols III, IV VI.

Graciosa - As Tradições E As Paisagens De Uma Ilha” De Pe Norberto Pacheco

Henry Major. Vida Do Infante D. Henrique, Lisboa, 1876.

Jordão De Freitas. As Ilhas Do Arquipélago Dos Açores Na História Da Expansão Portuguesa, Lisboa.

José Guilherme Reis Leite, “A importância da ilha Graciosa no movimento autonomista no final do século XIX” in Boletim do Museu da Ilha Graciosa, Santa Cruz da Graciosa, nº 6 (abril de 1996).

Luís Da Silva Ribeiro. Formação Histórica Do Povo Dos Açores, In Açoriana, Angra, 1941.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

provavelmente arraia miúda e escravos. O primeiro grupo de que há notícia, enviados com sanção oficial do donatário, foi liderado por Vasco Gil Sodré, um "homem bom" de Montemor-o-Velho, que veio acompanhado pela família e criados em meados da década de 1450. Estabeleceram-se no Carapacho, local onde terão aportado, zona de costa baixa e abrigada no extremo sudoeste da ilha, à vista da costa de S. Jorge. Embora Vasco Gil diligenciasse para obter o cargo de capitão do donatário, e ter construído um edifício para casa da alfândega, diligências em que foi sucedido por seu cunhado, Duarte Barreto do Couto, apenas logrou governar a parte sul da ilha, estruturada em torno da futura vila da Praia. A capitania da parte norte, de terras mais férteis e amplas, foi entregue a Pedro Correia da Cunha, natural de Porto Santo, concunhado de Cristóvão Colombo, e que, em 1485, obteve o cargo de capitão do donatário de toda a ilha, unificando-lhe a administração. Fixou-se com a família em Santa Cruz, o que fez com que este povoado suplantasse a Praia como sede do poder administrativo. No ano seguinte, foi elevada a vila e sede de concelho, abrangendo toda a ilha e as duas paróquias (Sta Cruz e S. Mateus da Praia). O influxo de povoadores fez-se das Beiras, do Minho e da Flandres, e em 1486, Santa Cruz recebeu carta de foral, sendo elevada a vila, de acordo com frei Agostinho de Monte Alverne. São Mateus da Praia recebeu carta de foral em 1546. Em **1867**, com a extinção do concelho, a Praia perdeu a categoria de vila, estatuto que só recuperaria em **2003**. Ao longo da história, passaram aqui figuras de destaque,

- em 1654, o padre António Vieira, vítima de naufrágio perto do Corvo, rumando a Lisboa, recolhido por um corsário holandês aqui esteve dois meses até passar à Terceira;
- em 1791, o escritor francês François-René de Chateaubriand, rumo à América ficou hospedado no convento franciscano de Sta Cruz, descrevendo a ilha com mestria nas suas40 Memórias;
- em 1814, o escritor Almeida Garrett, com apenas 15 anos, visitou um seu tio, juiz de fora em Santa Cruz. Reza a tradição que terá pregado um sermão, em óbvia contravenção da lei, e que terá escrito versos já reveladores do seu talento de poeta.
- O padre Jerónimo Emiliano de Andrade, que permaneceu em exílio três anos de 1828 a 1831
- Em 1879, o príncipe Alberto I do Mónaco a bordo do iate "Hirondelle", no decurso dos seus trabalhos de hidrografia e estudo da vida marinha. Desceu à Furna do Enxofre, alertando para a criação de acesso adequado para potenciar aquele local como atração turística.

Os maiores sismos ocorreram em 1730, 1837 e 1980 na Luz e Carapacho.

De 1800 a 1920 a população decresceu de 9 500 habitantes para 7 500, resultado da pobreza devido à devastação da vinha pela filoxera. Até 1950 há um rápido crescimento, ultrapassando os 10 000 na década de 1950. As décadas de 50 e 60 foram de profunda crise económica e social, com crescente pobreza, a que se veio juntar o recrutamento militar da Guerra Colonial. Estes fatores, levaram à partida em massa para a Terceira, onde a construção da Base das Lajes criava oportunidades de emprego, e depois para os EUA, pela facilitação da emigração. O resultado foi o declínio vertiginoso da população da ilha que ora ronda 4400 habitantes.

Esta bela ilha oval de 398 m de altitude máxima tem 62 km². Em 1486, teve início a construção da Igreja Matriz, aberta ao culto em 1500. Sobrevivem a abóbada do batistério e o retábulo de talha dourada barroca da capela-mor. A Santa Casa da Misericórdia já existia em 1512. Houve a Igreja e Convento de Franciscanos fundado em 1609, mas apenas resta uma torre. Hoje sobressaem belas casas solarengas com cantarias de pedra, de finais do séc. XVIII, que enobrecem o centro da vila em volta de um rossio com árvores centenárias de grande porte, pavimentado com calçada portuguesa, e com dois paus de água doce. Sobranceiro, um vulcãozinho deu origem ao Monte de Nossa Senhora da Ajuda onde se implantaram três capelinhas da devoção dos ilhéus e um miradouro natural<sup>41</sup>. Dignos de menção são o Forte da Ponta do Freire e o da Barra, a azulejaria da Matriz com painéis seiscentistas atribuídos a um pintor da escola de Mestre Cristóvão de Figueiredo. Iremos ver a ilha, com visita guiada ao Museu, passeio pela vila, visita à caldeira e furna do enxofre. Em setembro de 2007, a ilha foi classificada pela UNESCO como Reserva da Biosfera.

Quinhentos anos se passaram de ilusões, tristezas e esperanças que foram o pão nosso de cada dia, das gentes da ilha. Há mesmo um local chamado ESPERANÇA VELHA. Os tempos mudam, mas a vontade firme de lutar, continua a estar na alma deste povo que soube, pela nobreza de ideias, fazer desta terra, tantas vezes isolada, uma terra de paz. Como a Graciosa é muitas vezes injustamente esquecida a AICL decidiu trazer os colóquios em 2015 e de novo este ano, esperando que os presentes sirvam de embaixadores desta singular, branca e graciosa ilha. Que aprendam a sua rica história, os seus burros recentemente reconhecidos como raça autóctone a aguardarem o aproveitamento das suas potencialidades turísticas e terapêuticas, os inúmeros moinhos de vento que servem de ex-líbris, as afamadas queijadas da Praia, que se chamaram em tempos idos, covilhetes de leite, o seu apego à música que dantes ecoava em todas as ruas. Esqueçam as dietas e depois de uma boa caldeirada, provem os Pastéis de Arroz, as Capuchas, Lavadores, Freirinhas, as queijadas de coco, os encharcados de ovos e as Amélias da Graciosa acompanhadas do típico branco da casta de verdelho local, da sua aguardente ou vinho aperitivo.

A terminar queria anunciar que a AICL decidiu que o autor homenageado de 2021 será Pedro Paulo Câmara e como estava anunciado em 2020 será Onésimo Teotónio de Almeida.



**Tema: apresenta Luciano Pereira e a sua obra Lusofonografias, Ensaio pedagógico-literários, - Editora: Calepinus Verlag: Tübingen**

Entre as muitas coisas que não sei fazer contam-se escrever prefácios e apresentar livros. Não obstante esta assumida incapacidade de estabelecer conexões entre as sinapses cerebrais e a folha branca de papel, continuo a ser regularmente convidado para o fazer, não fruto da minha sabedoria, mas por qualquer razão obscura que os historiadores irão desvendar. Como pessoa de gostos simples, a minha ordenação das obras literárias oscila, quase sempre, entre um GOSTO ou NÃO GOSTO, raramente me escondendo atrás de umas cinquenta sombras de cinzento, hipócritas ou de mera cortesia. Dito isto, irei falar de tudo menos do livro que, para isso, temos na assistência quem o possa dissecar de mil e uma formas e feitios, classificando-o de forma rigorosa e científica, estabelecendo nexos causais e outros. Não falando do livro, per se, nem do editor cuja existência desconhecia até ao momento de ver o livro, resta-me falar do autor.

Se bem que seja bem mais fácil dizer francamente se se gosta ou não das pessoas, se sentimos mais ou menos empatia ou antipatia, o caso do Luciano Pereira é paradigmático de uma amizade conivente e duradoura. Com efeito, ele é um dos mais antigos membros desta fraternidade cúmplice a que chamamos colóquios da lusofonia. Éramos bem mais jovens em novembro de 2002 quando a curiosidade o levou à Fundação Eng.º António de Almeida no Porto para assistir ao nascimento dos colóquios.

---

Manuel Monteiro Velho Arruda, Coleção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1932 e 1989.

Paulo Drumond Braga, A Inquisição nos Açores, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1997.

Raul Brandão, As Ilhas Desconhecidas, Lisboa, Editorial Comunicação, 1987.

Susana Goulart Costa, Açores: Nove Ilhas, Uma História, Direção Regional de Cultura, 2008.

40 Memoirs of Chateaubriand, **François René vicomte de Chateaubriand**, vol. 1

41 In Folheto de **“Apresentação Pública dos Símbolos Heráldicos da Freguesia de Santa Cruz da Graciosa”** por Oriolando Silva

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Aparentemente o que viu foi de molde a impressioná-lo pois em 2003 estava, de novo, no anfiteatro Paulo Quintela em Bragança como presencial e em 2004 ganhou coragem para se apresentar com o tema *A cultura e o imaginário Açoriano-Catarinense na obra literária de Franklin Cascaes*. Nem eu conhecia os Açores, nem sonhava conhecê-los e menos ainda sabia dos elos umbilicais entre o estado brasileiro de Santa Catarina e os Açores. Mas ficou uma nota mental para aprender sobre o Franklin Cascaes e aquele rincão do Brasil. Em 2007 no 7º colóquio na Lagoa apresentou o trabalho *Manuel de Paiva Boléo e a Cultura Açoriano-Catarinense*. É este o texto de viragem que marca a minha apreciação extrema pelo seu trabalho. E passo a citar:

“Não resisto eu a invocar uma das lendas paradigmáticas de nítida origem celta, documentada na obra de Franklin Cascaes, na ilha Terceira e no Norte de Portugal: As bruxas roubam a lancha baleeira de um pescador da ilha.

*“Comadre, eu estive num lugar muito longe, dentro da noite, e, às apalpadelas, dentro da escuridão, consegui recolher um punhado de areia e umas rosas, porém desconheço o lugar de sua origem. Já as mostrei a muita gente e ninguém, assim como eu mesmo, conseguiu identificá-las. Quando colocou os olhos por riba da areia e das rosas, suas faces enrubesceram, seus olhos se esgazearam e sua fala emudeceu. Recuperando-se, afirmou*

*– Compadre, a terra de origem deste punhado de areia e deste ramalhete de rosas é a Índia. Eu aprendi na minha escola de iniciação à bruxaria que lá, nos Açores, na terra dos nossos antepassados, as bruxas também costumavam roubar embarcações e fazerem estas viagens extraordinárias entre as ilhas e a Índia, em escassos minutos marcados pelos relógios do tempo. Também aqui as mulheres continuadoras dos elementos diabólicos do reino de Satanás, cujas chefes enfeixam em suas mãos os poderes emanados dele, praticam as mesmas peripécias. Eu, compadre, afirmo-lhe com convicção certa de que as suas vidas, naqueles momentos, estiveram guardadas no repositório das minhas mãos. A bruxa chefe, que comandava a embarcação, tinha plena certeza da presença real de sangue humano dentro da lancha e, de vez em quando, ela chamava a atenção de suas comandadas para que investigassem onde estava o elemento que o possuía. Mas eu procurei sempre com muita altivez e precisão bruxólica, atraindo-as para pontos distantes que podiam atrapalhar nossa viagem, quais eram os cantares dos galos. Hoje o senhor vai saber com precisão que, dentro da sua embarcação, fazendo aquela viagem bruxólica entre a Ilha de Santa Catarina e a Índia, estavam as mulheres bruxas mais respeitáveis, misteriosas, prepotentes e malignas que vivem o reino rubro do rei Anjo Lúcifer. Se o senhor não foi trucidado por elas, agradeça à minha presença na sua lancha, metamorfoseada em bruxa, sentada no banco de popa na frente da gaiuta, onde se achava escondido”* (Cascaes, 1950, 73-77).

Mal sabia eu que esta e tantas outras passagens mágicas e bruxólicas deste trabalho eram premonitórias. Começara o Luciano nas suas apresentações por me colocar em contacto com lendas e tradições dos Açores e da sua décima ilha, o estado de Santa Catarina no Brasil. Vivia eu calmamente em Bragança, pensando que seria minha última paragem nesta circum-navegação que iniciei em setembro de 1973 ao ir para Timor, a que se seguiram depois Bali, Austrália, Macau e depois, definitivamente Austrália. Conhecia os extremos orientais do finado Império Português sem jamais vislumbrar necessidade ou razão de conhecer as suas franjas mais ocidentais plantadas no meio do Grande Mar Oceano, terra de Atlantes e de mitos, vulcões e terremotos. Bragança acabara de ser promovida a mátria, a segunda pátria era a Austrália, sendo a primeira Timor-Leste pois quando me preparava para ali regressar foi selvaticamente invadida e colonizada pelo império javanês da Indonésia.

*Mas o futuro é tudo menos o que antecipamos e em maio de 2005 a minha mulher Helena fica colocada numa escola dos Açores, que viemos conhecer em junho desse ano. Depois, criamos em 2006 um segundo colóquio anual dedicado à açorianidade que vim a descobrir através da tradução de autores açorianos, lendo as suas obras e conhecendo-os pessoalmente. Não faltou muito para que os colóquios tivessem a sua primeira saída para o estrangeiro que nos iria levar ao Brasil, a Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e – por fim – Florianópolis, em Santa Catarina em março 2010. Com Vasco Pereira da Costa e outros autores fui conhecer as baías descritas nos textos do Luciano*

E passo a citar, de novo:

*Havia um homem que era pescador e, quando chegava à calheta para deitar o barco ao mar, estava sempre alagado. Uma noite resolveu ir e foi vigiar para ver se apanhava a pessoa que andava com o barco. Escondeu-se dentro dele e botou uma serapilheira por cima de si. Dali a bocado grande, viu entrar duas raparigas e cada uma pegou no seu remo e foram a remar pelo mar fora. Chegaram à Índia, arrumaram o barco lá num canto e meteram por terra dentro. O homem escondido lá ficou. Não levou muito tempo. Elas no barco. Quando vinham de viagem, uma vira-se para a outra e diz assim: Rema para lá que é quase de manhã! – e a manhã já a luzir. E o homem dizia lá consigo:*

*-Ai se me dá a tosse, ai se me dá a tosse... Ele vinha abafado com a saca por cima de si mas nunca tossiu. Elas traziam três pedras brancas e umas vagens e, quando chegaram a terra, esqueceram-se delas dentro do barco. E o homem assim que as apanhou pelas costas, botou a mão às coisas e veio para cima. Foi mostrar aquilo aos amigos para provar a eles que tinha ido numa noite à Índia a mais as feitiçeras* (Altare, Terceira - Açores)

Vi os ancoradouros daquelas barcas lendárias em mar calmo e melancólico, no Caminho dos Açores rumo a Santo António de Lisboa, vi as pedras antropomórficas em que se haviam transfigurado as bruxas, entendi as lendas que foram desde as ilhas açorianas até ao Atlântico sul e comecei a entender melhor que Santa Catarina era, de facto, uma décima ilha dos Açores.

Entretanto, o Luciano ainda solteiro no Porto tinha-se tornado no primeiro casal da Lusofonia ao desposar a Zélia e fez questão de em 2008 nos dar a conhecer em Bragança o primeiro filho nascido no seio dos colóquios, o Santiago Lusofonia como nós sempre o designaremos.

No 11º colóquio na Lagoa 2011 apresentou *A ILHA NO IMAGINÁRIO POÉTICO DE TEMÁTICA AÇORIANA*.

Depois seguiram-se mais temas da açorianidade, o seu livro das fábulas e tantos outros temas interessantes ao longo destes anos que tornam a sua escrita lávica em poesia e é disto que falo quando ele as decidiu juntar em livro que ora vem dar à estampa em Lusofonografias, Ensaios pedagógico-literários.

As imagens que tem estado a passar são um mero testemunho da passagem do Luciano pelos nossos eventos. A mim nada mais me resta dizer a não ser leiam, deixem-se enlevar pela magia bruxólica da escrita do Luciano como eu me deixei. Digo isto não como um crítico nem apresentador desta obra, mas como um amigo, quase irmão, deste excelente contador de histórias que é o Luciano Pereira que merece ser lido e publicado mais vezes, em vez de permanecer dolente nas páginas das Atas, Anuários e Revistas destes nossos Colóquios da Lusofonia dos quais fará sempre parte integrante.

Imagens em [https://youtu.be/xweddPkk5f4?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkerI](https://youtu.be/xweddPkk5f4?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI)



Tema: apresentou 2 sessões de poesia de autor e coordenou a sessão de poesia dedicada a Eduíno de Jesus (depois do nome do poema o nome de quem o declamou)

---

701. MORRER COMO O MAR ARAL, 2017 **LUCIANO**

o rio da minha vida está assoreado  
a minha barragem secou  
as nuvens não trazem chuva  
a essência da poesia não se discute  
faz-se, escreve-se, lê-se

a poesia liberta-nos  
voamos nas suas asas  
abrimos todas as grades

o meu destino  
é rumar na musa  
desaguar na foz  
morrer seco  
como o mar aral

---

707 VOTOS 2019 **EDUARDO B PINTO**

que venha um asteroide  
ou o planeta nibiru  
que yellowstone entre em erupção fatal  
ou o filho de cracatoa  
ou que o mar vomite  
os oceanos de plásticos e nos engula  
que os maremotos, terremotos destruam esta desumanidade  
e que 2019 assista a um novo mundo  
começando do zero absoluto

---

705 O PARAÍSO É AQUI 2018 **PEDRO PAULO**

dizem que o oceano é um mar sem palavras  
e que as montanhas são ondas sem espuma  
e quando não há rios  
as águas desaguan nos céus  
e quando não há sol  
ele surge debaixo da terra  
e até eu acredito que podemos  
viver em vulcões extintos

---

686 SAUDADE DO QUE NUNCA FOI, 2016 **CHRYIS**

«ah, não há saudades mais dolorosas  
do que as das coisas que nunca foram! 42  
bernardo soares - heterónimo fernando pessoa

tenho tanta saudade  
do que nunca aconteceu  
só o poeta pode fazer acontecer  
aquilo de que temos saudade  
por nunca ter acontecido

653. SAIR DA ILHA, 2014 **LUCIANO**  
o marulhar das águas embala caleidoscópios  
sem âncoras nem amarras  
vogamos sem destino ao sabor dos ventos  
o importante é sair da ilha e alijar bagagens  
nascer de novo, longe, bem longe  
lá, onde se aprende a saudade

702. PICO, AO URBANO BETTENCOURT 2017 **EDUARDO B PINTO**  
no rossio do mar  
plantei as vinhas da vida

nos poços de maré  
bebi água insalubre

nas bocainas, jarões e traveses  
colhi o néctar dos czares

esta é a magia da ilha montanha

nela me sento e me sinto  
órfão da atlântida perdida

543. AO URBANO BETTENCOURT 2012 **PEDRO PAULO**  
urbanamente vives  
nas pinceladas das tuas palavras

a tua paleta pinta poesia  
teus livros erguem-se impantes  
como teu pico natal

amores e desamores de ilhas  
que unes em pontes de poesia  
que sentes em dores  
que pariste em árvores

sem sombras nem véus  
nenhuma luz apagarás!

703. MAR DE PALAVRAS, À ANA PAULA ANDRADE 2018 **CHRY S**

parti as palavras  
como quem parte pedra  
com elas calcetei avenidas  
de sonhos incumpridos  
plantei catos e cardos  
como quem planta rosas  
colhi espinhos  
como quem colhe pétalas  
e do ramo que te ofertei  
brotaram palavras felizes  
neste mar de música que habitamos

---

568. SEM PERFUME DE CAJU, AO URBANO BETTENCOURT 2013 **EDUARDO B PINTO**

na humidade da savana  
no calor da tabanca  
tange urbano a sua harpa

palavras aceradas como o vento suão  
batuque abafado na bolanha

longe do país de bufos e beatas<sup>43</sup>  
traduzes as sílabas de morte e vida

rumores desse cheiro de África  
colado na pele que esfregas  
com napalm e metralha  
que nunca conseguiste lavar  
nem com as chuvas da monção

---

699. AO EDUARDO BETTENCOURT PINTO, 2017 **LUCIANO**

amaste Áfricas imensas  
desbravaste a savana  
acariciaste brumas e hortênsias  
amadureceste no Canadá  
cada foto um poema  
cada poema um filme  
e agora José?

tempo de pegar no sacó e ancinho  
arar os campos de novo  
cavar, semear, regar e colher  
os frutos que te irão alimentar

---

<sup>43</sup> In Urbano África frente e verso p. 62

embocado e tímido  
assomará à janela da vida  
sem saudades nem lamúrias  
buscar forças nas fraquezas  
sonhar de novo e sorrir  
o mundo espera por ti

632. SER AÇORIANO, 2013 PEDRO PAULO

não se é ilhéu  
por nascer numa ilha  
é preciso sentir-lhe a alma  
partilhar raízes e dores  
acartá-la nos partos difíceis  
tratá-la nas enfermidades  
acariciá-la nas alegrias  
plantar, semear e colher seus frutos  
alimentar as suas tradições  
preservar a sua identidade

não se é açoriano  
sem amar as suas ilhas  
levá-las ao fim do mundo  
morrer por elas  
com elas  
para elas

544. SEM SILÊNCIO NEM SILOS, AO EDUÍNO DE JESUS 2012 CHRYS

as tuas palavras esguias  
insinuam-se enleantes  
preenchem os nichos do silêncio  
em silos de poesia  
buriladas em filigrana  
sente a ilha e a língua  
nelas aprendi a geografia  
e o amor inconquistado  
sem silêncio nem silos

596. DA MINHA JANELA, 2013 LUCIANO

o mar é deus  
as ondas a sua palavra  
os romeiros alimentam-se dela  
(poema tuaregue adaptado aos açores)

disse o poeta a seu tempo  
da minha janela vejo o mar

o meu quintal é enorme  
abarca a linha do horizonte  
a minha janela é enorme  
abre-se ao círculo dos céus  
o meu oceano é enorme  
chega às ruínas dos atlantes  
só a minha escrita é pequena  
nas grades desta prisão

631. ILHAS, 2013 **EDUARDO B PINTO**

estar numa ilha  
é como viver num cais  
à espera do barco que nunca chega  
viver numa ilha  
é sonhar  
construir a jangada  
desfraldar velas  
estar numa ilha  
é ir para o campo  
plano e raso  
à espera que construam  
o aeroporto  
a única forma  
para viver numa ilha  
é imaginá-la à saramago  
como um continente à deriva  
estar na ilha  
é imaginar a fuga  
sonhar com a saída  
levá-la a reboque dos sonhos  
embarcar nas nuvens  
vogar na maré baixa  
planar nas asas dos milhafres  
e voltar sempre  
ao ponto de partida

675 MAR E BRUMA 2015 **PEDRO PAULO**

todos os poetas  
que escreveram sobre os açores  
gastaram a palavra mar  
e a bruma  
a mim para escrever açores  
resta-me a palavra  
amar

708. AINDA QUERIA SONHAR QUE HAVIA FUTURO 2019 **CHRY S**

nasci de bruma e de névoa me finarei  
se nalguns dias alumiei a triste sina  
noutros apaguei a musa divina  
com palavras que jamais escreverei

não queria que a terra fosse plana  
já temos idiotas quanto basta  
religiões e políticos só na cataplana  
lume brando com tempero que satisfaça

deem-me outro povo menos manso  
gente de sangue na venta  
capaz de vencer a tormenta  
sair deste letargo deste descanso

capaz de construir um futuro  
prender os corruptos  
pedófilos e outros abusadores  
ter um projeto nascituro  
um sonho recompensador

539. DESTINO ILHÉU, (À ANA PAULA ANDRADE) 2012 **LUCIANO**

olhei para o espelho dos dias  
e vi-te partir  
silente como chegaras  
sem sorrisos nem lágrimas  
vestias um luar sombrio  
deixavas vazio o leito  
num luto antecipado  
agarrei as nuvens que passavam  
levado na poeira cósmica  
carpindo dores antigas

acordei sobressaltado  
o livro da vida nas mãos  
o livor nas faces  
o fim há muito antecipado  
ficar era o destino  
sem levar as ilhas a reboque  
será esta a sina ilhoa?

706. VEIO O OUTONO 2018 **PEDRO PAULO**

quando os esbirros te cercarem  
que apenas beijos tapem a tua boca  
quando as espingardas apontarem ao teu coração  
que apenas rosas sejam disparadas

quando os advogados vierem para te comprar  
que apenas dirás sim ao amor  
quando vierem para te algemar  
que apenas as lágrimas te aprisionem  
quando chegarem para roubar o teu voto  
que só os teus sonhos sejam arrebatados  
quando vierem para te roubar a vida  
que apenas te levem o outono

---

641. AOS AÇORES, 2013 **CAROLINA**

aos açores só se chega uma vez  
depois são saídas e regressos  
transumâncias  
trânsitos e errâncias  
...  
dos açores não se parte nunca  
levamo-los na bagagem  
sem os declararmos na aduana  
acessório de viagem  
como camisa que nunca se despe  
...  
nos açores nunca se está  
a alma permanece  
o corpo divaga  
mas a escrita perdurará.

---

710. NÃO QUERO SABER O TEU NOME, (À MARIA NINI, ) 2019 **CHRYL**

não quero saber o teu nome  
nem a tua idade  
nem o teu bairro  
nem o teu emprego

não quero saber a tua riqueza  
nem o teu carro  
nem as tuas férias  
nem a tua família

quero saber como tratas as estrelas  
e os animais

quero saber onde nasce teu sorriso  
e as tuas lágrimas

quero saber como tratas as nuvens  
e a bruma

e o sol pôr

quero saber como sonhas  
onde moram teus sonhos  
e se neles há lugar para os meus

---

**SESSÃO DE POESIA DE EDUÍNO DE JESUS**

**METAMORFOSE<sup>44</sup> PEDRO PAULO**

esperei que nascesses  
na praça pública  
da garganta do pássaro  
que cantasse no ramo de uma árvore  
ou no ombro de uma estátua

esperei que florisses  
na roseira do Parque Municipal  
e o teu corpo branco  
não fosse mais  
do que um sonho vegetal

esperei que descesses  
num raio de lua  
e viesses  
bailando em pontas (como uma sílfide nua)  
deitar-te na minha cama

Na minha fantasia  
de menino púbere  
esperei que fosses uma melodia  
uma flor  
um raio de lua

Esperei por ti todos os minutos  
do dia e da noite com  
os nervos a alma ansiosa  
afagando-te nas pétalas das rosas  
ou mordendo-te na polpa dos frutos

---

**SIMPLESMENTE<sup>45</sup> EDUARDO B PINTO**

amar-te sem juras nem promessas  
sem noites de vigília  
nem esta paixão que me buleversa  
os nervos e me ensombra a vida

---

44 *Os Silos do Silêncio – poesia (1948-2004)*. Lisboa. Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2005. pp. 50-51.

45 In *Os Silos do Silêncio* (Poesia, 1948-2004 p. 58

sem desespero sem romance  
como se nada tivesse acontecido  
sem as tuas lágrimas sem a minha angústia

plácida simples naturalmente  
como florescem as ervas do caminho

---

XÁCARA DAS MOÇAS DONZELAS<sup>46</sup> **LUCIANO**

A noite é de estrelas  
pelo céu brilhando  
e as moças donzelas  
as moças donzelas  
rezando rezando:

*Não vem um ladrão*  
não vem um banqueiro  
ou um trovador  
ou um cavaleiro

A noite é de estrelas  
pelo céu ardendo  
e as moças donzelas  
as moças donzelas  
dizendo dizendo:

*Não vem um senhor*  
de alto coturno  
*não vem um polícia*  
ou o guarda noturno

A noite é de estrelas  
pelo céu luzindo  
e as moças donzelas  
as moças donzelas  
sorrindo sorrindo:

*Não vem um amigo*  
ou um inimigo  
não vem um soldado  
não vem um mendigo

A noite é de estrelas  
pelo céu redondo

e as moças donzelas  
as moças donzelas  
supondo supondo:

*Não vem um vadio*  
ou um peregrino  
ou um saltimbanco  
ou um assassino

A noite é de estrelas  
pelo céu profundo  
e as moças donzelas  
as moças donzelas  
sozinhas no mundo

TOADA DO MENINO FEIO<sup>47</sup> **EDUARDO B PINTO**

Menino feio, da rua  
(seria eu próprio, seria?),  
tinha uns olhos de Lua  
onde a Lua se acendia.

Menino de olhos de Lua,  
menino que parecia,  
sentado à porta da rua,  
que não via nem ouvia.

Menino que me pasmava  
pelo que lhe acontecia:  
Enquanto ria, chorava,  
e enquanto chorava, ria.

Menino sozinho e feio,  
brincando sem alegria,  
que estranho mundo era o teu?  
que mistério te envolvia?

Menino feio, de bibe,  
menino que fui, um dia...  
Não sei agora onde vive...  
Sei lá mesmo se vivia!

HIPOCONDRIA<sup>48</sup>**CHRY S**

1

47 In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 p. 94 (1944)

48 In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 pp. 105-106 (1954)

Não é não  
uma ilusão  
da minha hipocondria  
(ou seja lá o que for  
da minha inquieta  
imaginação  
doentia  
de poeta)  
esta sina que a mim  
me foi dada  
de ir pelo *não*  
semeando amor  
e chegar ao *sim*  
não colher nada.

2

Não me resta agora  
senão esperar, amor, que venhas, lá de onde  
não sei que fadário te esconde  
e demora,  
semear, por tua  
mão, neste árido e agreste descampado do  
Mundo, em nome  
da Vida, a primavera, e acender por dema-  
sia, para os poetas, no negrume  
da noite, a Lua.

---

POEIRA DE ASTROS<sup>49</sup> **EDUARDO B PINTO**

depois do sonho e do sonho  
e do cansaço e da estrada  
quando os olhos já não viam  
nem os muros nem a estrada  
depois dos beijos e risos  
com a ampulheta parada  
quando veio súbito o aviso  
da noite inesperada  
me perdi entre meandros  
e rastros de luz inventada

em busca da poeira dos astros  
que morrem com a madrugada

---

CONQUISTA<sup>50</sup> **CHRY S**

Eu sou um homem de aldeia,  
cheguei à cidade de botas amarelas.

---

49 In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 p. 128 (1952)

50 In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 pp. 156-157

fazem lá ideia  
do que os homens da cidade riram de mim e delas!  
Pois, apesar disso, a cidade, conquistei-a!

Hoje, sou o dono de um parque onde há um banco e aí durmo e sonho.  
Tenho uma mansão em Newport, na Nova Inglaterra, e um *yacht* ancorado em Saint Tropez, e amanhã mesmo vou montar um negócio de baleias em Liverpool.  
Ah, e digam lá vocês agora que eu sou um homem de aldeia!

Sou, isso sim, um armador grego, controlo a maioria dos casinos de Las Vegas, tenho 5% nos negócios de petróleo da Pérsia e já comprei (meu sonho antigo!) o aeroporto de Santa Maria.  
Para começar, hoje em dia, já é um pé de meia.

(Só tenho medo que um dia o inspetor dos bancos dos jardins públicos  
Descubra e me venha comunicar que o meu banco ali debaixo do plátano à beira do tanque onde nadam os pequenos peixes vermelhos que me vêm comer à mão pertence à Câmara Municipal.)

---

A ÚLTIMA FOLHA<sup>51</sup> **PEDRO PAULO**

A última folha  
do outono, ainda  
presa ao ramo que a prendia  
à vida,

veio  
um vento à toa,  
desprendeu-a.

E aquela folha,  
enfim desprendida  
do ramo que a prendia  
à vida,

agora  
que está morta,  
voa.

---

A ESTRADA<sup>52</sup> **LUCIANO**

Dizem os velhos que esta estrada,  
seja curta ou comprida,  
que só se chega ao outro lado  
gastando a vida  
e que depois do outro lado não há mais nada

Todavia, os jovens lá vão, em festa,  
de braço dado  
e aos beijos pelas sombras, às risadas,

---

51 In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 p. 272

52 In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 p. 326 (1948)

pensando que, depois desta,  
ainda há outras estradas.

A MENSAGEM DO POETA<sup>53</sup> **EDUARDO B PINTO**

Na margem  
do grande estuário do rio  
que anuncia o  
fim da viagem  
cresce  
(ainda) a árvore meta-  
física em cujos ramos a Mensagem  
do poeta  
floresce

CHIARO-OSCURO<sup>54</sup> **PEDRO PAULO**

como se  
de súbito  
se acendesse  
na noite  
compacta  
absoluta  
o teu sorriso  
ou :  
um Anjo sus-  
pendesse  
o voo e  
ficasse  
parado no ar  
perplexo  
(como num ex-  
voto) a  
decifrar  
nota a nota  
sílabas a sílabas  
cada  
lágrima ardente  
na maciez  
do liso frio már-  
more  
do teu rosto

ORIGEM<sup>55</sup> **CHRYL**

Lá, onde o grande estuário

53 In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

54 (INÉDITO)

55 In <http://www.circuloarturbual.com/literatura/eduinodejesus/tabid/170/language/pt-pt/default.aspx>

do rio da vida  
pressagia a infinita  
morte oceânica,

Cresce  
a árvores marginal  
em cujos ramos o canto  
dos poetas floresce.

[OUÇA-O AQUI](#)

2009 RTP 1 HORA NO 11º COLÓQUIO LAGOA

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XPTSdTXIANA&T=0S&INDEX=281&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=XPTSdTXIANA&T=0S&INDEX=281&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl) (DEMORA 10 SEGUNDOS A INICIAR)

2010 NO 13º COLÓQUIO NA ACADEMIA BRASILEIRA RIO 2010

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=1ZMDWP1B6JU&T=0S&INDEX=277&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=1ZMDWP1B6JU&T=0S&INDEX=277&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl)

2010 RTP 13º EM FLORIPA

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CTBEJXBOOK8&T=0S&INDEX=174&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=CTBEJXBOOK8&T=0S&INDEX=174&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl)

2011 NO 15º EM MACAU

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MODYWJP2FFI&T=0S&INDEX=135&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=MODYWJP2FFI&T=0S&INDEX=135&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl)

2011 NO 15º EM MACAU – POESIA NA GRUTA DE CAMÕES –

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MNGWJ\\_RNH\\_Q&T=0S&INDEX=134&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=MNGWJ_RNH_Q&T=0S&INDEX=134&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl)

2011 RTP NA APRESENTAÇÃO DO CHRÓNICAÇORES VOL 2

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=X93R7PVNWKQ&T=0S&INDEX=240&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=X93R7PVNWKQ&T=0S&INDEX=240&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl)

2012 RTP 17º LAGOA

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BYHCDO-XDHO&T=0S&INDEX=278&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=BYHCDO-XDHO&T=0S&INDEX=278&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl)

2012 17º NA LAGOA 2012 CONCHA DEDICA POESIA COM NOMES DE POESIAS DE CHRYS

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ABAJIRQFVOA&INDEX=233&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=ABAJIRQFVOA&INDEX=233&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl)

2013 CHRYS DIZ POESIA

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7PTLKOHJXQ&T=0S&INDEX=169&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=7PTLKOHJXQ&T=0S&INDEX=169&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl)

2013 CHRYS DIZ CRISTÓVÃO DE AGUIAR

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PE1IZ3RQBN8&T=0S&INDEX=167&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=PE1IZ3RQBN8&T=0S&INDEX=167&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl)

21º COLÓQUIO POESIA NOS MOINHOS 2014

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DJO96TEEJ28&T=0S&INDEX=227&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=DJO96TEEJ28&T=0S&INDEX=227&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl)

23º COLÓQUIO POESIA FUNDÃO 2015

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0FGFXZW2WXA&T=0S&INDEX=117&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C\\_4TVTKERl](https://www.youtube.com/watch?v=0FGFXZW2WXA&T=0S&INDEX=117&LIST=PLWJUyRYOUwOKYMKAIEPzIF1C_4TVTKERl)

24º GRACIOSA 2015 RTP

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PO8V7AGLXNS&T=3S&INDEX=108&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=PO8V7AGLXNS&T=3S&INDEX=108&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

24º COLÓQUIO GRACIOSA 2015 MAIS NA RTP

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VADEDJP1HHG&T=2S&INDEX=109&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=VADEDJP1HHG&T=2S&INDEX=109&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

24º COLÓQUIO GRACIOSA 2015 POESIA

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5N3TKMQJOPW&T=0S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&INDEX=99](https://www.youtube.com/watch?v=5N3TKMQJOPW&T=0S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=99)

2016 CHRYS DIZ CAIS DA SAUDADE DE EDUÍNO

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G5WY8RITMW&T=0S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&INDEX=90](https://www.youtube.com/watch?v=G5WY8RITMW&T=0S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=90)

2017 POESIA NO 27º BELMONTE

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=U9QFJT6S9SK&T=0S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&INDEX=46](https://www.youtube.com/watch?v=U9QFJT6S9SK&T=0S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=46)

2017 MAIS POESIA BELMONTE 2017

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RPH4SRTM1\\_W&T=0S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&INDEX=45](https://www.youtube.com/watch?v=RPH4SRTM1_W&T=0S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=45)

2017 S MIGUEL TV CHRYS ENTREVISTADO IN A VOZ DOS AÇORES

[HTTPS://YOUTU.BE/XSDAS0PBG2U](https://youtu.be/xSDAS0PBG2U)

2017 POESIA NO 28º COLÓQUIO VILA DO PORTO

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KCHOZ36IV94&T=0S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&INDEX=34](https://www.youtube.com/watch?v=KCHOZ36IV94&T=0S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=34)

2017 POESIA NO 28º COLÓQUIO VILA DO PORTO ASAS DO ATLÂNTICO

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GI9AWIKXJZCI&T=2S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&INDEX=33](https://www.youtube.com/watch?v=GI9AWIKXJZCI&T=2S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=33)

2017 APRESENTAÇÃO BGA

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XTRRS\\_I6SHC&T=22S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&INDEX=27](https://www.youtube.com/watch?v=XTRRS_I6SHC&T=22S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=27)

2018 POESIA TIMOR 29º EM BELMONTE 2018

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LYUOL7RCSPS&T=372S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&INDEX=14](https://www.youtube.com/watch?v=LYUOL7RCSPS&T=372S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=14)

2018 POESIA AO MEIO-DIA NO 30º NA MADALENA DO PICO

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WDOZ-7CLSBM&T=204S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&INDEX=6](https://www.youtube.com/watch?v=WDOZ-7CLSBM&T=204S&LIST=PLWJUARYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=6)

**SÓCIO FUNDADOR, PARTICIPOU EM TODOS OS COLÓQUIOS**

**PRESIDENTE DA DIREÇÃO DOS COLÓQUIO, MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO,**

**PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA.**

**PARTICIPA AINDA NA SESSÃO DE POESIA, DE SUA AUTORIA**

11. CONCEIÇÃO ARAÚJO ANDRADE, EUA, UNIVERSIDADE HARVARD



17º LAGOA 2012



30º MADALENA DO PICO

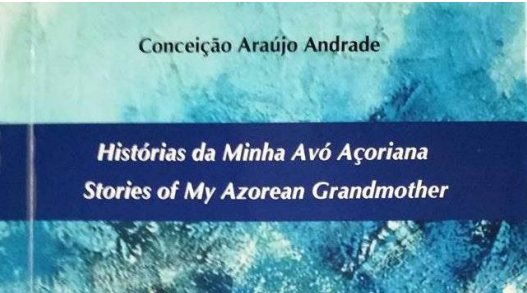
CONCEIÇÃO ARAÚJO ANDRADE,

Nascida nos Açores, está radicada nos Estados Unidos da América do Norte, e também viveu em Moçambique, Índia e Brasil.

Leciona Português no Departamento de Romance Languages and Literature, Faculty of Arts and Sciences, na Universidade de Harvard, Estados Unidos da América do Norte, desde 2010.

Nos últimos 30 anos, Conceição Andrade dedicou-se intermitentemente ao ensino da Língua Portuguesa nos Estados Unidos da América do Norte.

De 1992-2002, lecionou português no Banco Mundial, Washington D.C., a funcionários trabalhando em Países Lusófonos da África, e publicou vários trabalhos incluindo “Portuguese For Business Travelers”, World Bank (2002). De 1978-1992, foi instrutora de português em vários Institutos de Línguas, incluindo Languages Learning Enterprises, Language Inc., and Inlingua.. Também foi tutora particular de estudantes da Universidade de Harvard, e Universidade da Carolina do Norte. Além de ensino, Conceição Andrade trabalhou como tradutora e revisora de inglês-português e português-inglês de relatórios e documentos oficiais do Banco Mundial, Universidade de Harvard, Universidade da Carolina do Norte, American Friends Service Committee, Ministério das Obras Públicas em Moçambique, e como revisora, desenhadora e analisadora linguística de manuais de treinamento em Booz Allen and Hamilton. Foi intérprete num Tribunal do Estado da Virgínia, e tradutora duma entrevista com o autor Dr. Fernando Namora, para a Fundação Kellogg. Também trabalhou desde 1977-1985 em Bibliotecas, incluindo Widener Library, Harvard University, Biblioteca do Ministério das Obras Públicas (diretora), Moçambique, e na University of North Carolina. Formou-se em Antropologia e Francês em 1993 na American University, Washington D.C., e recebeu um diploma de TESOL (Teaching English as a Second Language) em 1998, na mesma Universidade. Conceição Andrade foi membro de várias instituições profissionais, incluindo APPEUC (Associação de Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá), ATA (American Translators Association), e WATESOL (Washington Area Teaching English as a Second Language).



TEMA HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ AÇORIANA

<https://chipmunk-hawk-9j5z.squarespace.com/book/> / <https://www.conceicaoandrade.com/book>

“Histórias da Minha Avó Açoriana / Stories of My Azorean Grandmother”, é um livro bilingue para crianças e adultos, de histórias que a sua avó Francisca E. Araújo lhe contava quando era criança no Faial.

O livro inclui também uma discussão da pesquisa que a autora fez sobre contos de fadas e folclore enquanto escrevia o livro. O prefácio é escrito pela Dra. Alzira Silva, que serviu como Diretora Regional das Comunidades dos Açores, assim como Representante na Assembleia dos Açores. A Dra. Silva também apresentou a Conceição e o seu livro no Faial. Para mais informação e para compra do livro, visite o website [conceicaoandrade.com](http://conceicaoandrade.com)

Trabalho final não recebido

É SÓCIA AICL

PARTICIPOU NO 9º EM 2008 NA LAGOA, 17º COLÓQUIOS DA LUSOFONIA LAGOA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO EM 2014, 30º MADALENA DO PICO

**12. EDUARDO BETTENCOURT PINTO, ESCRITOR, CANADÁ, VANCOUVER. AICL**



VILA DO PORTO 2011



17º LAGOA 2012



VILA DO PORTO 2017



PICO 2018



LAGOA 2012



PORTO FORMOSO 2014



PICO 2018



Fotografia: Randy Dyke.

**JOSÉ EDUARDO BETTENCOURT PINTO**, nasceu em Gabela, Angola, em 1954. Tem ascendência açoriana pelo lado materno. Cresceu em Luanda e saiu do país em setembro de 1975. Fixou residência no Zimbabué e depois em Ponta Delgada, Açores. Vive no Canadá desde 1983. Publicou vários livros de poesia e ficção: **Menina da Água (1997)**, **Tango nos Pátios do Sul (1999)**, **Casa das Rugas (2004)** e **Travelling with Shadows / Viajar com Sombras (2008 POESIA) edição bilingue (português e inglês)**.

Posteriormente publicou o livro de poesia *A cor do Sul nos teus olhos*. Está representado em várias antologias e livros coletivos em Portugal, Brasil, Angola, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Letónia.

É editor da revista *on-line* de artes e letras *Seixo Review*, <http://www.seixoreview.com/>.

A sua poesia está traduzida para Inglês, Castelhana, Galego, Catalão e Letão.

Organizou e publicou *Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea* (1996).

É membro do P. E. N Clube Português. (página pessoal (<http://www.eduardobpinto.com>)).

Recebeu o Prémio Nacional Bienal Copa 2008, instituído pelo Congresso Luso-Canadiano.

**BIBLIOGRAFIA:**

**POESIA:**

**Emoção; Ponta Delgada, Açores, 1978.**

**Razões, Ponta Delgada, Açores, 1979.**

**Poemas, (c/ Jorge Arrimar); Ponta Delgada, 1979. 2ª Ed. Tipografia Martinho, Macau, 1993**

**Mão Tardia; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1981. (Prémio Revelação do suplemento cultural Contexto do jornal Açoriano Oriental).**

**Emersos vestígios; Sete-Estrela, Mira, 1985. 2ª Edição, Seixo Publishers, Pitt Meadows, Canada, 1994.**

**A Deusa da Chuva; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1991. (Prémio Mário de Sá-Carneiro da Association Portugaise Culture et Promotion, St. Dennis, France, 1988; para o original «Regresso do olhar».**

**Menina da Água; Éter, Jornal da Cultura, Ponta Delgada, Açores, 1997.**

Tango nos pátios do sul; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1999.

2ª Edição, revista e aumentada; Campo das Letras, Porto, 2001.

Um dia qualquer em junho; Instituto Camões, col. Lusófona, Lisboa, 2000.

Travelling with Shadows - Viajar com Sombras, 2008

FICÇÃO:

As Brancas Passagens do Silêncio; Signo, Ponta Delgada, 1988.

Sombra duma rosa - contos; Edições Salamandra, Lisboa, 1998.

O príncipe dos regressos - narrativas; Edições Salamandra, 1999.

A casa das rugas - romance; Campo das Letras, Porto, 2004.

ANTOLOGIA (ORGANIZAÇÃO):

Os Nove Rumores do Mar - Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1996.

2ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 1999.

3ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 2000.

Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras, AICL, VN de Gaia, 2011

TRADUÇÃO:

Oito poemas de J. Michael Yates; apresentação e tradução com Rosa Pinto, Sete-Estrelo, Mira, 1985.

**SOBRE A VIOLÊNCIA MATERNA, Eduardo Bettencourt Pinto**

A violência não é uma particularidade do género, mas do carácter. Embora as estatísticas revelem que o maior número de atos de violência, nomeadamente doméstica, seja praticada pelos homens, há casos, no entanto pontuais em que se dá o contrário. Convenhamos que existe uma espécie de estereótipo no que concerne à figura paternal. A imagem, digamos, secular de autoridade severa, punitiva, e quantas vezes abusiva, tanto em termos físicos como emocionais, contribui significativamente para essa reputação. Se tentarmos ajuizar das origens desses focos comportamentais, com relevância sobretudo na esfera do tecido familiar onde nem sempre são conhecidas essas práticas, temos pela frente várias pistas. No entanto, não cabem no âmbito deste trabalho. No caso de capítulo *Um regaço cheio de gritos* do meu livro inédito *Descalços num chão de água*, procuro essencialmente revelar uma dessas vertentes, sem pretender explicar as origens mas os efeitos. A violência gratuita e sem rédeas de uma mãe sobre a filha, ao menor pretexto, por mais fútil e injusto, deixa no espírito da menina um rasto de revolta e horror que só o tempo, com a sabedoria do perdão, consegue contornar.

Trabalho final não recebido

VER 17º COLÓQUIO LAGOA 2012

[https://www.youtube.com/watch?v=EHM3WR1G4T8&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&index=197](https://www.youtube.com/watch?v=EHM3WR1G4T8&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&index=197)

VER POESIA NO 16º COLÓQUIO SANTA MARIA 2011

[https://www.youtube.com/watch?v=EHM3WR1G4T8&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&index=197](https://www.youtube.com/watch?v=EHM3WR1G4T8&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&index=197)

[https://www.youtube.com/watch?v=J2JRMLKWPSK&index=201&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=J2JRMLKWPSK&index=201&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

VER CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS Nº 10

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML>

VER VÍDEO HOMENAGEM 2

[https://www.youtube.com/watch?v=O98QKPUYED4&index=125&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&t=13S](https://www.youtube.com/watch?v=O98QKPUYED4&index=125&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&t=13S)

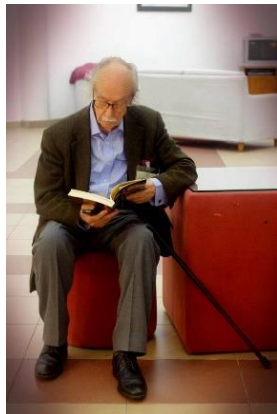
VER VÍDEO HOMENAGEM 1

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/661-VIDEO-HOMENAGEM-A-EDUARDO-BETTENCOURT-PINTO.HTML>

SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA 2012, 18º GALIZA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 28º EM VILA DO PORTO 2017 E 30º MADALENA DO PICO 2018

**13. EDUÍNO DE JESUS, POETA, DECANO DOS ESCRITORES AÇORIANOS, É O AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2019 AICL**



28º VILA DO PORTO 2017



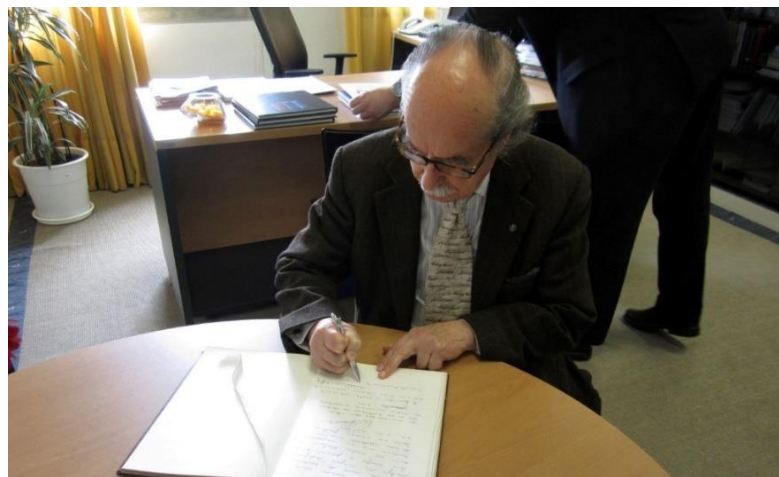
28º VILA DO PORTO 2017



26º LOMBA DA MAIA 2016



30º MADALENA DO PICO 2018



17º LAGOA 2012



17º LAGOA 2012



26º LOMBA DA MAIA 2016



17º LAGOA 2012



26º LOMBA DA MAIA 2016



26º LOMBA DA MAIA 2016



28º VILA DO PORTO 2017

**EDUÍNO (Moniz) DE JESUS** nasceu na Ilha de S. Miguel, freguesia de Arrifes, concelho de Ponta Delgada.

Nesta cidade viveu desde um ano de idade e aí completou os seus estudos secundários (Cursos Geral dos Liceus e Complementar de Letras) e o Curso do Magistério Primário.

Em 1951 ingressou como aluno voluntário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde frequentou o Curso de Ciências Pedagógicas, e de 1953 em diante (até 1959) o de Filologia Românica, que só veio a completar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se com dissertação em Linguística e Literatura.

Frequentou depois em França, na Academia de Bordéus, um Curso de Comunicação.

Aos vinte anos ingressou na carreira docente, que seguiu durante mais de meio século (1948-2000), começando por exercer o ensino primário em Ponta Delgada e nos arredores de Coimbra (Lorvão), depois os Ensinos Técnico e Liceal (privado) em Lisboa e por fim o Ensino Superior, também nesta cidade. No Ensino Técnico foi professor, primeiro, de Língua e História Pátria e depois, quando o Francês foi introduzido no Ensino Técnico Elementar, passou a lecionar Português e Francês, disciplinas de que também foi professor em colégios privados.

Na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa lecionou Teoria da Literatura apenas no ano letivo de 1979-80 e na Faculdade de Letras da Universidade (Clássica) de Lisboa, durante mais de vinte anos, até ao ano 2000, História da Literatura Portuguesa e outros Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para estudantes estrangeiros.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Desempenhou, além da docência, diversos cargos, entre os quais o de subdiretor de uma escola técnica (Nuno Gonçalves) e diretor de outra (Cesário Verde).

Além disso, pertenceu em 1977-78 à comissão que fez a reforma dos programas do antigo ciclo preparatório (na parte relativa ao ensino do Português) e foi, no antigo Ministério da Educação e das Universidades, membro do Conselho Orientador da Profissionalização em Exercício (1980-86), que procedeu à reforma dos estágios para professores daquele antigo ciclo de estudos e à preparação dos novos formadores.

Tem vasta obra dispersa em jornais e revistas desde 1946 (poesia, conto, teoria e crítica de literatura, teatro e artes plásticas, ensaio, polémica), e alguma publicada em livro (poesia, teatro, ensaio).

Atual presidente da delegação de Lisboa da “Associação Dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental” e presidente da A.G. da Casa dos Açores em Lisboa.

### **PUBLICOU AS SEGUINTE OBRAS:**

#### ***POESIA 1:***

- Caminho para o Desconhecido, Coimbra, col. Arquipélago, 1952;
- O Rei Lua, Coimbra, ed. do Autor, 1955;
- A Cidade Destruída durante o Eclipse, Coimbra Editora, 1957;
- Os Silos do Silêncio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

#### ***TEATRO 2:***

- Cinco Minutos e o Destino. Comédia em 1 Ato. Ponta Delgada, ed. Açória, 1959

#### ***ENSAIO 3.1 Em Prefácios e posfácios:***

- In Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues, Coimbra, col. Arquipélago, 1956 (tem 2ª ed.);
- In Virgílio de Oliveira, Rosas que Vão Abrindo. Coimbra, col. Arquipélago, 1956: (Tem outras eds);
- In Maria Madalena Monteiro Férin, Poemas, Coimbra, col. Arquipélago, 1957;
- In António Moreno, Obra Poética, Coimbra, col. Arquipélago, 1960;
- In António Manuel Couto Viana, Pátria Exausta, Lisboa, Editorial Verbo, 1971. (tem outras eds.);
- In Natércia Freire, Os Intrusos, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1971 (tem outras eds.);
- In António Manuel Couto Viana, Teatro Infantil e Juvenil, Lisboa, Nova Arrancada, 1997;
- In António Manuel Couto Viana, 12 Poetas Açorianos. Lisboa, Salamandra, col., 200 etc.,

#### ***ENSAIO 3.2 em obras coletivas:***

- Costa Barreto (dir.), Estrada Larga, 3 vols., Porto, Porto Editora, s / d;
- Onésimo Teotónio Almeida (org.), A Questão da Literatura Açoriana, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983;
- In António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.), Vitorino Nemésio, Vinte Anos Depois, Lisboa, Ponta Delgada, Ed. Cosmos, 1998.

#### ***ANTOLOGIAS POÉTICAS em que está selecionado 4:***

- Maria Alberta Menéres e E. M. de Mello e Castro, Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, Lisboa, Moraes Ed., 1ª ed. 1959, 2ª ed. 1961;
- António Salvado, A Paixão de Cristo na Poesia Portuguesa, Lisboa, Polis, 1969;
- Orlando Neves e Serafim Ferreira, 800 Anos de Poesia Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973;
- Pedro da Silveira, Antologia de Poesia Açoriana do Século XVIII a 1975, Lisboa, Livraria. Clássica Ed., 1977;
- Ruy Galvão de Carvalho, Antologia Poética dos Açores, 2 vols., Angra do Heroísmo, col. Gaivota, 1979-80;
- Onésimo Teotónio Almeida, The Sea Within. A selection of Azorean Poems (trad. de George Monteiro), Providence, 1983;
- Maria de Lourdes Hortas, Poetas Portugueses Contemporâneos, Recife (Brasil), 1985;
- Álamo Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, Pai, a sua Bênção! (Antologia de Textos de Autores Açorianos), Angra, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1994 (Edição comemorativa do Ano Internacional da Família);
- Eduardo Bettencourt Pinto, Os Nove Rumores do Mar, Seixo Publishers, Canadá, 1996; 2ª ed. (aumentada), Lisboa, Instituto Camões, 1999 e 3ª ed. (corrigida), Lisboa, Instituto Camões, 2000;
- Ivan Strpka e Peter Zsoldos Zakresl’ovanie do mapy. Azory a ich básnici, Bratislava (Eslováquia), Kalligram, 2000;
- Adozinda Providência Torgal e Clotilde Correia Botelho, Lisboa com seus Poetas, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.
- valter hugo mãe, O Futuro em Anos-Luz / 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas, Porto, Edições Quási, 2001.
- Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira, Encantada Coimbra, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003.
- Diniz Borges, On a Leaf of Blue Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry, Berkeley, Institute of Governmental Studies Press, University of California, 2003.
- António Manuel Machado Pires, 20 Poemas (volume integrado no álbum XX3x20 - 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas), Angra, Direção Regional da Cultura, 2003.
- Diniz Borges, Nem Sempre a Saudade Chora, Horta, Direção Regional das Comunidades, 2004.
- Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt, Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense, Blumenau, Santa Catarina (Brasil), 2005.
- Maria Aurora Carvalho Homem e Urbano Bettencourt (sel.) e Diana Pimentel (org.), Pontos Luminosos. Açores e Madeira, Antologia de Poesia do Século XX. Porto, Campo das Letras, 2006.
- John M. Kinsella, Voices from Islands. An Anthology of Azorean Poetry, Providence, R. I., Gávea-Brown, 2007:

- Leons Bredis e Urbano Bettencourt, Azoru Salu. Dzejas Antologija, Riga (Letónia), Minerva, 2009.
- Amadeu Baptista, Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música. Viseu, Tip. Guerra, 2009

VÁRIA 5

Produziu e dirigiu para a RTP um “magazine” literário quinzenal durante cinco anos: Convergência (1969-1972), depois reformulado e chamado Livros & Autores (1072-1974).

Foi editor e pertenceu ao conselho de direção da revista de artes e letras Contravento. (Lisboa, ed. Contravento, 1968-1971) e dirigiu a Revista de Cultura Açoriana (Lisboa, ed. Casa dos Açores de Lisboa, 1989-1991).

Tem colaboração na enciclopédia de literatura Biblos (da Editorial Verbo) e no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses do Instituto Português do Livro e da Leitura (Publicações Europa-América).

Também se dedicou ao teatro (teoria, história e crítica) e às artes plásticas (teoria e crítica). Assim:

- Fez crítica de teatro durante vários anos na revista Rumo (Lisboa, 1960-67) e organizou a secção de teatro da Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura ‘Verbo’, de cujo conselho de Diretores fez parte, tendo inventariado as entradas respeitantes àquela secção e redigido a quase totalidade dos respetivos verbetes (mais de 1 milhar).

Além disso, fez parte, durante vários anos, dos júris dos Prémios Nacionais de Teatro e pertenceu a um efémero conselho de leitura dos Teatros Nacionais de D. Maria II, de Lisboa, e de S. João, do Porto, com a escritora Agustina Bessa-Luís e a atriz Glória de Matos. Sobre artes plásticas, escreveu principalmente na revista Panorama (de Lisboa) e prefaciou álbuns de pintura e catálogos de exposições, entre os quais o da representação Portuguesa na VI Bienal de Paris (1969). Além disso fez parte de vários júris de Salões de Arte e representou Portugal no Júri Internacional da X Bienal de S. Paulo, Brasil (1969).

Tem feito conferências e participado em Congressos e Colóquios literários em diversas universidades e outras instituições em Portugal (incl. Açores), nos EUA, no Canadá e no Brasil.

TEMA 4.1. EDUÍNO DE JESUS AUTOR HOMENAGEADO AICL 2019

Ver imagens da Homenagem em [https://www.youtube.com/watch?v=7vuO3BPmdu8&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkeRI&index=1](https://www.youtube.com/watch?v=7vuO3BPmdu8&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI&index=1)

CADERNO AÇORIANO Nº 12

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/866/CADERNO-12-EDUINO-DE-JESUS-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-(e-suplementos)-de-estudos-acorianos/866/caderno-12-eduino-de-jesus-cadernos-de-estudos-acorianos.pdf)

VÍDEO HOMENAGEM 4 GRACIOSA 2019

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7VUO3BPMdu8&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkeRI&index=2&t=26s](https://www.youtube.com/watch?v=7VUO3BPMdu8&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI&index=2&t=26s)

\_VÍDEO HOMENAGEM 3, 2016

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HUyLYDKQLXW&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkeRI&index=30&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=HUyLYDKQLXW&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI&index=30&t=0s)

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/VIDEO-HOMENAGENS-AICL/2237-EDU%C3%ADNO-DE-JESUS-2016-V%C3%ADDEO-HOMENAGEM-3.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/video-homenagens-aicl/2237-edu%C3%ADNO-DE-JESUS-2016-V%C3%ADDEO-HOMENAGEM-3.HTML)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OQYUNTNNXZ8&t=13s&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkeRI&index=77](https://www.youtube.com/watch?v=OQYUNTNNXZ8&t=13s&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI&index=77)

VÍDEO HOMENAGEM 2, 2015

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/2124-HOMENAGEM-AICL2-A-EDU%C3%ADNO-DE-JESUS-VIDEO-2015.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/2124-homenagem-aicl2-a-edu%C3%ADNO-DE-JESUS-VIDEO-2015.HTML)

VÍDEO HOMENAGEM 1, 2012

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/660-VIDEO-HOMENAGEM-A-EDUINO-DE-JESUS.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/660-video-homenagem-a-eduino-de-jesus.html)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=R1VVUIPKXRU&t=0s&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkeRI&index=162](https://www.youtube.com/watch?v=R1VVUIPKXRU&t=0s&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI&index=162)

CHRYD DIZ CAIS DA SAUDADE DE EDUÍNO

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G5IWY8RITMW&t=0s&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkeRI&index=90](https://www.youtube.com/watch?v=G5IWY8RITMW&t=0s&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI&index=90)

17º NA LAGOA 2012 POESIA CONCHA, EDUÍNO E URBANO

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ABAJIRQFVOA&index=233&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkeRI](https://www.youtube.com/watch?v=ABAJIRQFVOA&index=233&list=PLWJUyRYOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI)

SÓCIO DA AICL

- PARTICIPOU NO 17º COLÓQUIO 2012 LAGOA, NO 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, NO 27º EM BELMONTE 2017, 28º EM VILA DO PORTO 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019



**14. FÉLIX RODRIGUES, CIENTISTA, UNIV DOS AÇORES ~ CONVIDADO ESPECIAL**

**António Félix Flores Rodrigues.** [antonio.ff.rodrigues@uac.pt](mailto:antonio.ff.rodrigues@uac.pt) é natural da Vila de São Sebastião na ilha Terceira onde nasceu em 1962.

Licenciou-se em Física na Universidade de Lisboa em 1985 e após a conclusão do curso lecionou, durante dois anos, na Escola Secundária de Angra do Heroísmo.

Ingressou como docente na Universidade dos Açores onde é docente/investigador até à atualidade.

Fez Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica na área da Biofísica sob a orientação do Prémio Europeu Madame Curie, o Professor João Pedroso de Lima, da Universidade de Coimbra.

Fez Doutoramento na área das Ciências do Ambiente - Ramo Poluição sob a orientação do Professor Casimiro Pio, da Universidade de Aveiro.

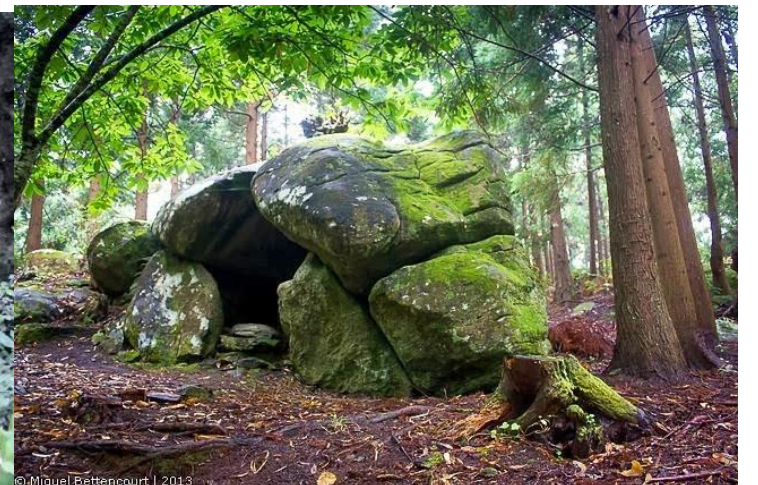
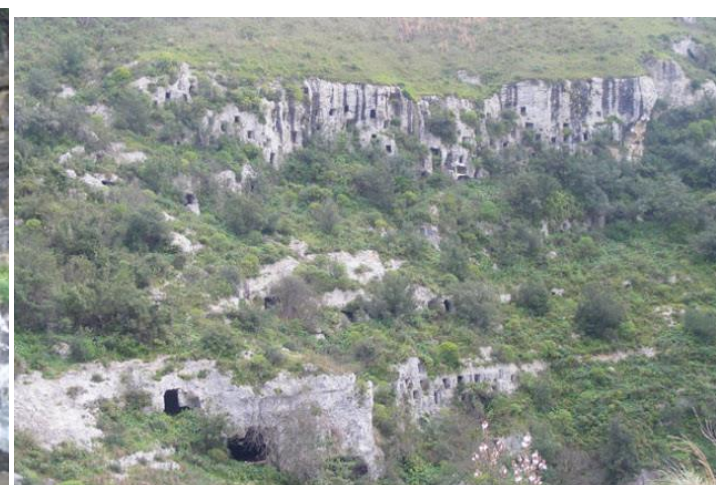
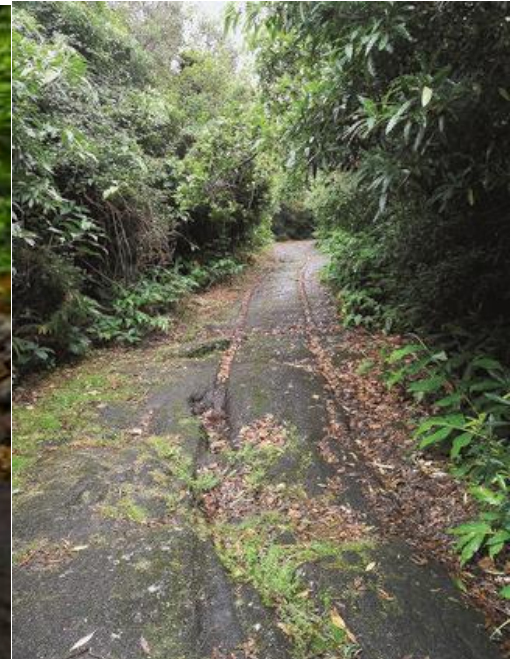
Possui mais de uma centena de artigos publicados em revistas nacionais e internacionais e vários livros publicados.

Como investigador, tem contribuído para o desenvolvimento de áreas emergentes destacando-se o combate ao escaravelho japonês e mosca do Mediterrâneo pela técnica do macho estéril, cujo modelo teórico que desenvolveu deu suporte à construção de uma biofábrica na Madeira para combate à mosca da fruta no Mediterrâneo.

Foi pioneiro na modelação de sinais elétricos extracelulares em plantas com aplicações na deteção de incêndios e melhoramento vegetal. Identificou e registou pela primeira vez a chegada de poeiras do Saara aos Açores e trabalhou com o United States Geological Survey na identificação do mecanismo de transporte de poluentes associados a essas partículas e seu impacto nos corais das Caraíbas.

Desenvolveu estudos de semiótica que lhe permitiram construir uma teoria alternativa às designadas marcas de pedreiro que se encontram em edifícios históricos tendo em conta as suas propriedades numéricas e geométricas. Dedicar-se neste momento à investigação da presença pré-portuguesa no arquipélago dos Açores, com trabalhos publicados a nível internacional. Tem desenvolvido trabalhos teóricos em torno dos impactes ambientais resultantes da presença na ilha Terceira de militares norte-americanos.

[CV completo em](http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=8523434226388857)



pias em rochas lávicas do Porto Santo (Arq. da Madeira) (fotografia de David Francisco), Ilha Terceira (fotografia de [Félix Rodrigues](#)) e da ilha de São Miguel (fotografia de [Rafael Fraga](#)). A última foto inexplicada é do Paul da Serra na Madeira



<http://expresso.sapo.pt/misteriosas-descobertas-arqueologicas-nos-acoress=f812970#ixzz2VIEEX0PHj> <http://expresso.sapo.pt/as-misteriosas-descobertas-arqueologicas-nos-acoress=f812970#ixzz2VjM9hxzW>  
<https://expresso.pt/sociedade/2018-09-01-Estudo-revela-que-os-Acores-ja-eram-habitados-ha-1000-anos#gs.7USyZkg>  
<https://www.vortexmag.net/8-provas-de-que-os-acoress-ja-eram-habitados-antes-da-chegada-dos-portugueses/>

**Tema: Na senda de um novo paradigma açoriano e mundial, Félix Rodrigues,** - Universidade dos Açores

As ilhas designadas na cartografia medieval como ilhas encantadas do Atlântico, podem deixar de ser uma lenda para se tornarem uma realidade histórica, proto-histórica ou até pré-histórica.

Se há uma forma de viajar no tempo, para o passado ou para o futuro, é pela ciência. Por mais ridícula que uma dessas viagens possa parecer ela não assenta nas palavras de ninguém (*Nullius in verba*), mas sim em fatos que podem ser alvo de verificação repetida por diferentes pessoas e por diferentes metodologias. Nesta comunicação apresentar-se-ão dados científicos que demonstram a presença de gente nos Açores muito antes do povoamento das ilhas no século XV e discutir-se-ão as implicações que tal facto pode ter no recontar da história da dispersão da humanidade em tempos imemoriais.

Apesar de não se conhecerem cabalmente muitos aspetos desse antigo povoamento, dessa cultura ou até mesmo de não se ter uma cronologia clara para essa presença, os dados até agora alcançados obrigam a repensar a construção do conhecimento e a segurança das metodologias científicas, ademais, quando se verifica um antagonismo nas perceções em torno desta temática e destes factos.

Neste momento, e até que se prove o contrário, com uma investigação tão extensa quanto aquela que foi levada a cabo por vários investigadores, há presença humana nas ilhas Terceira, São Miguel e Pico, em período anterior ao povoamento português. Tal facto não belisca em nada a história do povo que vive nestas ilhas, nem tão pouco a história de Portugal, porque até agora as cronologias apontam para um período anterior à formação da Nação Portuguesa. Um facto poderia ser explicado por uma coincidência, mas muitos factos tornam-se claramente um padrão. Isso entronca nos princípios básicos da classificação tipológica e na necessidade de criar conhecimento através de uma teoria coesa e robusta. Nesta comunicação serão apresentados vários conjuntos de factos que se constituem um padrão de ocupação que requer uma análise pormenorizada à luz do velho e do novo paradigma da navegabilidade atlântica.

## Introdução

Nos tempos da marinha de vela, o arquipélago açoriano era fundamental para o controlo das rotas oceânicas, e o povoamento das suas ilhas, muito se deveu a uma visão estratégica de comércio mundial e de conquista de novos espaços ou territórios. A importância geoestratégica dos espaços varia no tempo em função da economia, da cultura, da política, dos conflitos e de muitos outros fatores endógenos e exógenos. Veja-se por exemplo a obra de Mendes (2018) para melhor entendermos as diferentes valorizações do arquipélago açoriano na primeira e segunda guerra mundial e até mesmo, na atualidade.

É fácil entender a velha e a nova história da centralidade dos Açores, especialmente desde a sua descoberta pelos portugueses no século XV até à atualidade, mas muito difícil de entendê-la em possíveis períodos longínquos. O período anterior ao povoamento dos Açores está recheado de mitos e lendas. Os mitos dependem de um tempo e de um espaço para que possam existir e ser compreendidos. Nesse contexto, os mitos medievais que envolvem o Arquipélago dos Açores necessitam de uma leitura ligada ao pensamento medieval e não podem ser exclusivamente interpretados pelo pensamento moderno, nem pela etnografia ou tradição oral, porque as lendas resultam exatamente de uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. “Quem conta um conto, acrescenta um ponto”.

Alguns acontecimentos históricos podem ser transformados em lendas, se adquirirem uma determinada carga simbólica numa dada cultura, e serem erroneamente chamados de mitos. Isso é comum quando existe doutrinação histórica.

Chegamos aos dias de hoje com uma doutrinação história dos espaços, das tecnologias da antiguidade e do pensamento arcaico. Temos tendência para considerar o antigo, incluindo o homem, como retrógrado, menos capaz técnica e intelectualmente do que as gentes de hoje, mas na verdade isso não passa de uma grande falácia porque mesmo na atualidade não temos métricas claramente objetivas de medir a inteligência ou competências, quer de homens quer de animais.

Perante o que se expõe, recuar ao passado, especialmente antes da escrita, terá que passar claramente pelas novas linguagens da física, química, biologia, genética ou geologia, entre muitas outras. Epistemologicamente essas são linguagens fortes e imparciais, não se compadecendo da “opinião de ninguém”.

A opinião é aceitável quando o objeto analisado é subjetivo, ou até mesmo quando estamos na ausência de conhecimento, mas aí, não a aceitamos por ser uma “boa opinião” ou uma “boa retórica”, mas sim por ser “uma hipótese de partida”, ou seja, “uma verdade falseável”. Não podemos confundir factos com hipóteses, ou a “falseabilidade” de uma verdade, no sentido que Karl Popper lhe atribui, com erros científicos.

As ilhas sempre foram locais de cruzamento de povos e de interesses, e no caso dos Açores, apesar de terem sido descobertas pelos portugueses, “...*depressa se lhes associaram outros povos, a começar pelos flamengos e mesmo ingleses*” (Mendes, 2018:32). Logo desde o início do povoamento dos Açores que vários povos veem o arquipélago com importância geoestratégica.

Por que razão, antes do povoamento dos Açores, nenhuma cultura humana se deparou com as ilhas, ou mesmo tendo-se deparado com elas, não as valorizaram?

Cientificamente, e num sentido estritamente académico interessa dar resposta a esta questão, mesmo que alguns a possam considerar sem importância. Há quem tente responder-lhe com dogmas ou “feelings”, sem perceber que a ciência é um constructo multicultural e universal, independentemente de algumas pessoas serem livres de aceitar ou não as suas conclusões.

O dogma da “não navegabilidade no Atlântico profundo” antes da invenção da vela latina não tem qualquer fundamento científico. Basta uma leitura atenta dos trabalhos produzidos na área da oceanografia física para concluirmos que não se ter chegado aos Açores antes do século XV é um evento de probabilidade muito reduzida.

Os portulanos criados em tempos anteriores à descoberta dos Açores dão a entender que estas ilhas já eram conhecidas, mas não se constituem prova de ocupação humana ou de terem sido local de paragem, porque os seus nomes mudam constantemente bem como as suas posições geográficas. Tais portulanos não se constituem prova de navegabilidade no Atlântico porque ao atribuírem formas, posições e nomes diferentes às ilhas não nos permitem criar um padrão que nos possibilite afirmar que não são meras coincidências, todavia, não podemos de forma alguma afirmar, dada a inexactidão dessas cartas, que nelas não possam estar representadas ilhas açorianas. É essa grande ambiguidade que permite enormes discussões acerca de ser conhecer ou não na Idade Média pelo menos algumas ilhas açorianas.

Outro dos dogmas evocados recorrentemente para negar uma presença pré-portuguesa no arquipélago refere-se à navegabilidade em tempos arcaicos. Afirma-se que: “Só se navegava com terra à vista”. Aceitando tal dogma somos obrigados também a aceitar que todos os contactos realizados entre civilizações em tempos imemoriais só se faziam pelos rios e pelas costas dos continentes. Não há uma única prova disso, mas existem algumas provas que colocam em causa tal dogma. Não se quer dizer com isso que a negação desse dogma se traduz na não aceitabilidade de uma hipótese que aponte para que a maioria das viagens em tempos antigos se realizassem junto à costa, mas maioria, não significa que fossem todas. Para melhor concretizar esta ideia atente-se no facto da maioria dos transportes aéreos da atualidade se fazer entre a Europa e a América, mas isso não significa que não existam viagens aéreas entre a Europa e África ou entre a América e a Ásia.

Também se costuma evocar o dogma do “não há nada escrito” e esquece-se parte dos relatos de Damião de Góis, de Gaspar Frutuoso, de Francisco Ferreira Drummond ou de todo e qualquer outro historiador/cientista pensando-se que transformando algumas das partes dessas obras em mitos e lendas, isso não as transformaria, no seu todo, em trabalhos sem rigor. Tais documentos não podem ser considerados fidedignos para umas coisas e não confiáveis para outras. Podemos afirmar sim, que podem não existir na atualidade factos capazes de suportar o que alguns cronistas ou historiadores afirmam, havendo impossibilidade de os corroborar, mas sem os encontrar, ninguém os poderá negar. Não podemos questionar tudo o que se escreve, especialmente quando se tratam de obras que foram discutidas e analisadas ao longo de vários séculos por milhares de pessoas.

Se os dogmas relativos a uma presença humana antiga nos Açores caírem, mudaremos de paradigma, no sentido que Thomas Kuhn atribui a esse conceito, ou seja, da alteração daquilo que os membros de uma comunidade partilham em termos de conhecimento. Uns Açores antigos desafiam claramente a nossa ineligibilidade do mundo antigo dadas as enormes distâncias que separam os continentes das ilhas.

Neste trabalho centro-me exclusivamente na apresentação do que são provas ou que tem grandes probabilidades de suportar uma ocupação pré-portuguesa do Arquipélago dos Açores, uma vez que em ciência, a contradição dessas provas também precisa de factos. Advogar-se que factos negativos não precisam ser provados (*negativa non sunt probanda*) aplica-se no direito, mas em ciência só se aplica quando há construção de conhecimento que cabalmente desfaz uma prova. Uma prova combate-se com outra, ou seja, os resultados de uma análise desfazem-se com outras análises ao mesmo objeto, não com opiniões ou análises a objetos distintos. Por vezes não se tem a consciência que negar um resultado, não só põe em causa a análise que se apresenta, mas também toda uma área científica. Neste contexto é mais fácil admitir-se que uma prova pode ser frágil do que negá-la sem análises que justifiquem essa negação.

Quem não acredita, analisa, porque uma prova não é uma questão de fé.

#### 1- Evidências de uma ocupação pré-portuguesa do Arquipélago Açoriano.

Não consideramos neste trabalho que a cartografia medieval que apresenta ilhas no Atlântico Norte, próximas da Região geográfica dos Açores, sejam prova de uma ocupação pré-portuguesa dessas mesmas ilhas, mas revela que já na Idade Média e antes do povoamento se conheciam e cartografavam ilhas nessa grande região do globo. A maioria das informações estampadas nessas cartas possui precisão no que era o mundo conhecido à época, mas alguma imprecisão, especialmente geográfica, no “mundo desconhecido ou pouco conhecido”. As ilhas que aparecem no Atlas Catalão de 1375 correspondem com grande probabilidade aos arquipélagos das Canárias, Madeira e Açores (Liščák, 2017).

O portulano Mediceo Laurenziano, datado de 1351, já apresentava ilhas no Atlântico Norte, que com alguma imaginação e pouca consistência geográfica as poderíamos associar aos Açores, e o mesmo ocorre, com o portulano de Gabriel de Valsequa de 1439 (Russell, 2000). Sem mais demoras na interpretação dos portulanos medievais pode-se afirmar com razoável certeza que havia conhecimento na Idade Média europeia, da existência de ilhas no Atlântico, mas que é impossível, através desses documentos, perceber se existiu algum interesse estratégico, comercial ou militar nessas ilhas antes da sua “descoberta” pelos portugueses e respetivo povoamento.

A análise da cartografia medieval corresponde a uma leitura de fora do arquipélago para a sua geografia, mas na atualidade começa-se a perceber que a leitura de dentro para fora do arquipélago é capaz de produzir alguns resultados palpáveis e objetivos, com muitos deles, a necessitarem de uma investigação aprofundada. Assim, julga-se ser importante que se juntem elementos em cada uma das ilhas, para que se desenvolva uma investigação em espiral em torno de cada um desses espaços. Nos pontos seguintes referem-se factos e algumas hipóteses relativamente a uma presença pré-portuguesa em algumas ilhas açorianas, acentuando a incerteza que existe em relação a cada um dos factos ou das hipóteses levantadas.

## 2 - Ilha do Corvo

A primeira referência a uma presença pré-portuguesa nessa ilha é do grande cronista português Damião de Góis do século XVI (Damiam de Goes, 1724: Cap. IX) onde menciona a mítica estátua equestre do Corvo. Tal referência tem sido amplamente debatida e procuradas evidências que a possam corroborar, todavia, nada de concreto foi encontrado que a permita validar objetivamente. Independentemente disso e dado o rigor que Damião de Góis apresenta nessa obra, não se pode pura e simplesmente afirmar que a ausência de provas é uma evidência de ausência. Já Carl Sagan (2012) criticou epistemologicamente essa “impaciência com a ambiguidade” clarificando que a “ausência de evidência não é uma evidência de ausência”. Esse raciocínio coloca em xeque a postura daqueles que o autor designa por “desenganadores”, ou seja, aqueles que consideram que novas ideias e atividades são falsas até prova em contrário, agindo como se o facto das evidências ainda não terem sido encontradas significasse que nunca o serão.

Completamente diferente disso e documentada com fotografia aparece publicada no jornal terceirense “A União” (27 de novembro de 1996) um artigo de J. Armas Alves, uma hipotética moeda de prata romana encontrada por volta de 1976 na ilha do Corvo, numa cavidade junto ao Porto Velho dessa ilha.

A consulta do original desse número do jornal permitiu que se identificassem alguns dos pormenores da moeda, concluindo-se que se tratava de uma moeda de prata com claras evidências de circulação, dado o seu desgaste. Tendo em conta todos os pormenores da imagem percebeu-se que a face corresponde à de um denário semelhante aos de 136 a.C. que circularam na Lusitânia Romana (ver figura 1).



**Figura 1-** Imagem de denário romano equivalente ao que J. Armas Alves descreve como tendo sido encontrado na ilha do Corvo (Classical Numismatic Group, 2006).

Na face da moeda encontra-se uma cabeça com capacete da deusa Dea Roma. No outro lado, ou seja na coroa, percebe-se que existem as patas traseiras de um cavalo, que sendo único seria muito comprido, pois há uma grande distância entre a sua cauda e o pescoço, localizado muito à frente do corpo. Sendo dois cavalos que aí estão representados, teríamos claramente a coroa da moeda da figura 1. Trata-se claramente dos Dióscuros das moedas do Império Romano do Ocidente, apesar de não se ver bem a cabeça do primeiro cavaleiro nem todas as formas das personagens humanas. As letras nessa moeda são quase impercetíveis mas percebe-se a existência da letra C.

Tentou-se contactar o funcionário público que escreveu esse artigo de opinião no extinto jornal “A União”, mas não se conseguiu até agora encontrar o seu paradeiro ou seus familiares.

Significa isso que a presença de uma moeda romana no Corvo, dita como tendo sido encontrada em circunstâncias estranhas (que pressupõe perda) é prova que os romanos conheciam os Açores? Claro que não, mas permite de imediato não descartar essa possibilidade até que a história dessa moeda seja bem contada. Muitas teorias se poderiam construir em torno deste achado, mas por si só, tal não se constituiria um facto robusto de uma teoria, pois para o ser implicava que tínhamos eliminado muitas outras hipóteses interpretativas. Por outro lado, um caso isolado pode ser uma mera coincidência, todavia, um conjunto vasto de casos não é uma coincidência mas sim um padrão.

Da moeda romana anteriormente mencionada, saltamos para as moedas Cirenaicas encontradas no Corvo em 1749. Apesar de alguns autores tentarem colocar esse facto no domínio da lenda, têm a pouca sorte de tais moedas serem cabalmente descritas e desenhadas num artigo científico da autoria de Podolyn em 1778 e publicado pela Academia Sueca de Ciências. Trata-se de um facto indiscutível apesar de não se conhecer o paradeiro dessas moedas. Tais moedas apontariam para uma presença humana arcaica na ilha do Corvo, pelo menos no século IV antes de Cristo, se pudéssemos garantir que nenhum outro povo ou pessoa as pudesse ter lá deixado.

Na sequência de uma visita efetuada à ilha do Corvo no ano de 2010, Ribeiro et al. acabam por publicar em 2015 um artigo onde defendem, baseados na tipologia de algumas construções que aí encontraram, que houve presença púnica na ilha, anterior à presença portuguesa.

Em 2015, numa investigação pessoal realizada na ilha do Corvo, foi possível observar as estruturas referidas por Ribeiro et al. (2015) e também verificar que atrás das paredes de uma casa em reconstrução, de uma habitação provavelmente anterior ao século XVIII, se encontravam duas estruturas hipogeicas similares às que Ribeiro et al. (2015) referem (ver figura 2) e que por tipologia também apontam para uma presença pré-portuguesa.



**Figura 2-** Imagem de uma das estruturas com câmara escavada na rocha, encontrada atrás das paredes de uma habitação antiga, na ilha do Corvo.

Entende-se que nada do que até agora se expôs é uma prova inequívoca de uma presença pré-portuguesa no Corvo, todavia, a cada ano que passa essa hipótese fortalece-se, não nos permitindo dizer que todos esses factos são um conjunto aleatório de coincidências.

### **3 - Ilha Terceira**

Em 2005, a Doutora Antonieta Costa levanta novamente a questão de uma ocupação pré-portuguesa nos Açores, tendo em conta alegadas inscrições fenícias encontradas na freguesia das Quatro Ribeiras. Uma peça com uma aparente inscrição foi recolhida pelas entidades oficiais e analisada por especialistas que não foram unânimes quanto à mensagem ou cronologia (ver figura 3).



**Figura 3-** Alegada inscrição fenícia numa pedra recolhida na freguesia das Quatro Ribeiras (Fotografia gentilmente cedida por Amadeu Costa).

Não foi possível na altura, dada a erosão da superfície da rocha traquibasáltica, garantir que as formas das hipotéticas letras não tivessem sido alteradas por processos naturais. Era e é inequívoco que tais formas foram pelo menos, parcialmente esculpidas pela mão humana. Isso é um facto, mas não se constitui uma prova inequívoca de uma presença pré-portuguesa na ilha.

Em 2010, Ribeiro et al. voltam a levantar a questão de uma presença pré-portuguesa na ilha baseados na tipologia das estruturas hipogeicas encontradas no Monte Brasil (Ver Ribeiro et al., 2015). A datação por tipologia aceite pela maioria dos arqueólogos é contestada no caso dos Açores pelos mesmos arqueólogos que a usam. Efetivamente essa é uma datação relativa e sujeita a um conjunto vasto de erros, entre os quais se encontra a sensibilidade de cada um, como tal é sujeita a subjetividade. Na tentativa de tornar objetiva a cronologia das estruturas em apreço, uma amostra de estalactite que cresceu no interior de uma dessas cavidades foi comparada com estalactites do mesmo material, existentes no teto de uma cisterna com cerca de 450 anos. A idade estimada para a estrutura situar-se-ia nos cerca de 1800 anos, todavia, vários fatores físicos controlam o crescimento dessa estalactite e tal longevidade não permite afirmar com grande certeza que essa cronologia é indiscutível.

Os estudos de Ribeiro, Joaquinito, Pimenta et al. (2015) que contém uma nova inscrição e novas análises tipológicas voltam a apontar para cronologias semelhantes à obtida por datação relativa com a estalactite anteriormente mencionada.

Em 2013 Félix Rodrigues apresenta no 16<sup>th</sup> Annual Mediterranean Studies Association

International Congress uma comunicação sobre megalitismo na ilha Terceira onde inevitavelmente se discutiu uma presença pré-portuguesa na ilha. É a tipologia dessas estruturas e a arte rupestre que lhe está associada que é publicada em Rodrigues (2015). Mais uma vez é a tipologia que aponta para essa presença, e tal como se mencionou anteriormente, ela contém alguma subjetividade, mas com tal número de coincidências haveria que repensar a maioria dos trabalhos realizados na área da arqueologia.

Também em 2015, Rodrigues et al., publicam a primeira datação absoluta de um artefacto construído pelo homem (pia quadrangular), obtendo uma idade de 1000 anos com um erro de apenas 30 anos. A partir desse momento fica claro que houve gente na ilha Terceira há pelo menos um milénio atrás, e é objetivamente impensável contradizer essa datação sem realização de outras análises.

Em 2018, Rodrigues et al., datam as relheiras da “Passagem das Bestas” como tendo 970 anos com um erro 30 anos. Trata-se mais uma vez de uma datação absoluta associada a várias datações relativas que apontam para a presença humana na ilha de uma comunidade há cerca de 1000 anos atrás. Para negar essa evidência será necessário efetuar um vasto conjunto de análises.

No corrente ano de 2019, e em fase de publicação na ARCH, Archeologisch Magazine (Rodrigues & van Oosten), é apresentada a datação de uma amostra de terracota introduzida num orifício cilíndrico de uma construção em rocha traquítica, claramente produzida pelo homem (semelhante à que se apresenta na figura 4). A idade obtida foi de 2580 anos antes do presente com um erro de 30 anos. Mais uma vez se trata de uma datação absoluta que para ser colocada em causa terão que ser encontradas as fontes de erro quer humanas quer analíticas.

Na atualidade é possível afirmar, sem grandes margens de dúvidas, quer pelas tipologias das construções e artefactos que têm vindo a ser encontrados na ilha Terceira quer pelas datações absolutas realizadas, que nesta ilha esteve instalada uma comunidade há pelo menos 2580 anos, numa data muito anterior ao povoamento das ilhas pelos portugueses.



**Figura 4-** Orifício cilíndrico contendo terracota (mistura de óxido de ferro, cinza e resinas) em peça recolhida no lugar do Posto Santo.

#### 4 - Ilha do Pico.

Em 2013, de novo Ribeiro et al., voltam a levantar suspeitas sobre a cronologia de algumas estruturas da ilha do Pico designadas popularmente por maroiços. Iniciam uma investigação arqueológica no interior de uma dessas estruturas e concluem que tipologicamente, e também pelos artefactos encontrados no seu interior, que tais estruturas seriam pré-portuguesas. As datações absolutas que realizaram não permitiram propor uma cronologia anterior ao século XV, mas isso não significa que o não seja.

Também em 2013, Pimenta et al. publicam um artigo sobre as orientações astronómicas das estruturas piramidais da ilha do Pico e apontam mais uma vez para uma lógica arcaica associada à construção e orientação dessas estruturas. Até aqui tem valido apenas para os estudos nessa ilha a lógica da tipologia e é devido à subjetividade dessa ferramenta que muita polémica se gera. Todavia, em 2018, Boer et al., num estudo paleoecológico realizado na Lagoa do Peixinho demonstram que existiu uma comunidade nessa ilha há pelo menos 1100 anos atrás. Este trabalho acaba por ser um contributo lateral da biologia a esta temática e corrobora claramente os trabalhos que anteriormente se referiram.

Houve claramente uma comunidade humana pré-portuguesa na ilha do Pico de origem ainda não conhecida.

## 5 - Ilha de São Miguel

Em 2017 é sinalizada na Ribeira dos Bispos no Concelho da Povoação uma estrutura que tipologicamente se assemelha a um columbário fenício. A sua funcionalidade é desconhecida, mesmo que se tente acomodar uma explicação etnográfica.

Rodrigues e Costa (2018) afirmam que arquitetonicamente não encontraram qualquer paralelismo entre essa estrutura e qualquer pombal ou galinheiro nos Açores ou no mundo, mas todos os pormenores observados coincidem com uma estrutura fúnebre púnica ou romana. Não é fácil, dizem os autores, sem uma investigação profunda, encontrar materiais datáveis à superfície que permitam aferir a sua cronologia, no entanto firmam que, por lógica, e tendo em conta a sismicidade do local e os efeitos produzidos na arriba onde a estrutura está instalada, apontar para uma cronologia claramente anterior ao século XVI, pois os eventos sísmicos mais intensos que ocorreram nesse local rondam as datas de 1432 a 1460. Tal estrutura também foi interpretada por outros profissionais da área que a associam a um misto de galinheiro/pombal. Também aqui a tipologia não fornece informações claramente objetivas, mas tão diferentes interpretações obrigaria a discutir intensamente todas as datações que são produzidas a partir de tal metodologia.

A prova inequívoca de uma presença pré-portuguesa nessa ilha surge mais uma vez em trabalhos de paleoecologia realizados na Lagoa das Sete Cidades.

Nesse mesmo ano de 2017 é publicado um artigo da autoria de Rull et al., que descreve a existência de pólen de centeio compatível com sementeiras, queima de madeira intensiva e a presença de um fungo que aparece exclusivamente nas fezes de herbívoros (caprinos, ovinos ou bovinos) num período anterior a 750 anos antes do presente. Tais dados são irrefutáveis até ao aparecimento de análises que os contradigam.

Pode-se garantir que houve uma comunidade humana de origem incerta, instalada nas Sete Cidades, antes da descoberta oficial do Arquipélago pelos portugueses.

## 6- Considerações finais

Relativamente às datações por tipologia assume-se que os artefactos ou construções existentes nos Açores têm um estilo reconhecível que é em certo sentido uma característica das sociedades que as criaram. Assim, esse tipo de datação passa pela comparação entre estruturas de vários locais do globo para que a partir de umas se possa inferir a idade das outras.

Por tipologia reconheceríamos estruturas muito anteriores ao povoamento dos Açores em todas as ilhas do arquipélago. No entanto, e sem qualquer argumento credível, não colocaremos em causa esse princípio que apesar de conter alguma subjetividade tem originado resultados muito satisfatórios, especialmente quando complementados com técnicas analíticas da física, química, biologia e geologia.

Relativamente à presença pré-portuguesa nos Açores já podemos falar de factos indesmentíveis, especialmente aqueles associados às datações absolutas realizadas.

Há pelo menos 2580 anos esteve uma comunidade, de origem incerta, instalada na ilha Terceira, podendo-se garantir que não era de cultura Viking, como alguns autores tentaram inferir a partir das datações absolutas que apontavam para uma presença pré-portuguesa com mais de 1000 anos.

Há que perceber que estas datações absolutas realizadas na Terceira correspondem a uma datação “*terminus ante quem*”, ou seja, correspondem a idades mínimas de um objeto ou estrutura, que pode ser coincidente também com a idade do próprio objeto ou estrutura. Relativamente à ocupação pré-portuguesa na ilha do Pico é possível garantir também que há pelo menos 1100 anos esteve aí instalada uma comunidade que produzia cereais e criava animais.

Quanto à ilha de São Miguel, as datações absolutas não chegam tão longe, como nas ilhas Terceira e Pico, mas apontam claramente para a presença de uma comunidade produtora de cereais com pastorícia, há pelo menos 750 anos.

Não há nenhuma razão aparente para se encontrarem tão grandes diferenças cronológicas entre a presença humana pré-portuguesa nas ilhas aqui referidas, como aquelas que as datações absolutas apontam, pois tais diferenças podem resultar apenas da intensidade de investigação. A proto-história e pré-história dos Açores abrem novas perspetivas para a compreensão da dispersão da humanidade em períodos muito arcaicos, por isso se entende que o arquipélago açoriano está neste momento na senda de um novo paradigma mundial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, J. Armas (1996), Uma estranha moeda de prata achada na ilha do Corvo. *A União*, 27 de novembro, pp. .9.

Boer, Erik; Rull, Valen; van Leeuwen, Jacqueline; Amaral-Zettler, Linda; Bao, Roberto; Birlo, Stella; Gonçalves, Vítor; Hernández, Armand; Martin-Puertas, Celia; Pla-Rabes, Sergi; Pueyo, Juan; Raposeiro, Pedro; Richter, Nora; Saez, Alberto; Trigo, Ricardo e Giral, Santiago (2018), Early human impact in the Azores: A Late Holocene high-resolution paleoecological analysis from Lake Peixinho, Pico Island, Portugal. *IPA-IAL 2018 Joint Meeting abstracts: Unravelling the Past and Future of Lakes*. Stockholm. Stockholm University.

Classical Numismatic Group (2006), Cn. Lucretius Trio. 136 B.C. AR Denarius. TRIO, helmeted head of Dea Roma, X before Dioscuri r.; below, CN. LVCR.; ROMA in ex. Bab 1 Syd 450, Cr237/1. Página consultada a 5 de janeiro de 2017. <http://www.cngcoins.com>.

Goes, Damiam (1724), *Chronica do Príncipe D. Joam*. Lisboa, Officina da Musica.

Liščák, Vladimír (2017), “Mapa mundi (Catalan Atlas of 1375), Majorcan cartographic school, and 14<sup>th</sup> century Asia”. *Proceedings of the International Cartographic Association*, 1, 1-8.

Mendes, Armando (2018), Entre o carro de bois e o avião: Uma pequena comunidade no centro de uma rivalidade global. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira.

Podolyn, Johan (1778), Några Anmärkingnar om de Gamles Sjöfart, i anledning af några Carthaginensiska och Cyrenaiska Mynt, fundne år 1749, på en af de Azoriska Öarne. *Det Götheborgska Wetenskaps och Witterhets Samhällets Handlinger Wetenskaps Afdelningen*, Vol I, 106.

Pimenta, Fernando; Ribeiro, Nuno; Joaquineto, Anabela; Rodrigues, Félix; Costa, Antonieta e Silva, Fernando (2013) Land, Sea and Skyscape: Two Case Studies of Man-made Structures in the Azores Islands. *Culture and Cosmos*, 17(2), 107-132.

Ribeiro, Nuno; Joaquineto, Anabela; Pimenta, Fernando; Hristov, Romeo; Ventura, Ricardo; Costa, José; Rodrigues, Félix; Silva, Fábio; Freitas, Ricardo e Costa, Antonieta (2013), *Estudo Histórico Arqueológico sobre as Construções Piramidais existentes no Concelho da Madalena, ilha do Pico*. Madalena, Câmara Municipal da Madalena.

Ribeiro, Nuno; Joaquineto, Anabela e Pereira, Sérgio (2015), Phoenicians in the Azores, Myth or Reality?. *Proceedings of the 15<sup>th</sup> SOMA 2011*, Catania, 453-459.

Ribeiro, Nuno; Joaquineto, Anabela; Pimenta, Fernando; Sauren, Herbert; Rodrigues, Félix; Costa, Antonieta; Pereira, António; Juliano, Manuela; Fernandes, Joaquim; Freitas, Ricardo; Ventura, Ricardo e Tirapicos, Luis (2015), Protohistoric and Historical Atlantic Navigation: Archaeological Evidence from the Azores. *SEAC 2011 Stars and Stones: Voyages in Archaeoastronomy and Cultural Astronomy, Proceedings of the SEAC 2011 conference*, Oxford, BAR Publishing, pp. 64-69.

Rodrigues, Félix (2015), Megalithic Constructions Discovered in the Azores, Portugal. *Archaeological Discovery*, 3, 51-61.

Rodrigues, Félix; Martins, Nuno; Ribeiro, Nuno e Joaquineto, Anabela (2015), Early Atlantic Navigation: Pre-Portuguese Presence in the Azores Islands. *Archaeological Discovery*, 3, 104-113.

Rodrigues, Félix; Madruga, João; Martins, Nuno e Cardoso, Fábio (2018), Dating the cart-ruts of Terceira Island, Azores, Portugal. *Archaeological Discovery*, 6, 279-299.

Rodrigues, Félix e Costa, Mário (2018), Um Possível Columbário Fúnebre na Ribeira dos Bispos, nos Açores. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Vol LXXVI, 289-312.

Rodrigues, Félix e van Oosten, Henk (2019). Archeologische ontdekkingen op de Azoren. *ARCH, Archeologisch Magazine* (em fase de publicação).

Rull, Varen; Arantza, Lara; Rubio-Inglés, María; Giral, Santiago; Gonçalves, Vítor; Raposeiro, Pedro; Hernández, Armand; Sánchez-López, Guiomar; Vázquez-Loureiro, David; Bao, Roberto, Masqué, Pere e Sáez, Alberto (2017). Vegetation and landscape dynamics under natural and anthropogenic forcing on the Azores Islands: A 700-year pollen record from the São Miguel Island. *Quaternary Science Reviews*, 159, 155-168.

Russell, Peter (2000), *Prince Henry “the Navigator”: a life*. New Haven, Yale University Press.

Sagan, Carl (2012), Um Mundo Infestado de Demónios - A ciência como uma luz na escuridão. Lisboa, Gradiva.

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

15. **HILARINO DA LUZ, CABO VERDE –** INVESTIGADOR DA NOVA FCSH E INVESTIGADOR INTEGRADO DO CHAM, FCSH – UNL UAC



**HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ**, Investigador da NOVA FCSH

Investigador Integrado do CHAM, Centro de Humanidades, onde foi Bolseiro de Pós-Doutoramento, de julho de 2015 a junho de 2018,

é Doutor em Estudos Portugueses, especialização em Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa (2013),

Mestre em Estudos Portugueses, especialização em Estudos Literários (2008)

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, Variante de Estudos Portugueses (2006), pela FCSH - Universidade NOVA de Lisboa.

Além de artigos publicados e de uma vasta experiência profissional, nomeadamente como professor no ensino público português, tem organizado e participado em vários congressos internacionais em Portugal, Cabo Verde, Itália e Polónia.

**Tema** Vida e obra de Januário Leite, Hilarino Carlos Rodrigues da Luz, CHAM, Departamento de Estudos Portugueses, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

#### Sinopse

Pretendemos, com este artigo, fazer uma breve abordagem da vida e obra do poeta cabo-verdiano António Januário Leite, mais conhecido por Januário Leite. Nascido no Paul, Ilha de Santo Antão no dia 10 de junho de 1867 e falecido no dia 11 de junho de 1930, a sua infância mergulhada num angustiado sofrimento decorreu na propriedade de Chã de Margarida. A sua produção literária, grande parte inédita aquando da sua morte, encontrava-se dispersa, em alguns periódicos, como *Almanach Luso-Africano*; *Revista de Cabo Verde*; *Esperança*; *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; e *O Ultramarino*. Conta com algumas publicações póstumas, sobretudo *Poesias* (1952 e 2006), *Versos da Juventude* (1987); *António Januário Leite: o poeta além-vale* (2005).

Tendo estudado apenas a instrução primária, Francisco Lopes da Silva considera que talvez a sua poesia “tenha ganho com isso, sem a carga da erudição, pois sai-lhe espontânea, sincera, sentida, como espontânea e sentida é a alma dos simples”. Foram seus professores Padre Joaquim António Morais e o seu padrinho Luís Francisco Gonzaga dos Santos, Bacharel em Direito, que lhe ensinou a técnica dos versos e os seus aspetos formais. Reconhecia a importância da instrução, o que o fez lamentar com alguma constância o facto de não ter conseguido avançar nos estudos.

Pretendemos fazer uma breve abordagem da vida e obra de António Januário Leite, mais conhecido por Januário Leite. Trata-se de um autor que valorizou a alma em todas as dimensões humanas, mormente na despreensão, visto que nem “*se preocupou em registrar a sua obra para a posteridade. Preocupou-se, entretanto, em dizer o que sentia*” (Sato et Romano in Leite 2005, 21). Nascido no Chã da Margarida, Paul, Ilha de Santo Antão, Cabo Verde, no dia 10 de junho de 1867, era o terceiro filho de João José Leite e de Irene Cândida Ferreira Leite. Teve uma infância e uma entrada na puberdade marcada pela febre palustre. Descreveu a sua terra natal da seguinte forma:

*Paul! Ó terra extremosa, / Onde nasce e cresce a rosa / E a laranjeira viçosa / A sorrir à luz do sol. / Tudo em ti é harmonia, / Singeleza e alegria; / Em ti fala a Poesia / Nos cantos do rouxinol. // Em ti mora a Natureza / A mostrar sua riqueza, / Retratada com grandeza / Desde a serra até ao mar. / A viração que perpassa, / Por mais que oculta se faça, / Sempre revela, devassa / Os teus mistérios sem par. // II // Em ti brotam diferentes / As águas de mil nascentes, / Despertando ecos dormentes, / Que se cruzam na amplidão. / Tuas frondosas verduras, / Aos beijos das auras puras, / Nos fazem sonhar ternuras / E bater o coração. [...]* (Leite, 2006: 77 a78).

De uma família pobre, foi batizado pelo Padre Francisco Casimiro Duarte no dia 14 de junho de 1868. A sua infância “imersa em dolorosa enfermidade” decorreu na propriedade de Chã de Margarida, um recanto bucólico da cidade do Paul. Refira-se que mesmo ao pé desse oitavado passa a ribeira que, nos anos da chuva, segundo a linguagem local, se espraia pelo vale em direção ao mar, como se nota no poema “Meu Ribeiro”:

*Corre, corre eternamente, / meu ribeiro de cristal /, desenrola na corrente / as águas do teu canal. // [...] // O teu murmúrio sentido, / meu ribeiro sem rival, / vai buscar em longe olvido / mil lembranças por meu mal. // Quantas vezes pequenino, / sem desenganos, sem mágoas, / ignorando inda o destino, / me banhei em tuas águas? // [...] // Quando a chuva te engrossava / a corrente murmurosa, / mais ainda me exultava / porque vinhas cor de rosa // Corre, corre enternecido, / que o teu murmúrio sentido / me recorda o meu destino. // Como tu veloz caminha / esta vida de penar; / ela na campã se aninha, / e tu nas ondas do mar!* (Leite, 2005:144).

A sua obra, grande parte inédita aquando da sua morte, ocorrida no dia 11<sup>56</sup> de junho de 1930, encontrava-se dispersa, contando com algumas publicações póstumas, havendo a registar *Poesias*, 1952, Associação Académica do Mindelo e 2006, Liga dos Amigos do Paul – AMIPA e o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, *Versos da Juventude* (1987), Edições Paul, de Queluz, Portugal (reeditado por Arnaldo França e pelo Instituto da Biblioteca Nacional de Cabo Verde – IBNCV). Também deixou os poemários *Expansão d’Alma* e *Horas Sombrias*, sendo ambos estão reunidos na edição *Poesias* (2006). Luís Romano e Maria Helena Sato publicaram *António Januário Leite: o poeta além-vale* (2005). Para a autora Maria Helena Sato,

*Examinando alguns poemas que, supomos, tenha escrito em Ecos de Juventude, percebe-se que J. Leite já saíra da infância acompanhado pelo sofrimento, circunstância maligna que o levou à apatia de “não-existência”, em razão da própria natureza que o sonho transformou em fonte envenenada de “horas sombrias de cruéis torturas. Trespasado pelo amor enaltecido na poesia, J. Leite foi vítima de contingências que excederam suas possibilidades humanas e levaram-no ao desespero, ao sentir perdida, como diz, a áurea visão do meu sonhar de glória* (2005:31).

Desta feita, numa fase inicial da sua escrita, teve a sua mãe como base temática e de inspiração estética. Por essa razão, Januário Leite dedica-lhe o poema “Saudade”, considerado a “sua obra prima”. A morte levou-lhe a sua mãe, acontecimento que está na base do texto:

---

<sup>56</sup>Arnaldo França defende que o poeta morreu no dia 11 de junho e não no dia 10. Argumenta essa posição referindo que extraiu os dados do nascimento e da morte do autor do “assento de batismo e do registo de óbito cujos textos, ainda que elaborados há muitos anos, se encontram em bom estado de conservação”.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

*Alma mais simples que a flor singela / E coração de rola a mais sentida, / A minha santa Mãe estremecida, / Era um ideal de mãe, tal era ela! // Jamais verei a luz da minha estrela / No céu caliginoso desta vida!... / Que resta à alma, pela Dor vencida, / Nas trevas desta noite de procela? // Somente mil lembranças ... e suspenso, / O eco da sua voz e a soledade... / Ó mãe, se uma balança, como eu penso, // Existe no teu mundo, a Eternidade, / Mãe! Põe dum lado o teu amor imenso / E de outro lado, põe minha saudade!* (Leite, 2006: 21).

No que se refere ao livro *Poesias* (1952), Jorge Barbosa considera que:

*Editado pela Associação Académica do Mindelo, foi recentemente publicado o livro Poesias, do malogrado poeta cabo-verdiano Januário Leite. Creio que houve a intenção de se fazer antologia a esta, se porventura não nos trouxe o melhor poeta, conseguiu entretanto mostrar-nos o cantor e o seu lirismo, que era o eco afinal desse lirismo de então, todo imagens decorativas e literárias, para o qual o clima poético da época preparara e estabelecera, num ajustamento de espartilho, os moldes de expressão.* (1953: 29).

A saudade foi uma experiência marcante na vida do autor, o que fez com que a sua escrita unisse distintos constituintes que exprimiam o seu sentir romântico e traduzisse a sua conceção da vida. Esta reflexão encontra-se no poema “Dor da Saudade” onde o eu “poemático” também se dirige à sua amada Helena, como se pode certificar na seguinte passagem:

*Não sei porque motivo os olhos teus castanhos / estão sempre a chorar, e tu sempre tão. / Nem podes ocultar da vista dos estranhos / o mal que te devora Helena em que consiste?... // [...] // Helena! A vida é um barco e tu a timoneira. / Tu precisas de rir, precisas de cantar!... / Tu, pois, não só para a fremente esteira / que deixa atrás de si a embarcação no mar. // [...] // Saudosa de outros afetos, / os teus olhos seguem retos / outros mundos mais diletos, / sonham talvez outros céus... / Talvez!... talvez o teu pranto / seja a Ventura, porquanto / os que em vida choram tanto, / estão mais perto de Deus! // [...].* (Leite, 2005: 78-80).

A temática da saudade, substantivo caraterístico do romantismo português, é uma constante no panorama literário desse período e aparece ligado ao cultivo do sentimento amoroso que os poetas dessa fase postulam em relação à sua terra natal e isso os leva a cultivar o saudosismo. O momento da perda da mãe fê-lo mergulhar nas “Horas sombrias e cruéis torturas, dispersas através do meu viver”, segundo o próprio, decaindo numa profunda agonia íntima que se metamorfoseia em apatia, para quem observa e guarda a imagem nas suas confissões. Também vemos a figura maternal como sendo uma amiga detentora de um amor verdadeiro, daí ter comparado a mãe ao “anjo do céu” porque cria o filho nos braços e sem ela a vida seria uma tristeza, como se nota no poema “Mãe”:

*Mãe!... é nossa santa amiga, / que os pesares nos mitiga / com um só dos seus olhares! / É tão grande o seu amor, / como o dia o fulgor / n’amplidão dos céus e mares! // [...] // Mãe!... é um anjo do céu / que o Senhor ao homem deu / para alívio do seu mal! / Mãe, cria o filho nos braços / e depois lhe end´reça os passos / na senda da sã moral! // [...].* (Leite, 2005: 159).

Januário Leite colaborou em alguns periódicos, como *Almanach Luso-Africano*, *Revista de Cabo Verde*, *Esperança*, *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, e *O Ultramarino*. Tendo estudado apenas a instrução primária, devido as precárias condições económicas dos seus pais, a sua poesia perdeu a erudição dos outros poetas da sua geração e ganhou a sinceridade e o sentimento. No poema “Escola à antiga”, o poeta dá-nos a conhecer algumas caraterísticas de um professor que, de “óculos no nariz”, se senta com uma pesada palmatória ao lado, num desentendimento entre ele e o aluno, sendo que este o chama de “burro”. Tudo se dá numa aula de história que tinha como temática D. Pedro V:

*Os óculos no nariz, bem cimentado / por densa massa de rapé imundo, / o rosto ora boçal, ora jacundo, / de tímidas crianças rodeado, // antigo professor está sentado / no meio dum silêncio o mais profundo, / solene aspeto – de aterrar o mundo, / pesada palmatória sempre ao lado. // A lição é de história. Já casmurro, / o mestre puxa a caixa de rapé. / O aluno lê: Dom Pedro quinto... um murro! // A tosca mesa abala!... o aluno em pé / encara o mestre... Que disseste, burro? // D...Pedro...V!... - D. Pedro V é que é!...* (Leite, 2005: 117).

Foram seus professores o Padre Joaquim António de Morais e o seu padrinho, bacharel em Direito, Luís Francisco Gonzaga dos Santos, que lhe ensinou a técnica dos versos e os seus aspetos formais. Neste sentido, chora a morte de Luís Francisco Gonzaga no poema “Lágrima com a dedicatória “Pela morte do seu padrinho dr. Luís Gonzaga”. Defende que a morte, fenómeno natural e comum a todos os homens, fez com que chorasse a partida do seu mestre, um acontecimento que se deu de forma prematura. Paul chorou a morte de um homem cheio de força, generoso, republicano, nobre e humilde. Por essa razão, acredita na possibilidade dele se encontrar a desfrutar de uma “boa aventura” ao pé de Deus, como se nota na seguinte transcrição:

*Musa da morte, que ao passar assiste / dos grandes homens, desgrenhada e triste: chora! que eu choro de Gonzaga a morte [...] / Paúl! ó Pátria, chora o teu conforto! / chorai, paulenses, porque o mestre é morto! // Guia do bem e do tirano açoute! // Fanal brilhante em procela route! // [...] / Ali vivia, como em claustro o monge / do mundo ingrato, vive humilde e longe, / com Deus e a natureza! / Foi sempre grande, generoso e nobre / mas tantas luzes hoje a campa cobre, / como ela cobre tudo! // [...] / Se a outra vida existe além da morte, / [...] / se a crença for verdade, / e ele, eternos louros lá nos céus / a bem aventura aos pés de Deus, / por toda a eternidade!* (Leite, 2005: 88 a 89).

O autor, em apreço, um homem autodidata, ilustrado, defensor da instrução e com uma obliquidade para o livre pensamento, lamenta o facto de não ter avançado nos estudos. Neste sentido, projetou a possibilidade de frequentar o Seminário Liceu da Ilha de São Nicolau, uma possibilidade que não se concretizou por razões económicas dos seus pais, conforme referimos anteriormente. Veja-se a seguinte passagem do poema “Recordação”:

*Minha mãe me disse um dia, / – rapazito ingénuo e doce: – / Filho meu, se rica fosse, / um doutor eu te faria. // Como, mãe? disse eu zangado, / Hei de ter só por escola / A mesquinha e triste esmola / que o povo concede o Estado?! // Não! Irás ao Seminário, / Minha avó disse em seguida, / E terás bonita vida: / De Jesus Cristo, vigário! // Ser padre, Nhanda?!... Essa é boa! / Padre, não! Disse eu zangado; / Hei de ser, então, soldado, / já que não vou a Lisboa! // [...] // Fico a lembrar esta cena, / Longínqua, do meu passado, / não me dói padre ou soldado; / Da carta só tenho pena!* (Leite, 2006: 107 a 108).

O dito Seminário Liceu da Ilha de S. Nicolau foi criado no dia 3 de setembro de 1866, a pedido do bispo da diocese do arquipélago, D. José Luís Alves Feijó. Começou a funcionar, em dezembro desse mesmo ano, com um professor de canto e ritos, dois professores de Filosofia e Latim, dois professores da metrópole e um professor de teologia transferido em 1869.

Tinha o propósito de admitir alunos destinados à vida religiosa e minimizar a falta de liceus, onde os alunos que tivessem predisposição para a vida religiosa, conseguissem prosseguir os estudos secundários e receber educação científica ou preparar-se para os estudos superiores. Formou muitos jovens intelectuais que vieram a desempenhar cargos nas instituições nacionais, nomeadamente como religiosos, ou que foram grandes escritores, poetas e que ingressaram no ensino universitário na metrópole.

Maria Helena Sato e Luís Romano julgam que o poeta não frequentou o Seminário “*devido ao seu precário estado de saúde, fustigado pelas febres [...] Por isso, teve professores eficientes, que lhe ministraram uma sólida instrução de base, enriquecida pelos próprios meios, o se depreende de sua poesia*” (Sato et Romano in Leite 2005:32).

O poeta fala da intriga, do paludismo e da debilidade da sua saúde como estando na base da perda da sua juventude. Veja-se o poema “No Lar”:

*Saí dum centro desleal e rude, / onde só reina intriga e o torvo egoísmo; / forçou minha saída o paludismo / o mal que débil tem minha saúde. // Na paz de solidão, onde há virtude, / me acolho enfermo e com tristeza eu cismo, / mirando o fundo e progressivo abismo / onde jaz morta a minha juventude! // [...] /* (Leite, 2005:121).

Nesta perspetiva, a sua vivência é marcada por momentos sombrios, cruéis, tortuosas, amarguradas, ocorrências dignas de uma pessoa que vive uma provação. Há uma clara necessidade de se ajoelhar e suplicar uma redenção invisível:

*Horas sombrias de cruéis torturas, / dispersas através do meu viver; / disse-me que venturas, que prazer, / compensar pode as vossas amarguras?... // [...] // A taça, horas fatais, dai-lhe a levar, / que parte d’alma foi, parte sagrada / e vai com ela a Deus se ajoelhar!* (Leite, 2005: 167).

Deste modo, em sinal de agradecimento ao seu professor o Padre Joaquim de Moraes, escreve o poema “Gratidão”, dedicado “Ao Rev.mo Sr. Padre Joaquim António do Moraes”:

*A instrução, Padre, é o Sol da vida! / Desvenda a alma e nos prediz ventura, / Porque nas dores duma cruz, fulgura, / Alenta a fé, se foge enfraquecida! // Quantos mancebos com a luz perdida, / Na senda ingrata desta vida impura? / Quais pobres cegos, vão em noite escura, / Curvada a frente, que ficou despida! // Eu que somente dessa estrela infinda, / Na sorte coube-me um subtil clarão, / Que tu me deste na missão mais linda... / Graças te dou!... E nesta inspiração, / Ao afinar da lira, cedo ainda, / Te trago um canto, ó mestre, em gratidão!* (Leite, 2006:23).

Trata-se de um texto onde o poeta compara a “instrução” com o “Sol da vida”, uma vez que ela ilumina a todos. Agradecendo ao seu mestre, afirma ter sido “um sortudo”, já que na presença de “mancebos com luz perdida” coube-lhe “um subtil clarão”. Portanto, apesar de tudo, Januário Leite tinha instrução, tal “luz da vida”, que muitos não possuíam e viviam “em noite escura”. A elite cabo-verdiana estava ciente desse problema. Para o debelar apelava ao investimento por parte da metrópole, com o propósito de melhorar as condições de formação escolar na província, um assunto que seria retomado por Jorge Barbosa em “Notas sobre a instrução primária”:

*Bom seria que imitássemos em Cabo Verde, senão que seguíssemos, o propósito do Governo Central de em futuro próximo reduzir a nada, ou a um mínimo inevitável, o índice de analfabetismo na Metrópole. [...]. Quem tem reparado no tradicional drama escolar dos filhos da nossa pobreza rural, a mais desamparada de todos? Drama quotidiano dos longos percursos, a caminho das aulas. Drama heroicamente suportado e superado pelo muito desejo que as crianças das ilhas têm de saber ler e escrever.* (Barbosa, 1953:25).

As atribuições na vida de Januário Leite começaram ainda muito cedo, sobretudo quando passou a alimentar um amor impossível por Helena Pires, sua prima, filha de Margarida Leite Pires Ferreira, a quem dedica o poema “Diversões”:

*Quando à tardinha se descora o dia / E já na serra vai o Sol velado / Ouço soar o som da Avé Maria, / Em voz tremida, divagar pousado; // Tenho saudades, que me acorda na alma, / Gratas lembranças de uma idade pura, / Quando criança com tranquila calma, / Ouvia-lhe o som meigo a sonhar ventura ! [...] /* (Leite, 2006: 126 a 127).

Trata-se de um amor obstaculizado pela referida pobreza de um poeta que, tímido na vida e na expressão dos seus sentimentos quase platónico, revela um espírito mais abúlico e contemplativo do que um homem de ação. Francisco Lopes da Silva considera que “A nada real, mesmo se repudiado ou enganado pela mulher amada, quase se transforma num masoquista, frente à recusa ou à infidelidade do objeto do seu amor” (Silva 1991, 14), como se nota no poema “Guida”:

*Eu nunca a Guida julguei ser cadela / porque passava em sua aldeia obscura / por uma moça muito honesta e pura, / tida por todos inda donzela... // Foi mais que amor que senti por ela; / foi na verdade quase até loucura; / sonhei colher nas ânsias de ventura / dessa virtude a virginal capela... // Bem tarde vejo que figura d’urso / fiz nessa cena namorando a Guida, / p...matreira de já velho curso!... [...] /* (Leite, 2006: 49).

Neste sentido, Januário Leite, um escolhido pela maldição, foi acompanhado pela existência de um sonhador. Provido de uma essência romântica, o amor e o álcool (aguardente) estiveram na base da sua tragédia existencial, reflexos temáticos que se encontram na sua escuta. Assim, “[t]respasado pelo amor enaltecido na poesia, J. Leite foi vítima de contingências que excederam suas possibilidades humanas e levaram-no ao desespero, ao sentir perdida, como diz, a “áurea visão do meu sonhar de glória” (Sato et Romano in Leite 2005, 31).

Muitas vezes, sustentados numa certa ambivalência entre a sensibilidade de um visionário e de um filósofo, encontramos nos seus textos um sortilégio sincero de uma exaltação vítrea. Também nos deparamos com o reflexo de um filósofo amargurado que nos surge à mente, “o desenrolar de tanta profundidade em conceitos imbuídos de neurastenia e anseios, revelados na maior parte da sua poesia, que temos de admitir que Januário Leite procurou ou desejou a morte para se libertar da dor” (Sato et Romano in Leite, 1988, 5).

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Ora, tratando-se de um grande cultor do soneto, a sua poesia é impregnada pela metáfora, uma figura de linguagem que produz sentidos figurados por meio de comparações implícitas, e figuras como assonância, que consiste na repetição sistemática de um mesmo fonema consonantal e a aliteração, caracterizada pela repetição de fonemas vocálicos, do penumbrismo típico dos simbolistas com forte influência de *As Flores do Mal* de Charles Baudelaire (Sato et Romano in Leite, 2005), conduzindo o sujeito lírico de Januário Leite a subverter a contemplação do mar:

*Quando eu contemplo suas mansas plagas, / Que vão perder-se no horizonte infindo, / E branca vela sobre as suas vagas, / Qual branco cisne a espanejar, fugindo, // [...] Mas quando do seu leito vasto e fundo / o vejo erguer-se em fúrias desmedidas, / Titão que acorda, amedrontando o mundo, / tigre esfaimado que só pede vidas... // E sobre o dorso das medonhas vagas / vejo pairar a vela com receio, / Então exclamo, vendo as suas plagas: / Senhor! Senhor! como o mar é feio!* (Leite, 2006:79).

O pessimismo ultrarromântico dos autores do mal do século é um tema recorrente na sua escrita, como se nota no poema “Biografia”:

*Imersa em dolorosa enfermidade, / A minha infância vi correr obscura: / Só vendo a paz em sonhos e aventura, / Chorando, atravessei a mocidade. // Por toda a parte a negra adversidade / E sempre a minha estrela infausta e dura, / Eu creio estar ao pé da sepultura /, A porta que conduz à Eternidade!” // Saúdo-lhe as trevas com a fé do forte, / Porque ela é minha pátria prometida / Onde acabar deve o poder da sorte. // Ó Ser dos seres, com a fronte erguida, / O jus me calha caiba de dizer à morte: / Abre-me os braços! Sê-me tu a vida!* (Leite, 2005: 179).

É de salientar que o ultrarromantismo foi um movimento literário da segunda metade do **século XIX**, que tinha como principais características a liberdade criativa do humano superior (o conteúdo era mais importante que a forma); o tédio constante, a morbidez, o sofrimento, o pessimismo, o satanismo, o masoquismo, o cinismo, a autodegeneração; a fuga da realidade; a desilusão adolescente; a idealização do amor e da mulher; o saudosismo; e a obsessão pela morte. O mal do século, referido anteriormente, foi uma expressão, original que Chateaubriand usou como tópico literário para se referir à crise de crenças e valores desencadeada na Europa do século XIX, sobretudo no contexto do romantismo.

Trata-se de um sentimento de decadência, de tédio, de desilusão, de melancolia, de inutilidade e futilidade da existência, que afetou os jovens dessa época. Nesta ótica, o apego à morte, uma outra característica do ultrarromantismo que aparece na poesia do autor e o desejo de morrer são trabalhados à exaustão. Ela aparece relacionada ao momento de transição de uma condição somenos e unicamente peculiar, individual (o sofrimento, a dor anímica) a outro superior (o amor e a justiça), tudo isso no âmago de uma tese que se ordena por fases preferentemente conclusos e soberanos, numa clara apropriação dos três ápices dialéticos hegeliano: o primeiro momento (a tese) corresponde ao axioma; segundo momento (a antítese); e o terceiro momento (a síntese) corresponde ao teorema, um resultado necessário.

Autodidata, “poeta de rara sensibilidade”, conforme refere Rosendo Pires Ferreira, Januário Leite foi ourives na Ponta do Sol, professor primário no sítio de Baboso, por cerca de dois anos, e faroleiro em São Vicente. Republicano convicto, ainda em plena monarquia, pertenceu a um grupo de homens que foram acusados de instigar os tumultos de 1886, “por causas de natureza fiscal”, e a revolta de 1894, na ilha de Santo Antão, “na altura de eleições legislativas e na sequência da extinção do Concelho do Paul”. Tendo sido preso com trinta e dois companheiros, nessa época de reclusão que data um dos seus poemas “Oito Dias”, em que denuncia a situação de injustiça de que tinha sido vítima. Inicia o texto dizendo “...mandará ... intimidar o Ministério Público para oferecer o libelo acusatório no prazo de oito dias”:

*Oito dias!... oito dias!.../ Prazo infinito! fatal! / Oito dias, sempre elásticos, / Cheios de tédio mortal! // Oito dias não findam! / Sempre a crescer... a crescer... / Após oito, vem mais oito, / E tanta gente a sofrer!... // Sois malditos, oito dias! / Sois sombrios! Sois cruéis! / Sois um negro pesadelo / Quando se fala em papeis! / [...] // Oito dias!... oito dias!... / Sempre longos, sempre insanos / Teia infinita nos urdem / Lá fora os nossos tiranos / [...].* (Leite, 2006: 129 a131).

Não se sabe ao certo quanto tempo durou a sua prisão nem qual foi a sentença resultante. Existe “*um pesado e copioso silêncio sobre este assunto, de capital importância no julgamento histórico da sua personalidade sociopolítica*” (Sato et Romano 2005, 48) o que o fez publicar em sua defesa o artigo “A minha demissão”, no n.º 8 do jornal *A Liberdade*, do dia 21 de junho de 1902:

*Como prelúdio do vasto assunto que eu vou expor à apreciação dos poderes superiores, do povo de Cabo Verde [...] peço-lhe a publicação d’estas breves linhas no seu jornal, que, em tão boa hora, aparece a advogar a santa causa dos pequenos, perante a injustiça e os despotismos dos grandes. [...]. Ora, todo o funcionário público está sujeito a revezes e a calúnias muitas vezes ignóbeis, sobretudo quando se tem por inimigo indivíduos sem caráter e sem moral, que não recuam perante meio algum para satisfazerem o ódio. Não me assombra, por José Lino Coelho ou coisa semelhante ser envolto n’um exemplo: ser caluniado por uma trama qualquer, sofrer incómodos etc. porque a verdade é sempre luz, e a luz há de por fim brilhar* (Apud Leite 2005, 48-51).

Apesar de ter apresentado esta carta em sua defesa, Januário Leite não foi reconduzido no seu cargo de docente, momento que aumentou o seu calvário económico, uma situação que piorou com a morte da sua “Santa Mãe”. Portanto, com um imaginário quase alucinado, passou a peregrinar sem repouso, sem a força mental que lhe permitisse suportar a dor da perda, contra a qual exclama incrédulo no poema “Morta”:

*Morta!... Ei-la morta!... Ó mãe, que atroz decreto / levou-me do teu lado, longos anos, / do mundo submetido aos desenganos, / órfão do teu imenso e puro afeto... / [...] / Não foi o teu pedido respeitado!... / e longe dela dormes esquecida, / Ó mãe, em que maldito descampado!* (Leite, 2005: 170).

Assim, a morte, por vezes, causa a “dor da Saudade”, termo extraído de um poema do autor com o mesmo título. Passa a interessar-se pelo Universo, no qual entrevia o invisível que fazia da Terra um átomo, como se pode ler no poema “Deus”:

*Não crer na igreja nem nos seus preceitos / não é descrer de Deus, pelo contrário, / foi sempre o são critério refratário / às forças clericais e preconceitos... // Acreditar na Bíblia e em tantos feitos / dum ser quase invisível, sanguinário, / que se fazia ouvir dum santuário / ditando as suas leis aos seus efeitos... // [...] // Pois sendo a Terra um átomo, tal qual, não cabe o Deus que eu penso, / Autor da Natureza Universal* (Leite, 2005: 127).

Dessas reflexões resultaram momentos de dúvidas que ele ia assinalando, daí ter dito: “E crer, mais tarde, que esse “*Deus imenso / Enviasse à Terra um filho, um Deus igual, / não quadra, com franqueza, a todo o senso!*”. Há, ainda, com ele, a valorização de uma certa negatividade e do questionamento do homem, essa “pretensiosa criatura que” não passa de um “*nada*”, como se pode ler no poema “Humanidade”, um texto onde se nota o seu desencanto com o mundo:

*Lastimo o nada desta vida escura, / tão cheia de ignorância e de vaidade; // a vida da chamada – Humanidades – / que por momentos ou instantes dura. // [...] // Abre os teus olhos, Homem, vê a fundo / o que és e o que te cerca; tudo é peta: / és nada, como nada é o teu mundo! // Um grão d’areia num Saara sem meta, / ou gota d’água sobre o mar profundo, / tem mais valor que a terra... o teu planeta! (Leite, 2005:174).*

Com a assunção do seu questionamento do Universo, passa a abordar o espiritismo, uma temática resultante do Racionalismo Cristão, uma filosofia espiritualista codificada por Luís de Matos em 1910, ano da sua fundação no Brasil. Com a designação, até 1940, de Espiritismo Racional e Científico Cristão, S. Vicente foi a primeira ilha a receber esta filosofia e tem sido o seu principal dinamizador no arquipélago de Cabo Verde. Nesta linha de pensamento, Januário Leite aborda a adesão do Cónego Teixeira ao Racionalismo Cristão, como se nota no poema um ex-vassalo do papismo”:

*Padre eras... como tal, vassalo do Papismo, / potência que viciara o credo do Messias; / e vendo que era errónea a crença que seguias, / convicto, te abraçaste ao puro Espiritismo. // [...] // Mas tua causa é santa, ó padre, por sinal / um dia triunfará... será da humanidade: / ciência e religião... o credo universal! (Leite, 2005:126).*

Em suma, diríamos que o Cónego Teixeira, foi um “*homem devotado à instrução popular, e nisso herdeiro de espírito das Luzes*”. Foi, igualmente, “*um oficial da religião do Estado e um temperamental dado à polémica pública*”, segundo João Vasconcelos (Vasconcelos, 2011: 1

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbosa, Jorge (1953). “Nota sobre Januário Leite”. *Cabo Verde*, 40, 29.

Barbosa, Jorge (1953). “Notas sobre a instrução primária em Cabo Verde”. *Cabo Verde*, 51, 25-27.

Leite, António Januário (org e pref. de Arnaldo França) (2006), *Poesias*. São Vicente: Gráfica do Mindelo,

Leite, António Januário (pesq. e antol. de Luís Romano et apr. org. Maria Helena Sato) (2005), *António Januário Leite: o poeta além-vale*. Campinas: Editora Komedi.

Luz, Hilarino (2013). O imaginário e o quotidiano cabo-verdianos na produção literária de Jorge Barbosa. Tese de Doutoramento apresentada à FCSH-Universidade Nova de Lisboa.

Monteiro, Félix (1991). “Homenagem à memória de Januário Leite: palestra proferida no salão nobre da Câmara Municipal de São Vicente em 8-6-90”. *Artiletra*, 3, 9.

Morais, João (1991). “Santo Antão e as febres de infância de Januário Leite”. *Agaviva*, 1, 15.

Romano, Luís (1988). “O perfil poético biográfico de António Januário Leite”. *Terra Nova*, 144, 4-6.

Silva, Francisco Lopes da (1991). “Lembrando Januário Leite”. *Notícias*, 35, 14-15.

Silva, Francisco Lopes da (1992). “No sexagésimo segundo aniversário da morte de Januário Leite in *memoriam*”. *A Semana*, 58, 13.

Vasconcelos, João (2011). *Histórias do Racionalismo Cristão em São Vicente de 1911 a 1940*. São Vicente: Tipografia de São Vicente.

SÓCIO AICL EM 2019

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

16. JOANA CARVALHO, APRESENTAÇÃO MUSICAL CONVIDADA



Joana Carvalho (31º Belmonte 2019)



**OUÇA AQUI A FABULÁSTICA JOANA CARVALHO**

1 ABR 13 2019

<https://youtu.be/frJKZDCBENA>

2 ABR 13 2019

<https://youtu.be/QPSSZ6ZBNJO>

3 ABR 13 2019

<https://youtu.be/UOA1SAIUYC>

4 ABR 13 2019

<https://youtu.be/SHWCDLPSVLW>

**ATUOU PELA PRIMEIRA VEZ NOS COLÓQUIOS NO 31º EM BELMONTE**

**17. JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, ENTA INOVA, PDL, AÇORES, ASSESSOR TÉCNICO, SONOPLASTIA, LUMINOTECNIA, APOIO INFORMÁTICO**



BRAGANÇA 2009 AOS DOZE ANOS

RIO 2010

FLORIANÓPOLIS 2010

FLORIPA 2010 –



LAGOA 2012



MAIA 2013



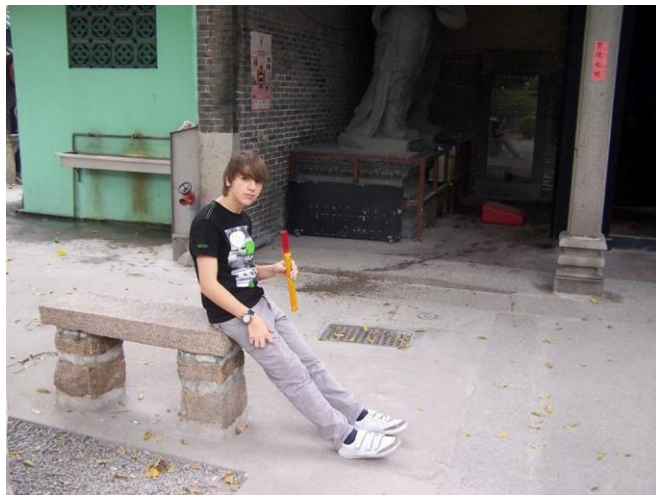
FUNDÃO 2015



LOMBA 2016



VILA DO PORTO 2017



MACAU 2011



**JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO** (n. 1996). Membro supranumerário dos Colóquios. Desde 2008 em Bragança tem-se mostrado um excelente assessor técnico, responsável – entre outras atividades - pela gravação e verificação das Atas / Anais em CD / DVD e milhentas pequenas coisas invisíveis que consegue por a funcionar, nas áreas tecnológicas (desde conversão de obscuros tipos de ficheiros e programas, ao roaming dos telemóveis / celulares como aconteceu em Macau e no Brasil).

Desde aquela data desempenha funções de sonoplasta e luminotécnico, além de prestar um inestimável apoio informático a todos os oradores, às sessões culturais paralelas e à organização dos colóquios. A ele se devem cartazes, ilustrações, capas, gravações dos CD / DVD e grande parte dos filmes e vídeos de homenagem aos autores açorianos.

Frequentou de 2014 a 2017 a ENTA – INOVA (Esc. de Novas Tecnologias / Instº Inovação Tecnológica dos Açores) terminando em julho 2017 o seu estágio na ConexAll, empresa subsidiária da canadiana GlobeStar Systems Inc., na sua delegação açoriana no Nonagon na Lagoa. Em 2018-2019 fez o nível 5 na ENTA INOVA, tendo terminado novo estágio em setembro 2019.

Em 2016, com a equipa da ENTA-INOVA (ENTA Team Sat2), venceu o concurso regional (Açores), o Nacional (Portugal) e o Europeu da competição CanSat (um satélite numa lata de refrigerantes). Imediatamente após a vitória, e a convite do Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Prof. Manuel Heitor, foi chamado à Universidade dos Açores onde havia uma reunião de cientistas e catedráticos dos EUA e Canadá, e - de improviso - fez uma alocução em inglês de 15 minutos explicando o que era o CanSat e a vitória. Tão impressionado ficou o Ministro que em maio 2017 convidou-o a estar presente perante centenas de pessoas (ministros, reitores, cientistas, etc.) e falar nos 30 anos do programa Ciência Viva, no Fórum Picoas (Lisboa) onde durante 5 minutos empolgou a assistência com a sua sucinta apresentação de incentivo aos jovens para prosseguirem na área científica.

Terminou em 2019 a sua formação na ENTA-INOVA (Esc. de Novas Tecnologias dos Açores)

[VEJA AQUI A ANIMAÇÃO PRODUZIDA EM 2010 PELO JOÃO PARA A APRESENTAÇÃO DA AICL \(tinha 14 anos\)](#)

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

***PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2008, LAGOA 2009, BRAGANÇA 2009, BRASIL 2010, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, FUNDÃO 2015, LOMBA DA MAIA 2016. VILA DO PORTO 2017. POR MOTIVOS DISCENTES FALTOU AOS RESTANTES.***

**18. JOAQUIM FELICIANO DA COSTA, PRESIDENTE DA EMPDS, EMPRESA DE PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO CONCELHO DE BELMONTE**



29º BELMONTE 2018



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



31º Belmonte 2019

É presidente da Empresa de Promoção e Desenvolvimento Social do Concelho de Belmonte

**Tema: O encontro: do museu e Lusofonia posso falar da linguagem indígena e o encontro Cabral com os índios**

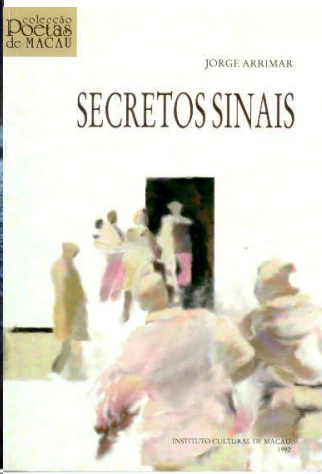
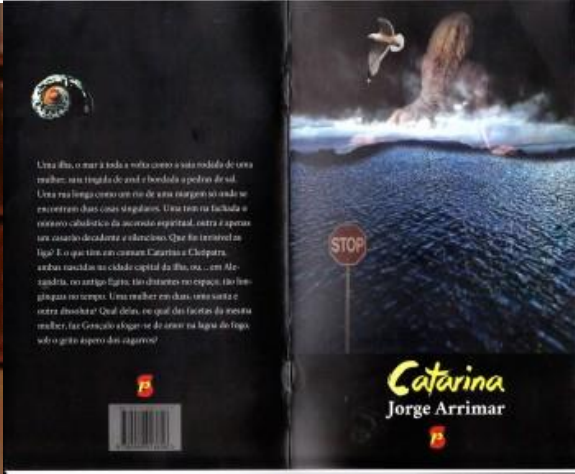
Trabalho final não recebido

**JÁ PARTICIPOU NO 27º COLÓQUIO BELMONTE 2017, NO 29º BELMONTE 2018, 31º BELMONTE 2019, REPRESENTOU O PRESIDENTE DA CÂMARA DE BELMONTE, NO 30º COLÓQUIO MADALENA DO PICO 2018.**

**É PARCEIRO INSTITUCIONAL DA AICL DE 2016 A 2021.**

**A EMPDS É SEDE PROVISÓRIA DA AICL EM PORTUGAL PARA OS COLÓQUIOS DE BELMONTE E O NÚCLEO DA LUSOFONIA NO MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS**

**19. JORGE ARRIMAR, ESCRITOR, ANGOLA CONVIDADO**



**Jorge [Manuel de Abreu] Arrimar** é natural de S. Pedro da Chibia, província da Huíla, Angola

Na década de 70 foi um dos fundadores do GRUCUHUÍLA (Grupo Cultural da Huila) e dirigiu um suplemento literário no *Jornal da Huíla*, no qual publicou os seus primeiros poemas.

Na Faculdade de Letras da Universidade de Luanda iniciou os seus estudos superiores, tendo concluído, em Portugal, a Licenciatura em História, a Pós-Graduação em Ciências Documentais e o Doutoramento em História Moderna. Viveu em Macau de 1985 a finais de 1998, tendo exercido o cargo de diretor da Biblioteca Nacional / Central de Macau.

Coordenou o *Boletim Bibliográfico de Macau* (1988-1998) e os *Índices da Revista Macau*, II S. (1992-1999).

Participou em vários encontros de escritores, nomeadamente, I Encontro de Escritores Angolanos, Angola (2004).

É membro da União dos Escritores Angolanos.

A sua obra é referenciada em diversos estudos, nomeadamente em

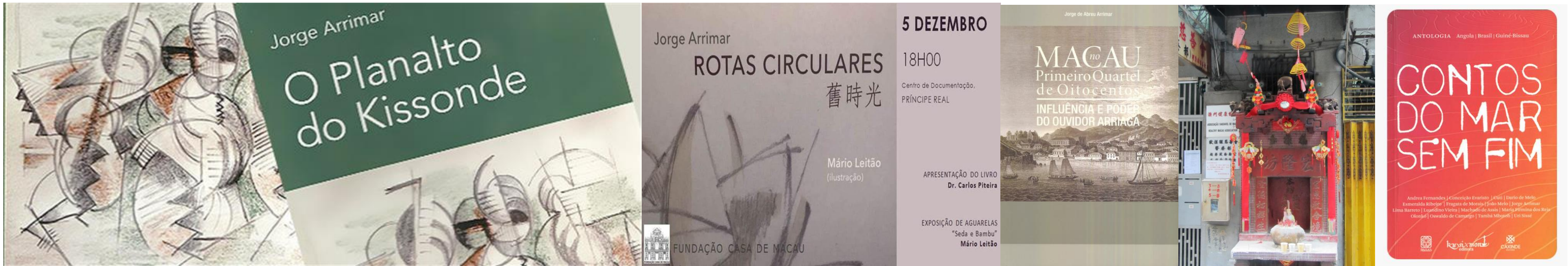
**Bibliografia das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, de Gerald Moser e Manuel Ferreira, na revista África, sob a direção deste último;**

**de David Brookshaw (professor da Universidade de Bristol, Inglaterra) Poetry and Fiction from Lusophone borderlands:**

**from Agostinho Neto to Jorge Arrimar and José Eduardo Agualusa e A Angolanidade em Viagem: a ficção histórica de Jorge Arrimar.**

**20 Poemas de Savana foi objeto da publicação de um ensaio intitulado 20 Poemas de Savana: Etnopoesia Angolana, da autoria de Maria da Conceição Vilhena.**

**(revista de artes e letras).**



#### BIBLIOGRAFIA

Ovatyilongo (1975),

Poesia - (1975);

Poemas (1979, em parceria com Eduardo B. Pinto), 2ª ed. 1993

20 Poemas de Savana (1981), 2ª ed. 1994

Murilaonde (1990),

Fonte do Lilau (1990),

Secretos Sinais (1992) e

Confluências (1997, em parceria com Manuel Yao Jingming).

As Cordas da Voz (2014); Rotas Circulares (2017

FICÇÃO –

Viagem à Memória das Ilhas (2002);

O Planalto dos Pássaros (2002);

Os Infortúnios de Juvêncio (2003);

O Planalto do Salalé (2012);

O Planalto do Kissonde (2013);

Catarina (2013).

COLABORADOR:

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses

Antologia de Poetas de Macau c. Yao Jingming, 1999 (1999);

Dicionário Temático da Lusofonia (2005);

Ovi-Sungu, treze poetas de Angola (2007), entre outras antologias.

Dicionário de História de Macau (no prelo);

AUTOR DE VARIADOS TRABALHOS NA ÁREA DA HISTÓRIA E DAS BIBLIOTECAS, COMO

Macau, suas Bibliotecas e Documentos. “RC”, nº 3 (1987);

Documentos sobre a História da China (1987);

Mons. Manuel Teixeira: O Homem e a Obra (1992);

A Biblioteca Central de Macau (1992);

Língua e Cultura Portuguesas no Oriente em “Atas do Encontro Português - Língua de Cultura” (1993);

A Biblioteca Central de Macau: das Origens à Rede de Bibliotecas Públicas.

“Cadernos BAD”, nº 1 (1994); Fontes para a História de Macau, em “Atas do I Seminário Internacional de História e Cultura de Macau” (1994);

A Biblioteca Central de Macau: Cem Anos de História. “RC”, nº 22 (1995);

A Companhia de Moçambique e Ásia.

“Revista Macau”, nº 69 (1998);

O Leal Senado de Macau e Miguel de Arriaga em “Atas do Seminário Internacional sobre o Municipalismo no Mundo Português”, Funchal (1999).

Membro do grupo de trabalho para a reestruturação do património bibliográfico e documental e à reorganização das Bibliotecas e Arquivo Histórico de Macau, 1989;

membro fundador Associação dos Naturais e Amigos de Angola em Macau – ANANGA;

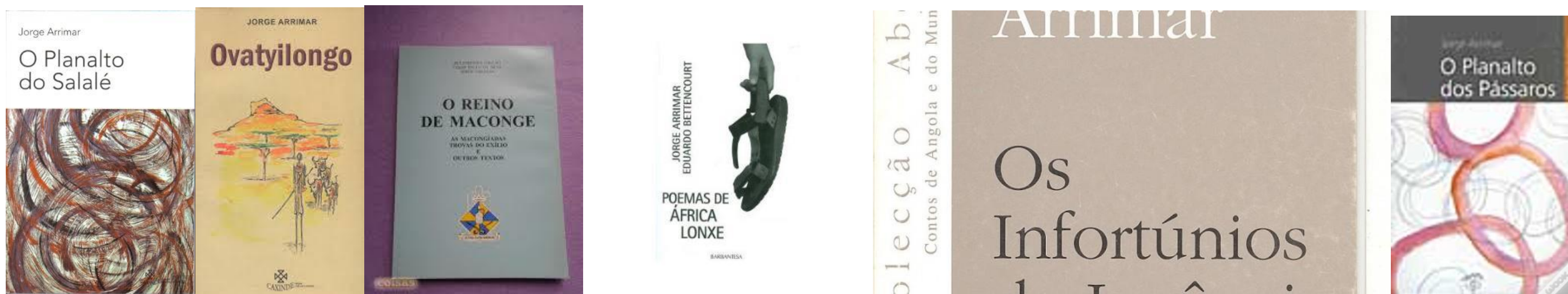
Vice-Presidente da Comissão Organizadora do I Encontro Internacional de Bibliotecários em Macau, 1995;

membro da Comissão Executiva da Quinzena de Macau na Figueira da Foz, 1996;

membro da Comissão Organizadora do I Encontro de Poetas de Macau, 1997.

Fez o Curso de Teatro no Conservatório de Macau, 1995-1997.

Foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pelo Governador de Macau, 1997.



#### Tema “A Geografia da Escrita” JORGE ARRIMAR

Agradeço o convite que me foi endereçado pelo Chrys CHRYSTELLO, o organizador destes encontros da lusofonia com origem nos Açores. Os meus Parabéns pela iniciativa que já vai na 32ª sessão, desta feita a ter lugar nesta graciosa ilha, onde não tinha a graça de estar desde 2002.

A geografia da escrita, da que me nasce das mãos quando o coração sangra, encontra-se enraizada em lugares, povos e culturas, cujas fronteiras sempre me soube bem atravessar ou romper. Como diria Mia Couto “O meu país tem países diversos dentro [...]”. Eu mesmo sou a prova desse cruzar de mundos e de tempos.” (Mia Couto - “Encontros e encantos [...]”. *Interinvenções*, p. 123)

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Vim ao mundo numa povoação do interior angolano, fundada no século XIX por gente oriunda de variados lugares, sobretudo das ilhas atlânticas, entre a qual se encontravam antepassados meus; nasci no tempo mais frio a que chamamos do Cacimbo, quando, nas Terras Altas da Huíla, quase a dois mil metros de altitude, as pessoas usavam com alívio os kambrikitos, as samarras, e as fogueiras eram acesas mais cedo junto aos eumbos. Era a época fria e a geada queimava a pele das pessoas e as folhas das árvores. Na vila da Chibia, na grande casa de adobe construída pelo meu avô e onde já minha mãe nascera, aguardava-se pela minha chegada, num dia de junho de 1953. Enquanto no terreiro a velha kimbanda Mukuma dançava e murmurava preces que só ela entendia, num olunyaneka antigo e mágico, minha mãe, envolta na penumbra do seu quarto, gemia de dores. Ao seu lado já se encontrava minha bisavó Carolina, avó de meu pai, aguardando, silenciosa, pelo momento certo da sua intervenção como parteira. Quando esse momento chegou, a sagrada tarefa de dar à luz uma criança iniciou-se com a apaziguadora reza de preparação do espírito antes da carne se abrir em chaga e dor. Bisavó Carolina benzeu-se e começou a salmodiar, num português arcaico e insular, uma reza muito antiga, que se foi misturando com as preces, em olunyaneka, da velha Mukuma, que dançava no terreiro.

Assim nasci eu, a um tempo protegido pelas orações de minha bisavó e pelas palavras mágicas da velha quimbanda, “*gérmen protegido dos feitiços nas velhas mãos [...]*”, nos “*gestos mágicos e proféticos*” que “*embalaram meus gemidos*”.<sup>57</sup> E fui crescendo e fazendo-me homem num tempo e num lugar de fronteiras (físicas, étnicas, culturais), que me levaram ao desafio contínuo de as romper, de rasgar silêncios, de identificar esconderijos. Tornei-me, como diria Agualusa, um “fronteiras perdidas”, condição que marcaria indelevelmente a minha escrita. É por isso que, mesmo depois de tanto tempo e do afastamento físico desse espaço primordial, continuam a fluir em mim os cânticos, os tyiimbo das raparigas que, em grupos, afugentavam os pássaros dos terrenos de cultivo de meu pai, pois não havia espantalhos nas searas da minha infância; também as sonoridades dos tambores que se percutiam do lado de lá do rio Tchimpumpunhime, cujas margens marcavam os limites da minha autonomia infantil e continuam a ser as fronteiras físicas da minha vila.

A geografia da escrita, da minha escrita, alargava-se na medida certa do que eu via, do que ouvia, do que se falava. Os primeiros textos refletem essa dinâmica, seguem as diversas rotas que os sentidos descobrem, absorvem o choro das hienas, as danças kimbandeiras da velha Mukuma no terreiro de nossa casa, as estórias de sobrevivência de meus avós. E a geografia, que começa por ser estreita como os dedos da mão que escreve, amplia-se para além dos limites da própria povoação, quando os primeiros textos conhecem a superfície multiplicadora do prelo. Os primeiros poemas são publicados ao longo do ano de 1973, na página literária (nº 1 - 3 maio) do Grupo Cultural da Huíla – GRUCUHUILA, inserida no “Jornal da Huíla”, da qual vale a pena realçar o facto de preceder em dois anos a revolução do 25 de abril, com tudo o que isso significa. Esse era o tempo em que Luandino Vieira, António Jacinto, Agostinho Neto e outros escritores angolanos chegavam até nós em vagas notícias, na maioria das vezes numa perspetiva mais política do que cultural. Todas as publicações de sua autoria, ou as que a eles se referiam, estavam proibidas pelo regime e tornava-se quase impossível ter acesso a elas. A simples referência, num jornal, dos nomes desses escritores, levantava suspeitas, criava problemas. Apesar disso, em epígrafe, a página literária do GRUCUHUILA apresentava, repetidamente e em cada número, um extrato do poema “Exortação” de Maurício de Almeida Gomes (n. Luanda, 1920 - m. Lx, 2012, com 92 anos), publicado em 1957, que rezava assim “Mas onde estão os poetas de Angola, se não os ouço cantar e exaltar tanta beleza e tanta tristeza, tanta dor e tanta ânsia desta terra e desta gente?”. É importante realçar que, após 1961, com o deflagrar da guerra colonial, o cerco a qualquer atitude que pudesse comprometer os esforços de Portugalidade do regime de então tornara-se muito mais feroz e consistente. Por isso deixava passar a mensagem por entre as sonoridades de palavras na língua local, o olunyaneka, que os vigilantes do regime desconheciam.

### Piou o Tyirikuata Sozinho

Piou o tyirikuata [pássaro] sozinho. / Eu não ouvi mais / que um tyiimbo [cântico] doente, / mensageiro inocente / de uma ovita [guerra] estranha.

E a geografia da escrita ampliou-se ainda mais com o livro de poemas *Ovatyilongo (Gente da Terra)*, que conta com o prefácio de Carlos Estermann. A sua escolha como prefaciador teve em conta o fundo etnográfico desta poesia, que exigia, por outro lado, a apreciação de alguém conhecedor da história, da cultura e da literatura oral do povo Nhaneca-Humbe. Dizia Estermann, no prefácio referido, que o autor, em *Ovatyilongo*, tinha “a particularidade de inserir nos [...] versos, vocábulos do idioma bantu da região”, ao mesmo tempo que deixava passar a dúvida de que seria muito provável que nem toda a gente aprovasse tal liberdade poética. E concluía, dizendo que, talvez fosse permitido considerar esta maneira de escrever “como uma espécie de compensação do desprezo a que se votaram durante décadas os ‘dialetos’ dos Pretos”.<sup>58</sup> Não será demais lembrar que a literatura angolana era, na altura, muito mais do que hoje, “uma literatura marcadamente urbana, reproduzindo experiências de vida, sobretudo de Luanda e de Benguela, “pelo que o tratamento de tais temáticas [mais endógenas, mais rurais] representava uma novidade [...]”<sup>59</sup>

Quando a guerra civil invadiu tudo e impôs seu canto fúnebre, muitos angolanos viram na fuga o caminho para a sobrevivência, enquanto “Nos eumbos, / a seiva vermelha / alucinada / banha os olhos dos homens... / [e] o irmão mata o seu irmão” (*Murilaonde*, 1990). Este poema “Alucinação” é já a aposição de uma marca de fogo na pele de uma outra geografia, cujas fronteiras se abrirão a outros espaços líricos. Uma nova escrita vai emergir.

Cruzo a fronteira em janeiro de 1976 e a mais recente geografia tem o recorte e a dimensão de uma ilha. Mas as velhas fronteiras permanecem como uma rede, um filtro por onde passam as novas realidades. A geografia da escrita oscila de outros sismos que ameaçam os seus limites. Talvez por isso, com a consciência de que a identidade pode estar ameaçada, esboçam-se resistências, como a criação de uma espécie de “Casa de Angola” e, no Entrudo, inventa-se o Carnaval Calema. As memórias e as tradições culturais levam a criar e a manter uma Página Africana no Semanário “Açores” e depois a publicação de *Poemas*, em junho de 1979, um livro de parceria com Eduardo Bettencourt Pinto<sup>60</sup> e, um pouco mais tarde, *20 Poemas de Savana*, o regresso lírico à savana natal.

## 11. Canto o Homem...

Canto o homem vestido / de sol e vento / inundado de carícias universais e puras / e sem fronteiras nos olhos. // Canto o homem com asas de lua / voando por entre névoas de magia / ou a pescar peixes prateados / em lagoas de fogo. // Canto ainda a terra em festa / com flores de água nos cabelos / e o eco das manadas a passarem / tingindo de som o ouvido / das montanhas... (*20 Poemas de Savana*, 1981)

<sup>57</sup> Graça Arrimar –“Nascimento”, *V Antologia de poetas lusófonos*, 2013.

<sup>58</sup> Carlos Estermann – “Prefácio”, 1.ª ed. de *Ovatyilongo*, 1975.

<sup>59</sup> José Carlos Venâncio –“Seixo Review”, 2005. Também com Ruy Duarte de Carvalho os temas rurais começam a ter importância na literatura.

<sup>60</sup> 2ª ed. em Macau, 1993; ed. em galego, 2010.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Mas a nova geografia impõe-se e a escrita recebe novos sinais, sinais do fogo que coze a ilha em lume brando, tão brando que lhe marca a epiderme com a fantasia suave das lagoas verdes e azuis, das azáleas e das hortênsias; da leveza verde das criptomérias; da viagem de todos num veleiro de basalto que sulca um mar bordado com algas. A geografia da escrita alarga-se aos novos efeitos de luz, novos sons de água, novos cheiros de enxofre e beterraba. E passei a ter “uma linha a suturar-me as pálpebras de azul, uma linha cujo novelo está lá em baixo, lá bem fundo, naquele mar que beija há milhares de anos, com o mesmo fervor, os lábios negros da ilha. (*Catarina*, p. 5-6).

Ainda a conhecer o paladar de outros sabores, o cheiro de outros odores e já a geografia começa a ampliar-se a outros e ainda mais longínquos espaços. Isso acontece quando passo a ser mais um dos moradores da cidade do Nome de Deus na China, urbe carregada de história, de “cheiros e sabores antigos / que os marinheiros procuram / e as naus transportaram. / O sabor a canela / a gengibre / e a noz moscada, / o gosto imemorial / da especiaria perfumada, / o vício mortal, oriental, / do ópio refrescando a mágoa / num intemporal / cachimbo de água.” (*Fonte do Lilau*, 1990).

Mas havia alturas em que as geografias se intercetavam ou mesmo pareciam baralhar-se. O tempo antigo vinha ocupar, por momentos, o espaço mais recente. Por vezes deixava-me voar até longe e batia com os nós dos dedos da saudade na porta de minha casa paterna. E por algum tempo a geografia era a da saudade, da revolta, uma geografia que nada tinha a ver com a real, a que me continha fisicamente. Afinal, acabariam por coexistir, saber viver juntas, não pisar o risco da outra. A geografia angolana continuava a existir independentemente das outras que vão surgindo. Todas ganham nessa coexistência pacífica e, embora pareça que não se misturam, acabam por abrir mais horizontes umas às outras. Entretanto, um livro é dado à estampa, *Murilaonde*, em português “Chora Sangue”, um grito de revolta contra os homens que amavam a guerra que continuava a dilacerar Angola. Estávamos em 1990 e já tinham passado quinze anos desde a Independência. Por isso continuava a cantar em verso a minha resistência identitária, apesar de tudo. “Para lá das montanhas / que a neblina esconde / ficou o meu riso / de criança, o meu amor / e a minha esperança... // Para lá das montanhas / fiquei de olhar perdido / a chamar por mim... / Mas eu não vim!” Era a confissão de que parte de mim continuava lá longe, agarrada ao chão da Huíla. Nunca de lá saiu! Mas outra parte de mim, para que eu pudesse sobreviver, abria-se à novidade, à diferença, ao presente, à outra geografia.

Numa terra em que os astros têm uma interação connosco, eu acabei por dar algum valor à astrologia, sobretudo ao meu signo, que é gémeos a Ocidente e que é serpente a Oriente. Um gémeo que me liga ao passado, uma serpente que me liga ao presente, como o Yin e o Yang que se completam na diferença, ou nos antípodas. Se continuava a ser angolano, também já o era um pouco açoriano e passaria a ser também um pouco macaense. E foi assim que, ao longo da minha estadia em terras orientais – aliás, como também havia acontecido nos Açores – na minha geografia inscrevem-se três lugares. Os macaenses dizem que quem bebeu da fonte do Lilau jamais esquecerá Macau. E foi o que aconteceu comigo. Dessa fonte jorrou a poesia com que moldei o meu primeiro livro escrito em Macau, cujo título é em si mesmo uma homenagem a essa mãe-de-água mítica da terra macaense: *A Fonte do Lilau*. Os crioulos do português, fossem de onde fossem, atraíam-me. Por isso canto o Macau Antigo com entoações de patoá: “Naquela rua que vai / do Lilau a S. Lourenço / ficou o bambolear das nhonhas / com as belas saraças a esvoaçar / ao vento das recordações... / Das janelas bizarras / chegam-nos sons antigos, / o dóci papiá cristã / das chachas falando da sina / enquanto servem o sarã-surave / em porcelana china. / Ao fundo da rua já se vê / o jerinxá de mais uma chacha / que vem para jogar o bafá. // Ao fundo da rua, / Já se vê...” (*Fonte do Lilau*, 1990)

A nova geografia é de cheiros intensos nas ruas estreitas dos bairros antigos, onde se escondem pátios com nomes de frutos tropicais, os mesmos frutos que adoçaram a minha infância angolana, como o Pátio da Papaia. Odores da comida macaense, culinária misturada de sabores de todo o Oriente, como o minchi, bebinca de nabo, casquinha, porco balichão e porco tamarindo; também da comida chinesa, *van tan min, siu mai, chau min, min pao*, pato à Pequim, pato lacado. A geografia dos sabores e dos cheiros alargara-se muito e passo a gostar de comer de fai chi, os elegantes pauzinhos que, como bicos de cegonha, permitem debicar nos muitos pratinhos da mesa chinesa, ou a elevar graciosamente à boca o min, essa massa fina e lisa como algas brancas. Mas a fronteira alarga-se para lá dos sabores, para lá dos odores, abrangendo as festividades como a do Ano Novo Lunar, as casas decoradas com pessegueiros floridos de vermelho, simbolizando a boa sorte; narcisos aromáticos e preciosos, a indiciar bons rendimentos para os donos da casa; peónias a simbolizar a riqueza; laranjeiras anãs, com flores brancas e odoríferas e frutos dourados a lembrarem o ouro, o metal precioso gerador do bem-estar material. Nas mesas, caixas de madeira de forma redonda ou sextavada com doces e frutos secos, pevides vermelhas de abóbora que se vai trincando durante os dias de festa, e aqui e ali, crianças e solteiros são agraciados com os lai-si, pequenos envelopes auspiciosos de cor vermelha que guardam determinadas quantias em dinheiro, simbolizando votos de boa fortuna e juventude permanente. Lá fora, a dança do dragão benfazejo, essa encarnação da boa sorte que, desde a dinastia Han, permite que os homens, através dele, consigam chuva suficiente para que haja boas colheitas, e os panchões a crepitarem dia e noite para não deixar descansados os kwai, os maus espíritos. E também por essa razão se colam nas portas as efígies dos deuses protetores das casas, mais conhecidos pelos deuses da porta. “Portas de madeira lacada / ferragens de metal amarelo / nos batentes perturbados / de estranhas constelações / de silêncio / pintadas a ocre.” (*Confluências*, 1997). Muito medo dos diabos têm os chineses! Daí que avaliem tudo através dos mestres do Fong-Soi, os mágicos do vento e da água, dois dos elementos básicos da geomancia chinesa. Nas ilha de Coloane, a sombra das casuarinas de Hác Sa pintam de negro a praia, onde, à noite, as crianças transportam as tradicionais lanternas de papel colorido, ou de plástico, como eram as menos tradicionais e, para mim, muito menos bonitas do que as outras. Isso era quando se festejava a Festa da Lua ou das Lanternas, que tinha lugar na primeira noite de lua cheia após a Festa da primavera (que é quando se inicia o ano novo lunar chinês), com milhares de pessoas a passear suas lanternas pelas ruas e a saborear o bolo lunar, um doce feito com farinha de arroz e com uma gema de ovo no seu interior. Toda a gente escolhe fruta redonda nesse dia, como se em cada laranja, tangerina ou maçã fosse a lua que ali estivesse, a brilhar nos pratos e nos cestos de cada casa. É sob o efeito mágico da lua que se canta o “redondo / da fruta redonda / no arredondado / de um prato ao luar / a gema circular / no interior / do bolo lunar / guardado em cada mão / e na praia nua / crianças luzindo / na escuridão / luzinhas a fingir de lua.” (*Secretos Sinais*, 1992)

Quando me retirei do Oriente, já sem margem para novos enraizamentos, fixei-me na margem esquerda do rio Tejo, no Pragal onde, segundo reza a tradição, Fernão Mendes Pinto viveu e escreveu, depois de longas viagens pelo Oriente, esse importante monumento da Literatura de Viagens que é a *Peregrinação*. Ressalvadas as devidas distâncias, não pude deixar de pensar que era interessante viver na terra dum homem que tanto peregrinou por este mundo... E foi no Pragal que me iniciei na narrativa com o livro de ficção histórica, intitulado *Viagem à Memória das Ilhas*, e com o romance *O Planalto dos Pássaros*, com o qual regressei, em termos literários e físicos aos Açores e a Angola, numa viagem a partir de fora ao reencontro de dois dos meus lugares da escrita.

Jorge Arrimar

***TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ***

20. JORGE ANTÓNIO DE MEDEIROS BORGES E CUNHA, DIRETOR DO MUSEU DA GRACIOSA, DO TEATRO A SEMENTE, COORDENADOR COMPONENTE LOCAL



24º GRACIOSA 2015

**Jorge António de Medeiros Borges e Cunha**, nasceu na Horta, na Ilha do Faial, 28-08-1959, e reside desde criança em Santa Cruz da Graciosa, onde exerce o cargo de Diretor do Museu da Graciosa.

É Licenciado em História, Pós-Graduado e Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento pela Universidade dos Açores.

É Técnico Superior da Direção Regional da Cultura.

Há mais de duas décadas que tem tido uma participação ativa na comunidade graciosense, como sócio-fundador de várias associações de natureza diversa.

Em termos associativos, como dirigente ou colaborador, tem exercido a sua ação nas áreas juvenil, desportiva, sociocultural e recreativa (educação, ambiente, teatro, dança, música tradicional e erudita, coros, filarmónicas, entre outros).

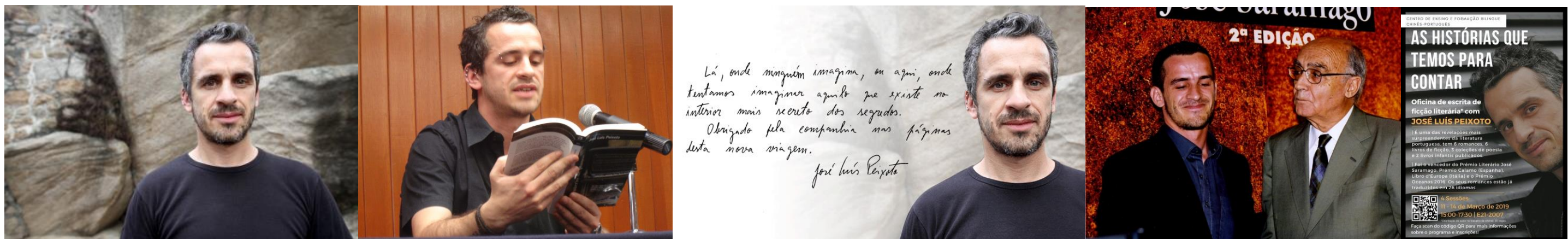
É autor de várias monografias e artigos, apresentou diversos trabalhos e conferências em Portugal e no estrangeiro (Espanha, Bélgica, Estados Unidos da América e Brasil), nas áreas do associativismo juvenil e cultural.

Colabora regularmente em revistas, jornais, programas radiofónicos e televisivos sobre assuntos da sua especialidade.

No ano de 2006, na V Gala do Desporto Açoriano, foi condecorado pelo Governo Regional dos Açores, na categoria “Personalidades”, como dirigente com mais de 20 anos dedicados à causa desportiva.

PARTICIPA PELA SEGUNDA VEZ. MEMBRO DA ORGANIZAÇÃO, SERÁ GUIA CULTURAL DESTE COLÓQUIO, NO MUSEU, NOS PASSEIOS CULTURAIS E COORDENA AS ATIVIDADES LOCAIS TAL COMO ACONTECEU NO 24º COLÓQUIO EM 2015

21. JOSÉ LUÍS PEIXOTO, ESCRITOR, CONVIDADO DE HONRA CMSCG



**José Luís Peixoto** nasceu na aldeia de Galveias, no Alto Alentejo, onde viveu até aos 18 anos, idade em que foi estudar para a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Após terminar a sua licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de estudos ingleses e alemães, foi professor em várias escolas portuguesas e na Cidade da Praia, em Cabo Verde.

É um dos autores de maior destaque da literatura portuguesa contemporânea.

A sua obra ficcional e poética figura em dezenas de antologias, traduzidas num vasto número de idiomas, e é estudada em diversas universidades nacionais e estrangeiras.

Em 2001, com apenas 27 anos, José Luís Peixoto foi o mais jovem vencedor de sempre do Prémio Literário José Saramago com o romance *Nenhum Olhar*.

Desde esse reconhecimento, a sua obra tem recebido amplo destaque nacional e internacional.

Em 2007, *Cemitério de Pianos* recebeu o Prémio Cálamo Otra Mirada, destinado ao melhor romance estrangeiro publicado em Espanha.

Com *Livro*, venceu o prémio Libro d'Europa, atribuído em Itália ao melhor romance europeu publicado no ano anterior, e em 2016 recebeu, no Brasil, o Prémio Oceanos com *Galveias*.

As suas obras foram ainda finalistas de prémios internacionais como o Femina (França), Impac Dublin (Irlanda) ou o Portugal Telecom (Brasil).

Na poesia, o livro *Gaveta de Papéis* recebeu o Prémio Daniel Faria e *A Criança em Ruínas* recebeu o Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores.

Em 2012, publicou *Dentro do Segredo, Uma viagem na Coreia do Norte*, a sua primeira incursão na literatura de viagens.

Os seus romances estão traduzidos em mais de vinte idiomas.

Em 2001, dedicou-se profissionalmente à escrita.

Os seus livros estão traduzidos e publicados em 26 idiomas.

O romance *Galveias* foi o primeiro livro de língua portuguesa a ser traduzido diretamente para o idioma georgiano, tendo acontecido o mesmo ao livro *A Mãe que Chovia*, que foi o primeiro a ser traduzido diretamente do português para o mongol.

*Morreste-me* foi escolhido como um dos 10 livros da primeira década do século XXI pela revista Visão.

Nas mesmas condições, *Nenhum Olhar* foi escolhido como um dos livros da década pelo jornal Expresso. *Nenhum Olhar* foi incluído na lista do Financial Times dos melhores romances publicados em Inglaterra em 2007, tendo também sido incluído no programa Discover Great New Writers das livrarias americanas Barnes & Noble.

O romance *Uma Casa na Escuridão* foi incluído na edição europeia de "1001 Livros para Ler Antes de Morrer - Um guia cronológico dos mais importantes romances de todos os tempos".

A sua obra tem sido abundantemente adaptada para espetáculos e obras artísticas de diversos géneros.

Tem sido colunista de vários órgãos da imprensa portuguesa, como é o caso do Jornal de Letras ou das revistas Visão, GQ, Time Out, Notícias Magazine, UP, entre outras.

## PRÉMIOS

**Galveias - Prémio Oceanos - Prémio de Literatura em Língua Portuguesa 2016 (Brasil)**

**Livro - Prémio Libro d'Europa 2013 (Itália)**

**A Criança em Ruínas - Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores 2013 (Portugal)**

**Gaveta de Papéis - Prémio de Poesia Daniel Faria 2008 (Portugal)**

**Cemitério de Pianos - Prémio Cálamo 2007 (Espanha)**

**Nenhum Olhar - Prémio Literário José Saramago 2001 (Portugal)**

## RECENSÃO CRÍTICA

**"Uma das revelações mais surpreendentes da literatura portuguesa. É um homem que sabe escrever e que vai ser o continuador dos grandes escritores."**

**José Saramago**

**"Peixoto tem uma extraordinária forma de interpretar o mundo, expressa pelas suas escolhas certeiras de linguagem e de imagens."**

**Times Literary Supplement**

**"Um valor seguro da literatura portuguesa, com grande sentido de linguagem poética e grande domínio da língua portuguesa."**

**Manuel Vásquez Montálban**

**"O fantástico é contado com a naturalidade do quotidiano. A crónica e a fábula sobrepõem-se, como as histórias que contam ou presenciam ou calam as personagens de William Faulkner ou de Juan Rulfo."**

**António Muñoz Molina**

**"Como Saramago, José Luís Peixoto é um escritor tocado pelo génio."**

**Urbano Tavares Rodrigues**

**"Um dos escritores mais dotados do seu país."**

**Le Monde**


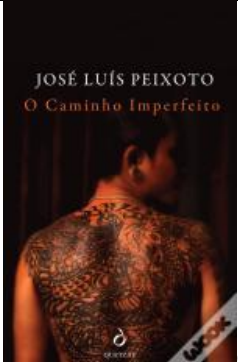



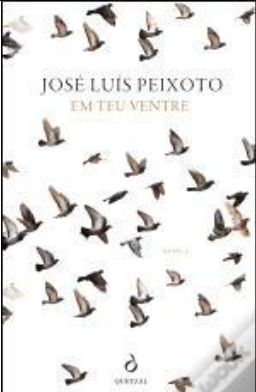
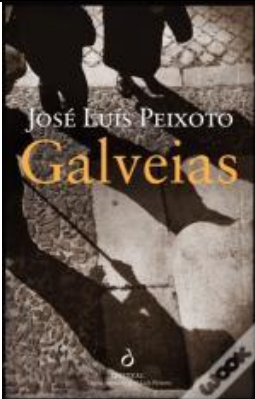

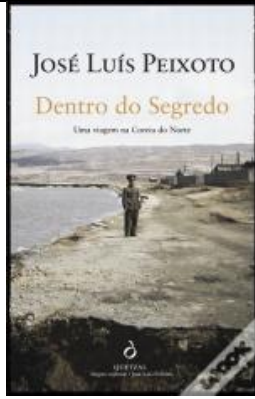


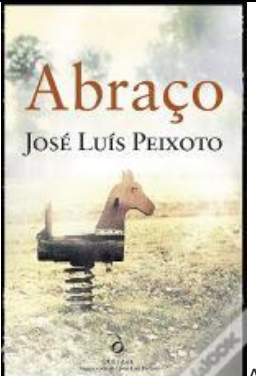

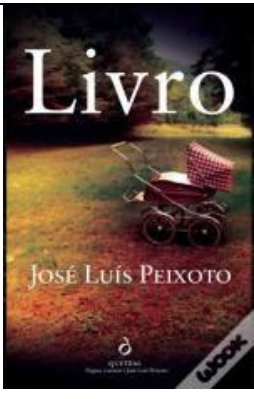



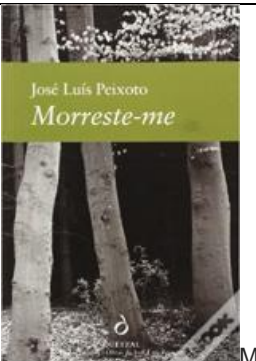


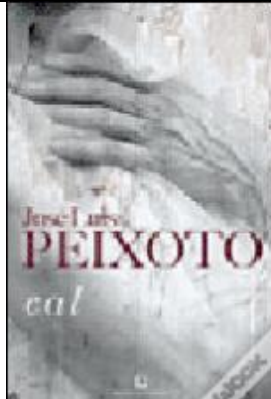


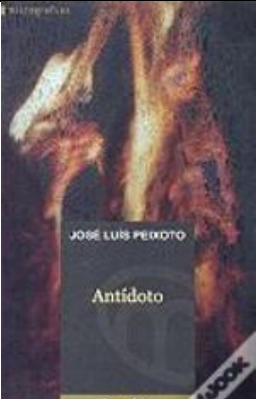
**"Peixoto articula um interessante discurso sobre a identidade e a orfandade, e elabora em paralelo um maravilhoso retrato psicológico do mundo rural português."**

**El País**

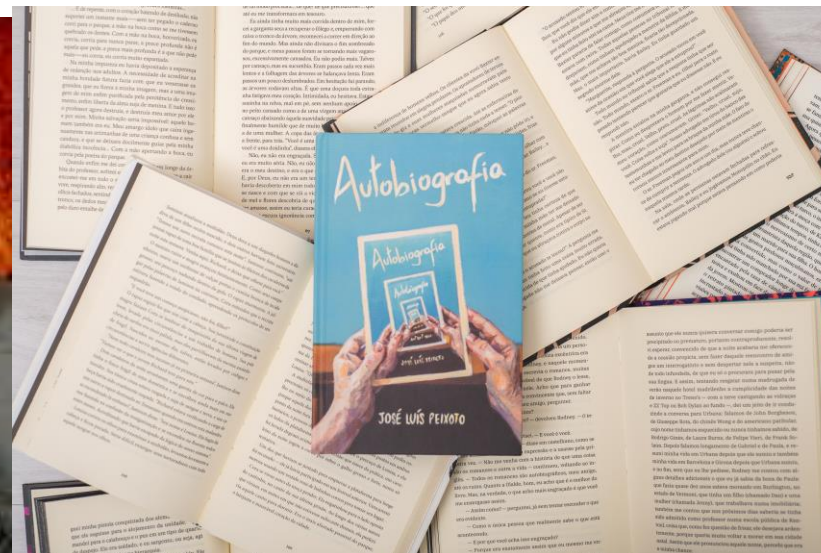
**Os seus livros têm tido referências críticas em publicações internacionais de referência como: The Independent, The Guardian, Times Literary Supplement, Esquire, Monocle, Metro, Time Out New York, San Francisco Chronicle, El País, El Mundo, ABC, Le Figaro, Le Monde, La Repubblica, Corriere de la Sera, L'Unità, Folha de S. Paulo, Estado de São Paulo, etc.**

José Luís Peixoto é um dos escritores de maior destaque da literatura portuguesa contemporânea. Romancista, novelista, poeta e dramaturgo, conta com uma obra traduzida para mais de vinte idiomas, amplamente adaptada para espetáculos teatrais e obras artísticas de variados géneros. Não à toa, foi encarregado do maior projeto da história da TAG Curadoria: escrever um romance especialmente para o clube

## BIBLIOGRAFIA

 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 01-2019</p>	 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 09-2017</p>	 <p><b>Rosa de Porcelana Editora</b> Edição: 07-2016</p>	 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 05-2016</p>	 <p><b>Casa das Letras</b> Edição: 11-2015</p>	 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 10-2015</p>
 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 10-2014</p>	 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 07-2014</p>	 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 11-2012</p>	 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 04-2012</p>	 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 03-2012</p>	 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 10-2011</p>
 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 09-2011</p>	 <p><b>Quetzal</b> Edição: 09-2010</p>	 <p><b>Quetzal Editores</b> Ed: 11-2009</p>	 <p><b>Quetzal</b> Edição: 10-2009</p>	 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 10-2009</p>	 <p><b>Quetzal Editores</b> Edição: 06-2009</p>
 <p><b>Bertrand Editora</b> Edição: 06-2008</p>	 <p><b>Quasi Edições</b> Edição: 04-2008</p>	 <p><b>Bertrand</b> Edição: 10-2007</p>	 <p><b>Quasi Edições</b> Edição: 09-2006</p>	 <p><b>Temas e Debates</b> Edição: 04-2002</p>	 <p><b>Temas e Debates</b> Edição: 04-2003</p>

Tema: apresenta autobiografia



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

22. LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL AICL



26º LOMBA DA MAIA 2016



25º MONTALEGRE 206



13º FLORIPA 2010



29º BELMONTE 2018

LUCIANO PEREIRA

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), 1982,

Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, 1992

Doutor em Línguas e Literaturas Românicas – Especialidade de Literaturas Românicas Comparadas, 2004

PUBLICAÇÕES

1. COMUNICAÇÕES E ARTIGOS:

A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes

Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.

A representação da Ilha na literatura de temática açoriana

A representação da Arrábida na literatura portuguesa

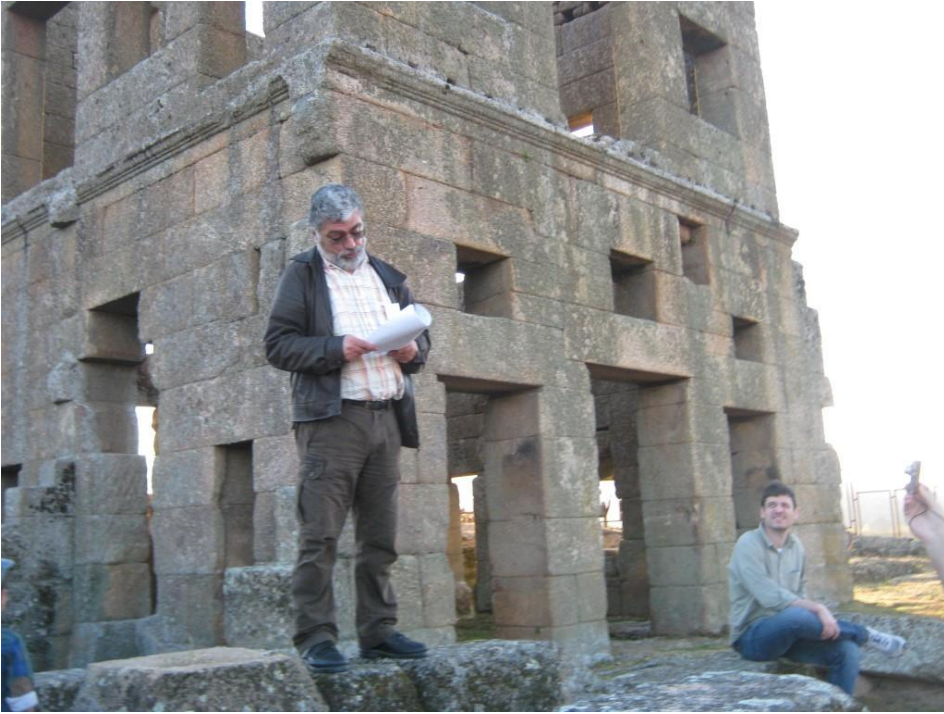
A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas

O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa  
O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular  
Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional  
A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica  
A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio  
Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução  
O mau-olhado na cultura popular  
A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila  
Referências e indícios hebraicos na literatura popular  
Contributos árabes na literatura popular portuguesa  
As mouras encantadas no imaginário galaico-português  
A representação dos Açores na poesia publicada no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro

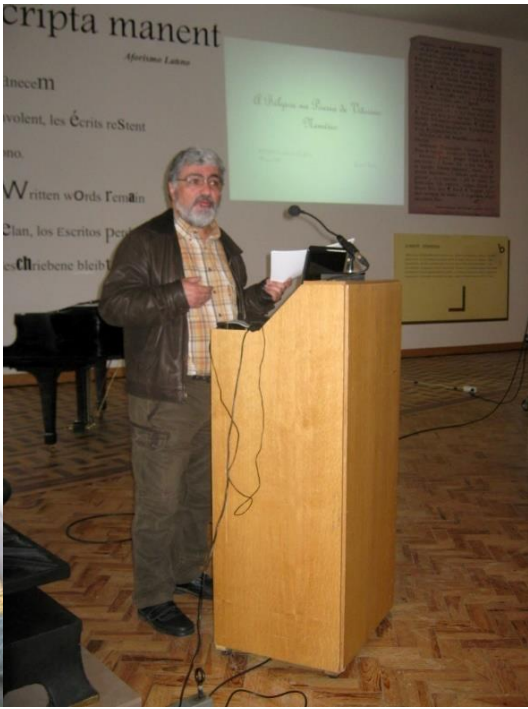
2. ENSAIOS:  
A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária.
3. UNIDADES DIDÁTICAS PARA ALUNOS DO ENSINO COMPLEMENTAR DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ALEMANHA (EM COLABORAÇÃO):  
A cidade  
A língua.

4. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL  
Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)  
Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)  
Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)

5. DISCIPLINAS LECIONADAS:  
Globalização das Expressões, Literatura para a Infância, Introdução à Literatura Comparada, Retórica e argumentação, Culturas Populares, Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros, ...



23º FUNDÃO 2015



25º MONTALEGRE 2016



25º GRACIOSA 2015



11º LAGOA 2009



13º FLORIPA 201



16º SANTA MARIA 2011



19º MAIA 2013



19º MAIA 2013



21º MOINHOS 2014



16º SANTA MARIA 2011



15º MACAU 2011



29º BELMONTE 2018



13º FLORIPA 2010

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Esta obra ensaística constitui um percurso por alguns dos temas da cultura e da literatura portuguesa mais emblemáticos. Sublinha-se a importância dos diferentes contributos exógenos e o modo como plasmaram o génio contemporâneo português. O espaço geográfico de Portugal dilata-se pelo espaço mais vasto da lusofonia, entendendo por lusofonia o espaço linguístico-cultural de criação de múltiplas identidades, em constante mutação e enriquecimento. Nesta medida, estamos perante uma obra que reforça o carácter lírico e épico que caracteriza a formação de um povo que não cessa de afirmar a sua universalidade desde a sua formação. Cada um dos vinte e cinco capítulos corresponde a uma comunicação científica que o autor teve a oportunidade de pronunciar em espaços muito diversos do mundo lusófono, com especial destaque para o espaço cultural açoriano. Cada artigo surge do contacto com as realidades que evoca e que, apaixonadamente estuda com uma verdadeira obsessão científica. Estamos perante postais de viagens, mais ou menos vividas, mais ou menos sonhadas, ouvem-se, nitidamente, as vozes do povo, com as suas variantes e especificidades. Deliciamo-nos com a estilística dos seus autores, ora mais espontâneas, ora mais elaboradas e eruditas.

Percebemos que, enquanto docente e formador, o autor aproveitou a sua paixão, para esclarecer as suas raízes e a sua identidade e dar asas à sua imaginação. Os seus estudantes e formandos são convidados, uns a visitar paisagens, gentes e gestos que motivaram o seu entusiasmo e o seu orgulho pela sua língua e pela sua cultura, outros a empreenderem novos percursos e a realizarem novas descobertas, iniciando as suas próprias pesquisas, nesse imenso espaço aberto que constitui o mundo lusófono.

### Prefácio - Lusofonografias – Ensaio pedagógico-literários

Em boa hora Luciano Pereira decidiu reunir nesta obra os seus trabalhos de investigação, tais como comunicações e artigos diversos, quer literários, quer de natureza pedagógico-didática, apresentados no País ou no Estrangeiro, em encontros científicos ou em cursos de formação de professores. E fá-lo com um propósito bem solene: assinalar o seu sexagésimo aniversário. Presta deste modo um serviço de relevo, não só aos seus amigos, colegas e discípulos, que assim o podem mais facilmente ler ou reler, mas também ao público, em geral, que se interessa pelos temas que ele estuda afincadamente com sabedoria e oportunidade.

Tenho tido o privilégio e a honra de vir acompanhando, desde longa data, o percurso pessoal e profissional de Luciano Pereira, intensamente dedicado à língua e cultura portuguesa. Muitos dos textos que inclui nesta obra foram primeiramente apresentados como comunicações em congressos nacionais e internacionais, nomeadamente nos Colóquios da Lusofonia, nos quais também participei, podendo assim testemunhar a sua excelente qualidade, assim como a recetividade e apreço com que foram acolhidas pelo público presente.

Os temas que captam a atenção e o desvelo de Luciano Pereira distribuem-se por áreas tão diversas como a das fábulas, lendas e bestiários, a da representação da serra da Arrábida na literatura portuguesa, nomeadamente em Sebastião da Gama, a da presença de elementos hebraicos ou árabes na literatura popular, a contribuição africana para o fabulário de expressão portuguesa, a da diversificada temática açoriana, etc.

A intenção com que Luciano Pereira publica esta obra é claramente definida por ele próprio na “Apresentação,” nos seguintes termos: “Espero que esta publicação, que foi antes de mais elaborada para e com os meus alunos, não os dececione e seja entendida como uma espécie de percurso pedagógico e científico de um professor em busca das suas raízes e das mais diversas formas de as celebrar.” Esta obra deve, pois, ser entendida como a celebração de um rico, substancial e variado percurso pedagógico-didático do seu Autor.

O estudo do texto literário constitui, neste percurso, o cerne do seu afã docente, conforme destaca, logo no começo do primeiro capítulo: “O texto literário é um espaço de representação e produção cultural, é um precioso adjuvante da construção de identidades, o educando é convidado a construir de forma crítica a sua individualidade, as suas diferentes pertenças, a sua consciência nacional e regional.” E, mais adiante, reforça: “Enquanto espaço interdisciplinar, o texto literário representa o mundo recriando-o, exige deste modo abordagens transdisciplinares e compreensivas levando o educando a formular hipóteses complexas e globais sobre o real, sobre a sua relatividade e sobre as suas lógicas.”

Defensor acérrimo, e em justa causa, da importância dos estudos literários na formação pedagógica, Luciano Pereira dedica particular atenção ao valor formativo da literatura para a infância e para os jovens, demonstrando a relevância dos mitos, das fábulas, dos contos e das lendas na educação dos jovens. Em relação ao estudo do mito, por exemplo, sustenta que “as crianças encontram [aí] o modelo de excelência para poder dar sentido ao mundo e a si próprias”, sendo a fábula uma das suas mais conhecidas expressões. Onde o estudo minucioso que nos oferta sobre um variado tipos de fábulas, nomeadamente literárias. Numa profícua simbiose entre a análise teórica e a prática discente, promove diversificadas experiências pedagógicas, que incluem pesquisas e inquéritos escolares.

Outro estudo, bem singular, que queria distinguir denomina-se “As cores da língua portuguesa como expressão da cultura” e é apresentado no capítulo quarto. Sustentando que “a utilização particular da cor pode ser uma característica particular da estilística de um autor, de uma época ou de uma cultura”, vai procurar “apreender tais características e equacionar a sua transmissão/apreensão e utilização no contexto da língua e da cultura portuguesa”, através de uma consistente pesquisa. Começa, pois, por distinguir, na língua portuguesa, os lexemas básicos da cor, as cores fundamentais, assim como a formação das várias cores compostas e realiza um inquérito em várias turmas escolares dos ensinoss básico, secundário e superior, para averiguar o conhecimento que os alunos têm das cores e no qual revelam diversas lacunas.

Demonstra depois como “os morfemas lexicais determinativos da cor constituem uma base privilegiada para a formação de numerosas palavras pertencentes às mais diversas classes gramaticais (substantivos, adjetivos, verbos, advérbios),” e apresenta diversificados e ilustrativos exemplos. Seguidamente, põe em evidência o modo como os nomes das cores se combinam com outras palavras, assim como a abundância de substantivos que se referem ao mundo mineral, vegetal ou animal e que são caracterizados pelas cores. Evoca depois o valor conotativo das cores que ocorrem em expressões e ditados populares, ilustra de modo significativo e com exemplos literários bem interessantes (de Garrett, D. Dinis, Camões, Eugénio de Castro e Sophia de Melo Breyner) a importância do verde como “cor da nossa cultura.” E termina este original capítulo com a apresentação de várias propostas pedagógicas que visam a aquisição do vocabulário.

Interessante e também muito bem conseguido é o quinto capítulo, intitulado “A valorização do trabalho no contexto do Ensino da Língua e da Cultura Portuguesa,” no qual dá conta da sua diversificada e rica experiência como professor e formador em ações pedagógicas que tem realizado ao longo da sua carreira docente, quer no País, quer no Estrangeiro. Procurando sempre associar o ensino à formação e à pesquisa, descreve as suas experiências de trabalho no contexto escolar e apresenta diversas propostas pedagógicas.

Os capítulos sexto e sétimo são dedicados à representação da Serra da Arrábida na literatura portuguesa, na qual refere um número variado de escritores, com destaque para Sebastião da Gama, e dá exemplos dos respetivos textos.

A presença hebraica e a contribuição árabe na literatura popular também lhe merecem particular atenção e a elas dedica os capítulos nono e décimo, respetivamente. No capítulo décimo primeiro põe em destaque a riquíssima contribuição africana para o fabulário de expressão portuguesa, socorrendo-se de textos de inúmeros escritores africanos, brasileiros, portugueses e outros. A presença do cavalo e do touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário tradicional constitui o objeto de um aprofundado estudo no décimo quarto capítulo.

A temática açoriana (o culto do Espírito Santo, a ilha no imaginário poético, a representação dos Açores na poesia publicada no “Almanaque de lembranças luso-brasileiras” e os mitos e lendas em torno da Lagoa das Sete Cidades) é analisada magistralmente nos capítulos décimo sexto ao. Temas diversos, que não vou pormenorizar, constituem ainda objeto de estudo dos últimos capítulos, sempre reveladores de uma ampla erudição do Autor.

Em conclusão, nesta obra Luciano Pereira revela-se como um excelente investigador que sabe trabalhar adequadamente para que o exercício do seu magistério se torne mais profícuo e inovador, contribuindo deste modo para uma formação mais completa e empenhada dos seus discentes. Nela se revela também como exímio escritor, dotado de um estilo próprio, minucioso e didático. A sua erudição é incomensurável, já que manifesta um profundo e amplo conhecimento das literaturas de expressão portuguesa, da literatura francesa, da cultura clássica e não só. Cada capítulo termina com ricas e atualizadas referências bibliográficas que muito enriquecem a obra e fundamentam mais solidamente as análises apresentadas.

Lisboa e Academia das Ciências de Lisboa, 17 de junho de 2018 João Malaca Casteleiro

### Posfácio

Cuidava eu que a minha opção de escritor – laborando desde a juventude na criatividade teatral, poética e narrativa, sem a mínima prática do ensaio literário – poderia isentar-me de escrever prefácios a obras eruditas de outros autores, tendo por certo que haveria sempre alguém que o pudesse fazer com muito mais competência e autoridade. Surpresa foi, portanto, receber o mesmo assim honroso convite para alinhar umas palavras simples, com que os “prezados leitores” dessem por concluída a minuciosa apreciação deste volume, tão rico na sua diversidade.

Acontece que Luciano Pereira, participante como eu dos Colóquios da Lusofonia (em que se tem destacado pela qualidade das comunicações e disponibilidade organizacional complementar, além dum invulgar trato social), se dignou distinguir-me com o merecimento da sua amizade, ao longo destes convívios, em tão diversos lugares de Portugal. E até lhe devo a gentileza de escolher para uma das suas comunicações uma aproximação, a vários níveis, de duas obras minhas: a peça teatral *A Paixão Segundo João Mateus* e o romance que daí resultou, anos mais tarde.

Agradável digressão foi, na verdade, a minha leitura desta coletânea de ensaios: O fascinante universo da fábula como ponto de partida e respetivo percurso pedagógico; o enaltecimento da Terra Pátria, principalmente da serra da Arrábida e do Arquipélago dos Açores; o relacionamento da Cultura Portuguesa, com outras culturas: hebraica, árabe e brasileira; o culto açoriano do Espírito Santo e muitos outros aspetos da nossa vivência nacional e internacional. Tudo isto estudado com invulgar dedicação e desvelo de responsável ensinante.

Quanto ao laborioso ensaio que fico a dever à competência analítica de Luciano Pereira, presumo que o professor, ao esmiuçar a peça teatral e o romance – este último intitulado *A Paixão Segundo João Mateus (Romance Quase de Corde)* – logo terá optado pelo sugestivo título do seu ensaio: “A Paixão Segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila. Como que adivinhou, conjecturou que este João Mateus, fictício poeta popular da ilha Terceira, seria uma espécie de alter ego meu, transplantado que fosse da minha cidade natal (Angra do Heroísmo) para a pitoresca freguesia rural da Serreta, da mesma ilha, local em que eu o fiz nascer.

E fiquemos por aqui. Apenas com umas palavras mais: de regozijo pelo facto de Luciano ter optado pela celebração do seu 60º aniversário com a publicação desta obra, contributo prestimoso que sem dúvida merece larga divulgação, mormente entre os estudiosos da Língua e da Cultura Portuguesa.

NORBERTO ÁVILA Lisboa, fevereiro de 2018

### Apresentação e Agradecimentos

Na semana a seguir à defesa da minha tese de doutoramento sobre a Fábula em Portugal, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, iniciei a preparação do meu concurso para Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.

Quis o destino que me lançasse numa aventura que me viria a desviar da minha primeira paixão, pedagógico-científica, para abraçar um projeto de gestão e administração institucional, enquanto Vice-Presidente do Conselho Diretivo da Escola Superior de Educação.

Desses anos, ficou-me o gosto amargo de muitas decepções, o cansaço de lutas vãs e inúteis contra um contexto que se impunha como um dos mais constrangedores momentos da Educação em Portugal. Pressionados por fatores externos e alguma confusão interna, fomos estrangulados económica e financeiramente, e reduzidos à nossa expressão democrática mais minimalista, num movimento de centralização, que se aproveitou de algumas fragilidades e procurou aprofundar as ligeiras tensões existentes no corpo docente. Em nome da crise, congelou-se as carreiras, abrandou-se o investimento na investigação, procurando apenas atingir as exigências ditadas por Bruxelas, mais atenta a números do que a resultados técnico-científicos, com verdadeiros critérios qualitativos, indicadores do desenvolvimento sustentado de qualquer sociedade humanista que visa o bem-estar e a felicidade dos seus cidadãos.

Após a demolidora experiência que nos obrigou, a todos, a fazer das tripas coração, chouriços sem sangue e sangrias irracionais, caímos numa letargia apenas disfarçada por campanhas de propaganda que apresentavam o que de melhor tínhamos em todas as áreas da vida cívica. Rapidamente esgotaram-se os exemplos que se conseguiam afirmar no nosso panorama interno e, rapidamente, fomos embriagados com os nossos patrícios que triunfavam no estrangeiro, alguns já pertenciam à terceira geração, outros à segunda, e lá vinham os nossos enfermeiros e informáticos, levemente exportados para o Reino Unido e apresentados como a joia de uma coroa que ostentava um exército de técnicos e especialistas de que podia prescindir sem qualquer indício de remorso, nem tão pouco do mínimo desconforto.

A impossibilidade, ou talvez a incapacidade, de contribuir para reverter a situação levou-me a refugiar-me na minha grande paixão artística, científica e pedagógica. Encontrei nos Colóquios da Lusofonia e, posteriormente, na Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, um espaço de resistência e de resiliência, onde me senti acolhido, motivado, e onde podia, livremente, expressar opiniões e desenvolver investigação com toda a seriedade e rigor. Não posso deixar de agradecer a Chrys Chrystello, à sua família, e a todos os associados, a criação desta escola de vivências ‘inter’ e transculturais, assim como o aprofundamento desta vivificante e pujante identidade lusófona. Seria injusto não agradecer aos meus outros *compagnons de route*, colegas do Instituto Politécnico de Setúbal e, em particular, da Escola Superior de Educação, assim como os do núcleo de investigação sobre o Imaginário Literário da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa que, pelas mais diversas razões, e das mais diversas formas, apoiaram o meu trabalho, sempre me motivaram e sempre

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

me incentivaram a prosseguir, apesar de tantos obstáculos e dificuldades pessoais. Os meus colegas da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia fizeram, de um grupo de sonhadores, um movimento de cidadania, em prole de uma nova e sólida consciência identitária, solidamente ancorada em valores de solidariedade e de fraternidade. Foi este o nicho que escolhi para desenvolver e partilhar a maior parte das experiências que a Escola Superior de Educação de Setúbal, com a maior das generosidades, e das mais diversas formas, me permitia. A minha extrema dedicação à minha intervenção pedagógica obrigou-me a respeitar uma certa distância em relação ao meu grupo de investigação inicial relacionado com os estudos sobre o Imaginário Literário, fundado e dirigido pelo Senhor Professor Doutor Helder Godinho, meu orientador da tese de mestrado sobre os Bestiários Franceses do século XII, assim como da tese de Doutoramento sobre a Fábula em Portugal. Todos os meus colegas, investigadores na área do imaginário, e em particular os da Universidade Nova de Lisboa, foram sempre da maior solicitude e continuam a prestar a maior das atenções aos meus trabalhos passados e presentes. Por razões profissionais e familiares não me tem sido possível conviver com eles com a regularidade que merecem e de que tanto necessito. Durante estes anos, alguns dos maiores vultos da nossa cultura tiveram a gentileza de me dedicar um pouco da sua amizade. Enquanto professor, não concebo o meu labor sem essa proximidade. A minha gratidão vai, em primeiro lugar, para o Professor Doutor Helder Godinho e para o Professor Nuno Júdice que me acompanham desde o meu curso de Mestrado, assim como para o meu, muito saudoso amigo e Mestre Pierre Bec, ex Diretor do Centro de Civilização Medieval de Poitiers, onde realizei, a seu convite, um curso intensivo de Verão. Nunca expressarei suficientemente a minha gratidão por ter tido a gentileza de me dedicar um dos seus muitos encantadores contos em língua occitânica: *La tor de la aglas*. Foi ele, em boa verdade que me apresentou pessoalmente ao Professor Malaca Casteleiro, embora já o conhecesse informalmente da Universidade de Lisboa, onde tive o privilégio de me licenciar com o contributo de tantos outros nomes da nossa mais primorosa cultura: Mário Dionísio, Rui Mário Gonçalves, José Martins Garcia, Ivo de Castro, Maria Elzira Seixo, Margarida Barahona... Recordo com especial gratidão o convívio e os trabalhos realizados com os meus amigos e colegas, Miguel Tamen, Teresa Guedes, Luís Prista, Luís Barbeiro, Helena Camacho, e tantos outros que contribuíram generosamente para a minha construção enquanto homem de cultura e de palavra. Durante o meu estágio tive a felicidade de ser orientado pela Professora Ana Vilhena e de ter crescido junto da sabedoria de um Fernando Gandra. A Escola Superior de Educação permitiu-me um breve mas profundo convívio com Maria de Sousa Tavares, Ana Laura de Metelo de Valadares Araújo, José Victor Adragão, José Catarino, Ana Bettencourt, Mara Emília Brederode Santos, Luís Souta e Luís Carlos Santos, entre tantos outros. Foi o Professor Malaca Casteleiro o primeiro que me incentivou a apresentar uma comunicação sobre o meu trabalho pedagógico na área da Língua Portuguesa. Desloquei-me então a Macau, onde fui recebido pelo meu amigo Luís Gaivão que, cada vez que me encontra, não deixa de elogiar o que ele considera ter sido uma das mais interessantes e criativas comunicações na área da didática do Português. Com amigos assim e tanta gente ilustre a incentivar-me, percebi que não podia deixar de lhes manifestar a minha mais sincera e profunda gratidão. Espero que esta publicação, que foi antes de mais elaborada para e com os meus alunos, não os dececione e seja entendida como uma espécie de percurso pedagógico e científico de um professor em busca das suas raízes e das mais diversas formas de as celebrar.

Tendo sido emigrante, na Bélgica, dos cinco até aos meus dezoito anos, escrevi, então, aquele que considero ter sido o meu primeiro artigo a celebrar a demanda obsessiva pelas minha raízes mais profundas: *A cor da Língua Portuguesa*. Confesso que procuro beleza em todos os meus trabalhos científicos e literários. Logo, nesse primeiro artigo, percebi que toda a minha vida seria votada a essa demanda e à partilha dessa minha paixão. Descobri, progressivamente, que não eram apenas as minhas raízes que me iam sendo reveladas mas que, à medida que a demanda se tornava mais profunda, eram asas que se moldavam e me levavam mar às costas. Nos anos noventa, a Dr.<sup>a</sup> Madalena Patrício convidou-me para fazer parte, a tempo parcial, da equipa pedagógica do Núcleo do Ensino de Português no Estrangeiro. Durante alguns anos repartí a minha intervenção entre a Escola Superior de Educação de Setúbal e o Núcleo do Ensino de Português no Estrangeiro, o que me permitiu desenvolver projetos de formação de professores de português para crianças portuguesas migrantes, em particular na Alemanha, onde viria a desempenhar, por ironia do destino, funções de coordenação junto da nossa Embaixada em Bona. Em Lisboa, beneficiei da amizade e experiência de colegas de extrema competência e dedicação, tais como a Inês Mourão... Na Alemanha, tive o privilégio de conviver com pessoas excecionais, desde o Sr. Conselheiro para a Educação, Dr. Luís Madeira, e os nossos representantes junto dos consulados, até aos professores que, no terreno, afirmavam a nossa identidade, desafiavam as dificuldades linguísticas, os preconceitos culturais, as distâncias e todos os vendavais de chuva e de neve. Com todos eles aprendi, sonhei, sorri e, por vezes, chorei. Antes de me exilar, voluntariamente, para desempenhar funções na Alemanha, aceitei, à última da hora, passar o dia dos meus anos nos Açores, integrando uma equipa de formação de professores do continente americano. Senti, mais do que nunca, que nunca mais seria o mesmo. Estudei intensamente a literatura e a cultura açoriana. Informei-me sobre os diferentes sistemas educativos, as condições de trabalho dos nossos docentes, em particular nos Estados Unidos e no Canadá e lá, na Terceira, voltei a ouvir falar de viva voz de uma décima ilha, de que me havia falado o meu primeiro mestre de estudos linguísticos, José Martins Garcia. Mais tarde, sem o sabermos, Santa Catarina, no sul do Brasil, veio a ser para nós um espaço de amor e de mistério. Viemos a amar as mesmas lagoas, as mesmas praias, as mesmas gentes e os mesmos imaginários. São muitas as pessoas que estiveram na origem dos meus artigos sobre o imaginário catarinense. Nunca esquecerei as lágrimas, o amor e o afeto com que uma delegação catarinense me decidiu brindar, em Bragança, após a primeira comunicação que realizei sobre o tema.

A vida profissional permitiu-me deslocar-me a muitos outros países, integrando projetos de formação europeus que me possibilitaram abordar questões culturais e tecnológicas. Os meus colegas acolheram com delicadeza e entusiasmo textos da minha lavra. Nunca poderei esquecer a generosidade de Monsieur Plisson, que chefiava, na altura, o gabinete responsável pela defesa e difusão da língua francesa, sob a tutela direta da Presidência da República. A amizade de John Lemon, um dos destacados formadores de professores da Universidade de Huddersfield e Coordenador de um projeto europeu que me possibilitou construir uma ampla visão sobre a questão específica da formação dos professores de línguas, tendo em conta o recurso às tecnologias da informação e da imagem, foi preciosa num momento de profunda viragem nos nossos hábitos, atitudes e saberes pedagógicos. A camaradagem de Marek Wolfgang do Centro de formação de Kassel permitiu-me melhor entender e valorizar os hábitos e as atitudes germânicas perante o trabalho e o respeito pelos outros e pelas suas culturas. Todo esse frenesim intelectual levou-me a querer visitar alguns desses espaços com os olhares dos nossos maiores autores, visitei a França, a Bélgica e a Holanda com a sensibilidade de Vitorino Nemésio, que sonhou amores nas águas paradas do Square Marie Luíse, em pleno coração de Bruxelas, onde, tantas vezes, senti, durante a minha adolescência, o meu coração estremecer de saudades.

Durante o período em que fui responsável pelas relações externas da Escola Superior de Educação de Setúbal, sob a presidência do meu grande colega e amigo, Luís Souta, tive a oportunidade de me deslocar a vários países africanos, em particular, a Moçambique e a Angola. Lembro, nas passadas do saudoso Professor Raul, o Professor Nelson Matias, verdadeiro filantropo, lusófono convicto e incansável construtor de pontes. Foi, aliás, num projeto de formação de professores, financiado pela fundação Calouste Gulbenkian, que plasmei as minhas experiências e ternuras africanas. Com o contributo do Professor José Victor Adragão, da Professora Doutora Fernanda Botelho e da Professora Doutora Ana Sequeira, aprofundei os meus conhecimentos pedagógicos e didáticos para construir alguns materiais para a formação literária adequada ao contexto dos países africanos de expressão portuguesa. Mobilizei os conhecimentos que havia desenvolvido com os meus alunos dos cursos de formação complementar, na área das línguas, e no contexto de uma disciplina dedicada às literaturas de língua portuguesa, e articulei-os com os conhecimentos e as experiências práticas dos meus colegas. O projeto, embora com um outro nome e com alguns novos intervenientes, após alguns anos de abrandamento, teve a felicidade de poder ser reativado, embora com novos contornos, sob a coordenação do Professor Nelson Matias.

A minha primeira tese foi entusiasticamente acolhida, mas a sua posterior divulgação encontrou alguns escolhos pelas insuperáveis dificuldades linguísticas que os textos originais apresentavam, o que não me impediu de ser convidado para realizar várias comunicações universitárias. Agradeço ao Sr. Professor Doutor Helder Godinho a gentileza de me convidar para dinamizar várias sessões sobre os Bestiários, os Aviários e os Lapidários Medievais, no curso de Mestrado sobre as Literaturas Medievais Comparadas de que era então um dos responsáveis. Agradeço os convites e as publicações das comunicações que realizei na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade de Aveiro.

Vi, com muita alegria, a minha segunda tese transformar-se num verdadeiro instrumento de trabalho universitário e académico. A todos os seus leitores queria mais uma vez expressar o meu mais profundo reconhecimento.

Os meus alunos interessaram-se sobretudo pelos artigos que redigi na área dos estudos sobre o imaginário popular e a sua expressão no espaço lusófono. Os meus artigos sobre a Serra da Arrábida, muito lhes devem, por essa razão, apresento uma espécie de variações com uma estrutura teórica muito semelhante, tal como o faço com os meus estudos em torno da poesia açoriana e com os meus artigos sobre o imaginário catarinense. Muito agradeço ao Professor Miguel Real o seu gentil convite para apresentar uma reflexão sobre a produção poética de Sebastião da Gama, por ocasião do primeiro Encontro Internacional que reuniu, em Setúbal, alguns dos seus mais destacados especialistas.

Ao longo destes anos foi apresentando aos meus alunos os autores por quem eles mais se apaixonavam, assim como os que se foram tornando meus amigos, por vezes pela proximidade física, outras pela proximidade que afetos e gostos literários foram tecendo. Apresentei-lhes autodidáticas tais como o multifacetado Mário Gomes Silvério, o senhor Varela Teles, que dedicou os seus últimos anos à pesquisa e ao estudo da biografia de Luís Vaz de Camões, assim como ao estudo da simbologia e do imaginário patenteado em alguns dos nossos monumentos mais emblemáticos. Apresentei-lhes autores de renome, tal como José Jorge Letria. Maria Emília Pires decidiu ir para além da obra literária que nos havia comovido e fascinado, *As bruxas da Serra de Fóia*, e falou, na primeira pessoa, sobre as tragédias de vida de uma criança e a importância do saber perdoar. O meu amigo, Norberto Ávila, encantou-os com as histórias da sua vida e sobretudo com a História de Hakim. Descobrimos as suas paixões segundo João Mateus, refletimos sobre as suas representações artísticas e literárias. Comparámos a sua peça de teatro com o seu romance, rimos ao bom rir! Lemos alguns dos seus poemas, inspiraram-nos imenso. Norberto representa hoje o melhor que as ilhas nos dão: a sua universalidade.

Sabendo eu que, apesar de todos os esforços dos responsáveis envolvidos, nem sempre as nossas comunicações científicas e pedagógicas são de fácil acesso, decidi transformá-las em artigos literários e reuni-los segundo uma ordem muito própria e reveladoras do meu próprio percurso, enquanto pessoa e enquanto professor. Muitas delas já haviam sofrido uma primeira metamorfose para as suas publicações em diferentes e variadas atas, tinha, agora, chegado a altura de dar mais um passo em frente e empreender a sua publicação conjunta para os poder oferecer à minha família, aos meus amigos e aos meus alunos, pela ocasião do meu sexagésimo aniversário. Um grande amigo luso-alemão, Rolf Kemmler, sócio correspondente estrangeiro da Academia de Ciências de Lisboa, também ele muito ativo na Associação dos Colóquios da Lusofonia, prontificou-se a publicá-los na sua editora, na Alemanha, após revisão técnica e científica por vários especialistas internacionais com as mais altas competências académicas. Foi ele que teve a paciência de me explicar as normas e as regras que presidem aos seus exigentes critérios editoriais. Foram muitas as horas que despendemos em vésperas de Natal, noites e sonhos adentro. Após consulta de algumas das suas publicações, entendi que a coleção *Studia Miscellanea Lusitana* da editora *Calepinus Verlag*, não só prestigiaria o meu trabalho científico, como lhe permitiria uma séria difusão internacional, incluindo os países de leste, tão ávidos por tudo o que, de nós, lhes chega. O nosso entusiasmo e árduo trabalho conjunto foi se prolongando durante um ano letivo. As variadas tarefas de um professor não lhe permitem prescindir de muito tempo para este tipo de ocupação, por vezes, considerada menor ou, pelo menos, bastante secundária.

Entre as minhas primeiras publicações contam-se duas obras coletivas publicadas conjuntamente pelo Núcleo de Ensino do Português no Estrangeiro e uma Instituição de Formação de Professores em Hessen. Tratava-se de manuais para o ensino do Português enquanto língua de cultura. Destinavam-se ao público luso-alemão. Apraz-me este regresso a esta íntima colaboração, pelo muito que aprendi, tanto no âmbito da cultura germânica, quanto no âmbito das normas editoriais, da linguística, da pedagogia e da didática específica para o ensino das línguas estrangeiras e das línguas maternas, enquanto línguas de cultura.

A minha esposa, Zélia, acudiu-me nos momentos de desespero e a ela muito devo o trabalho editorial que estava a meu cargo. Aos meus filhos devo a paciência e a alegria de viver.

Em paralelo, e articuladamente com estes artigos, fui redigindo mais de uma centena de poemas e um esboço de um livro de contos. São outras formas de recuperar raízes, outros modos de voar. Considero-os como os meus atos mais pedagógicos e mais didáticos da minha vida de Professor.

Oxalá um dia os queiram e os possam vir a ler!

Termino destacando a gentileza, a generosidade e toda e erudição que o Professor Malaca Casteleiro e que o meu amigo e ilustríssimo dramaturgo, Norberto Ávila, colocaram, respetivamente no prefácio e no posfácio desta singela obra com que decidi comemorar, em simultâneo com o meu sexagésimo aniversário, trinta e seis anos de docência e trinta e dois anos de serviço na Escola Superior de Educação de Setúbal.

Ver imagens em [https://youtu.be/xweddPkk5f4?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C\\_4tvtkeRI](https://youtu.be/xweddPkk5f4?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI)

**SÓCIO FUNDADOR DA AICL**

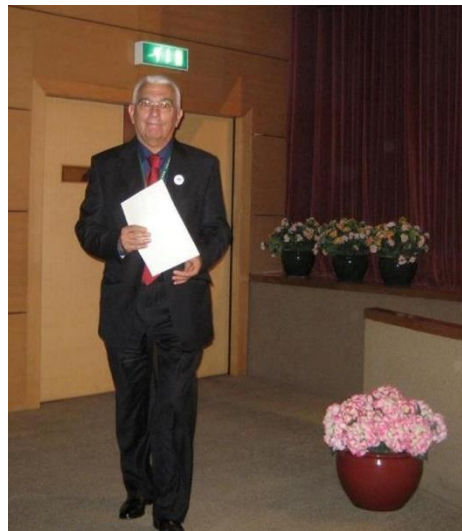
**– PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL DESDE 2019**

**– PERTENCEU AO CONSELHO FISCAL DESDE 2010**

**PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.**

**TOMA PARTE - QUASE ININTERRUPTAMENTE - EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002. ESTEVE NO 31º BELMONTE 2019**

23. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL PRESENCIAL



15º MACAU 2011



19º MAIA 2013 PDL 2013



18º GALIZA 2012



16º SANTA MARIA 2011



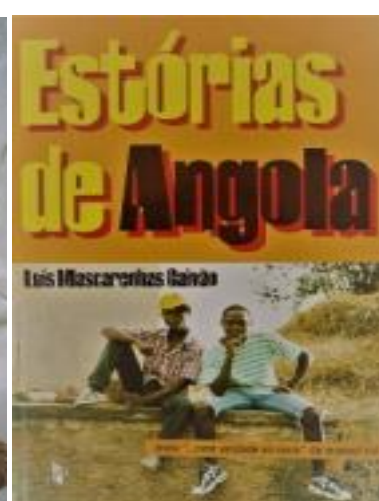
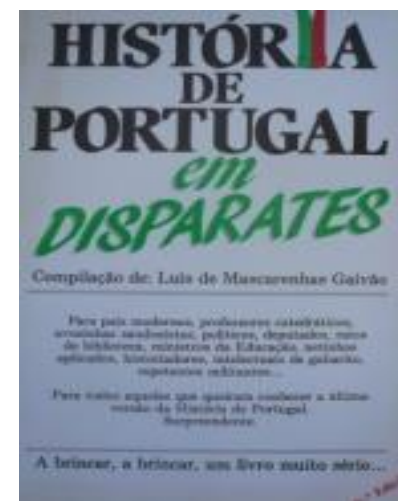
16º SANTA MARIA 2011



16º SANTA MARIA 2011



25º MONTALEGRE 2016



## **LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO**

Natural de Luanda, 1948. Doutor em Sociologia (Pós-colonialismos e Cidadania Global) pela Faculdade de Economia, Centro de Estudos Sociais da U. Coimbra, Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais (U. Lusófona) e licenciado em Filosofia e Humanidades (U. Católica).

Foi Adido Cultural em Luanda e Luxemburgo, diretor dos Centros Culturais nessas cidades e Adido Cultural em Bruxelas.

Foi cooperante na formação da DGEX (Direção-Geral de Educação de Adultos) em Cabo Verde.

Foi assessor pedagógico no Gabinete do Ministro da Educação Roberto Carneiro, formador do Projeto Entreculturas e do ACIDI.

Professor aposentado (História de Portugal e Português), do Ensino Básico.

Escritor, ensaísta, investigador em pós-colonialismos, com incidência nas epistemologias do Atlântico Sul e Angola, pensamento descolonial e na obra do escritor angolano Manuel Rui.

Participa em seminários e conferências e é agente cultural (curador de exposições) com relação à arte angolana.

Autor dos textos de vários livros artísticos de desenho e texto, com o artista plástico Luís Ançã.

## **BIBLIOGRAFIA:**

**1987 – História de Portugal em disparates. Lisboa: PEA (Publicações Europa-América (11 edições).**

**1990 – Nova e Inédita História de Portugal em Disparates. Lisboa: PEA (Publicações Europa-América (4 edições).**

**1990 – Animais Políticos, por Natureza. Lisboa: Editorial Notícias.**

**1991 – Monstros do Desporto. Lisboa: Editorial Notícias.**

**2004 – Estórias de Angola. Lisboa: Prefácio Editora.**

**2008 – História Desatinada de Portugal. PEA (Publicações Europa-América).**

**2010 – CPLP, a cultura como principal fator de coesão”. Lisboa: U Lusófona, dissertação de mestrado. On line.**

**2011 – Um Adido Cultural no Luxemburgo – episódios de uma diplomacia de prosápia”. Lisboa: Guerra e Paz.**

**2015 – Pelo Sul se faz caminho: Angola, transculturação e Atlântico, na obra de Manuel Rui. Coimbra, tese de doutoramento. Estudo Geral. On line.**

**2015 – Angola: Muxima, desenho e texto. Porto: Porto Editora. Coautoria com Luís Ançã (desenho)**

**2017 – Vagos: a ria, a terra e o mar. Praia da Vagueira: edição dos autores. Coautoria com Luís Ançã (desenho).**

**2019 – Lagoa, desenho e texto. Câmara Municipal de Lagoa. No prelo. Coautoria com Luís Ançã (desenho).**

## **ALGUMAS PUBLICAÇÕES EM REVISTAS E INTERVENÇÕES RECENTES:**

**2019 – “Angola: colonialismo, colonialidade e epistemologia descolonial”. Graciosa (Açores), XXXII Colóquio da Lusofonia.**

**2019 - “Colonialidade, a sombra do colonialismo: como reconstruir o futuro?” (a publicar RAS, Revista Angolana de Sociologia.**

**2018 - “O percurso literário de Manuel Rui: do anticolonial e nacionalista ao descolonial”. VI Jornadas de Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas na Europa Central e de Leste. Universidade Jaguelónica de Cracóvia.**

**2018 - “O Atlântico descolonial no romance Kalunga de Manuel Rui”. UNILAB, Ceará, Brasil.**

**2018 – “Oratura nas geografias iberófonas – o caso angolano de Manuel Rui”. In CULTURA (Jornal Angolano de Artes e Letras), nº 159, maio Luanda, e Studia Iberystyczne, nº 15, 2016. Krakow.**

**2018 – “O diálogo intercultural na construção da angolanidade”. UBI (Universidade da Beira Interior e Centro Cultural Português no Luxemburgo.**

**2017 – “Manuel Rui, o soba dos escritores angolanos” – Póvoa de Varzim. Correntes d’Escritas.**

**2016 – “Transculturação e Atlântico, na obra de Manuel Rui”, in CULTURA (Jornal Angolano de Artes e Letras), nº 109, junho. Luanda.**

**2015 – “Lugares do Sul – Espaços da Lusofonia: fronteiras, tradução cultural e globalização contra-hegemónica”, in Estudos (AIL – Associação Internacional de Lusitanistas).**

**2015 – “O «outro» e a identidade angolana: incorporações e transculturalidades no Sul, segundo Manuel Rui”. Graciosa Açores: XXIV Colóquio da Lusofonia)**

**2014 – “O Discurso Reinventado: a Viagem das Palavras pelos Mares sem Lados”, in Cabo dos Trabalhos, revista dos doutorandos da Universidade de Coimbra.**

**2013 – “Angola: Identidades, tradução cultural, transculturação”, in Mulemba, vol. III, Nº 5 (Revista Angolana de Ciências Sociais). Maio. Luanda.**

**2013 – Os caminhos do Sul: transculturalidades na literatura angolana e em Manuel Rui”. São Miguel, Maia, Açores: XIX Colóquio da Lusofonia).**

**2012 – “A criatividade literária na obra de Manuel Rui”. In “Manuel Rui: Transculturalidades na obra do Escritor”. Luanda: UEA (União dos Escritores Angolanos)**

**2012 – “Janela de Sónia (2009) de Manuel Rui: do realismo ao maravilhoso através de um romance genuinamente angolano. In “Manuel Rui: Transculturalidades na obra do Escritor”. Luanda: UEA (União dos Escritores Angolanos)**

**2011 – “Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque: as Luzes, as Guerras Liberais e o Pensamento” in Insulana LVII (Revista do Instituto Cultural de Ponta Delgada).**

## **ARTES PLÁSTICAS:**

**2014 - “Artangola 90’s” – curadoria da exposição de pintura, escultura, máscaras e artesanato angolano, comemorativa do 39º aniversário da independência de Angola.**

**Luxemburgo: Centro Cultural Português.**

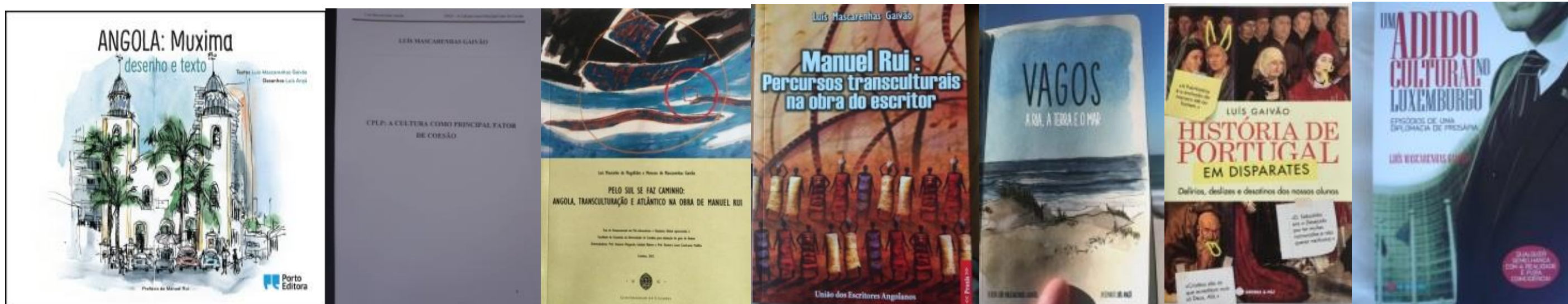
**2017 – “[ANGOLA: MUXIMA, DESENHO E TEXTO](#). Exposição itinerante, a partir do livro do mesmo nome. Curadoria e acompanhamento: Porto (Montepio, atmosfera m); Braga (Universidade do Minho); Póvoa de Varzim (Festival Literário “Correntes d’Escritas”, Teatro Garrett); Carapinheira (Montemor-o-Velho – Escola C+S Santos Bessa); Aveiro (Universidade de Aveiro biblioteca); Oeiras (Galeria Verney). [Angola: Muxima, desenho e texto tem, neste texto polifónico, um objetivo limpo e claro: expressar pelo desenho de um urban sketcher e pelo texto localizado de um natural, os múltiplos modos com que os angolanos constroem a nação angolana. Esta nação é hoje o resultado transcultural de uma mobilidade intensa que a História testemunha. O legado africano bantu e não bantu, <http://colokuos.lusofonias.net/XXXI/> 104**

as realidades pluriétnicas em convivência, a influência da longa presença colonial portuguesa e brasileira e o resultado da vontade de ser Nação afirmam uma identidade plural, como desejavam os nacionalistas e o Presidente Agostinho Neto: um só povo, uma só nação, sempre plural. Os autores, Luís Mascarenhas Gaivão (texto) e Luís Ançã (desenho), estiveram 15 dias mergulhados sociologicamente em Luanda e nos seus municípios. E construíram esta homenagem, pelo desenho natural que finta o turístico e o convencional e pelo texto que fala "aluandado", à natureza e humanidade dos irmãos angolanos. Aprenderam com eles como se constroem sonhos, como se conquista a vida, dura, implacável, mas com o trunfo secreto da alegria e do recomeço. Por isso, é um texto de amor, que, tal como o tempo africano, nunca acaba e se prolonga nos corações que também os cazumbis vêm ocupar. "Escrita que se desenha e desenhos que se escrevem num livro que entrega a arte à nossa calma, fantasia e paz]

2018 – Covilhã (UBI - Biblioteca da Universidade da Beira Interior); Luxemburgo (Centro Cultural Português); Portimão (Casa Manuel Teixeira Gomes).

2019 – Luanda (Angola) (Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde); Cracóvia (Universidade Jaguelónica de Cracóvia, Polónia).

2019 – “Angola: um Universo Diverso”. Praia da Vagueira (Espaço cultural Farmácia Giro).



**TEMA “Angola: colonialismo, colonialidade e epistemologia descolonial”** Luís Gaivão Tema 2 – Lusofonia no Mundo Subtema 2.9. Outros temas lusófonos, outras ciências do saber lusófono

O colonialismo moderno nasceu do racionalismo e desenvolveu-se com o iluminismo. Utilizou duas ferramentas principais: o estereótipo e a fixidez do olhar, daí derivando o racismo, o escravagismo e o *apartheid*. Assumiu diversas variantes. A um primeiro colonialismo ibérico (séculos XVI e XVII), sucedeu um segundo (século XVII a XX), ideológico, eurocêntrico e imperialista, das potências da Europa central.

Todos eles, justificando-o com o iluminismo, arrasaram as epistemologias nativas e exploraram com violência os povos e territórios coloniais, provocando a quebra da herança ancestral e provocando, em África, a alienação do “eu africano”. A longa temporalidade do colonialismo português (antecipou-se aos outros e prolongou-se mais tempo) acabou por o tornar periférico relativamente às outras potências coloniais.

Esse facto produziu uma subcolonização ou uma sobrecolonização? As transculturações nos territórios coloniais portugueses foram-se adaptando e deu origem a um “império” descontínuo.

Angola declarou a independência em 1975.

Quinhentos anos de colonização, mais catorze de guerra anticolonial, e ainda 27 anos de guerra civil, destruíram o país e o partido único e as elites hegemonizaram-se, clientelizaram-se e patrimonializaram-se, enquanto as infraestruturas colapsavam.

Foi assim um pouco por toda a África.

E perguntaremos: “os países africanos tinham condições, à data das independências, para terem uma democracia liberal e constitucional, como os europeus lhes impingiram?”

“O que falhou?”

“Onde encontrar as soluções para o atraso africano neste pós-colonialismo?”

Uma hipótese de resposta é tentar reatar o momento pré-colonial ao momento pós-colonial.

Sim, a África tinha um passado pré-colonial muito rico de experiências sociais, políticas, económicas e culturais, arrasadas pelo colonialismo. Então, só um pensamento “descolonizado” abrirá os caminhos para uma África autêntica, diferente.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.**

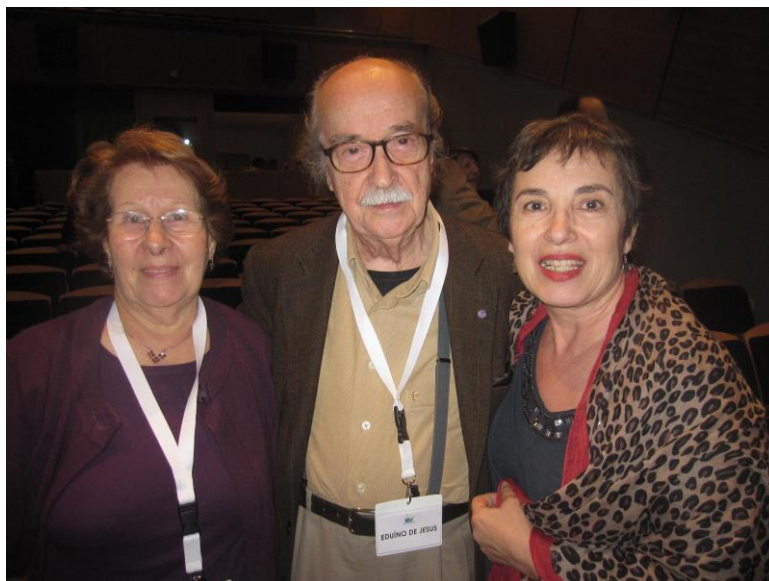
**TOMA PARTE DESDE 2010 BRAGANÇA, 2011 EM MACAU E SANTA MARIA, 2012 LAGOA E GALIZA, MAIA, SEIA 2013, SEIA 2014, GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016, VILA DO PORTO 2017, 31º BELMONTE 2019**

**24. MANUEL JORGE LOBÃO, PROFESSOR ES GRACIOSA, ESCRITOR, A CONFIRMAR**



**ESTEVE PRESENTE NO 24º EM 2015 NA GRACIOSA. TOMA PARTE EM SESSÃO DE POESIA SUA**

**25. MANUELA MARUJO, UNIVERSIDADE DE TORONTO, CANADÁ**



**17º LAGOA 2012**



**13º BRASIL 2010**

**MANUELA MARUJO**, membro do corpo docente do Departamento de Espanhol e Português de 1985-2017, é atualmente Professora Associada Emérita nesta instituição.

É licenciada pela Universidade Clássica de Lisboa e doutorada pela Universidade de Toronto e Universidade dos Açores.

Ensinou e fez formação de professores de Língua e Cultura Portuguesa em vários países e deu inúmeras palestras em todo o mundo.

Esteve envolvida como voluntária nas direções escolares canadianas e na comunidade portuguesa em várias funções empenhada em melhorar o acesso a programas educacionais e culturais para crianças em risco. Manuela Marujo organizou muitas conferências e publicou nas áreas de educação, linguagem e imigração, particularmente em assuntos relacionados com mulheres.

Um de seus tópicos de pesquisa recentes é o papel e a influência dos avós imigrantes na vida dos netos.

Criou as redes “A Vez e a Voz da Mulher Imigrante Portuguesa” e “A Vez e a Voz dos Avós”. Conferências internacionais tiveram lugar em Portugal (Continental e Ilhas), França, E.U.A., Brasil e Macau (China).

Durante mais de 30 anos no Departamento de Espanhol e Português, estabeleceu uma forte ligação com o governo português (Portugal continental, Açores e Madeira). Escritores, músicos e académicos de diversas áreas chegaram ao Canadá com o apoio de Portugal e do país de acolhimento e os estudantes disso beneficiaram.

Foi curadora de variadas exposições na Universidade com enfoque na literatura, nas artes e herança cultural.

Também trabalhou de perto com a comunidade lusófona em Toronto, fazendo a ponte entre a universidade e a comunidade em geral.

Um exemplo foi seu popular programa de rádio “Educação em Ação” (CIRV.FM), ativo durante 10 anos.

Manuela publicou artigos e livros ao longo da sua carreira. Em 2004, Manuela Marujo foi recipiente da “Comenda Ordem do Infante D. Henrique, Grau de Comendadora”.



#### TEMA Diáspora portuguesa – A Linguagem do afeto entre avós e netos

Creio poder afirmar que a maior parte dos avós imigrantes ambicionam transmitir aos netos não só os seus valores, mas também a língua materna e o património cultural do país de origem. Para atingirem esse objetivo utilizam diferentes estratégias, com maior ou menor probabilidade de sucesso. As relações intergeracionais entre avós e netos de primeira e segunda geração que vivem juntos no país de acolhimento refletem uma ligação próxima, traduzida na transmissão da língua, no gosto pelas visitas a Portugal e numa identidade hifenizada forte. Todavia, uma terceira geração - como é o caso dos lusodescendentes no Canadá - completamente integrada no país que acolheu os avós perde, progressivamente, a necessidade, a oportunidade e o interesse em dominar esses saberes.

Verifica-se, por essas razões, uma progressiva falta de comunicação entre as gerações de netos e avós imigrantes cujas consequências merecem ser objeto de reflexão e estudo. Na maioria dos casos, a linguagem de afeto continua a estar presente e expressa-se no gosto pelas palavras de mimo, sabores da comida tradicional, cantigas e histórias contadas pelos avós.

O meu trabalho resulta de análise de testemunhos orais e escritos e entrevistas feitas a avós e netos de terceira geração; é um trabalho empírico em que se verificam preocupações e desafios a exigir pesquisa mais aprofundada neste campo. Palavras chaves: linguagem de afeto, relações avós-netos, diáspora luso-canadiana

Trabalho final não recebido

SÓCIA AICL, ESTEVE PRESENTE NO 9º LAGOA 2008, 13º FLORIPA 2010, 17º NA LAGOA 2012, EM TORONTO 2012 NA APRESENTAÇÃO DA ANTOLOGIA BILINGUE

26. MARGARIDA MARTINS VILANOVA, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA, PRESENCIAL



27º Belmonte 2017



30º MADALENA DO PICO 2018

30º MADALENA DO PICO 2018

30º MADALENA DO PICO 2018

É SÓCIA DA AICL.

- PARTICIPOU NO 14º EM BRAGANÇA 2010, 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012, 27º EM BELMONTE 2017, 28º EM VILA DO PORTO, 29º BELMONTE, 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019

27. (MARIA) HELENA ANACLETO-MATIAS, ISCAP, INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO. AICL



18º GALIZA 2012

19º MAIA 2013

9º LAGOA 2008

11º LAGOA 2009



17º LAGOA 2012



19º MAIA 2013



17º LAGOA 2012



8º BRAGANÇA 2007



12º BRAGANÇA 2009



15º MACAU 2011



16º VILA DO PORTO 2011



12º BRAGANÇA 2009



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



13º FLORIPA 2010



10º BRAGANÇA 2008

**(MARIA) HELENA ANACLETO-MATIAS** é licenciada (1988), mestre (1997) e doutora (2015) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e tem duas pós-graduações em Estudos Americanos (Smith College, EUA) e Interpretação de Conferências (Universidade de Genebra). Foi bolsista do DAAD, do Instituto Goethe, da Comissão Fulbright, do Parlamento Europeu e dos Programas de Formação de Docentes do Ensino Superior do PRODEP, do PROTEC e do PRODOC.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Fez uma mobilidade na Universidade de Torun, na Polónia, e lecionou português como Língua Estrangeira no Porto, em Matosinhos e em Bruxelas.

Publicou “Emma Lazarus, Vida e Obra” em 2008 pela Editora Cão Menor, baseada na sua tese de mestrado e uma tradução de um manual de inglês para português que está online num projeto de âmbito europeu.

Tem participado em conferências nacionais e internacionais e publicado nas áreas da tradução, linguística e estudos literários e culturais ao longo da sua carreira de leitora de inglês, assistente e professora adjunta no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, costumando participar assiduamente nos Encontros da Lusofonia desde 2003.

Terminou o seu doutoramento em 2015. Desde 2018 que pertence ao Comité Científico da AICL.

**Tema Treino de intérpretes de conferência, de comunidade e de acompanhamento, Helena Anacleto-Matias, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, [hanacleto@iscap.ipp.pt](mailto:hanacleto@iscap.ipp.pt)**

### SINOPSE

Há três tipos essenciais de intérpretes: de comunidade, de conferência e de acompanhamento. Cada tipo necessita de técnicas de treino específicas que envolvem precisão linguística, treino especial de adultos e desenvolvimento pessoal.

No mundo multilinguísticos e global em que hoje vivemos, viajar tornou-se comum. Em particular na Europa, onde vinte e oito países mudaram o seu conceito de fronteiras após o alargamento a leste na União Europeia, a circulação de pessoas tem-se vindo a tornar cada vez mais comum devido não só a fatores económicos, como também devido às relações comerciais e devido ao turismo. Os acordos de Schengen tornaram a circulação de pessoas possível de maneira diferente: os cidadãos podem hoje atravessar fronteiras mais facilmente – usam-se cartões de cidadão e não mais passaportes para entrar num outro país e também as autorizações de trabalho são obtidas mais facilmente se os cidadãos europeus decidirem trabalhar e viver no estrangeiro, dentro de fronteiras europeias.

A língua inglesa é disseminada devido aos meios de comunicação social e porque a aprendizagem da língua é começada nos curricula do Primeiro Ciclo. É neste contexto que treinamos futuros intérpretes, considerando que estes trabalharão em diversas áreas, tais como em acompanhamento, em conferência e em comunidade. A interpretação de comunidade tem a função social de ligar pessoas de diferentes línguas maternas sob os auspícios de uma instituição; numa aula de interpretação de conferência desenvolvemos dois tipos de técnicas: temos a simultânea e a consecutiva; quanto à interpretação de acompanhamento há situações em que os intérpretes têm de participar em reuniões ou refeições de negócios ou acompanhar os clientes até mesmo quando compram lembranças para a família.

Treinamos os intérpretes para os acompanharem, para interpretar parceiros de negócios em países diversos e assistir os seus clientes em várias situações em que têm de servir como pontes culturais e não só tradutores de língua.

Tentaremos então dar uma noção de como formamos intérpretes na escola.

### DO TREINO VOCACIONAL AO DESENVOLVIMENTO PESSOAL

Os professores de interpretação talvez prefiram ensinar alunos bilingues porque pensam que pelo menos aqueles não terão problemas linguísticos. Eu diria que os problemas linguísticos são provavelmente o maior obstáculo para se ser um bom intérprete. Os intérpretes ideais não têm dificuldades em expressar-se nas línguas de trabalho que estão a usar. Há muitas variáveis envolvidas na tarefa de interpretação que nos impedem de dizer que ser bilingue é uma condição *sine qua non* para ser um muito bom intérprete de conferência. As palavras-chave aqui e os assuntos chave são sem dúvida o treino vocacional e o desenvolvimento pessoal.

Os professores de interpretação precisam de se dedicar à experiência de treino como sendo a sua prioridade, ensinando técnicas linguísticas que são inerentes às tarefas de interpretação; os aprendentes têm que se dar ao trabalho de investirem esforços para se tornarem os melhores intérpretes que puderem, considerando o tempo que podem treinar-se com o professor e de se autotreinarem no seu tempo livre de estudo. Creio que um programa de treino de intérpretes se deve basear no desenvolvimento pessoal: os aprendentes adquirem certas capacidades que envolvem representações abstratas, treino de memória e capacidades de representação. Estas capacidades são necessárias tanto para se tornarem intérpretes de comunidade como intérprete de conferência.

Fui treinada para ser intérprete profissional de conferência quando tinha cerca de vinte e dois anos de idade, tendo praticado esporádica e voluntariamente, entretanto e tornei-me professora de intérpretes em 2001. As nossas aulas implicam tanto a técnica de interpretação consecutiva como interpretação simultânea na interpretação de conferência.

No mundo global multilinguístico em que hoje vivemos, viajar interfronteiras geográficas deixou de ser um acontecimento na vida das pessoas, porque se tornou uma experiência comum e frequente. Particularmente na Europa, o conceito de fronteiras tem mudado muito desde a formação da comunidade económica europeia. Desde maio de 2004 que se deu o alargamento a leste, com a integração de treze novos países-membros até ao momento. Hoje a circulação de bens, pessoas e serviços torna-se cada vez mais comum por razões económicas, de relações de negócios e devido ao turismo. O Acordo de Schengen também tornou possível viajar na Europa com uma noção nova: é um facto concreto as pessoas atravessarem as fronteiras muito mais facilmente. Já não são necessários passaportes e podem usar-se ‘simples’ cartões de cidadão. Também as licenças de residência e as licenças de trabalho se tornaram mais acessíveis para os cidadãos europeus que decidam emigrar para países dentro da União Europeia (UE). Talvez seja por isso que a noção de que o que define um país seja a sua língua já não seja válida. Talvez a noção que é a língua que define uma Nação também já não seja válida. As segundas línguas e as línguas estrangeiras são ensinadas nas escolas e fala-se em muitas línguas nas grandes cidades da Europa. A migração é um facto que ninguém pode ignorar nos tempos modernos. E os migrantes trazem consigo os seus hábitos linguísticos para o novo país de acolhimento. Tradicionalmente o nosso país, Portugal, era uma sociedade monolingue. Há quarenta e três anos, comecei a aprender Francês quando tinha dez anos de idade. Aos doze anos comecei a praticar o Inglês e tinha dezasseis quando comecei a aprender o Alemão. Aos vinte e um anos de idade comecei a aprender algum Neerlandês e ainda hoje o estudo esporadicamente. Tal como a maioria dos Portugueses comunico com eficácia em Castelhana e leio e compreendo o Italiano. Talvez eu não seja uma portuguesa típica no que toca a língua, mas numa sociedade que era tradicionalmente monolingue há anos, muitas pessoas hoje falam outras e isto talvez por Portugal se situar no extremo ocidental da Europa Continental Atlântica.

É provável que a maioria de nós possua uma língua materna. Quando uma criança cresce, há grandes probabilidades de ela crescer numa família monolingue numa sociedade multilingue. As situações mais comuns são quando os pais falam a mesma língua entre si e com os filhos. É evidente que casais de nacionalidades e línguas mistas são muito comuns em muitas cidades europeias, sejam elas mais ou menos cosmopolitas. No caso da Bélgica, particularmente na capital, as pessoas são funcionalmente fluentes em Francês e em Neerlandês e por isso há um equilíbrio no seu funcionamento bilingue. Mas num ambiente como Portugal, a situação é diferente. As pessoas em geral aprendem, ouvem e falam só Português e todas as outras línguas são de influência estrangeira. Claro que o Inglês é altamente difundido através dos meios de comunicação social e hoje a sua aprendizagem começa logo na escola primária.

No caso das pessoas que vivem no estrangeiro e criam os seus filhos na sua própria língua, sendo esta diferente da do resto da sociedade, podemos ver um choque imediato entre a cultura do lar e a cultura da sociedade lá fora. Não nos podemos esquecer que a sociedade coloca uma grande pressão na assimilação de jovens estudantes na sociedade nova. E daí que seja comum os pais falarem com os filhos na sua língua mãe, digamos, em Português e os seus filhos responderem em Francês ou Alemão, consoante e respetivamente a família viva num contexto francófono ou germanófono.

Alguns, mas poucos, destes filhos que são criados neste tipo de divisão linguística são realmente proficientes em ambas as línguas. Expressam-se corretamente nas duas línguas, conhecem bem as duas e, se for o caso, serão bons intérpretes, se escolherem a interpretação como atividade profissional. Outros, quer dizer, a maioria dos bilingues podem ter certas limitações, que advêm da realidade de uma sociedade específica estar inserida num ambiente monolíngue. Em casos extremos, há certos bilingues que ficaram prejudicados mais do que beneficiados pelo facto de terem tido contacto próximo com duas línguas. Por outras palavras, o mesmo é dizer que não são proficientes em nenhuma das duas línguas, não funcionam bem em nenhuma das duas línguas, ficando as suas capacidades de comunicação comprometidas e, devido a esse facto, o seu treino como intérpretes de conferência pode ser mais complicado.

## TRÊS DIFERENTES PERCURSOS DE TREINO: INTERPRETAÇÃO DE COMUNIDADE, DE CONFERÊNCIA E DE ACOMPANHAMENTO

Na nossa senda para treinar intérpretes, fazemos a diferença entre interpretação de comunidade, de conferência e de acompanhamento. Dependendo dos objetivos dos aprendentes, enfatizamos um dos três casos em termos de gestão de sala de aula nos curricula de treino para preparar melhor os intérpretes para as suas carreiras futuras.

### 1. INTERPRETAÇÃO DE COMUNIDADE

Por interpretação de comunidade entendemos aquela que tem a função social de ligar pessoas com diferentes línguas numa instituição. Assim, uma sessão no tribunal ou uma consulta pré-natal num hospital podem ser dois casos de interpretação de comunidade. A interpretação no tribunal é muito comum nos Estados Unidos da América, pois a Lei Federal garante ao arguido o direito de se expressar em tribunal na sua língua mesmo que seja diferente do Inglês. Portanto, tudo o que é dito na sessão ou julgamento é traduzido de e para a língua do arguido e de e para Inglês. Por vezes, trata-se de um caso de vida ou de morte para o arguido e além disso constitui uma grande fonte de trabalho para os intérpretes nos EUA. A interpretação de tribunal tem sido apontada como muito extenuante e de rara e grande responsabilidade para o intérprete, por intérpretes que a praticam. Por vezes, os intérpretes são chamados às esquadras de polícia a horas inesperadamente tardias ou muito matinais quando as pessoas são detidas. As sessões subsequentes no tribunal podem ser muito longas, podem ser durante um dia muito longo ou durar, por vezes, algumas semanas. Devemos ter em conta que cada palavra que é pronunciada é registada em ata nas duas línguas, portanto os intérpretes devem ter em conta que se devem expressar cuidadosa e precisamente sempre, pois talvez o destino do arguido possa ser influenciado pela forma como a/o intérprete se expressou. Não afirmo que a sentença do arguido dependa da atuação do intérprete diretamente, mas é muito claro que é absolutamente indispensável que haja constante profissionalismo e responsabilidade pela parte do intérprete que deve ter sempre a precisão necessária. E também, qualquer que seja o país em que o intérprete trabalhe, deve ter um profundo conhecimento da Lei Nacional e dos termos legais específicos. Alguns intérpretes de tribunal até consideram a sua atividade como um subgénero da interpretação de comunidade pois é uma tarefa extremamente específica. Essa também é uma das razões de ser uma atividade tão extenuante, por às vezes se tornar numa rotina.

Na realidade, já trabalhei com os meus estudantes material que imita uma sessão de tribunal autêntica e tem sido uma boa experiência em termos de prática de treino, especialmente porque o material é usado intensamente. Mas também praticamos outras formas de interpretação de comunidade nas nossas aulas. Por exemplo, encenamos aulas onde há clientes, instituições e intérpretes. Este tipo de exercício envolve muito os alunos, pois todos têm um papel ativo na encenação. Os alunos levam algum tempo a preparar uma situação prática que depois interpretarão na aula, fingindo que são atores, simulando que são pessoas reais a reagir no mundo vero enquanto profissionais. A atividade em grupo é altamente encorajada e é aqui que os bilingues mostram melhor as suas capacidades. Tenho notado que os intérpretes bilingues são os melhores em termos de interpretação de comunidade, mesmo que sejam falsos bilingues.

Na aula já tenho igualmente visto situações que vão desde a imitação de sessões de acupuntura até situações de um centro de dia para os idosos ou uma mãe que fala com a professora do filho sobre a situação na escola. Necessariamente é uma atividade altamente criativa que leva os estudantes a uma experiência rica em termos de desenvolvimento pessoal: escrevem a peça de teatro, praticam ambas as línguas de partida e de chegada, desenvolvem a capacidade de ser atores, atuam em frente a um público que é a turma toda e, por conseguinte, tornam-se melhores intérpretes como consequência.

### 2. INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIA

Numa aula de interpretação de conferência, temos basicamente dois tipos principais de treino: a interpretação consecutiva e a tradução simultânea. Durante um discurso com interpretação consecutiva, o orador fala durante alguns minutos, de dois ou três minutos até dez ou quinze minutos no máximo. Depois silencia-se e o intérprete diz o mesmo, mas na língua alvo durante, idealmente, um período mais curto que o discurso original. Então, o intérprete para e o orador retoma o discurso onde interrompeu anteriormente e assim sucessivamente. No caso da interpretação consecutiva, tanto o orador aplica o sistema de tomada de notas que eu ensino aos meus alunos, como o intérprete tem o mesmo público, e enquanto o orador fala, o intérprete toma notas. Um futuro intérprete distraído pode deparar-se com problemas de tomada de notas, que podem ir desde o resumo das ideias até à relação das palavras e ideias que estão registadas. Mas outros futuros intérpretes têm formas de registar bem as notas. Também pode ser algo desestruturante estar a tomar notas em frente a um público e depois falar para esse mesmo público noutra língua de trabalho, isto é, na língua alvo. O intérprete tem de falar não pelas suas próprias palavras, mas através da boca do orador, com um discurso que não é o seu. E com o qual até talvez nem concorde. São as exigências do trabalho de um intérprete e isso não se pode questionar ou mudar – deve-se ser fiel àquilo que se escuta. Mas se um intérprete tem problemas ideológicos ao interpretar um discurso, então em casos extremos, o melhor é recusar o contrato.

A tomada de notas para a interpretação tem um método específico que se pode inspirar na antiga técnica de estenografia que as antigas secretárias usavam para registar o que a pessoa que estavam a assessorar dizia. Isso era antes da altura da gravação com gravadores de som para mais tarde passarem cartas ou discurso para Word. As antigas estenógrafas aprendiam símbolos de acordo com os sons da língua que ouviam da pessoa que estavam a assessorar. Baseava-se sobretudo em abreviaturas e fonética. O sistema de tomada de notas que eu ensino aos meus futuros intérpretes apoia-se na relação de ideias e não no registo dos sons. Cada discurso tem uma sequência lógica. Quando falamos, fazemos com que uma parte do discurso estabeleça uma relação de causa, consequência, com dependência temporal ou

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

outro tipo de relação. Os estudos da análise do discurso descreveram estes fenómenos e são uma fonte de inspiração para o treino da tomada de notas na interpretação consecutiva. Geralmente aconselho os meus alunos a tomarem notas como se estivessem a desenhar. Aparentemente, um bom intérprete deve ser tanto um bom linguista, como um bom ator, igualando-se quase a um artista plástico. Eles devem usar a sua folha de papel como se fosse uma pintura. No fim de uma sequência de discurso devem ver na sua folha algo como uma escada em que os degraus mais altos são a parte mais importante das frases e os degraus mais baixos são as partes menos importantes das frases. No meio vemos a relação das duas partes. Escreve-se da esquerda para a direita da página e do topo para o fundo da página e os intérpretes desenvolvem os seus próprios símbolos no seu sistema pessoal de tomada de notas. Na Europa, ainda existem dois sistemas de tomada de notas: o estilo coletivo e o individual. O coletivo é de inspiração russa, onde os intérpretes são encorajados a adotar o mesmo tipo de símbolos para poderem trabalhar em grupo nas mesmas empresas de intérpretes e até mesmo com os mesmíssimos contratos em simultâneo – quando um intérprete está a trabalhar, o outro membro da equipa descansa, mas pode retomar as notas do colega a qualquer altura, pois os símbolos são os mesmos.

Já o sistema individual mencionado acima é de inspiração capitalista da Europa Ocidental, pois desta forma o intérprete é encorajado a desenvolver formas personalizadas e individualistas que o preparem melhor para um mundo de competição. Assim, o mesmo símbolo poderá significar coisas diferentes para intérpretes distintos. No entanto, existem símbolos que são mais ou menos universalmente aceites por todos os intérpretes de línguas indo-europeias: um país representa-se por um quadrado, enquanto que o mundo se torna uma bola; um “X” pode significar guerra, conflito, oposição, pois parece um par de espadas a lutar; se esse “X” estiver com um risco por cima, as conversações de paz foram bem sucedidas ou uma solução está à vista, tudo está “OK”. Também as setas se mostram muito úteis: se uma seta vai para cima, significa que é bom, se vai para baixo, é porque é mau ou tem uma conotação negativa. Portanto, se o orador afirma “the economic situation has been flourishing in the past two months”, por exemplo, a única coisa que o intérprete anota é uma seta a subir. Se o orador diz “the development of expenses has not exactly bloomed since 2015”, a única coisa que o intérprete anota é uma seta para cima com o sentido de negação (a palavra com duas letras “No” ou um “X” sobre a seta). “The rate of development has decreased in the late decade” pode ser registado só com uma seta a ir para baixo. Se por outro lado, se fala de “fluctuations in the price rate or percentage”, a nossa seta vai parecer uma cobra a ir para cima e para baixo; se queremos expressar ênfase, sublinhamos o que estamos a anotar; se quisermos por outro lado expressar algo ligeiro, o nosso sublinhado é interrompido numa seta a ir para cima.

As abreviaturas e os acrónimos também são importantes na tomada de notas para a interpretação consecutiva, pois escrevem-se rapidamente e podem significar uma sequência só com muitas palavras, tais como nomes de organizações, partidos, sindicatos, associações ou instituições. Números e datas devem ser escritos imediata e completamente, pois esquecemo-nos facilmente deles. O desenvolvimento da memória é essencial no processo de treino de um intérprete: temos uma memória de curta duração e uma memória de longa duração. Usamos a memória de curta duração enquanto interpretamos consecutivamente e temos uma ajuda de memória que é a tomada de notas. Quando estamos a interpretar simultaneamente a memória de muito curta duração está a trabalhar. Na memória de curta duração, em geral conseguimos reter não mais do que cinco elementos, portanto não devemos esperar mais do que esses cinco elementos para começar a interpretar. Mas com a ajuda das notas, os elementos que retemos na memória aumentam substancialmente, só porque são registados. Mesmo que não lêsemos as notas quando estamos a repetir o discurso do orador noutra língua, teríamos um melhor desempenho, só porque tomamos notas. Claro que o verdadeiro objetivo de registar a informação acerca do discurso que está a ser pronunciado é ajudar a nossa memória, mas por vezes o orador fala com tal rapidez, que o intérprete tem de anotar tão rapidamente quanto possível e de uma forma minimamente legível os elementos mais importantes

Não só símbolos, setas, palavras curtas em várias línguas, iniciais, acrónimos, mas também a forma como assentamos as relações entre dois segmentos de frases é muito importante. Assim, a palavra “so”, que é muito breve com duas letras pode relacionar dois grupos de informação como sendo uma consequência do outro; uma cruz pequena ou uma simples vírgula significa que estamos a juntar apenas mais elementos de informação, ou a mesma ideia, ou uma enumeração. Em geral, o uso “pq” como abreviatura de “porque” para expressar essa relação. Desde que seja rapidamente anotado e rapidamente lido e, portanto, interpretado, é o que interessa.

Quando os futuros intérpretes estão mentalmente a rearranjar o discurso com a ajuda das notas, ao pronunciarem o discurso do orador na língua de chegada, devem parecer que estão à vontade. Idealmente, estarão mesmo à vontade e não deverão fingir que estão! O desenvolvimento pessoal é importante neste aspeto: a princípio, os estagiários gaguejam, começam e recomeçam as frases, talvez a escolha de palavras não seja a melhor. Mesmo a postura, os gestos e a mímica podem ser hesitantes. Talvez isto advenha de dificuldades na língua de chegada. Uma possível forma de ultrapassar estas dificuldades talvez possa ser um aumento de autoconfiança através da segurança do ego. Um simples elogio aqui e ali numa escolha de palavras ou num gesto melhor podem operar milagres no treino de intérpretes.

Durante a interpretação simultânea, que é outra forma de interpretação de conferência, pode aparentemente ocorrer uma certa insegurança. Este tipo de interpretação implica que tanto o orador como o intérprete falam ao mesmo tempo, com um pequeníssimo intervalo de tempo. O orador fala, por exemplo em Inglês e o intérprete estagiário é treinado para falar em Português ao mesmo tempo, dizendo o mesmo aproximadamente, mas numa língua diferente. No princípio do treino, começamos a técnica com discursos sem dificuldades particulares a nível linguístico e vocabular. A prática já é suficientemente difícil, portanto tentamos evitar problemas colaterais. Assim, discursos simples são apresentados ao microfone e os intérpretes treinam falar ao mesmo tempo para um microfone. A princípio, só o professor consegue ouvir o que eles estão a dizer, mas mais tarde, durante a análise do desempenho deles, as interpretações são ouvidas também pelos colegas e comentadas por todos, pelo professor e pelos colegas.

“Não conseguia contornar aquela estrutura rapidamente” ou “Não conseguia lembrar-me da palavra exata em Português” São as queixas iniciais mais comuns dos futuros intérpretes. Isto acontece porque ao nível do cérebro, os códigos não são conhecidos de uma forma equivalente, o que causa à memória de muito curta duração não ser capaz de trazer ao de cima a melhor palavra ou uma estrutura equivalente na outra língua num lapso curtíssimo de tempo. Talvez analisar neurologicamente o fenómeno para justificar esta questão dê lugar a uma outra publicação, mas a minha observação assim o constata. Para ultrapassar a questão, encorajo intenso treino com prática e endurance. Devemos começar cada treino com um aquecimento, tal qual como se se tratasse de um treino físico, pois disso também estamos a tratar – um pouco de tradução à vista, por exemplo, pode resultar num melhor desempenho numa sessão de treino de interpretação simultânea numa conferência que se lhe seguirá. Devemos treinar o vocabulário específico da conferência que estamos a propor aos nossos estudantes para interpretarem, para que o grau de dificuldade da sessão seja diminuído. Devemos aumentar a velocidade do discurso e a duração do discurso aos poucos e poucos, para que as conferências que interpretam se tornem cada vez mais fáceis com o treino, mesmo que sejam mais complexas ou sofisticadas.

### 3. INTERPRETAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO

Tal como no caso de interpretação de comunidade, os bilingues são bons intérpretes na interpretação de acompanhamento. Refiro-me a situações em que, por exemplo, uma mulher de negócios vai ao estrangeiro e contrata um intérprete para a acompanhar a reuniões de negócios ou refeições de negócios ou ir comprar recordações para a família ou situações semelhantes. É lógico que na aula só se podem simular situações reais, mas é incrível como é estimulante para um intérprete começar a atuar a sério de vez em quando num trabalho real de

interpretação, mesmo que seja só mesmo ‘de vez em quando’. Treinamos os intérpretes a acompanhar os seus clientes, a interpretar parceiros de negócios noutros países e a dar assistência aos seus clientes em situações concretas enquanto pontes culturais e não tão-somente enquanto meros tradutores linguísticos.

Entre os meus estudantes, tenho detetado dificuldades a dois níveis essenciais: de forma e de conteúdo basicamente, quer dizer, de desempenho e de substância. Tenho visto excelentes alunos que, no entanto, têm um problema de autoconfiança e mesmo de autoestima. Embora estas características não sejam sujeitas a penalizações nas suas avaliações, o que é certo é que contribuem para a sua insegurança durante um desempenho. Assim, a professora de interpretação deve treinar o aluno a ultrapassar tal insegurança e timidez e ajudá-lo a desenvolver-se pessoalmente. As dificuldades com os conteúdos, são, no entanto, muito mais importantes. Talvez eles não “encontrem a palavra certa” para um determinado equivalente devido a um dos códigos linguísticos que conhecem ser mais ativo do que o outro. Quer dizer, quando passamos de um saber passivo de uma língua para um saber ativo na outra língua, eles devem estar equilibrados por forma a que a produção na língua de chegada seja equilibrada em relação ao discurso de partida. Ter um conhecimento passivo de uma língua é muito mais fácil do que ter um conhecimento ativo dessa mesma língua.

Os futuros intérpretes que têm uma língua materna muito forte para a qual estão a interpretar não têm o mesmo problema dos bilingues. Em geral sabem o que o orador quer dizer na língua de partida e, por conseguinte, transmitem bem o mesmo na língua de chegada, que em geral é a sua língua materna. Não há dificuldades em encontrar a palavra certa.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Treinamos interpretação de conferências com discursos com princípios humanistas ou humanitários ou assuntos ideologicamente interessantes de personalidades históricas importantes ou políticos, ou intelectuais, artistas, pessoas de negócios, cientistas, médicos ou outros. Ou então os estudantes preparam eles próprios discursos sobre um certo tema e apresentam-nos ao microfone em Inglês, para que os seus colegas interpretem. Este exercício aumenta a sua capacidade de falar. Um exercício que particularmente aprecio é a preparação de “discursos inusitados”. Os alunos têm de falar durante dez ou quinze minutos acerca de um tema que escolheram e a única regra que imponho é a de que devem falar sobre um assunto que seja contra a sua própria ideologia. Devem defender uma perspetiva que não é a sua. Tenho ouvido discursos que vão desde a defesa de uma ideologia política que não é a sua, até defender clubes de futebol diferentes do seu ou dizer que fumar tem muitíssimas vantagens, por exemplo.

Em termos de interpretação de comunidade, a diferença entre bilingues e não bilingues não é tão visível como na interpretação de conferência, tanto na consecutiva, como na simultânea, porque os intérpretes têm mais tempo para pensar na interpretação de comunidade e na interpretação de acompanhamento.

Mas não seria simplesmente maravilhoso se após o período de treino fôssemos todos verdadeiros bilingues ou se soubéssemos mais línguas de uma forma mais proficiente? Quanto mais competente o intérprete é, mais feliz fica e, claro, mais rico se torna, pois surgirão mais e mais contratos e oportunidades de trabalho. Quando um jovem decide tornar-se intérprete, deve reconhecer que entrará em contacto com tarefas específicas de treino vocacional e que entrará num processo especial de desenvolvimento pessoal. Por outras palavras, depois de ter o seu diploma, o aluno já não será a mesma pessoa.

Se fôssemos bilingues reais, não necessitaríamos de ter dicionários como os melhores amigos, enfrentaríamos as viagens ao estrangeiro com muito melhores expetativas e seríamos autónomos nas duas línguas que dominamos perfeitamente. Mas o que aconteceria ao Ensino das línguas se fôssemos todos bons bilingues? É um cenário meramente hipotético, mas até seria possível. Se assim fosse, poderíamos aprender mais línguas raras ou dialetos mesmo na escola e os professores de interpretação teriam de desenvolver uma abordagem diferente. Imagine-se que eu teria uma turma de perfeitos bilingues em Inglês e Português. Primeiro, a escolha de materiais teria um critério diferente e eu não teria a preocupação se os meus alunos iam perceber isto ou aquilo ou se iam ser capazes de expressar o mesmo na outra língua, pois esse seria um dado adquirido e não haveria dificuldades nesse aspeto. Então, as chamadas “Barreiras da língua” já não existiriam. Eu poderia, então, escolher discursos ainda mais difíceis e estimulantes a nível retórico e temático.

Para concluir, gostávamos de chamar a atenção para o facto de que há diferenças entre as interpretações de comunidade, de conferência e de ligação, pelo que o seu treino deve também ser diferente para formar profissionais competentes nas suas áreas específicas.

Tentei apresentar algumas ideias do ponto de vista do aluno e do professor que apoiam a minha tese: não há oposição real entre os três tipos de interpretação, mas é certo que os caminhos para o seu treino são diferentes. Para os bilingues, a interpretação é certamente muitas vezes mais fácil, mas também nem sempre.

Chegámos a estas conclusões através da experiência como intérprete por ter vivido no estrangeiro em alguns países de forma a praticar as línguas da minha combinação linguística, através do contacto com intérpretes a nível internacional e, sobretudo, através da minha observação durante o treino de outros intérpretes durante mais de quinze anos. Espero ter podido contribuir para um melhor conhecimento do que é interpretação, a qual é muitas vezes confundida com tradução escrita.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL**

**- MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO TRIÉNIO 2018-2020.**

**VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL**

**TEM PARTICIPAÇÕES NOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA DESDE O 3º EM BRAGANÇA 2003, 5º RIBEIRA GRANDE 2006, 7º RIBEIRA GRANDE 2007, 8º BRAGANÇA 2007, 9º LAGOA 2008, 10º BRAGANÇA 2008, 11º LAGOA 2009, 12º COLÓQUIO BRAGANÇA 2009, 13º FLORIPA 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO, SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA 2012, 18º OURENSE GALIZA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019**

**28. (MARIA) HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL** [HELENA.CHRYSTELLO@EBIMAIA.NET](mailto:HELENA.CHRYSTELLO@EBIMAIA.NET)

**HELENA FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO**

Vice-Presidente da direção desde a fundação,

Membro dos comités científico e executivo dos Colóquios desde o primeiro Colóquio da lusofonia,

Preside ao secretariado e modera sessões.

Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês.

Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa;

Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse - Le Mirail.

É Mestre (pré-Bolonha) em Relações Interculturais, subordinado ao tema *Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso*, pela Universidade Aberta.

Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000.

Lecionou, desde 1976 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP - Prova de Aptidão Profissional).



FLORIPA 13º BRASIL 2010



13º FLORIPA 2010



BRASÍLIA 13º BRASIL 2010



BRASÍLIA 13º 2010



30º MADALENA DO PICO 2018

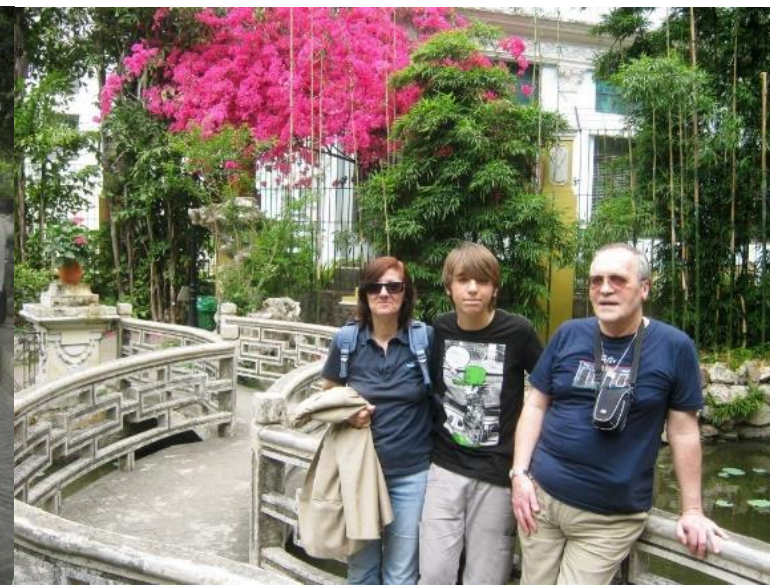


28º VILA DO PORTO 2017





15º MACAU 2011



15º MACAU 2011



26º LOMBA DA MAIA 2016



16º VILA DO PORTO 2011



19º MAIA 2013



BGA TERCEIRA 2017



BGA FAIAL 201



PICO 2018



19º MAIA 2013



18º GALIZA 2012



16º VILA DO PORTO 2011



10º Bragança 2008



19º MAIA 2013



13º FLORIPA 2010

Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002 - 2005) e supervisora de estágios.

Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005).

Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986 - 1988).

Participou e foi oradora em vários congressos (Portugal, Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em Atas e revistas científicas da especialidade.

É Membro da ACT - CATS 'Association Canadienne de Traductologie' desde 1999.

Pertenceu à extinta SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).

Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia 2007 a 2009 e 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 Judite Jorge.

Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente.

Coautora com a Professora Doutora Mª Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos incluída no Plano Regional de Leitura

A edição bilingue (PT-EN) Antologia de (15) Autores Açorianos Contemporâneos foi lançada no 16º Colóquio em Vila do Porto 2011 e no 19º Colóquio (Maia 2013)

Posteriormente lançou nos 17º, 18º e 19º colóquios a edição monolingue da Antologia em 2 volumes.

No 21º colóquio (Moinhos de Porto Formoso 2014) lançou a Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos e a Antologia no feminino "9 Ilhas, 9 escritoras".

Prepara nova antologia de tradução de autores açorianos 9 ilhas, 9 poemas, 9 autores

2011 RTP ANTOLÓGIA

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8L6NXRGUG8M&INDEX=174&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=8L6NXRGUG8M&INDEX=174&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

2014 LER AÇORES #38

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=V5SQCPJIRP8&INDEX=175&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=V5SQCPJIRP8&INDEX=175&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

2010 RTP 13º COLÓQUIO EM FLORIPA

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V= A-32HD0QA&T=0S&INDEX=274&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=A-32HD0QA&T=0S&INDEX=274&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

2011 RTP ANTOLÓGIA 16º VILA DO PORTO

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UBORWMU0CYG&T=1S&INDEX=259&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=UBORWMU0CYG&T=1S&INDEX=259&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

2011 RTP ANTOLÓGIA 2 16º VILA DO PORTO

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=T9OTT1MYG4&T=1S&INDEX=155&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=T9OTT1MYG4&T=1S&INDEX=155&LIST=PLWJUZYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

- SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

- PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

- É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.

- PRESIDE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

PARTICIPOU EM 30 COLÓQUIOS, POR DOENÇA ESTEVE AUSENTE NO 29º BELMONTE 2018, REGRESSANDO NO 30º MADALENA DO PICO 2018 E 31º BELMONTE 2019

**29. MARIA JOÃO RUIVO, ESC SEC ANTERO DE QUENTAL, S MIGUEL, AÇORES. AICL**



17º LAGOA 2012



17º LAGOA 2012



30º PICO 2018



27º BELMONTE 2017



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



**Maria João Machado Ruivo Amaral Sousa Franco** nasceu em Ponta Delgada, São Miguel - Açores, em 1965. Completou os estudos secundários no Liceu Antero de Quental, onde leciona há trinta anos, tendo-se licenciado, em 1989, em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês – via ensino).

Tem algumas publicações dispersas em jornais da região, entre a crónica, o conto e a escrita memorialística.

Sócia do Instituto Cultural de Ponta Delgada, tem também publicados, na Insulana, revista desse Instituto, excertos do seu Diário, que ora trouxe à estampa.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Em 2011, publicou o Livro de Homenagem a seu Pai – Fernando Aires - Era uma Vez o seu Tempo – projeto que resultou da sua coordenação conjunta com Onésimo Almeida e Leonor Simas Almeida.

Dois anos depois, publicou, juntamente com o fotógrafo José Franco, o livro Sentir(es) a Preto e Branco, uma simbiose de texto com fotografia.

No âmbito da atividade da Associação de Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental, de que é vice-presidente, coordenou, em conjunto com dois outros membros da Direção, a publicação do Livro Memórias do Nosso Liceu, que foi apresentado na Casa dos Açores em Lisboa. Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia. Em 2017 publicou “Um punhado de areias nas mãos”, cuja 2ª ed. foi apresentada no 30º colóquio na Madalena do Pico.

### TEMA EDUÍNO DE JESUS Ouvindo o Som e o Silêncio do Poeta

Neste ano que a AICL dedica a Eduíno de Jesus, presto a minha homenagem ao Homem e ao Poeta. Dividi este trabalho em três partes. Na primeira, apresento um breve percurso do Eduíno, com base em leituras minhas, mas sobretudo nas muitas conversas que tenho tido com ele ao longo dos anos e com amigos que com ele privaram, alguns desde sempre, como Fernando Aires, meu Pai; seu companheiro de letras e de geração. Seguidamente, faço uma breve abordagem da sua poesia, especialmente no que toca ao " som e ao silêncio", numa tentativa de me aproximar da reflexão que ele faz sobre a palavra e a própria criação poética. Finalmente, presto-lhe a minha homenagem pessoal.

Ponta Delgada, 28 de junho, 2019

#### ***Eduíno de Jesus – o Som e o Silêncio***

*Com a primeira palavra nasceu o primeiro verso – porque o que foi por ela enunciado estava dentro do que dizia; era um dizer pronto a ser semente, e flor, e ventania.*

*Os grandes poetas tocam esse tempo iniciático. São gente que fala, em silêncio, do lume, da água, de um trevo de dar sorte que, às vezes, nos surpreende, solitário, no chão bravio.*

*Para um grande poeta o achamento das palavras, das palavras de escrever, é moroso e ganho a pulso.*

*O seu ofício é resgatá-las da língua e dar-lhes a liberdade de se dizerem. Até na sua mudez secreta, se necessário for.*

Emanuel Jorge Botelho

(na apresentação do livro *Caderno de Mitos Pessoais*, de Leonardo, em janeiro de 2019)

Tentei, ao longo deste trabalho, traçar um retrato do Eduíno, sem pretensões ensaísticas, pois falar de um percurso desta dimensão em tão pouco tempo é tarefa complicadíssima. Pensei que o meu contributo passaria por um testemunho meu, mais pessoal, porque o Eduíno é todo um universo de saber, de conhecimento e de pensamento e, por muito que eu dissesse aqui, ficaria sempre muito aquém do que ele merece. Mas homenagear um Poeta implica refletir, por pouco que seja, sobre a sua poesia.

Sendo assim, este meu trabalho divide-se em três partes, que abordam aspetos que eu gostaria muito de aprofundar um dia. Na primeira, falarei brevemente do percurso do Eduíno, com base, sobretudo, nas longas conversas que, ao longo dos anos, temos tido e, no fundo, naquilo que desde sempre conheço dele; depois farei uma abordagem sintética de alguns aspetos da sua poesia e juntarei a isso o apreço e a admiração que sempre lhe dediquei.

#### **1. Percurso**

O Eduíno de Jesus teve uma infância feliz, num lar acolhedor e rico de afetos. Por entre inúmeras memórias, nas longas conversas que temos tido, ele recorda muitas vezes os serões em família nos quais a mãe entoava poemas do romanceiro ou narrava contos populares e fábulas conhecidas ou por ela inventadas, e a irmã mais velha, Eulália, lia romances em voz alta para a família. Não há dúvida de que isto o marcou. Calculo que seria um rapazinho de imaginação viva, cheio de fantasias, que estas narrativas alimentavam, passando os dias e as noites na Ilha, sonhando com outras paragens, com outras gentes e com um destino que o levasse bem alto.

Nasceu nos Arrifes, na Ilha de São Miguel. Aos dois anos, foi viver para Ponta Delgada e o destino decidiu que passasse a infância e juventude na vizinhança de amigos que ficaram para toda a vida e que partilharam com ele os mesmos sonhos e interesses. Entre esses amigos, conta-se meu Pai. Foram colegas de banco na Escola Primária e alunos do Professor José Resendes Tavares. Fecho os olhos e consigo imaginá-los de calção curto, os joelhos esmurrados pelos jogos de bola e pelas pedras dos becos, tendo por recreio o Campo de São Francisco que, para aqueles pequenitos, era todo um Universo.

O Eduíno, numa entrevista que deu recentemente a um grupo de alunos da Escola Secundária Antero de Quental, diz o seguinte (e cito) - «Quando eu era criança, a minha casa era o centro da ilha. Esta, para o poente, estendia-se dali só até à Mata da Doca, que era o meu quintal em ponto grande, e para nascente não passava da Matriz, aonde eu ainda não podia ir sozinho; para cima, chegava só até aos Arrifes, pelo Lajedo ou pelo Papa Terra. Na adolescência é que já podia incluir, para um lado, as Sete Cidades, onde acampeí uma vez quando era escuteiro, e, para o outro, a Ribeira Grande ou Vila Franca, por exemplo, e mesmo podia chegar ao Nordeste passando pelas Furnas e atravessando a Tronqueira. Enfim, nos meus primeiros anos da juventude, pode-se dizer que a minha ideia da Ilha acabou abrangendo-a toda».

Acredito que tenha sonhado muitas vezes com viagens que o levassem para lá do horizonte limitado da Ilha.

Na adolescência, despertou para quase tudo o que a vida tinha para lhe dar. Às brincadeiras do Campo, seguiu-se o encantamento dos livros que o levaram para bem mais longe e lhe puseram nos olhos um brilho que nunca mais se apagou.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

A cidade viu-o crescer. Ele e outros jovens da sua geração, entre os quais se contavam alguns companheiros do Liceu Nacional de Ponta Delgada, onde estudava então, fundaram o Círculo Literário Antero de Quental, também conhecido pelo Grupo do Jade, o que lhes permitiu partilhar sonhos e ideais de mudança, que foram ganhando consistência com os anos. E sobretudo começou a uni-los, também, a Literatura. Diz Eduíno de Jesus, numa entrevista dada ao Nuno Costa Santos para a sua revista *Grotta*: «Esses jovens, quando, em 1945-46, fundaram aquele Círculo, já constituíam uma pequena tertúlia extraescolar, sem-mestres, à margem do programa de estudos que os professores nos ofereciam nas aulas; isto desde os doze-treze anos de idade. Unia-nos o gosto de ler. Gostávamos de livros, cada um de nós por seu próprio acaso ou tradição familiar, e reuníamo-nos em tertúlia para falar disso.»<sup>61</sup> Esse foi também o tempo do *Girassol*, o jornal dos seus anos de estudantes no Liceu, do qual saíram cerca de 60 números, de 1940 a 44, estavam eles entre os 12 e os 15 anos. «Era apenas um *jornal de estudantes*», recorda o Eduíno, «contudo, mais de meio século após extinto, veio a merecer entrada no *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*, 2ª edição, Lisboa, Grifo, 1999 [...]. O facto é que, no *Girassol*, as Letras também tiveram lugar, e até, em certas circunstâncias, um lugar de relevo. Tal, por exemplo, o caso das celebrações dos centenários de Antero de Quental em 1942 e de Teófilo Braga em 1943».<sup>62</sup>

Pouco depois, foi o tempo efervescente do Bar Jade e do Círculo Literário Antero de Quental. O Bar Jade ficava nos baixos do edifício da Câmara Municipal de Ponta Delgada. Era um espaço manhoso onde se entrava por uma espécie de túnel, que parecia a passagem para uma outra dimensão, onde tudo era possível. Ali discutia-se de tudo, especialmente se tivesse a ver com Literatura - autores, estética e ideias em geral. Declamava-se poesia. E formava-se um pensamento novo.

O poeta e ensaísta Urbano Bettencourt, que tem estudado esta geração de 40 em Ponta Delgada, no ensaio “Literatura açoriana: aquela geração de 40”<sup>63</sup>, a certa altura dá conta da existência, naquele ano de 1946, de «um grupo de jovens pelos 17 ou 18 anos de idade, alunos do então Liceu de Ponta Delgada, que se propunha mexer com a cidade em termos culturais, limpar as teias de aranha literárias que atravancavam o espírito e o gosto do tempo, num projeto de renovação que tinha o(s) modernismo(s) como ponto de referência». Constituíam este grupo Fernando Aires, Eduíno de Jesus, Jacinto Soares de Albergaria, Fernando de Lima, Eduardo Vasconcelos Moniz. Pouco depois juntaram-se-lhes mais alguns: Rui Guilherme de Moraes, Pedro da Silveira, Carlos Wallenstein, entre outros.

Claro que estes jovens não estavam sozinhos. Tinham os seus mentores literários, que os ajudaram a refletir sobre o seu tempo e os introduziram num quadro de referências estéticas e literárias que os fizeram vanguardistas, nessa longínqua Ponta Delgada, desse também longínquo ano de 46: Ruy Galvão de Carvalho, professor de alguns deles; o poeta Armando Côrtes-Rodrigues, amigo de Fernando Pessoa; Diogo Ivens, um autodidata que desde cedo se interessou pela literatura e pelo ensaio crítico, tendo colaborado muito na imprensa micaelense e em várias revistas nacionais; João da Silva Júnior, que divulgava os escritos do grupo e teve um importante papel como livreiro, com o seu *Bureau* de Turismo, que era também posto de venda de revistas, jornais e livros que vinham de outras paragens. E, o mais que tudo, talvez, o espírito inquieto de Antero que começou a pairar sobre eles, que deu nome ao Círculo e os despertou para a importância da indagação. «O culto de Antero», diz Eduíno de Jesus, «não podia estar omissa num projeto de associação cultural de rapazes açorianos, tanto mais que desses rapazes fazia parte *um grupo de alunos do Liceu de Ponta Delgada*, esse velho e nobilíssimo liceu chamado então justamente de Antero de Quental; e, mais do que por isso, também porque a 1ª edição dos Sonetos Completos, cúpula da obra poética desse vulto maior da cultura açoriana, perfazia à justa 60 anos nesse longínquo ano de 1946».<sup>64</sup>

Consigo entender o deslumbramento destes jovens perante tudo o que era novo e que chegava de fora, iluminando e alargando os limites opressores da Ilha que, naquele tempo, estava tão longe de tudo. A curiosidade intelectual, esse desassossego de espírito que os movia, que os fazia vibrar na descoberta de um autor, de um poema, de uma nova forma de pensar o mundo. O encantamento que sentiram numa época tão diferente da que vivemos, em que cada revelação causava um estremecimento.

E penso para mim que estes jovens foram terreno fértil. Souberam bem aproveitar a porta que se lhes abriu, leram avidamente, começaram a refletir, a analisar, a interpretar o seu próprio mundo, a tentar confrontá-lo com outro mais vasto, com que contactavam sobretudo através das leituras, do sonho da França, que se impunha no seu imaginário adolescente em botão, vindo dos filmes franceses que viam no Coliseu Micaelense e das revistas ilustradas que nos mandavam as nossas amigas francesas, correspondentes com quem íamos aperfeiçoando o nosso francês, diz o Eduíno. «O Sartre e a Simone (justamente naquele ano de 1946 Sartre tinha apresentado com Simone de Beauvoir o existencialismo); o Camus; o Vercors; o Aragon e a Elsa Triolet. Essa gente aparecia por ali, passava por entre as mesas, sorria-nos e às vezes até se sentava connosco»<sup>65</sup>, acrescenta, referindo-se às tertúlias do Bar Jade.

E começaram a colaborar na imprensa local, sobretudo no *Correio dos Açores* e no jornal *A Ilha*, que teve um papel fundamental na afirmação deste grupo que principiava a dar nas vistas e a ser encarado, pelos espíritos mais retrógrados, como uma ameaça à moral e aos bons costumes, com as suas ideias perniciosas de inovação das letras. O Modernismo português e o brasileiro tiveram um forte impacto nesse núcleo. Descobrir a poesia de Manuel Bandeira e declamá-la no bar Jade era um dos prazeres destes rapazes.

Este grupo tinha um programa, objetivos e convicções. Eram muito jovens ainda, com um mundo de coisas para aprender, mas já buscavam uma linguagem própria que os afirmasse dentro da sua individualidade, onde se encontrassem e entendessem.

Depois foi o Curso do Magistério Primário e um pouco mais tarde a partida para Lorrvão. Dividia o tempo entre este espaço e Coimbra, onde começou a frequentar o curso de Românicas. Forte apelo teve nele o ambiente literário coimbrão e o seu convívio com o Poeta Afonso Duarte e com Torga, entre outros. Em 1951, por exemplo, fundou, com o Jacinto Albergaria, a "Coleção Arquipelago", com o intuito de publicar obras de diversos autores açorianos de relevo.

Começou também a colaborar em Revistas de Cultura de Coimbra e Lisboa e em jornais do Porto e da capital, para onde foi em finais dos anos 50, terminando a sua licenciatura e iniciando uma vida cultural intensa e fascinante, de que tem uma saudade dorida e irremediável. Dedicou-se, então, entre muitas outras coisas, à função de crítico literário e de artes plásticas. Tornou-se membro do Conselho de Direção da Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura; codiretor da Revista *Contravento* (de Artes e Letras); Diretor de um programa literário para a Televisão, tudo isto a par da sua atividade de professor no Ensino técnico-profissional, liceal privado, tendo mais tarde transitado para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde lecionou por mais de 20 anos.

E claro, pelo meio de tudo isto, e desde o seu passado lá na ilha, a sua criação poética, que raramente foi publicada em livro (embora bastante divulgada em alguma imprensa periódica), por um excesso de escrúpulo, por nunca considerar a obra acabada, o poema concluído,

<sup>61</sup> Santos, Nuno Costa (Dir.), Revista *Grotta* nº 2 – Letras Lavadas, 2017

<sup>62</sup> Jesus, Eduíno de (2014), “No Tempo do Girassol”, in *Memórias do Nosso Liceu – Coletânea de Testemunhos* (Org. da Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental) - Letras Lavadas.

<sup>63</sup> In Mundo Açoriano, 30 de março, 2012

<sup>64</sup> Vide nota 1

<sup>65</sup> Vide nota 1

a forma justa e perfeita.

O seu grande amigo Couto Viana, que lhe escreve o Prefácio de *Os Silos do Silêncio*, acha (como nós, que o conhecemos, achamos) que essa resistência em publicar, e cito, “talvez seja o sentimento que ele tem de si mesmo como poeta à parte, sem fidelidades históricas nem estéticas”. E a verdade é que o Eduíno, embora seja um poeta da geração de 50, e tenha, na juventude, pertencido ao Círculo Literário Antero de Quental, é um Poeta solitário, talvez indisciplinado pela sua inquietude, sem rótulos estéticos, ideológicos ou outros, não pertencendo propriamente a uma corrente ou Escola.

Isto não significa que se mantivesse indiferente às tendências do seu tempo, que proliferavam naquele turbilhão de meados do séc. XX. Acredito mesmo que tenha refletido como poucos sobre as mesmas. Penso que este “estar à margem” não o é no sentido literal. O “estar à margem”, do Eduíno, é a forma que ele tem de pensar e de interpretar o mundo de dentro de si para fora, isto é, a partir do seu silêncio, que é, a meu ver, uma das suas formas, talvez a primordial, de construir pensamento, até chegar a hora de o transformar em Poesia, ou seja, de lhe dar uma forma estética muito própria, uma forma de lhe dar “som”.

Quem lê o Eduíno e conversa com ele, entende que, na sua poesia, é tão importante o significado como o significante, que a união do tema com a sua configuração textual é que faz do Poema o objeto estético que se deseja e que EJ leva tanto tempo a revelar, porque, no fundo, nunca está satisfeito com esse doloroso trabalho artístico.

## 2. O Som e o Silêncio na Poesia de Eduíno de Jesus

Raramente penso no Eduíno como um poeta açoriano (e não entrarei aqui na, ainda, tão polémica questão da açorianidade, pois não é o lugar nem o momento para fazê-lo) mas ele nasceu na ilha e nela viveu até cerca dos 20 anos e essa marca não deixará de ser visível numa certa melancolia que o caracteriza; na sua forma muito própria de *recolhimento*; em muito do que se tornou de ser, de estar e de pensar; no que bebeu da literatura primordial pela mão da Mãe e da irmã, como já referi, e no que ele próprio começou a ler tão cedo; pelo que aprendeu, como aluno ávido e aplicado, que praticava e escrevia seguindo os modelos poéticos aprendidos com os seus mestres do Liceu, de que se recorda com uma melancólica e profunda saudade.

A verdade, parece-me, é que ele partiu, mas levou consigo a parte de ilha de que é feito e que não há distância que desfaça. De que forma a sua terra o marcou por dentro - a par da universalidade que bebeu na sua querida Lisboa e nos lugares por onde andou - e se revelou naquilo que escreveu, só ele o poderá dizer ao certo, ou talvez nem ele, mas julgo que aquilo que absorveu nesses verdes anos, esteve lá sempre a envolvê-lo, e sonhará (quem sabe?) com a Ilha, num regresso sempre adiado, por saber que nunca se regressa totalmente.

Verdade também é que se foi gerando, num silêncio muito dele, cada som, cada palavra, cada ritmo da sua Poesia.

Num poema de 1948, que abre *Os Silos do Silêncio*, e que vem, aliás, na sequência da epígrafe por ele escolhida, de Antero de Quental: “*Conheci a Beleza que não morre / e fiquei triste*”, há um apelo ao leitor para que este tente ler dentro dele próprio (Poeta) aquilo que ele não consegue configurar nas “palavras rebuscadas” e no ritmo dos seus versos, ou seja, de certa forma, aquilo que ele gera no silêncio e que nem sempre consegue transformar em som. Na última estrofe desse poema, acho que fica bem claro que uma das angústias de Eduíno de Jesus enquanto poeta reside na busca da forma ideal para revelar “a Beleza que não morre”, por achar que nunca alcança a palavra exata para definir e plasmar essa Beleza como valor absoluto:

*“Mas... é a Beleza que procuro  
em cada verso em cada palavra  
e que não logro alcançar  
é isso é isso o que me faz chorar”*

(“Ao Leitor” – pág. 39)

Tenho convivido bastante de perto (embora nem sempre fisicamente perto) com o Eduíno e isso tem-me permitido, talvez, afastar um pouco o véu que encobre o seu proverbial silêncio.

Escolhi este título para a minha divagação, porque acho que Som e Silêncio se conjugam em Eduíno de Jesus, completando-se e dando corpo ao seu universo poético.

Eu diria que o Silêncio é a parte dele que reflete, momento de germinação de ideias que ele coloca em Som, quer pelas conversas que busca com os outros – e que a sua dedicação ao ensino foi uma forma de sublimar - quer, de forma mais elaborada ainda, nos seus poemas, que lhe saem devagar e dolorosos, pela busca da forma que ele quer conjugar com o sentido.

O **Silêncio** do Eduíno é o momento em que ele dialoga consigo e com o universo que o rodeia e que o leva a uma constante indagação e o **Som** revela-se quando ele tenta dar forma estruturada a esse pensamento, sentindo que não há as palavras certas para configurar todo esse universo reflexivo, o que o leva à angústia frequente, talvez quase permanente, de sentir que fala uma linguagem que nem sempre é apreendida pelos outros.

*“vã palavra do Poeta!,  
inútil, como o silvo  
de, em qualquer ponto da Terra,*

*uma flecha disparada ao infinito.”*

diz ele no poema “Epígrafe” (pág. 83)

Esta angústia da criação está bem visível, igualmente, em “Proposição” (pág. 84), onde ele assume que canta como a ave presa, sabendo que aquilo que constrói – o poema – dolorosamente, “verso a verso”, não passa de um (e cito):

*impulso*

*para um qualquer*

*voo*

*que, todavia,*

*nem sequer*

*começo.*

Uma vez que ele valoriza o silêncio como momento privilegiado de apreensão de conteúdos e faz uso dele para criar sentidos, sugere mais do que diz, cria elipses e seduz o leitor, deixando-o sempre em suspenso, tentando dar som ao poema em busca dos sentidos sugeridos.

Silêncio está, também, muitas vezes associado simbolicamente a sonho e a noite. Esta é momento de reflexão e de germinação de desejos e de forças ocultas. Ao mesmo tempo, há uma frequente ligação do silêncio com a intimidade, com o interior da casa, silêncio quebrado não poucas vezes pelo vento que se faz sentir no exterior e pelo canto dos pássaros, símbolo da pureza primordial, da juventude perdida, da palavra que (se) busca.

Assim, Noite, Sonho, Pensamento, Silêncio são oportunidades de refúgio e de indagação sobre si próprio e o universo que o envolve. No poema “Frémite” (pág. 126), o eu lírico tenta reconstruir, a sós consigo, a sua destruída torre de marfim, “meu refúgio antigo” (diz ele). E é sempre a velha angústia de não encontrar a palavra certa para se pronunciar, como expressa na seguinte estrofe:

*Enquanto nos meus lábios morre*

*a palavra para que não*

*posso inventar pronúncia.”*

E é ainda o poeta eternamente dividido entre o sonho/desejo e a renúncia.

*Choro um sonho e ponho*

*outro sonho à água*

“Cais da saudade” (p. 120)

Que sonho seria o dele? Isto daria para longas páginas. Um dos seus sonhos seria o de conseguir a união perfeita entre o Silêncio e o Som. Combiná-los de forma a que se tornassem um só. Em “Gaia Ciência”, por exemplo, compara-se à aranha que tece a sua teia. Desta forma, o sonho consistiria em atingir “a frágil teia / do poema” (diz ele) na página branca onde poderá vir a surgir, de repente, a Poesia (pág. 227). Esta ideia está presente, de outra forma, no poema “As Palavras” (p.229), que ele dedica a Fernando Aires (e cito):

*Imprecisas? Volúveis? mas inamovíveis*

*elas lá ficam na página branca*

*à espera de um Levanta-te e caminha*

*de qualquer voz humana*

Essa espera, esse sonho ergue-se no poema “Prece” (p. 49), no qual o eu lírico diz não pedir o impossível, mas (e cito)

*“Só que me deixem amar as fontes*

*Os rios os lírios, o riso das crianças”*

E promete, em troca, dar

*“(…) os meus versos e o meu sangue  
e o meu sonho mais lindo”,*

que será o seu sonho de Poeta.

É, também, recorrente, em vários poemas, o seu desejo de regresso às origens, de (re)começo:

*“Sozinho e sempre  
Esperarei a primavera  
O reflorir dos ramos  
O canto dos pássaros”*

“Sobre as Cinzas” - Parte 2 (pág. 70)

Neste momento, estarão alguns a pensar que me perdi pelo caminho, que me desviei do som e do silêncio do Eduíno, derivando para outras linhas de força dos seus poemas, mas a verdade é que Som e Silêncio, em EJ, são a sua própria criação poética, o seu desejo de artista.

Ao mesmo tempo, no poema “Os Navios” (p. 263), surge a ideia de que no fundo do mar, e cito:

*aí precisamente onde não entram nem som nem sol  
há a noite insondável subaquática misteriosa  
as volutas voluptuosas da melodiosa flauta longín-  
qua do silêncio*

Esta estrofe sugere a ideia de que, entre o som e o silêncio, há um fosso, um distanciamento, sendo o silêncio mais próximo da forma harmoniosa e perfeita, daí a angústia de que a Palavra, isto é, o “Som” nunca é suficiente para revelar a germinação que se vai dando nos “Silos do (seu) Silêncio”.

A poesia do Eduíno leva-nos por caminhos imensos, não fáceis de trilhar, mas, por isso mesmo, fascinantes, porque se torna uma procura e uma descoberta permanentes. Esta minha breve viagem foi prova disso. Parti do Som e do Silêncio, que me levaram ao Sonho. E porquê? Porque, à semelhança de Antero (comparo-os muitas vezes, em vários aspetos), a sua vida tem sido uma constante indagação, uma busca permanente de que faz parte, também, a sua criação artística. E a busca é uma forma de vida sonhada. Os seus sonhos são inúmeros e muitas vezes indizíveis. Transformam-se frequentemente em saudades de tudo o que já foi e naquilo que ainda está por cumprir. Há nele um permanente desejo de recomeçar, de viver tudo de novo, porque o mundo é um grande mistério ainda por desvelar e ele angustia-se por não abarcar tudo. O Eduíno por vezes instala-se numa espécie de nuvem que poderá ser o lugar idealizado do sonho e do silêncio onde ele, provavelmente, se procura.

Mas este silêncio criador por vezes alastra e sufoca-o. Creio que será aí que surge a necessidade do canto, do Poema, que nasce devagar, refazendo-se constantemente, ao ritmo e à medida do seu pensamento. E busca então as palavras, que nunca são suficientes, mas que, apesar de tudo, têm o privilégio de criar eternidade.

*As palavras meu Deus como são  
imprecisas volúveis No entanto  
elas só (enquanto os homens passam)  
guardam para sempre o sinal do tempo.* (p. 299)

### 3. A Minha Homenagem

Já disse aqui que é uma grande responsabilidade falar do Eduíno, mesmo tratando-se de um testemunho pessoal, e as palavras que escolhi para fazê-lo não serão, seguramente, suficientes para lhe fazer justiça, mas são sentidas e pensadas a partir da grande admiração que tenho por ele.

Conheço o Eduíno desde que me lembro de mim. De certa forma, sempre me habituei a tê-lo por perto, mesmo sabendo que vivia longe. Foi amigo de meu Pai desde a infância e foram ambos companheiros de geração e de sonhos. Sempre ouvi falar dele como um grande senhor das Letras, da Poesia e da Crítica Artística e Literária.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Cresci a admirá-lo e fui tomando, eu própria, consciência de que estava perante um ser humano dos mais singulares que tenho conhecido. Ele representa, para mim, e para muitos, o que se entende por um Mestre. Quando temos oportunidade de conversar com ele, e eu tenho tido esse privilégio, espantamo-nos perante o conhecimento enciclopédico que tem acumulado ao longo da vida, conhecimento que lhe vem das muitas leituras que fez, das inúmeras experiências vividas e dos lugares e das pessoas fascinantes que conheceu. Mas o Eduíno não se limita a esse saber, pois este vai-se acrescentando dentro dele próprio e servindo de base a novos conhecimentos, que ele vai construindo cuidadosamente, como quem cria algo precioso que não pode perder-se. Quando o vejo trabalhar, penso que não deve haver muitas pessoas como ele. O seu trabalho de pensamento e de escrita é de um enorme rigor e exigência e está longe de ser pacífico. Exímio no uso que faz da palavra, cada frase, cada ideia que lhe sai das mãos é um processo que se adivinha quase doloroso, pela busca da forma perfeita para os significados que quer transmitir. É um fascínio observá-lo nesse processo de criação, porque tomamos consciência da potencialidade da linguagem ao vê-lo seleccionar, meticulosamente, a palavra certa para o lugar que lhe é destinado, como faz um ourives, que escolhe, com uma infinita paciência, imaginação e habilidade, a pecinha milimétrica para o seu trabalho de filigrana. É isso que o Eduíno faz em cada frase que escreve – uma peça de filigrana linguística.

Quando estou com ele, penso muitas vezes que a era dos Mestres está a terminar. Isto dava para uma longa reflexão, mas por agora digo apenas que um Mestre precisa de **tempo** e de **silêncio**. Tempo para se ir fazendo e silêncio para se fazer ouvir, e nós vivemos num mundo em que ambas as coisas se perderam. Já é raro aquele escorrer lento das horas em que tudo o que é bom acontece, e cada vez é mais difícil encontrar o silêncio que faz germinar o significado de cada coisa.

E o Eduíno é um desses Mestres. Quem já o ouviu numa das suas preleções – seja sobre Literatura, Filosofia, Arte ou Linguagem, seus territórios de eleição - sabe o fascínio que é aprender com ele, porque tem uma forma única de falar das coisas, naquele seu tom calmo e introspectivo, como quem pede desculpa por saber tanto.

A par do intelectual, há um homem igualmente singular e fascinante, de um finíssimo trato, já tão raro. Um verdadeiro *gentleman*.

O Eduíno é um homem de contrastes. É tímido, mas obstinado e muito firme no que defende e, embora modesto, tem, no fundo, digo eu, uma consciência discreta da sua singularidade e exaspera com a ignorância alheia, mas é generoso e está sempre disponível para partilhar o que sabe, desde que o ouçam. E, ao mesmo tempo que tem uma enorme necessidade de convívio com os outros e um imenso sentido de humor, precisa do seu tempo de isolamento e de introspeção e há nele uma melancolia que me comove. Já lhe tenho dito que encontro nele semelhanças com Antero de Quental, no seu questionar constante, nas suas angústias e inquietações permanentes, na forma complexa e algo solitária como vê o mundo e as coisas, através da inteligência e de uma sensibilidade apuradíssima.

Muito teria a dizer sobre este senhor das letras, a quem hoje aqui prestamos esta bem merecida homenagem, mas sinto que não devo alongar-me demasiado. Nem eu pretendi aqui caracterizá-lo, mas apenas dar um testemunho da imensa admiração e afeto que tenho por ele, porque representa uma espécie já rara de homens que, apesar do seu enorme valor, se calhar por isso mesmo, não procura protagonismos, não fala de si nem promove a sua imagem, pois o que o move realmente é o valor intrínseco das coisas e a busca apaixonada de respostas para os enigmas de que somos feitos. Ele representa uma geração para a qual as letras, a arte e o saber faziam parte da essência humana e estavam no seu devido lugar.

Termino, dizendo que, para mim, o Eduíno é daqueles homens que não tem idade. Apesar de tanto que já viu e ouviu, continua a comover-se, sobretudo com as coisas belas – uma música, uma obra de arte, um fenómeno da natureza – e a surpreender-se com o novo, continuando eternamente a atualizar-se, a querer aprender e a acompanhar tudo o que vai acontecendo, embora filtrando o que não lhe interessa de todo. E essa surpresa e esse desejo são, no fundo, o segredo de uma juventude que ele mantém eterna.

Bem hajas, meu querido Mestre!

Maria João Ruivo (Escola Secundária Antero de Quental)

**É SÓCIA DA AICL. - VOGAL SUPLENTE DA DIREÇÃO**

**- PARTICIPOU EM 2012 NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA, NO 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019**

### 30. MARIANA BETTENCOURT, UNIVERSIDADE COIMBRA MÉDICA INTERNA DE PSIQUIATRIA - UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DO NORDESTE

**MARIANA MENDONÇA BETTENCOURT MACHADO** nasceu na freguesia de São José, Ponta Delgada em 1990.

Estudou na Escola das Laranjeiras, PDL

Concluiu em 2014 o Mestrado Integrado em Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra com a tese intitulada: *“Perturbação Pós-stress Traumático e Suicídio em ex-combatentes”*.

Durante o ano de 2015 completou o Internato do Ano Comum no Hospital do Divino Espírito Santo em Ponta Delgada.

Em janeiro de 2016 iniciou o Internato de Formação Específica em Psiquiatria, na Unidade Local de Saúde do Nordeste, em Bragança.

Desde essa data tem realizado formação na área da Psicoterapia Cognitivo-comportamental, da Psicoterapia Interpessoal e da Terapia Familiar.

Participou em diversos congressos nacionais e internacionais na área da psiquiatria e saúde mental, assim como da história da saúde.



**TEMA** MARGARIDA VICTÓRIA: DOENÇA OU CIRCUNSTÂNCIA? - Mariana Bettencourt

Margarida Victória de Jácome Correia nasceu a 31 de março de 1919, numa família aristocrática fundiária micalense. Em *Memórias da Cadela Pura* a Marquesa de Jácome Correia descreve as suas vivências, começando pelas dificuldades de uma infância constrangida por uma educação rígida e conservadora, pautada pelos conflitos familiares que persistiriam depois, na vida adulta, passando pelas várias adversidades com que se debateu ao longo da vida, quer no plano das relações interpessoais, quer no das suas convicções e comportamentos, irreverentes e desafiadores do normativo; as memórias terminam com aquela que Margarida Vitória descreve como a sua primeira relação amorosa verdadeiramente gratificante, na sua sexta década de vida, com Vitorino Nemésio. Se por um lado a descrição pormenorizada do seu sofrimento e das suas dificuldades pode ser analisada à luz das várias teorias da personalidade e dos vários modelos de doença em Psiquiatria, por outro permite questionar a natureza dos limites entre o patológico e o que não o é; permite uma reflexão sobre a diversidade da natureza humana e a importância que os indivíduos divergentes da norma podem ter na mudança e na evolução das sociedades. Assim o trajeto de vida da autora pode ser enquadrado no conflito permanente entre as suas convicções e as convenções estruturantes dos vários contextos sociais em que viveu.

Nascida na primeira metade do século XX, no seio de uma família aristocrática conservadora da ilha de São Miguel, Margarida Victória Borges de Sousa Jácome Correia teve um percurso diametralmente oposto aquele expetável para uma mulher que vivesse a grande parte da sua vida adulta sob o regime fascista do Estado Novo. A variedade e a peculiaridade das vivências que descreveu na obra de cariz autobiográfico *Amores da Cadela “Pura”* suscitam a atenção e podem ser analisadas sob múltiplas perspetivas. Aquela que me proponho a executar é predominantemente a de alguém que se dedica ao estudo da psiquiatria e dos fenómenos da mente, seja ela saudável ou perturbada. A Psiquiatria tem evoluído no sentido de se transformar cada vez mais numa disciplina pluralista, que parte do conhecimento neurocientífico e psicológico mas integra idealmente também as perspetivas sociológica e filosófica. A necessidade de considerar outras fontes de conhecimento que não o biológico prende-se, entre outras razões, com a evolução dos conceitos de doença e saúde e com a compreensão dos limites entre o normal e o patológico, intrinsecamente relacionados com o tecido cultural em que o indivíduo se insere.

Margarida Victória nasceu a 31 de março de 1919 em Ponta Delgada, filha do Marquês de Jácome Correia, grande latifundiário e historiador e de Joana Chaves Cymbron Borges de Sousa. A sua infância foi pautada pela educação rígida e conservadora da família materna e pela ausência do pai. A sua descrição da relação com a figura paterna denota uma grande ambivalência afetiva: o pai ora é descrito como terno e compreensivo ora como déspota e autoritário, despertando nela emoções contraditórias. Esta ambivalência é particularmente evidente no seu relato do período que se sucedeu à morte dele, quando Margarida tinha 18 anos, em que se sentiu simultaneamente triste e aliviada. A relação com a mãe também nunca foi satisfatória, descreve-a como uma mãe preocupada e exemplar, mas fria e distante, obrigando-a em determinadas alturas a fingir-se doente para receber alguma ternura.

Margarida viveu uma infância triste, isolada dos seus pares, com exceção da irmã e de poucos primos. As relações fora da família eram vistas com desconfiança e limitadas ao estritamente necessário. Refugiava-se no seu gosto pela natureza, pela leitura, pela música e pela dança. Foi com este último prazer, a dança, que percebeu, desde cedo, que seria censurada por qualquer comportamento mais expansivo, não só pela família como também pela sociedade. Desde cedo é também confrontada com o facto de que as mais importantes decisões familiares eram motivadas pelo medo da crítica social, como foi o caso da reunião do casal após um longo período de separação.

Durante a adolescência as dificuldades nas relações familiares, de amizade e amorosas ocorreram a par de períodos de maior sofrimento que a própria designa como “crises de nervos”. Em determinados momentos foram de tal ordem preocupantes que motivaram a ida a Lisboa a fim de ser observada por um médico.

Ao longo da sua vida as relações amorosas pareciam condenadas ao fracasso ainda antes de começar e uma análise cuidada das suas motivações revela que foram geralmente mais pragmáticas do que afetivas. Casou com Alberto aos 18 anos, apesar deste a entediar, para se libertar do ambiente familiar opressivo em que vivia. Cedo se sentiu defraudada por esta relação, quer pelo distanciamento afetivo entre ambos, quer pelas dificuldades que ela tinha na concretização da relação sexual, dificuldades estas que a viriam a atormentar durante grande parte da sua vida. Quando ambos concordaram que o casamento já não os servia e que deveriam divorciar-se, a família dela decidiu intervir, convencendo-a a ser internada numa Clínica Psiquiátrica na Suíça, para que pudesse repensar a sua decisão. Todo o processo de internamento, viagem para o Estrangeiro e as sucessivas tentativas de alta estavam então dependentes da autorização do marido. Margarida manteve-se firme na sua decisão, mesmo após vários de meses de internamento e ter sido submetida a diversos tratamentos como psicoterapia e electroconvulsivoterapia. Perante a sua determinação a mãe inicia um processo judicial para sua interdição, com a pretensão de a impedir de tomar decisões como divorciar-se, casar ou gerir os próprios bens.

Neste período conturbado em que foi mantida internada contra a sua vontade conheceu Aly El Lozy, por quem se apaixonou e com quem viria a casar-se posteriormente e que, tendo alta antes dela, contratou um advogado para a defender. Margarida teve alta da Clínica de Prangins apenas ao fim de um ano e graças à intervenção do cônsul português na Suíça. Saiu na condição de lhe serem atribuídos dois tutores legais, dois primos com quem viria a morar em Lisboa. Após a saída continuava casada e portanto impossibilitada de sair do país ou assumir abertamente a relação amorosa com Aly pelo que foram mantendo alguns encontros secretos. De um destes encontros resultou uma gravidez, cuja progressão Margarida encarou como uma impossibilidade. Recorreu a uma parteira para fazer um “desmancho”, experiência traumática que descreve graficamente: “fui dilacerada, esquartejada”. Quando engravida novamente de Aly, apesar de ter procurado contraceção, algo raro para a época, a relação entre os dois já estava muito deteriorada. Ele tinha-se revelado agressivo, instável e ter-lhe-ia confessado ainda estar apaixonado pela ex-mulher. Apesar disto Margarida estava decidida a casar com ele. Sentia-se em dívida por este a ter ajudado a defender-se quando estava internada e acrescia que o processo de divórcio de Alberto estava em curso e a hipótese de ser mãe solteira não se lhe colocava. Receava as repercussões familiares e sociais que pudessem daí advir. Este receio levou-a a tomar a decisão de emigrar para Genebra onde viriam a casar por procuração, pouco tempo antes do nascimento da filha.

Margarida estava novamente casada, com um marido diferente mas igualmente infeliz. A partir daí Aly e Margarida viveram duas vidas quase independentes, entre a ilha de São Miguel, Lisboa e o Cairo, de onde ele era natural. A partir do momento em que a conheceram os familiares do marido aperceberam-se de que nenhum dos dois estava satisfeito com aquele casamento mas culturalmente não poderiam admitir que se divorciassem. Para eles a solução passava por ambos investirem em relações extraconjugais. Inicialmente chocada com esta ideia, Margarida acabou por se envolver com Edmond Soussa, um pintor a quem tinha encomendado o seu retrato. Por recomendação deste regressa a Portugal sozinha, com o intuito de ali contratar um advogado e obter o divórcio. Aly agrediu-a violentamente ao tomar conhecimento desta notícia.

Após o divórcio viveu com Edmond em Paris, durante um período que descreve como de grande enriquecimento cultural e grande entusiasmo. Comprou um luxuoso apartamento em Paris, em que “do terraço viam-se os Campos Elísios, o Arco do Triunfo, a Torre Eiffel, a Notre Dame”. Juntos frequentaram galerias de arte, casas de antiguidades, espetáculos e conferências. Mas este encantamento durou apenas até ter sido advertida pelo seu advogado que ele pretendia aproveitar-se da sua fortuna. Margarida perdeu o apartamento e uma parte dos seus bens, mas o que a feriu mais foi ter-se visto dissipar a vida que tinha idealizado para si, a pretensão que tinha em compensar a sua incompletude através da arte e da intelectualidade.

Regressada a Portugal refugiou-se na sua amizade com Armando Côrtes-Rodrigues, procurando nele a satisfação das suas necessidades espirituais através da poesia, procura essa que cedo se revelou infrutífera. Novamente investiu numa relação pouco satisfatória, com alguém que descreve como “pouco fluente, pouco empolgante, simples, boçal, em contraste com a imagem poética”. Quando ele se recusou a assumir a relação, por medo da reação da Igreja, Margarida insistiu num casamento. Perante a notícia da possibilidade deste terceiro casamento a mãe avançou com novo pedido de interdição. Desta vez Margarida defendeu-se submetendo-se a avaliação por psiquiatra e um psicólogo, provando em tribunal ser capaz de se autodeterminar. Acabou por casar com Armando Côrtes-Rodrigues como se de uma fatalidade se tratasse, viveram como amigos, a maior parte do tempo separados fisicamente e divorciaram-se ao fim de cinco anos. Na sexta década de vida apaixonou-se por Vitorino Nemésio e mantiveram-se amantes até à morte deste em 1978. Foi a sua última musa e com ele participou na luta pela autonomia da região após o 25 de abril. Vitorino foi o primeiro homem que Margarida conseguiu amar sem se anular, atingindo finalmente a completude que até ali procurara.

Analisando a narrativa de *Amores da Cadela “Pura”* coloca-se a questão se realmente Margarida terá estado doente. Apesar da impossibilidade de uma resposta definitiva, penso que a reflexão poderá ser interessante, na medida em que permite abordar a injustiça que historicamente esteve associada às doenças psiquiátricas e ao estabelecimento dos seus limites, bem como a interferência da moralidade na prática dessa área (com movimentos de maior afastamento ou aproximação) da medicina.

Não há dúvida de que ao longo da vida de Margarida existiu muito sofrimento. Não sendo necessariamente sinónimo de doença, a própria reconhece períodos de ausência de saúde. Vai descrevendo-os desde os anos mais precoces e mais tarde acaba por atribui-lhes designações como “crises de nervos” ou “neurastenia”. Margarida recorreu a um médico generalista durante a adolescência que lhe terá dito que não haveria qualquer problema com ela e já casada com Alberto recorreu a um psicanalista em Manhattan que lhe propôs uma psicoterapia com a duração de pelo menos 6 meses, que Margarida não aceitou. Apesar de descrever períodos com sintomatologia depressiva importante, inclusivamente tentativas de suicídio graves, a medida de tratamento mais drástica é-lhe proposta (senão imposta) pela mãe apenas quando Margarida lhe comunica a vontade de se divorciar. Pode ser colocada a hipótese de que a finalidade deste internamento seria não só a dissuasão, mas também o afastamento da sociedade micalense, evitando qualquer crítica que pudesse recair sobre a família relacionada com o divórcio ou com a possibilidade de doença mental, altamente estigmatizante. Daí a escolha de uma Clínica noutro país. Portanto, mais do que o intuito de tratar uma eventual doença, este internamento estava carregado de uma conotação moralista, muito associada aos tratamentos psiquiátricos asilares do fim do século XIX. Importa lembrar que estes eram os padrões morais da sociedade portuguesa, e que por exemplo, estava ainda em vigor a Concordata celebrada entre o governo e a Santa Sé em 1940 que considerava o casamento indissolúvel e proibia de voltar a casar todos os casados pela igreja que se separassem.

Podemos questionar-nos se outras mulheres que ousaram desafiar as normas e questionar o seu papel de submissas não terão sido também consideradas doentes ou desajustas. E aqui encontramos paralelismos numa das mais conhecidas histórias de amor portuguesas do século XX, a de Maria Adelaide, a filha do fundador do Diário de Notícias que aos 40 anos se apaixonou pelo motorista da família, consideravelmente mais novo do que ela. Quando pediu o divórcio ao seu marido, Alfredo da Cunha, este levou-a ao Porto onde foi internada contra a sua vontade na ala das criminosas do Hospital Conde de Ferreira. Mais tarde, ao recusar a proposta de internamento em Paris este deu início a um processo para a sua interdição. Em junho de 1919 três figuras proeminentes da Psiquiatria portuguesa determinaram que Maria Adelaide sofria de “Loucura Lúcida”, um diagnóstico controverso, carregado de conotações morais e desprovido de credibilidade científica. Ao contrário de Margarida Victória, Maria Adelaide foi privada da sua personalidade jurídica, incapaz de gerir a sua pessoa e bens.

A Constituição de 1933 viria a constituir um retrocesso no que aos direitos das mulheres diz respeito, introduzindo para o sexo feminino a exceção ao princípio de igualdade constitucional, com base no argumento da diferença biológica mas também com base no argumento ideológico de que deveria prevalecer o *bem da família*. Está patente na obra de Margarida Victória uma das limitações introduzidas à data – a impossibilidade da mulher casada atravessar as fronteiras do país sem o consentimento do marido. Percebemos também que decisões como qual a clínica onde deveria ser internada ou quando poderia ter alta da clínica psiquiátrica eram primordialmente decisões que o marido deveria tomar. Apesar do medo das repercussões de viver fora do normativo a terem levado a abortar, quando engravida pela segunda vez nas mesmas circunstâncias, isto é, de um homem que não aquele com quem estava legalmente casada, recusa passar por essa experiência novamente, pela índole traumática e reforça a injustiça de a vergonha e a dor pertencerem apenas à mulher quando a responsabilidade pela gestação é também do homem.

À parte da contextualização histórica importa perceber as caraterísticas da personalidade de Margarida que, num modelo biopsicossocial de doença, se associariam à sua constituição genética e vivências de vida como possíveis fatores desencadeantes de doença. Claro que estas caraterísticas são inferidas a partir da sua própria descrição e por isso subjetivas.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Aquilo de que nos apercebemos é que Margarida tinha uma perceção pouco clara de si, vivendo desde cedo com a ideia de que seria anormal ou diferente dos seus pares. Há ao longo da sua vida uma sensação de incompletude, de vazio e um predomínio dos afetos negativos – “A minha alma era um ermo de solidão e tristeza”- que paradoxalmente contrastavam com a sua postura expansiva e alegre. Margarida tinha noção desta alternância de estados de ânimo e explicou-a da seguinte forma: “tinha necessidade de expansão, para me esquecer dos momentos horríveis da minha vida íntima” e salientou que essa exuberância e alegria eram fictícias.

Margarida descreveu-se como uma mulher de grande sensualidade que atraía a atenção dos homens mas que paradoxalmente se debatia com grandes dificuldades na sua vida relacional e com grande ênfase nas dificuldades da esfera sexual, tendo desenvolvido um pavor às relações sexuais. Quando conseguiu ultrapassar esse pavor percebeu que não tinha de qualquer forma interesse na relação sexual, algo que só veio a mudar quando conheceu Vitorino, aos 54 anos e finalmente obteve aquilo que tivera procurado em todas as outras relações: a meiguice, a ternura, o interesse e a admiração. Nas suas palavras Vitorino foi “pai, irmão e amante”. Até aí sentia-se diferente das outras mulheres, incompleta, presa numa série de relações que não a satisfaziam, chegando a ser agredida fisicamente.

Dadas as caraterísticas descritas poderíamos colocar a hipótese de uma Perturbação da Personalidade, que se refere a um padrão estável de experiência interna e comportamento que se afasta marcadamente do esperado para o indivíduo numa determinada cultura, que é estável ao longo do tempo e que gera mal-estar ou incapacidade. A discussão sobre a categorização das perturbações da personalidade como doença não é consensual e tem vindo a mudar com a própria evolução da sociedade. O facto de serem definidas tendo em conta o que é expetável culturalmente pode ser perigoso se não se tiver em consideração toda a definição. Períodos da história em que o homem decidiu moldar os limites entre o normal e o patológico de acordo com o seu próprio benefício foram na generalidade períodos negros, de abuso de poder. Quando se fala de Perturbações da Personalidade, e de doença psiquiátrica, não se pode considerar apenas o comportamento desviante da norma, sob pena de penalizarmos a diversidade, força motriz da evolução natural e civilizacional. Importa também perceber se esse afastamento do que é esperado é gerador de sofrimento quer no próprio quer nos que o rodeiam para que se possam oferecer formas de o minorar, quer por estruturas prestadoras de cuidados de saúde quer pelas próprias estruturas estatais.

Apesar de todo o sofrimento e angústia, Margarida manteve-se funcional e capaz de atingir os objetivos que almejou e que justamente podemos caraterizar como ambiciosos. Refere que se sentiu sempre como um autómato a viver a vida de outra pessoa, mas foi capaz de viver fiel aos seus princípios orientadores e defendeu os valores nos quais acreditava, mesmo para além dos limites da sua vida pessoal.

### BIBLIOGRAFIA:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, The Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (5<sup>th</sup> Edition). Washington DC, 2013.

DIAS, Fátima Sequeira, *Os Açores na História de Portugal - Séculos XIX-XX*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.

CANGUILHEM, Georges, *O normal e o patológico*, Brasil, Editora Forense Universitária, 2009. Tradução de Maria Thereza Redig Carvalho Barrocas.

GONZAGA, Manuela; “Doida não e não!” Maria Adelaide Coelho da Cunha, Chiado, Bertrand Editora, 2009

VICTÓRIA, Margarida; *Amores da Cadela “Pura”*, Confissões da Marquesa de Jácome Correia, Chiado, Bertrand Editora, 1975, vol. 1.

VICTÓRIA, Margarida; *Amores da Cadela “Pura”*, Confissões da Marquesa de Jácome Correia, Chiado, Bertrand Editora, 2004, vol. 2.

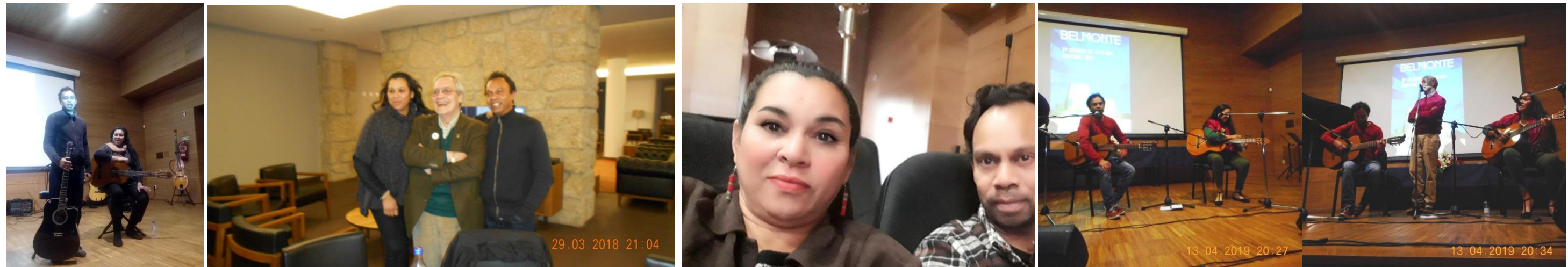
**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ COMO ORADORA, MAS ESTEVE PRESENCIALMENTE EM ANTERIORES COLÓQUIOS**

### 31. MARIZE SILVA PROSDÓCIMO, MÉDICA DENTISTA, FLORIANÓPOLIS, BRASIL, PRESENCIAL



**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

32. MINTÓ DEUS, MÚSICO TIMORENSE CONVIDADO



29º BELMONTE 2018

31º BELMONTE 2019

Acompanha Piki Pereira nos recitais de música timorense. Piki Pereira & Mintó Deus representaram Timor-Leste no Festival Intercultural Olho Vivo

OUÇA-O AQUI EM

[HTTPS://YOUTU.BE/GVEIDRCZGUU](https://youtu.be/GVEIDRCZGUU)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=R-4TGNDXLM](https://www.youtube.com/watch?v=R-4TGNDXLM)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZS-K0DCIRJ4](https://www.youtube.com/watch?v=ZS-K0DCIRJ4)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GVEIDRCZGUU](https://www.youtube.com/watch?v=GVEIDRCZGUU)

JÁ PARTICIPOU NO 22º SEIA 2014, NO 29º BELMONTE 2018 E 31º BELMONTE 2019

33. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO, TERCEIRA, AICL



19º MAIA 2013

19º MAIA 2013

21º MOINHOS 2014

22º SEIA 2014

25º MONTALEGRE 2016

NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936.  
De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a Universidade do Teatro das Nações.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Criou e dirigiu a Revista Teatro em Movimento (Lisboa, 1973-75). Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters.

Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de Fila 1.

As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na Coletânea Algum Teatro (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

[www.norberto-avila.eu](http://www.norberto-avila.eu) / [www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto\\_Avila](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Avila) - [oficinadescrita@gmail.com](mailto:oficinadescrita@gmail.com)



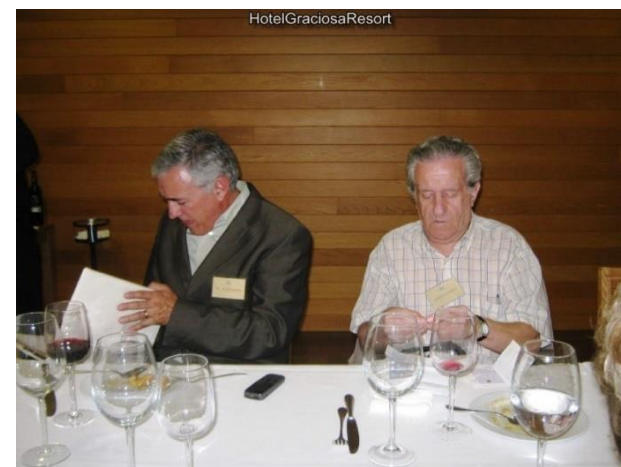
26º LOMBA DA MAIA 2016



26º LOMBA 2016



28º STA MARIA 2017



24º GRACIOSA 2015



MAIA 2013



20º SEIA 2013



21º MOINHOS 2014

### Bibliografia

1960, O Homem que Caminhava sobre as Ondas. Peça em 3 atos que marca estreia absoluta do dramaturgo Sociedade Dramática Eborense, Évora. Ed autor, Lisboa.

1962 O Labirinto, inédito

1962, O Servidor da Humanidade. Peça em 1 ato. Prémio Manuscritos de Teatro, 1962. Estreia do autor por uma companhia profissional: Teatro Popular de Lisboa, Estufa Fria, Lisboa, Ed. Panorama,

1965, A Pulga, inédito

1965, A Ilha do Rei Sono. Estreada em Paris em 1965; representada também em vários teatros portugueses e alemães,

1965 Magnífico I, inédito

1966, As Histórias de Hakim (1966). 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça

1966, A Descida aos Infernos. Farsa dramática em dois atos. Peça estreada pela RTP

1968, As Histórias de Hakim. Peça em 3 atos. 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia

<http://coloquios.lusofonias.net/XXXI/> 128

e Suíça.

1972, A ilha do rei Sono, Lisboa, Plátano Ed

1972, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”.

1975, As Cadeiras Celestes. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA.

1976, As Cadeiras Celestes. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA. Lisboa, Ed. Prelo Editora

1977, O Rosto Levantado. 1ª ed., em Algum Teatro, Câmara Municipal de Lisboa, 2009.

1977, in Antologia de poesia açoriana, do séc. XVII a 1975, coord de Pedro da Silveira, Ed Sá da Costa.

1977, O Rosto Levantado (1977 e 1978). 1ª ed. em Algum Teatro, IN-CM, Lisboa, 2009.

1977, A ilha do rei Sono, 2ª ed., com edição em alemão, Lisboa, Plátano Ed

1978, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”.

1979, O Pavilhão dos Sonhos, inédito

1980, Viagem a Damasco, Ed SREC, Angra do Heroísmo,

1988 Os Deserdados da Pátria, 1ª versão, inédito

1982, Do Desencanto à Revolta.

1983, Florânia ou A Perfeita Felicidade. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, que nesse mesmo ano a representou. “Prémio à Publicação”, da Associação Portuguesa de Escritores.

1983, A Paixão Segundo João Mateus, Angra, Ed SREC

1985, D. João no Jardim das Delícias (1985).

1986, Magalona, Princesa de Nápoles

1986, Hakims Geschichten: Kinderstück von Norberto Avila; Kindertheater, Spielzeit 85/86, WLB, 1986 -

1987, D. João no Jardim das Delícias. Ed. Rolim, Lisboa,

1988, Viagem a Damasco. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1988.

1988, D. João no Jardim das Delícias, peça estreada pelo Teatro Experimental de Cascais

1988 Os Deserdados da Pátria Ver Do Desencanto à Revolta

1988, O Marido Ausente. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,

1989, O Marido Ausente. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. 1989, As Viagens de Henrique Lusitano (1989).

1990, Viagem a Damasco, estreada pelo Grupo de Teatro Alpendre, Angra do Heroísmo.

1990, As Viagens de Henrique Lusitano. Edição SPA, Lisboa,

1990, A Donzela das Cinzas (1990).

1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Angra, SREC

1990, Uma Nuvem sobre a Cama (1990). Escrita a convite do Teatro de Portalegre

1990, Florânia ou A Perfeita Felicidade. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, Ed. Signo, Ponta Delgada,

1990, A Donzela das Cinzas. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,

1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Ed. SREC, Angra do Heroísmo.

1991, As Viagens de Henrique Lusitano: narrativa dramática em 2 partes (versão para marionetas), Sociedade Portuguesa de Autores, 1991 - 91 páginas

1991, Uma Nuvem sobre a Cama. Escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1991.

1991-1993, O Marido Ausente. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas “Teatro Europeu Hoje”, em 6 países.

1992. A Donzela das Cinzas (1990). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1992

1992. Arlequim nas Ruínas de Lisboa. Escrita a convite do Inatel. Teatro da Trindade, Ed Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa,

1992, As Fajãs de São Jorge, Álbum. Fotografia e texto. ed. Câmara Municipal, da Calheta, São Jorge, Açores,

1993, No Mais Profundo das Águas, romance.

1993, Os Doze Mandamentos (1993). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre

1994, Os Doze Mandamentos. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a representou em 1994. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,

1995, Fortunato e TV Glória.

1996, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”. Estreada pelo Teatro “A Oficina”, Guimarães.

1996, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavaleiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio,

1997, O marido ausente, Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1989. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas “Teatro Europeu Hoje”, em 6 países (1991 a 1993),

Lisboa, ed. Colibri

1997. Uma nuvem sobre a cama, comédia erótica em duas partes, Lisboa, ed. Colibri

1997, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, estreada pelo Grupo de Teatro “A Oficina”, Guimarães

1998, Os Deserdados da Pátria (1988). (Ver Do Desencanto à Revolta 2003.)

1998, Fortunato e TV Glória. Peça estreada pelo Teatro Animação de Setúbal,

1998, No Mais Profundo Das Águas, romance, Lisboa, Ed. Salamandra

1999, Percurso de Poeta, poesia. Prémio Natália Correia, 1999. ed. autor, Lisboa,

1999, A Donzela das Cinzas. Estreada pelo Teatro Passagem de Nível, Alforeslos,

2000, Salomé ou A Cabeça do Profeta. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. Ed Novo Imbondeiro, Lisboa

2002, O café centauro: tríptico provinciano, Novo Imbondeiro Editores, 2002 - 86 páginas

2002, As Suaves Luvas de Londres. Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa

2002, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavaleiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio, As Suaves Luvas de Londres, ed. Novo Imbondeiro, Lisboa

2003, Do Desencanto à Revolta, conjuntamente com a peça Os Deserdados da Pátria, com a qual forma um díptico Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa,

2003, Frente à Cortina de Enganos, romance. Inédito

2004, Arlequim nas ruínas de Lisboa, Novo Imbondeiro, Lisboa.

2006, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, ed. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo,

2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,

2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, estreou em 2008.

2008, Memórias de Petrólio Malabar. Peça expressamente escrita para a revista Prelo, que a publicou no seu nº 8 maio - agosto de 2008.

2009, Da espiga ao espírito, Angra, in Atlântida, vol. LIV, IAC (Instituto Açoriano de Cultura)

2009, O Rosto Levantado. 1ª ed., em Alguém Teatro, Câmara Municipal de Lisboa,

2009, O Rosto Levantado, Teatro CENDREV, Évora

2009, Alguém Teatro, 1966-2007. Vinte peças em 4 volumes, com um longo prefácio: Apresenta-se o Autor com as Suas Peças. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

2011, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, Angra, Instituto Açoriano de Cultura,

2011, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, Edição da Sociedade Portuguesa de Autores / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011

2013. Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia

2013. Dois irmãos gémeos de Santa Comba e outras histórias, in Atas do 20º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal

2014. Alguém teatro na internet, in Atas do 22º colóquio da lusofonia

POEMA “DECLARAÇÃO” -

[https://www.youtube.com/watch?v=G8-FIFRK2SS&INDEX=148&LIST=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKER](https://www.youtube.com/watch?v=G8-FIFRK2SS&INDEX=148&LIST=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER)

CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #16

[https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/870/CADERNO-16-NORBERTO-AVILA-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-(E-SUPLEMENTOS)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/870/CADERNO-16-NORBERTO-AVILA-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF)

SUPLEMENTO #16

[https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/801/SUPLEMENTO-16-NORBERTO-AVILA-II.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-(E-SUPLEMENTOS)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/801/SUPLEMENTO-16-NORBERTO-AVILA-II.PDF)

VER VÍDEO HOMENAGEM 2016 AICL EM

<https://www.youtube.com/watch?v=EXKCPMPJBW&FEATURE=Youtu.be> [https://www.youtube.com/watch?v=EXKCPMPJBW&T=6S&LIST=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKER&INDEX=88](https://www.youtube.com/watch?v=EXKCPMPJBW&T=6S&LIST=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER&INDEX=88)

\_HOMENAGEM A NORBERTO EM 2016 NA EBI MAIA

[https://www.youtube.com/watch?v=Q\\_MGR1DPUAI&T=0S&LIST=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKER&INDEX=72](https://www.youtube.com/watch?v=Q_MGR1DPUAI&T=0S&LIST=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER&INDEX=72)

VER VÍDEO HOMENAGEM AICL 2015

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/video-homenagens-aicl/2074-homenagem-aicl-a-norberto-%C3%A1vila-2015.html>

É SÓCIO AICL.

- FOI AUTOR HOMENAGEADO EM 2016 E NO 4º PRÉMIO AICL AÇORIANIDADE.

PARTICIPOU NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º EM SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019

#### 34. PEDRO ALMEIDA MAIA, ESCRITOR, S MIGUEL, AÇORES CONVIDADO



##### **Pedro Filipe Almeida Maia**

nasceu em 29 de junho de 1979 na cidade de Ponta Delgada,

é psicólogo, mestre em Psicologia do Trabalho, das Organizações e dos Recursos Humanos (WOP-P) pela Universidade de Coimbra e pela Universidade de Barcelona,

licenciado em Psicologia pela Universidade dos Açores.

Na área da Psicologia, é coautor na série de livros infantis “Vamos Sentir com o Necas” (Minotauro, Grupo Almedina), que integra o Panorama Editorial de 2015 do Boletim do Núcleo Cultural da Horta, e o Plano Regional de Leitura dos Açores.

Na escrita de ficção, é autor dos romances policiais “Bom Tempo no Canal: A Conspiração da Energia” (Letras Lavadas, 2012), vencedor do prémio literário Letras em Movimento 2010, e “Capítulo 41: A Redescoberta da Atlântida” (Letras Lavadas, 2013), que integra o Plano Regional de Leitura dos Açores. Escreveu também o drama “Nove Estações” (Letras Lavadas, 2014), selecionado para a Mostra LabJovem 2014, e o romance de ficção científica “A Viagem de Juno” (Letras Lavadas, 2019).

Na poesia, venceu o prémio Discover Azores 2014 com o poema “Vinhas e Epigeus”, e publicou “A Escalada de um Manco” (e-Manuscrito, 2017).

Assinou crónicas dedicadas às artes, na rubrica “Pavilhão Auricular”, e à sátira, em “Cronicista”, tendo contribuído para os jornais Terra Nostra, Fazendo, Diário Insular, Correio dos Açores, Açoriano Oriental, Portuguese Times (EUA) e Mundo Lusíada (Brasil).

No conto, escreveu “O Galheteiro de Prata”, selecionado para a Antologia de Contos 2018 do Centro de Estudos Mário Cláudio.

Foi um dos membros fundadores da PENA (Plataforma de Escrita Nova Açoriana) e também do Coletivo NAU (Novos Autores Unidos).

Foi considerado Escritor do Ano 2014 pelo jornal Correio dos Açores,

integra o Conselho Editorial da Letras Lavadas edições desde março de 2018.

**Prepara uma série televisiva.**

**Sinopse:** “[A Viagem de Juno](#)”,

Aron Hilmarsson, um geólogo islandês, acorda em Moscovo no ano de 2049, após um período de criopreservação de mais de trinta anos.

Durante a sua ausência, um acontecimento trágico acelerou o aquecimento global e fez subir o nível médio dos oceanos para níveis inesperados.

Numa era em que as alterações climáticas quase obrigam ao abandono da aviação civil, há interesses conflituosos entre organizações multinacionais, mas há um arquipélago de nove ilhas no meio do Atlântico que se consegue adaptar aos novos tempos, onde as pessoas se deslocam em rápidos comboios de levitação magnética, por túneis que atravessam os oceanos.

“A Viagem de Juno” encerra um exercício sensível sobre o que pode suceder ao planeta, e sobretudo aos oceanos, daqui por umas décadas, e encerra uma trama poderosa que tem como pano de fundo a ambição e a ganância desmedidas.



VEJA-O AQUI NOS AÇORES VIP

<https://www.youtube.com/watch?v=WFYP7NPF9EK>

LEIA A ENTREVISTA EM

<https://www.agendadosacores.publicor.pt/mini-entrevista-a-almeida-maia-um-escritor-que-nao-se-deixa-leva-pe-lo-impulso-da-criacao-difilmente-criara-algo-de-diferente/>

SÓCIO DA AICL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

35. PEDRO PAULO CÂMARA, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES, AICL



27º BELMONTE 2017



29º BELMONTE 2018



29º BELMONTE 2018



30º MADEIRA DO PICO 2018



**PEDRO PAULO CÂMARA**, licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores, Tem pós-graduação em Estudos Interculturais - Dinâmicas Insulares, é professor desde 2003, sendo, na atualidade, coordenador do Centro de Ocupação - Circum-Escolar “Farol dos Sonhos” e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação e Cultura, Comunicação e Media.

Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

É autor da obra Perfumes (Poesia, 2011); de Saliências (Poesia, 2013), e do romance histórico Cinzas de Sabrina (2014), sendo a sua mais recente colaboração em coletâneas O Lado de Dentro do Lado de Dentro, projeto que visa a promoção da leitura em ambiente prisional. Durante o período da sua existência, foi colaborador e representante regional da revista poética A Chama – Folhas Poéticas.

Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criador, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro.

Em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela Mirateca artes, com o conto (Re)Descobrir Açores, sendo que, desde então, tem colaborado na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e participado de diversos eventos do mesmo.

É o coordenador dos saraus poéticos “Vozes de Lava”, que contam já com duas edições, em colaboração com o Coro Polifónico de Ginetes, do qual é, também, consultor artístico.

Desde 2014, é colaborador do magazine local O Poente. É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística Cadernos de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte e que está em implementação na freguesia de Ginetes, ilha de São Miguel, e que, posteriormente, irá envolver as freguesias circundantes, num processo natural de evolução.



26º LOMBA DA MAIA 2016



27º BELMONTE 2017



25º MONTALEGRE 2016



29º BELMONTE 2018

Tema O assassínio de Deus em Húmus, de Raul Brandão, Pedro Paulo Câmara

Raul Brandão é possuidor de uma vasta e aclamada obra jornalística e literária que atingiria o expoente máximo na primeira metade do século XX. Contemporâneo, portanto, do modernismo português, e sorvendo, também, dos seus preceitos, é considerado por muitos estudiosos, como Eduardo Lourenço, como um dos mais importantes representantes da corrente expressionista, em virtude da perspetiva existencial expressa nas suas obras e da matéria pessimista das mesmas. Húmus, tal como várias obras suas, desnuda as agitações emocionais do indivíduo, bem como as sensações vivenciadas e os sentimentos experienciados de forma dramática, exponencial, amplificada e, até, deturpada pelo exagero da forma adotada. A essência da humanidade espraia-se pelas páginas da obra, como o muro circunda a vila, e como o grito mudo que se instala no mais profundo que existe da alma humana. Nesse contexto, importa analisar a forma como se verifica a representação da existência de Deus em Húmus, e o efeito que essa eventual presença, ou a necessidade de um seu renegamento, terá na vida do indivíduo ficcional abalado pela monotonia das rotinas fastidiosas e impostas, pela penúria do Ter e do Ser, pela solidão, de que resulta a revelação trágica da vida.

Trabalho final não recebido

**SÓCIO DA AICL. - ADJUNTO DA DIREÇÃO DA AICL,**

**- MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA,**

**FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.**

**- SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL DA AICL.**

**PARTICIPOU NO 22º COLÓQUIO SEIA 2014, NO 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO, 29º BELMONTE 2018, 30º NA MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019**

**36. PIKI PEREIRA, CANTORA TIMORENSE**



29º BELMONTE 2018

29º BELMONTE 2018



29º BELMONTE 2018



29º BELMONTE 2018



29º BELMONTE 2018



22º SEIA 2014



22º SEIA 2014



22º SEIA 2014



**Lisete Matos Gomes Pereira da Rosa**, mais conhecida como **Piki Pereira**, nasceu no dia 20 de julho de 1965 na cidade de Dili, em Timor-Leste.

Iniciou o seu percurso musical com tenra idade, ganhando gosto de cantar e tocar viola aos 10 anos. Sem nenhuma formação musical, a cantora foi aprendendo e aperfeiçoando a arte por si própria. No ano seguinte, 1976, teve a sua primeira experiência musical com o grupo Five Fingers.

No entanto, ainda teve tempo para se dedicar ao desporto praticando as modalidades de basquetebol, patinagem e vólei, chegando até representar a seleção de Timor nos anos vindouros, nas modalidades de futebol, basquete e também vólei.

Quatro anos após ter iniciado a sua caminhada na música, deu-se o fim da banda Five Fingers e a cantora tentou seguir a sua carreira a solo, atuando em festas, casamentos e festivais que decorriam no país.

Existindo pouquíssimas mulheres a cantar naquela época, Piki foi convidada para integrar o grupo Arco-Íris, que tinha como vocalista o famoso cantor timorense Tony Pereira, juntando-se a ele e aos restantes, mas com o título de voz feminina da banda, reforçando a ideia de que as mulheres poderiam conquistar o seu espaço no panorama musical e ajudar a expandir a cultura timorense.

A banda Arco-Íris teve imenso sucesso, chegando a gravar sete álbuns (cassetes) e atuando em várias partes do país. Mais tarde, o grupo estaria completo com as presenças de Chico Gama (vocalista/viola) Dinus Guttenberg (baixo) e Anito Matos (voz), que se juntam assim a Tony Pereira, Piki Pereira e José Cameirão. Em 1982, a cantora ganhou o Festival da Canção em Timor, onde teve a oportunidade de cantar no mesmo palco que muitos cantores e grupos famosos da época.

Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Em 1987, Piki, juntamente com a sua família, abandona Timor-Leste devido à situação política e de guerra em que se encontrava o país, e imigra para Portugal, para a cidade de Lisboa, concretamente para a zona de Carcavelos onde viveu alguns anos com a sua família numa pensão.

Apesar das mínimas condições em que se vivia, nada impediu que continuasse a cantar e que tentasse singrar nesta nova realidade que era representar a identidade cultural do seu país em terras lusas.

Tendo a felicidade de conhecer alguns amantes da música timorense na zona onde residia, apresenta-se logo a ensaiar algumas músicas tradicionais que, mais tarde, cantou em concertos em sítios conhecidos como a Aula Magna, Teatro S. Jorge e em festivais folclóricos em redor do país.

Não deixando o seu amor pelo desporto, Piki Pereira representou a equipa de voleibol feminino da Instituição Sporting Clube de Portugal até 1989, conquistando alguns troféus e alegrias com os simpatizantes do clube, naquela altura. Alguns anos mais tarde, casou-se e constituiu família abdicando da música devido à falta de tempo e trabalho. Atualmente, vive com a família em Belas e encontra-se a realizar um trabalho discográfico com a colaboração de António Soares, mais conhecido por Nick Fingers.

Apesar da longa paragem devido a motivos de força maior, a cantora está de volta e espera continuar a desenvolver o seu trilha, naquilo que mais gosta de fazer.

Lisboa, 6 de março 2014, Piki Pereira Rosa - Vokalista no muzika

PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS ABR 13 2019 1

[HTTPS://YOUTU.BE/6DEYJQEMDS4](https://youtu.be/6DEYJQEMDS4)

PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS ABR 13 2019 2

[HTTPS://YOUTU.BE/TPFY4Y72QR8](https://youtu.be/TPFY4Y72QR8)

PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS ABR 13 2019 3

[HTTPS://YOUTU.BE/PSCYPKJUJH8](https://youtu.be/PSCYPKJUJH8)

PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS ABR 13 2019 4

[HTTPS://YOUTU.BE/3QAJLRRVRNM](https://youtu.be/3QAJLRRVRNM)

PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS ABR 13 2019 5

[HTTPS://YOUTU.BE/FZlHTOKTII](https://youtu.be/FZlHTOKTII)

PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS E LUÍS TAKAS CARDOSO ABR 13 2019 6

[HTTPS://YOUTU.BE/\\_ZlX2KQCLRO](https://youtu.be/_ZlX2KQCLRO)

PIKI PEREIRA, MITO DEUS, PEDRO PAULO CÂMARA E CAROLINA CORDEIRO

[HTTPS://YOUTU.BE/5B7C1UQ3M0Y](https://youtu.be/5B7C1UQ3M0Y)

\_PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS EM

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=R-4TGNDXLM](https://www.youtube.com/watch?v=R-4TGNDXLM)

CONCERTO 2015 EM TIMOR EM

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VS8FDDNZL4M](https://www.youtube.com/watch?v=VS8FDDNZL4M)

KOLELEMAI EM

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SJV\\_NNYMISQ](https://www.youtube.com/watch?v=SJV_NNYMISQ)

HADOMI TIMOR EM

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QDDOXLrUE9W&list=RDQDDOXLrUE9W](https://www.youtube.com/watch?v=QDDOXLrUE9W&list=RDQDDOXLrUE9W)

ULUK FOU FOUN EM

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HDXMZPGYPI4&list=RDQDDOXLrUE9W&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=HDXMZPGYPI4&list=RDQDDOXLrUE9W&index=2)

FILA FALI MAI EM

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COMWATCH?V=BHNAMHFAMA0](https://www.youtube.com/watch?v=BHNAMHFAMA0)

O NIA LIAFUAN EM [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COMWATCH?V=SYFKEF9RCVM](https://www.youtube.com/watch?v=SYFKEF9RCVM)

MIX EM

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COMWATCH?V=HDXMZPGYPI4&START\\_RADIO=1&LIST=RDHDXMZPGYPI4](https://www.youtube.com/watch?v=HDXMZPGYPI4&START_RADIO=1&LIST=RDHDXMZPGYPI4)

JÁ PARTICIPOU EM SEIA NO 22º COLÓQUIO 2014, NO 29º BELMONTE 2018 E 31º BELMONTE 2019

**37. REINALDO FRANCISCO DA SILVA, UNIVERSIDADE DE AVEIRO, CEAUL, FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA**



28º VILA DO PORTO 2017

**REINALDO FRANCISCO DA SILVA,**

*Nascido em Portugal em 1961, Reinaldo Francisco Silva emigrou para a América em 1967, estabelecendo-se em Newark, New Jersey.*

*Foi educado, tanto nos Estados Unidos e Portugal.*

*Tem dupla cidadania.*

*Lecionou na Rutgers University, New York University, New Jersey Institute of Technology, Seton Hall University,*

*Atualmente é Professor Assistente de Inglês na Universidade de Aveiro em Portugal*

**Graus Académicos:** (1998) Ph.D., English, New York University, New York, NY, USA. Major fields of concentration: 19th and 20th century American literature; American Realism and Naturalism; Portuguese American literature; postcolonial, cultural, and ethnic studies; (1994) M. Phil., English, New York University, New York, NY, U.S.A.; (1989) M.A., English, Rutgers University, Newark, New Jersey, U.S.A.; (1985) Licenciatura, Modern Languages and Literatures (English and French studies), University of Coimbra, Coimbra,

**PROJETOS DE INVESTIGAÇÃO: PEN PAL IN TRANSLATION**

**ARTIGOS EM REVISTAS (INTER)NACIONAIS COM ARBITRAGEM CIENTÍFICA:**

(2012). "From Colonial Myopia to Cosmopolitan Clear-sightedness and Back Again: Twain's Imperial Relapses in Backward, Rural Societies." *The Mark Twain Annual* vol. 10. 1: 91-108.

(2009-2010). "Pride and Rejection: In Search of Portuguese Roots in Julian Silva's Fiction." *Gávea-Brown: A Bilingual Journal of Portuguese-American Letters and Studies*. 30-31: 11-23.

(2009). "T. S. Eliot and the Prémio Camões: A Brief Honeymoon and Anointment of Portuguese Fascist Politics." *Yeats Eliot Review* 26.2: 16-23.

(2008-2009). "The United States through the Eyes of the Educated Immigrant: The Case of Jorge de Sena." *Portuguese Studies Review* 16 (2): 121-134.

(2008). “From Political Refugee to Object of Sexual Desire: The Role of the ‘Young Portuguese Lady of Rank’ in Hawthorne’s ‘Drowne’s Wooden Image.’” op. cit.:Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos / A Journal of Anglo-American Studies vol. 10: 127-144.

(2008). “The Tastes from Portugal: Food as Remembrance in Portuguese American Literature.” Ethnic Studies Review 31.2: 126-52.

#### LIVROS, CAPÍTULOS DE LIVROS E OUTRAS PUBLICAÇÕES:

(2012). “Madly in Love Outside the Church and the Nunnery: The Portuguese Priest and Nun Revisited in Katherine Vaz’s Fiction.” ExpandingLatinidad: An Inter-American Perspetive. Ed. Luz Angélica Kirschner. Trier, Germany and Tempe, Arizona: WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier and Bilingual Press at Arizona State University, 71-85.

(2011). “Her Story vs. His Story: Narrating the Portuguese Diaspora in the United States of America.” Narrating the Portuguese Diaspora: Piecing ThingsTogether. Ed. Francisco Cota Fagundes, Irene Maria F. Blayer, Teresa F. A. Alves and Teresa Cid. New York: Peter Lang, 49-62.

(2010). “De ‘refugo’ a cidadãos de pleno direito: Imagens seletivas de portugueses na literatura norte-americana.”<http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2010/01>.

(2009). Portuguese American Literature. Turril, Penrith UK: Humanities-Ebooks, LLP. ISBN 978-1-84760-108-7.

(2008). Representations of the Portuguese in American Literature. North Dartmouth, MA: Center for Portuguese Studies and Culture/University of Massachusetts Dartmouth.

#### ORGANIZAÇÃO DE ENCONTROS CIENTÍFICOS:

(2013). Member of the Organizing Committee of the “Neither Here nor There, Yet Both: International Conference on the Luso-American Experience,” Faculty of Letters, University of Lisbon/Faculty of Humanities and Social Sciences, New University of Lisbon, Portugal, July 11-12, 2013.

(2013). Inaugural exhibit and talk on American explorers and travelers, sponsored by the American Corner Program/Embassy of the United States of America, at the Library of the University of Aveiro, February 18, 2013.

(2012). Member of the Organizing Committee of the Commemorative Conference of the 25<sup>th</sup> Anniversary of the Portuguese Association for Comparative Literature, University of Aveiro, Portugal, December 5-7, 2012.

(2012). Coordinator and presenter of Professor James Ragan, who gave a lecture on “Connections between Cinema and Literature” at the Department of Languages and Cultures, University of Aveiro, on October 18, 2012, a talk sponsored by the American Corner Program at the Aveiro University Library in conjunction with the American Embassy in Lisbon.

#### COMUNICAÇÕES APRESENTADAS EM CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS:

(2013). “Shoving God into the Backseat: The Erosion of the Divine as Loss of Ethnic Identity in Portuguese American Literature,” presented at the Annual Meeting of the American Comparative Literature Association, Global Positioning Systems, University of Toronto, Toronto, Ontario, Canada, April 4-7.

(2012). “Donald R. Taft’s Two Portuguese Communities in New England: A Case Study on the Portuguese ‘Plague’ and Discourse on Eugenics in the United States,” presented at the annual conference of the European Association for American Studies, “The Health of the Nation,” Ege University, Izmir, Turkey, 30 March-2 April.

(2010). “Revisiting Ancestral Roots in Katherine Vaz’s Fiction: Padre Amaro and Mariana,” presented at the Bi-annual Conference of the International Association of Inter-American Studies, “Transnational Americas: Difference, Belonging, Identitarian Spaces.” University of Duisburg-Essen, Essen, Germany, November 11-13.

(2009). “Madly in Love Outside the Church and the Nunnery: The Portuguese Priest and Nun Revisited in Katherine Vaz’s Fiction,” presented at the 4<sup>th</sup> International Society for the Study of American Women Writers Conference, Philadelphia, Pennsylvania, U. S. A., October 24.

(2009). “From Colonial Myopia to Cosmopolitan Clear-sightedness: The Influence of Europe in Correcting Mark Twain’s ‘Visual Disorders’,” presented at the Sixth International Conference on the State of Mark Twain Studies, Elmira College, Elmira, NY, August 6-8.

(2008). “Searching for Anchors of Ethnic Identity in Katherine Vaz’s Fiction,” presented at the Second Biennial Conference of the Contemporary Women’s Writing Network – Unsettling Women: Contemporary Women’s Writing and Diaspora, University of Leicester, Leicester, United Kingdom, July 11-13.

(2008). “Literature at the Service of Politics: The Immigration Acts of the 1920s and the Demonization of the Portuguese in American Writing,” presented at the Sixth Biennial Conference of The Society for Multi-Ethnic Studies: Europe and the Americas (MESEA), Leiden University, the Netherlands, June 25-28.

#### COMUNICAÇÕES APRESENTADAS EM CONFERÊNCIAS NACIONAIS:

(2013). “‘Playing in the Dark’ with Portuguese Statues in the United States of America: João Rodrigues Cabrilho, Peter Francisco, and Catarina de Bragança,” presented at the “Neither Here Nor There, Yet Both: International Conference on the Luso-American Experience,” Faculty of Letters, University of Lisbon/Faculty of Humanities and Social Sciences, New University of Lisbon, Lisbon, Portugal, July 11-12.

(2012). “Portuguese Americans on Screen: Hollywood Gone-a-Changing or the Power and Persistence of Stereotypes?,” presented at the International Congress “Changing Times: Performances and Identities on Screen,” Faculty of Letters, University of Lisbon, Portugal, 7-9 November.

(2012). “From Obscurity to the Pantheon of Portuguese American Heroes: Recycling Peter Francisco for Ethnic Minority ‘Feel Good’ and Uplift,” presented at the International Conference Recycling Myths, Faculty of Letters, University of Lisbon, Portugal, 2-5 May.

(2011). “Watch Out for the ‘Black Portygee’!: Paranoia and Fear of Portuguese Commixture in American Literature,” presented at the 32<sup>nd</sup> Conference of the Portuguese Association for Anglo-American Studies, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, May 12-14.

(2011). “From the Top of the Racial Pyramid in Hawaii: Demonizing the Hawaiian Portuguese in Elvira Osorio Roll’s Fiction,” presented at the 2nd International Conference on Anglo-Portuguese Studies, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon, Portugal, April 18-29.

(2009). “De ‘refugo’ a cidadãos de pleno direito: Imagens seletivas de portugueses na literatura norte-americana,” presented at the round table, A Presença e a Imagem dos Portugueses nos EUA, Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisbon, Portugal, 22 October.

(2008). “Pride and Rejection: In Search of Portuguese Roots in Julian Silva’s Fiction,” presented at the «Lusofilias»/Portuguese Studies colloquium, Department of Languages and Cultures, University of Aveiro, November 13-14.

(2008). “Her Story vs. His Story: Narrating the Portuguese Diaspora in the United States of America,” presented at the Narrating the Portuguese Diaspora (1928-2008): International Conference on Storytelling, University of Lisbon, Lisbon, Portugal, October 23-25.

(2008). “Mary McCarthy, V. S. Pritchett e Richard Franko Goldman: Os Sucessos e Insucessos da Política de Salazar,” presented at the 29th Annual Conference of the Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, University of Aveiro, Aveiro, Portugal, April 17-19.

TEMA As festas do Espírito Santo na diáspora norte-americana como incentivo à escrita luso-americana. The Holy Ghost Feasts in the California Diaspora as an Incentive for Portuguese American Writing, Reinaldo Francisco Silva. Universidade de Aveiro

O presente ensaio propõe-se analisar as tradições associadas ao culto do Espírito Santo na diáspora norte-americana da Califórnia e a forma como estas festividades incentivaram alguma da produção literária de três escritores norte-americanos de ascendência Terceirense, nomeadamente os seguintes: 1) David Oliveira, no seu poema, “Stations of the Cross,” na coletânea *In the Presence of Snakes* (2000) e em *A Little Travel Story* (2008) e “Festa,” na coletânea *As Everyone Goes* (2017); 2) Katherine Vaz, no seu conto, “The Man Who Was Made of Netting” na coleção *Our Lady of the Artichokes and Other Portuguese-American Stories* (2008); 3) Anthony Barcellos, no seu romance, *Land of Milk and Money*, publicado em 2012.

Proceder-se-á assim a uma análise detalhada da forma como cada um dos referidos autores abordou estas questões culturais e religiosas que se prendem com as migrações e a diáspora portuguesa na América do Norte, designadamente a preservação e/ou apagamento da cultura, da memória e da identidade ancestrais. A revisitação destas manifestações através dos seus textos literários contribuirá para iluminar a relação destes escritores com o seu legado linguístico-cultural, levado para a diáspora pelos seus pais, avós ou bisavós. O estudo em apreço pretende em última instância pôr em evidência as marcas, intergeracionalmente transmitidas, que ainda persistem da cultura portuguesa de origem nas obras dos supramencionados autores lusodescendentes, espelhando a preservação da respetiva identidade nacional no seio de um espaço cultural, incluindo linguístico, diferente e também ele heterogéneo.

(O autor pede desculpa por não ter tido tempo de traduzir o texto originalmente escrito em Inglês)

This essay aims at analyzing the traditions associated with the observance of the Holy Ghost celebrations in the California diasporic communities and the way in which these festivities have been an impulse for some of the literary writings produced by three American writers whose ancestors hailed from the island of Terceira, namely the following ones: 1) David Oliveira, in his poems, “Stations of the Cross” and “Why is there anything?,” in the collection *In the Presence of Snakes* (2000) and in *A Little Travel Story* (2008) as well as “Festa,” in his most recent volume of poetry, *As Everyone Goes* (2017); 2) Katherine Vaz, in her short story, “The Man Who Was Made of Netting,” in her collection, *Our Lady of the Artichokes and Other Portuguese-American Stories* (2008); and, finally, 3) Anthony Barcellos, in his inaugural novel, *Land of Milk and Money*, published in 2012.

I will endeavor to provide a detailed analysis of how each one of these authors addressed these cultural and religious manifestations, which are truly related to issues pertaining to the Portuguese migrations and the diasporic communities in North America, namely the preservation and/or erasure of their ancestral culture, memory and identity. Revisiting these manifestations through their literary texts will, undoubtedly, contribute to our understanding of the relations between these writers and their linguistic and cultural heritages, taken there by their parents, grandparents or great-grandparents upon emigration.

Lastly, the intent of the study under review is to highlight the lingering ethnic footprint, transmitted from one generation to the next, in the aforementioned works by these American writers of Portuguese descent. Moreover, I also attempt to analyze how these texts mirror the preservation of their national identity within a much wider American cultural and linguistic framework.

Before delving into the writings at stake, I will first provide a historical framework in order to understand the origin of these rituals associated with the Holy Ghost, how they were adapted within the wider Christian church and, eventually, adopted in Portugal in the Middle Ages. Afterwards, I shall trace their introduction in the Azorean islands, mostly in the island of Terceira, after their discovery and subsequent peopling of these Atlantic islands. I will then go on to discuss the religious and cultural importance imbued in these feasts – especially as markers of identity in the Azorean/Portuguese diasporic communities in California – the place where these writers were born, reared and came of age. And, lastly, delve into the literary contributions these three contemporary voices left for posterity regarding their family's observance of the religious and cultural festivities associated with the Holy Ghost and how they were shaped by them.

### Historical Background of the Holy Ghost Feasts in North America

When writing about the Holy Ghost feasts in “Festas do Espírito Santo,” João Leal notes that in the United States of America and Canada, the Holy Ghost feasts were recreated by Azorean immigrants in the course of two distinctive phases. The first one developed between the years of 1870 and 1930, when the first wave of Azorean emigration to the USA took place (as well as to Hawaii). In the particular case of the USA, these immigrants settled down in California and New England. Although whaling had been the initial motive luring this first group to the whaling centers, New Bedford and Nantucket, the decline in this activity after the turn of the nineteenth-century determined their embracing other professional activities such as the following: agriculture and cattle-raising, in California, and blue-collar work in the New England textile mills. With the Immigration Acts of 1917-1924, followed by the Great Depression of 1929, Azorean emigration to the USA was interrupted, and it would only resume between the years comprising the 1960s and the 1980s. In the United States, California and New England continued to attract these new waves of immigrants. Concurrently, this second wave of immigration would also include a brand-new set of destinations, more specifically Canada (and Bermuda). In Canada, most of these immigrants engaged in construction work, mostly in building new railroads while others took on farm work. Shortly afterwards, they relocated to the big cities (Toronto, Montreal, and Vancouver), where they started working in factories and construction (men) or in housekeeping and cleaning-related services (women). Because of both waves of immigration, the estimated number of people with a Portuguese descent currently living there is about 1.8 million: 1.4 million living in the United States (90% of which mostly from the Azores) and 420.000 in Canada (70% of which originally from the Azores).

As we can observe, Leal provides us with relevant, concise information regarding the immigration patterns, settlement and economic pursuits of these Portuguese. In this section, I am indebted to his work and find it extremely useful for our understanding of how the three American writers – David Oliveira, Katherine Vaz, and Anthony Barcellos – confirm these historical realities.

With both migration waves, the attempt at recreating these feasts in the diaspora followed quite shortly given that the first feast was held in Carmelo, in 1865. In the following decades, the number of feasts increased considerably in California; by the end of the nineteenth-century, at least twenty-six were held each year. But it was mostly during the first decades of the twentieth-century that the number of feasts, which kept up with the pace of growth in immigration figures, became far more evident: between 1910 and 1930 the rhythm of growth in these

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

festivities was at least thirty per decade. Because of this, at the end of the 1920s, the total number of Holy Ghost feasts in California was one hundred and thirty. In New England (Massachusetts, Rhode Island, Connecticut and New Hampshire) the first feast took place much later, in 1877, in Fall River. The growth in these feasts throughout the nineteenth-century was also slower: only five feasts were held in 1910. But in the beginning of the twentieth-century, the rhythm associated with the launching of new feasts increased; and even if the numbers are not as representative as in California, in 1929, there were at least a total of thirty feasts in New England.

This momentum in founding new feasts – which also includes a feast in Hawaii – slowed down after the 1930s, mostly because Azorean immigration came to a standstill. Both in California and in New England, the number of new feasts that were created between the decades of 1930 and 1950 became residual. Along with the assimilation of second-generation Azoreans within the larger American society, there was, in fact, a decrease in the number of feasts, which is well documented in California. There, the total number of feasts that were actually discontinued from 1860 until 2000 was forty-five, with the majority having probably ended during the years after World War II.

After 1960, with the second wave of Azorean immigration, the movement to recreate these feasts was renewed. Moribund festivities or feasts that had been interrupted were, then, revitalized and new feasts were soon created. Meanwhile, in opposition to what had occurred in the period between 1860 and 1940, the rhythm of starting new feasts was more manifest in New England than in California. Between 1960 and 1990 – when this second wave of immigration also ended – nine new feasts were, in the meantime, launched in California, in contrast to thirty-four in New England. After 1990, the creation of new feasts has been residual, but even so, it was more significant in New England – with fifteen feasts – than in California, where only two new ones were started. To compensate for this decline, in the meantime, new feasts were launched in other American States, where many Azorean immigrants have relocated to, especially those originally from California and New England. Such is the case with Florida, where many retired immigrants – the majority hailing from New England – have been settling down in the course of the past few decades and where six feasts are held every year. Such is also the case with the States of Idaho and Colorado, where new feasts were launched by groups of immigrants originally from California.

The first Holy Ghost feasts in Canada date back to the 1960s. The first one began in 1962 in Cambridge, Ontario. Throughout the 1960s, five new feasts were also launched, but it was mostly during the 1970s and 1980s that this momentum accelerated: fifty new feasts were then created. After 1990 – with the ensuing decline in Azorean emigration to Canada – the movement towards recreating feasts became – just as had been the case in the United States – more residual, but, nonetheless, nineteen new feasts came about during this period.

Currently, there about two hundred and ninety Holy Ghost feasts in North America. In the United States, the total number is 202: 99 feasts are held in California, 91 in New England, 6 in Florida and 5 in States close to California (Colorado and Montana). On the other hand, in Canada, eighty-seven feasts take place every single year: 59 in the province of Ontario; 11 in Quebec, 7 in British Columbia and 10 in other Canadian provinces (Manitoba and Alberta). There are also feasts in Hawaii and Bermuda.

Although some of these feasts – especially in the United States – are organized by third- and fourth- generation descendants of Azoreans, the vast majority of feasts in North America is organized by first-generation immigrants, who structure them, initially, according to the different models prevalent in the islands where they are originally from. Hence, in California, where most Azorean immigrants living there came from the central group of islands composing the Azorean archipelago (Terceira, Pico, São Jorge, Faial, and Graciosa), most feasts might have initially followed the pattern prevalent in these islands, but it seems as if later on they evolved into a more standard pattern. This shift may have emerged and, actually, been facilitated by the existence of a common framework which brought these different feasts together, the so-called IDES (*Irmandade do Divino Espírito Santo* or The Brotherhood of the Divine Holy Ghost) in the State of California. In New England and Canada, where most immigrants residing there are originally from São Miguel, most feasts tend to follow the Saint Michael's model. This tradition, however, does not necessarily invalidate the possibility of organizing these feasts according to other models prevailing in other islands.

While these feasts tend to follow the model prevalent in the islands where these immigrants were originally from, these Holy Ghost feasts have also undergone important changes in the North American diaspora. One of the most prominent was the introduction of the so-called queens and their subsequent accommodation in the ritual sequence: children or adolescents from the female gender dressed up in luxurious attire, who have taken on a central role in these festivities. First introduced in California during the first decades of the twentieth-century, this innovation quickly disseminated among many feasts in New England and Canada and, as such, added an additional North American touch to these feasts. In addition to these queens, other significant innovations were also included, namely those pertaining to the dates and the types of organization of these feasts, the ritual's script, as well as their religious, cultural, and social meanings. Because of these changes, the Holy Ghost feasts in North America took on a distinctively American character. As such, these Portuguese individuals with an Azorean heritage were gradually shaped by these new forms of religiosity, sociability, and identity. Furthermore, they used these important instruments as a means to negotiate their cultural and social integration within the multicultural landscape of their new country of adoption.

### A Historical Perspective of the Origin of the Feast of the Holy Ghost and How it Is Still Celebrated in California

Before moving on to a lengthier discussion of these matters, the information in this section was adapted from Tony P. Goulart's essay, “*The Holy Ghost Festas: A Historic Perspective of the Portuguese in California*,” published by the Portuguese Chamber of Commerce of California, in San Jose, California, in 2002.

Goulart notes that each year in the Portuguese communities, especially those with an Azorean background, there are held *Festas do Espírito Santo* (the Holy Spirit feasts). They involve a dressed parade with some paraders carrying baskets of bread on their heads, the crowning of queens of the festivals, and a community meal in each community. Prominently displayed during each festival is a crown topped with an image of a dove. This festival is usually held on Pentecost Sunday (Whitsuntide or Whitsunday), the seventh Sunday after Easter, but could be held on any Sunday between Easter and Pentecost Sunday.

The participants and onlookers think of the festival as a quaint manifestation of Portuguese community spirit. It is usually organized and presented by a local non-church organization but utilizes church facilities. Little do the onlookers know that this festival had its origins in a radical theological movement that was widespread in Europe but survived largely only in Portugal because the King and Queen in Portugal moderated its radical elements and supported its observation.

### The Distant Origins of the Festival

There was a widespread belief throughout Europe as the year 1000 AD and a change in the millennium approached, that something significant would happen that year. Some, called *Millenarians* believed a new era would begin, perhaps even the Second Coming of Christ. When nothing like a new era happened in 1000 AD the *Millenarians* shifted their projected time for a change in the era to sometime in the future.

In Italy there was a monk named Joachim who was born in 1132. He became the abbot of a monastery in Fiore, Italy. He considered what might be the implications of the concept of God as a trinity; i.e., the Father, the Son and the Holy Spirit They were of equal importance. Joachim then reflected that the Old Testament of the Bible concerned the Father and the New Testament concerned the Son. He then reasoned that there must be three eras for humanity: 1) The Era of God the Father lasting from 1260 B. C. to the time of Christ; 2) The Era of God the Son lasting from 0 AD to 1260 AD; 3) The Era of God the Holy Spirit to commence in 1260.

According to Joachim, based upon his reading of *Revelations* and *the Book of St. John*, the Era of the Holy Spirit would bring peace, justice, equality, tolerance and brotherly love. People would lead lives of simplicity, innocence, happiness and freedom from sin. It would be the *Empire of the Holy Spirit*. Abbot Joachim died in 1202.

Joachim's idea of a utopia on Earth captured the minds of many, notably many monks in the Franciscan Order. This utopian philosophy, however, also intrigued members of the royalty. The intellectuals of the time, including Dante, were taken by the beauty of Joachim's image of paradise on Earth. Intellectuals throughout history have been captivated by plans or prescriptions for utopias.

Some of the followers took the ideology of the Era of God the Holy Spirit a step further. They reasoned that the Catholic Church was an institution of the Era of the Son and should therefore disappear in the Age of the Holy Spirit. This was too much for the Catholic hierarchy and the Church commenced a program to suppress the ideology of Joachim and his followers. In 1256, Pope Alexander IV condemned as heresy all writings promoting the ideology of Joachim. Subsequently the movement concerning the Era of the Holy Spirit was wiped almost everywhere in Europe. Groups of Franciscan monks resisted the condemnation of the concept of an Era of the Holy Spirit as did the Order of the Knights Templar.

### The Survival of the Holy Spirit Movement in Portugal

In Portugal, the Queen Isabel, originally a Princess of Aragon, was an enthusiast for Joachim's vision and her husband King Dom Dinis also became one. They, however, saw no need for the disappearance of the Catholic Church and its hierarchy. Isabel was accepted by the populace as a saint in her own lifetime and made officially a saint by the Catholic Church after her death.

So, the King and Queen of Portugal promoted the celebration of the Festival of the Holy Spirit throughout their kingdom. Sometime between 1296 and 1325 they established a church in the city of Alenquer dedicated to the Holy Spirit. It was staffed by Franciscan monks. Later a hospital was built in Alenquer along with the church.

The Royal Couple also created a lay brotherhood to organize the Festivals of the Holy Spirit. The Festivals included a ceremony for crowning a commoner as the representative of the *Emperor of the Holy Spirit*. The crown used in the coronation initially had a cross on top, but later that cross was replaced or superseded by a dove. The cross was a symbol of the Era of God the Son whereas the dove was the symbol of the Era of God the Holy Spirit. So the Festival of the Holy Spirit was thoroughly a celebration of Joachim's concept of the Era of the Holy Spirit. It survived in Portugal due to the support of the King and Queen of Portugal with their accommodation of the Catholic Church.

Several elements of the festival stem directly from the life of Queen Isabel, such as the distribution of bread. There was a famine in Portugal. Queen Isabel began to take food from her table to the poor. Her husband, King Dinis, admonished her to stop doing so. One time he saw her with something under her cloak and suspected it was bread and thus evidence of her disobeying him. Isabel said a quick prayer and when she opened her cloak it was roses, which tumbled out instead of bread. The use of a crown in the festival stems from Queen Isabel praying for the suffering of the people to be alleviated and promising that she would give her crown to the ceremony if the people's suffering were reduced.

### The Establishment of the Devotion to the Holy Spirit in the Azores Islands

The Azores were discovered by Portuguese ship navigators spotting in the distance hawks soaring over the Islands. The name *Azores* means goshawk in Portuguese. The Azores consist of nine major islands in three groups. Officially, they were discovered in 1427, but they apparently were spotted by passing ships before that because they appear on some maps created before 1427. First sheep were brought to some of the islands and freed in hopes that they would multiply and provide food for passing ships and later for settlers. In the 1430s there were settlements made on two of the islands. However, settlement of some of the islands did not begin until two decades later in 1439.

The settlement of the islands was under the administration of the Knights of the Order of Christ, the organization that was the successor to the Knights Templar. Prince Henry of Portugal was the Grand Master of the Order of Christ. Franciscan friars were involved in the early settlements. Those friars promoted the creation of brotherhoods to organize the Festivals of the Holy Spirit. The brotherhoods were also devoted to the building of hospitals.

There were many Flemish people involved in the early settlements partly because too few Portuguese were interested in migrating to distant volcanic islands. The Flemish were people of Dutch language and culture who lived in Belgium. The Flems had revolted against their ruler, Duke Philip of Burgundy. Duke Philip's wife was the sister of the Prince Henry of Portugal. She asked Prince Henry to allow the rebellious Flems to settle in the Azores. Prince Henry agreed and supplied transportation. Those transported Flemish families adopted Portuguese family names.

There were also Portuguese Sephardic Jewish families who had been forced to convert to Christianity who migrated to the Azores to escape the surveillance of the Inquisition.

The Festival of the Holy Spirit survived in the Azores and became a distinctive element of Azorean culture. Therefore, the Festival was brought to America and preserved as a treasure of their culture. Thus, a remnant of a radical utopian ideology created in the 14th century was preserved as a cultural heritage without the participants being conscious of its radical origin. As noted earlier, and confirmed by Leo Pap, these feasts became a distinctive trait of diasporic life and, through time, would inevitably become Americanized. "Over the decades," writes <http://coloquios.lusofonias.net/XXXII/> 140

Pap, “the Holy Ghost festival as celebrated by Azorean-Americans [...] naturally underwent some modifications that may be loosely characterized as ‘Americanization,’ or perhaps simply as a weakening of tradition.” Some of these changes or even the “purpose of the ceremony,” argues Pap, “is all but forgotten” (Pap 196). With this historical information as a backdrop, let us now move on to the writers themselves and ascertain how each one of them fleshed out these historical, sociological, and cultural realities in their stories and poems.

**The Holy Ghost Feast by Portuguese American Writers from California. David Oliveira’s poems, “Stations of the Cross” and “Why is there anything?”**

In David Oliveira’s (1946-) poems on ethnicity and how it was shaped or conditioned by the larger mainstream Anglo culture, to which he is comfortably accommodated and of which he is an integral part, is perhaps where he comes close to his Azorean heritage. This includes the poems where he touches upon the foods, the customs, the poet’s Catholic upbringing, his parents and grandparents who opened the doors to these ancestral ways. The poem, “Stations of the Cross” is a case in point. In these writings, however, we witness a residual presence of this Old World past which, in America, has become filtered and whose vigor has been lost through successive generations. In essence, in layman’s English, it is a watered-down version of the real thing. Possibly one of the most riveting poems where ethnicity is brought into the fore but keeping the focus on the poet’s *via dolorosa* in life, is “Stations of the Cross” (*Snakes* 2-8). It consists of a sequence of fourteen poems focusing on the main points or phases in Oliveira’s life paralleling Christ’s carrying of the Cross to Golgotha. Briefly, and without focusing on all of these pieces, the sequence spans the poetic voice’s birth, the choice of name, growing up as a child, attending school, sex and masturbation, religious values and praying the rosary, Catholic guilt, his upbringing and his college days, making choices in life, etc. In the section “David Assumes His Mission,” we are introduced to an inquisitive boy who feeds on stories from the Old World told to him by his grandparents: “I am in bed begging for a story / between two grandparents who want to sleep. / It’s here I receive the holy gospel / of the Portuguese: Saints Isabella, / Anthony, the children of Fatima” (*Snakes* 2). This suggests that the future poet would later shape these stories, which were conveyed to him by his grandparents, and from which he drew spiritual sustenance. As in so many ethnic literatures, the figure of the grandmother (and the grandfather, as well) is emblematic, for she is the liaison between the ancestral culture and the grandson. Presumably, as religious persons, they are the ones who give shape to the stories they had narrated to him much earlier. On this issue, Fred L. Gardaphé has noted that

The key to reading the literature produced by third-generation Italian American writers is observing the role that the grandparent plays in connecting the writer to his or her ancestral past. A significant difference between second- and third- generation writers, then, is this presence of a grandparent figure who serves to reconnect the protagonist to a past out of which the protagonist fashions an ethnic identity. (120)

In the section “David Encounters the Sorrowful Woman,” Oliveira recalls having been introduced to Our Lady of Fatima and why his parents want him to join them in praying the rosary: “The conversion of Russia and world peace / have become the responsibility / of our family. We do what we can, / Monday through Friday, kneeling in front of / the television to say the rosary / with Bishop Sheen” (*Snakes* 3). These recollections from the past clearly attest to the poet’s Catholic upbringing and, as potential materials for the craft of poetry, would be later shaped into poems such as the one on Henry Simas, who, we learn in “Why is there anything?” “spent a year at seminary wondering why he / wanted to be a priest” (*Travel* 62). This poem contains a few references to the community’s Holy Ghost feast such as the time when Henry was “driving the homecoming king and queen in the town’s annual / parade” or at “Another time, at the Kings County Fair, Henry spent forty dollars to / win five-dollars of plaster shaped like Our Lady of Fatima.” This poem is clearly about finding answers for some particular issue and, most of the time, Henry Simas is said to have one.

This poem has a few “ethnic signs” and even if the poet’s intention was to not elaborate on them, these references point to a few traditions that are kept alive in the Portuguese diaspora in a few Californian communities. To name, the crowning of the Queen and the food that is served during the luncheon, which is reminiscent of the traditions Azorean immigrants brought with them to the diaspora. These traditions, however, originated in their devotion to the *Rainha Santa Isabel* (1271-1336), saint and queen (the wife of King Dinis), who assisted the poor and needy. Catholics believe that she performed the miracle of the white roses (unavailable in the month of January, as we learn in the legend), which, some believe, were transformed into bread, and later given to feed the poor. This tradition of distributing sweet bread or providing a meal for the community is still observed every year, especially on the island of Terceira, from where Oliveira’s ancestors came from. For the reasons pointed out earlier, the scope of this poem is simply another one, but these allusions are, nonetheless, embedded within it. The reference to Queen Isabella or the Our Lady of Fatima also appear in the previous poem, “Stations of the Cross” (here within the context of childhood), but they are nowhere fleshed out either in these or in any of his other poems. Furthermore, poetry also has its limitations regarding this possibility, something a narrative does not. It is quite understandable that, as a third generation American of Portuguese descent, these references may not have even been given to him by his ancestors. Presumably, they may not have been well versed in Portuguese history given their condition as immigrants who had to leave behind a world of poverty and just a basic three- or four-year elementary education or even illiteracy (some of his grandparents). Not to mention the parents’ generation, most of whom sought to Americanize as quickly as possible for several reasons ranging from shame, erasing their ethnic background to being accepted in America. One can, therefore, ask: So how can these matters be dealt with in an adequate manner given these realities? This is why I view some of these ethnic poems as mirroring this reality – of mere references without much cultural substance – even if we, as readers would enjoy viewing these connections being established more forcefully in some of the poems under review.

**David Oliveira’s poem, “Festa”**

Compared to Oliveira’s previous collections of poetry, *In the Presence of Snakes* and *A Little Travel Story*, his ancestral Portuguese/Azorean culture and upbringing are residual in *As Everyone Goes*. His relocation to Cambodia in 2002 might also explain this reality. In this volume, however, references to Oliveira’s ancestral Portuguese/Azorean culture are even thinner. There is no reference to the inspirational grandfather/grandparents’ figure, their stories from the Old World, the religious and cultural echoes they brought from the Azores at the end of the nineteenth- or early twentieth- centuries and passed on to the grandson. So, what is actually here in this volume that the writer tries to hold on to as an anchor of a distant ethnic past and upbringing, in California?

The poem “Festa” is perhaps as close as the reader may get in this volume to the poet’s ancestral culture – not language, however. Starting off with a few recollections of the author’s College days as an undergraduate in 1969, the first two men on the moon and Nixon’s inauguration, the poem “Festa” gradually narrows down to focus on the poet’s immediate family and life in Hanford, California, where he grew up in a Portuguese community: his brother’s being drafted into the Vietnam war; his father’s carrying the banner “for the Knights / of Columbus, and the honor of America, Portugal, and the Holy / Ghost”; the *Espírito Santo* procession through the streets of Hanford; the traditional meal during this festivity which had been brought to the communities by Azorean immigrants from the island of Terceira, like Oliveira’s own grandparents; to the dancing of the *chamarrita* and the traditional music played on such festive occasions; to the endless list of Portuguese last names (some of which Anglicized such as Perry/Pereira), to allude to the “Centuries before this morning’s sunrise, Dom Henrique’s protégés sail wooden ships laden with sweet tastes from the Malaccas to the Fraternal Hall kitchen” and the role of the Portuguese navigators in charting the world during the Age of European Discoveries and the spices and gold they brought along with them. The poem also takes the author back in time to recall the hospital where he was born, his father’s “dark hair and handsome smile” and his mother’s talent as a seamstress:

.....Behind Dad, the parade  
of Portuguese queens and their courts, radiant in rhinestone ti-

aras and weeks of sewing. My young sister is stunning in white  
satin sheen, her carmine cape trimmed in imitation ermine, 500  
seed pearls stitched to the velvet by our mother’s hand...” (18).

*A Little Travel Story* was dedicated to his parents, Frank James Oliveira and Mary Alice Souza Oliveira, but these nostalgic images invite us to ponder the poet’s recollections of his progenitors and his fondness for them.

#### Katherine Vaz’s story, “The Man Who Was Made of Netting”

Katherine Vaz’s (1955- ) carefree ways with the divinity in her collection, *Our Lady of the Artichokes and Other Portuguese-American Stories* evince a different approach towards the divine compared to her previous writings. In my view, they mark a different relationship with Catholicism and its representation in Portuguese American writings. Some of the stories are quite comical such as the story, “All Riptides Roar with Sand from Opposing Shores,” where Lara Pereira writes funny letters to sister Lúcia. Published in 2008, the major theme around which most of the stories composing *Our Lady of the Artichokes* revolve is the issue of generational differences and cultural assimilation. Possibly the best story in the entire collection, “The Man Who Was Made of Netting,” happens to be about the Holy Ghost festivities in the California diaspora. It narrates the story of Manny Cruz, who had “bought his daughter a cape that would stun everyone into silence. It cost him ten thousand dollars, half of which he had taken from the Miscellaneous account at his brother-in-law’s furniture company, where Manny kept the books” (67). He “planned to replace the money as soon as humanly possible” (67). Gemma, his daughter, would wear it at the annual Portuguese Holy-Ghost Festival in Monterey and it was simply exquisite, a piece of art: “The cape had a lengthwise gold weave with rusts and reds that looked like tongues of fire, and the opposite weave was brilliant white. On the whole sweep of it sequined doves held ribbons attached to fishes in a sea that was a froth of lace” (70). He hopes it will assist her in attracting some Hollywood scout who would be attending with some producer intent on turning the Monterey Portuguese community and their religious rituals into a movie. Manny has his hands full. For one thing, he is terrified of being caught. Almost as bad, he is a single dad – the child’s mother vanished with an older, richer man – and he has promised to stop gambling, while trying to cope with raising a moody teenager. The story abounds with minute descriptions of the procession and is rich with references to the origin of the Holy Ghost festivals and Queen Isabel of Portugal, who had “declared that each year, at Pentecost, the poor and hungry to be fed for free, and the nobility should give them robes and crowns and sit down with them” (75). Gemma’s remark to her father as she was parading down the street with the other girls, “Wouldn’t Grandpa love to see me now?” brings a flood of recollections and feelings of nostalgia for his father while reconnecting with his ancestral roots in Vila de São Sebastião, on the island of Terceira, in the Azores, where his father had been a “gardener and expert grafter” before immigrating to the Portuguese diaspora in California. This story is replete with feelings of ethnic pride while zooming in on this annual Holy Ghost festival, which functions as an anchor for ethnic identity.

#### Family Conflicts in Anthony Barcellos’ *Land of Milk and Money*: From Ethnic Pride to Ethnic Depersonalization

Anthony Barcellos’ novel, *Land of Milk and Money* (2012) revolves around the biblical passage featuring Cain and Abel – but within the contemporary context of family feuds and greed in the Portuguese diaspora in California. This piece aims at highlighting this saga, which covers a few generations of the Francisco family, an immigrant family, while showing the gradual, but inexorable, assimilation of their Azorean traditions into a new and overwhelming American culture. The three or four generations in *Land of Milk and Money* follow the customary path of assimilation – from immigrants, to hyphenated-Americans, to hybrids plunging into the vast Crèvecoeur melting pot. In this generational saga, they become this depersonalized American, this “new man” with all the traits that this assimilation entails – egotism, greed, envy, and nasty family feuds – and with the concomitant loss of a simpler, humanistic way of life, marked by genuine feelings of brotherly love towards one another.

In a book review titled, “California, or God’s Country,” Vamberto Freitas has shown that most of Anthony Barcellos’ novel, *Land of Milk and Money* updates this biblical passage – but within the context of ugly family feuds and greed in the Portuguese diaspora in California. “It is a universal portrait of greed and feigned love,” writes Freitas, “an almost biblical retelling of the oldest of human themes, brother against brother, clan against clan: there is nothing like the dividing up of property and money to reveal all our venom and envy and, once again, the greed that drives the world of business and prosperity.” Barcellos’ novel tells the story of the Francisco family, Portuguese immigrants from the Azores, who settle on a dairy farm in California’s Central Valley. Their plans to eventually return to the Old Country fall by the wayside as their success grows and their American lives take root. The legacy of one generation becomes a point of contention as the members of the next generation begin to compete to inherit and control their heritage, which includes herds of cattle and tracts of farmland.

The death of Teresa Francisco, the family’s matriarch, sets off a string of battles (both personal and legal) between brothers, spouses, in-laws, and cousins. A courtroom confrontation over Teresa’s will is at center stage as the contending factions discover that the old lady had plans of her own for securing her legacy.

This piece aims at highlighting this saga, which covers a few generations of this immigrant family, while showing the gradual, but inexorable, assimilation of Old-World traditions into a new and overwhelming culture. Like many other similar stories, this one is no exception. Paulo and Teresa, the patriarch and matriarch of the dynasty remain throughout their lives more Portuguese than American.

*Land of Milk and Money* is a splendid contribution to this emerging field of Portuguese American studies and an invaluable fictional representation of the Portuguese contribution to California’s dairy industry. In my view, it is the best fictional work to date on this theme, the process of acculturation, assimilation, the erosion of Portuguese “ethnic signs” (William Boelhower), etc. Not even the references writer Katherine Vaz makes to these matters in *Saudade* (1994) and *Fado & Other Stories* (1997) or *Sixty Acres and a Barn* (2005), by Alfred Lewis, have such depth. Like his predecessors, Barcellos fictionalized one of the most lucrative activities the Portuguese from many decades ago ever engaged in in the United States – the dairy industry – and, hence, confirms Leo Pap’s contention that “it was the dairy industry more than gardening that produced the relative wealth of California’s Portuguese ethnics” (144). Around 1915, notes Pap, the Azorean settlers there “owned about half of all the dairy land in the San Joaquin Valley, and together with compatriots in coastal areas were then producing well over half of all the milk, cream, and butter (but not cheese) in California” (145). Moreover, writes Pap, in “the early 1930s the Portuguese in California were estimated to control 60 to 70 percent of the state’s dairy industry” (145).

In this story about assimilation, Paul and Teresa Francisco, the old-timers, are the ones who uphold Old World values and ways in America. In the chapter “June 1943- Chico Is a Citizen,” we learn that his wife Teresa would remain loyal to her Portuguese ancestry and nationality. After declaring on oath that he renounced his former Portuguese citizenship, thinking to himself, “*Adeus, Portugal!* Goodbye, Portugal” (116), for Teresa, this “was too much” (117). Even if it was a hassle for her dealing with bureaucracy every year, she renewed her alien resident status without complaining. By refusing to learn the English language, this will force her children and grandchildren to continue speaking in Portuguese to her, but “ever more rudimentarily,” notes Julian Silva, “until by the fourth generation the old language has been almost completely subsumed by American English, though some ancient customs, such as the festival celebrating the Feast of the Pentecost, continue to be observed.”

In contrast, the second and third generations exhibit little or no interest in the Old Country or what it represents. On occasion, some of Chico's and Teresa's children or grandchildren speak some Portuguese or display a few ethnic signs on special occasions involving festivities or family gatherings, but often, some of them do not necessarily know what they mean. They engage in these rituals because it is merely a custom, a tradition – like asking for their grandmother's blessing, attending the Pentecost feast, or eating certain sweets or meals. In "May 1947 – Boys meet Girls," we learn how the two Avila sisters, Odile and Odette, met Paulinho and Candido at the Pentecost feast. The "Avila girls were dressed in long pink gowns because they had been attendants to the Queen of the Pentecost *feira*. They had marched in the parade, attended the High Mass, dined on *sopas* at the long trestle tables in the Holy Ghost hall," but it seems that what they really wanted was to wander freely and "check out the other young people in attendance" (30). Whether they actually knew or understood the religious and cultural meanings of this event we, as readers, do not know, but the narrator immediately provides the reader with the following information:

Many Portuguese families traveled for miles to attend Pentecost celebrations in various towns. The Holy Ghost was revered in the Azores as the special guardian of its nine islands, and most of the Portuguese immigrants in California were islanders. The characteristically Azorean celebration of the Festa do Divino Espírito Santo had become an indispensable part of maintaining the immigrant community's unity and identification with the homeland. (30)

Perhaps, this is what this feast meant for the older generations, but for the younger ones, the more Americanized, it "was also a meat market" (30). The parents of this younger generation tried to "herd" their "unattached sons and daughters...to the annual *festas* in hopes of finding ethnically and religiously suitable partners" (30). The next generation, that is, Mary Carmen, the daughter of Paulinho (Teresa's granddaughter), is dating a young man from the mainstream, Gerry Chamberlain. From one generation to the next, ethnicity inexorably dissolves into the wider American mainstream.

What really matters at the end of this novel now is finding some family member who might be willing to carry the family legacy and business when most of the family is either dead, scattered or has pursued another career other than the family's dairy business. (Paul through higher education or Paulinho fixing TVs). In "January 2006- Legacy" – the hope lies in Paulinho's grandson, that is, Hank's son, for the baby's first word was neither "mama" or "dada." The boy's first word was 'cow'" (324). When this boy becomes a grown man, it is quite probable that he will have no Portuguese ethnic signs to display. In this sense, Julian Silva confirms my view of this novel as a story focusing on assimilation, a "saga covering many generations of an immigrant family" in which the "obvious objectives is to show the gradual, but inexorable, assimilation of old world traditions into a new and overwhelming culture." This novel traces the gradual, that is, generational disappearance of one's country of origin to create what J. Hector St. John de Crevecoeur, in *Letters From and American Farmer* (1782) has postulated as this "new man," who is quintessentially American. Worth keeping in mind, nonetheless, is that with *Land of Milk and Money* we are given a truly unique and the most up-to-date fictional piece of writing about the role of the Portuguese in the California dairy industry.

As this exposition and discussion have shown, I attempted to pinpoint in this essay the origins, development, adaptation and dissemination of the Holy Ghost festivities into the wider Portuguese diasporic world. What started in the Middle Ages as the Friar Joachim's response to biblical exegesis to King Dom Dinis' and the Queen Saint Isabel's accommodation of charity and a miracle to understand the Holy Trinity's sacred ways to this ritual of feeding the poor in the Azores after it having been peopled and much later on carried to the North American diaspora – and elsewhere – we witness in these writers' accounts of the Holy Ghost feast in California a more mundane attachment. Whether it was a means to feed the imagination of a grandson, who thrived on stories from his grandparents to help him fall asleep, to the showing off of the Queen's luxurious outfit to attract an all-American boyfriend or simply to have fun; or simply eat a Holy Ghost meal at a yearly gathering at the feast and find a suitable mate to marry, we have come to the conclusion that from one century to the next or from one generation to the next, the original meaning of the Holy Spirit has undergone a radical change and may have completely eclipsed from what it was originally understood as. With these writers, at least, we can witness how it is slowly being dissolved into the huge American cauldron of ethnic depersonalization.

#### Works Cited

Barcellos, Anthony (2012), *Land of Milk and Money*, Dartmouth, MA: Tagus Press, University Press of New England.

Boelhower, William (1987), *Through a Glass Darkly: Ethnic Semiosis in American Literature*, New York: Oxford UP.

Freitas, Vamberto (2015), "Califórnia, ou o país de Deus." *Açoriano Oriental* Web. 10

March. <<http://www.acorianooriental.pt/artigo/california-ou-o-pais-de-deus>

"California, or God's Country". Trans. Katharine F. Baker and Bobby J. Chamberlain.

Gardaphé, Fred L (1996). *Italian Signs, American Streets: The Evolution of Italian American Narrative*. Durham and London: Duke UP.

Goulart, Tony P. (2002), *The Holy Ghost Festas: A Historic Perspective of the Portuguese in California*. San Jose, CA: Portuguese Chamber of Commerce of

California. Web 4 July 2019 <http://www.sjsu.edu/faculty/watkins/holyspirit.htm>. Leal, João (2019), "Festas do Espírito Santo." Centro em Rede de Investigação em Antropologia, FCSH (UNL). Web 5 July 2019. <http://festasdoespiritosanto.pt/mapas>.

Lewis, Alfred (2005), *Sixty Acres and a Barn*. Ed. Frank F. Sousa. North Dartmouth, MA: U of Massachusetts Dartmouth.

Oliveira, David (2017), *As Everyone Goes*, Cambodia: TreeHouse Press, 2017.

----- (2000), *In the Presence of Snakes*, Santa Barbara, CA: Brandenburg Press.

----- (2008), *A Little Travel Story*, Brownsville, VT: Harbor Mountain Press.

Pap, Leo (1981), *The Portuguese-Americans*, Boston: Twayne.

Silva, Julian (2011), "Review by Julian Silva of 'Land of Milk and Money'." *Comunidades* Web. 29 Nov. <<http://www.rtp.pt/icmblogs/rtp/comunidades/?k=>

REVIEW-by-JULIAN-SILVA-of--Land-of-Milk-and-Money-Anthony-Barcellos.rtp&post=42466.  
Vaz, Katherine (1997), *Fado & Other Stories*, Pittsburgh, PA: U of Pittsburgh P.  
----- (2008), *Our Lady of the Artichokes and other Portuguese-American Stories*,  
Lincoln and London: U of Nebraska P.  
----- (1994), *Saudade*, New York: St. Martin's.

TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 278º EM VILA DO PORTO 2017

38. ROLF KEMMLER, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL – ALEMANHA



MONTALEGRE 2016



MACAU 2011



BELMONTE 2017



GALIZA 2012



28º VILA DO PORTO 2017



19º MAIA 2013



25º FUNDÃO 2015



27º BELMONTE 2017



15º MACAU 2010



**ROLF KEMMLER**, Nascido em Reutlingen (Alemanha) em 23 setembro de 1967, Rolf Kemmler atualmente é professor auxiliar convidado (60%) na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real), membro integrado e Secretário do Centro de Estudos em Letras (CEL) da UTAD.

É agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro desde 9 de abril de 2014 e possui dos graus de doutor.

Desde 6 de julho de 2005 é *Doktor der Philosophie* (Dr. Phil.) pela área das Ciências da Linguagem e da Literatura Universidade de Bremen (Alemanha).

Recentemente, em 9 de novembro de 2018, defendeu com máximo sucesso na Universidade de Vigo (Galiza) a sua tese de doutoramento dedicada aos inícios da aprendizagem e do ensino do alemão em Portugal.

A sua formação académica básica na Eberhard-Karls-Universität Tübingen (Alemanha) terminou com o grau de *Magister Artium* (M.A.) em Filologia Românica em 1997.

Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX.

Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona noventaenista sobre os Açores e à investigação sobre a aprendizagem e o ensino das línguas modernas em Portugal (línguas alemã, francesa e inglesa).

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Sócio Correspondente Estrangeiro da Academia das Ciências de Lisboa, pertence ainda a um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional, sendo sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada, São Miguel, Açores), do Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo, Terceira, Açores).

É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt, Alemanha) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (Lomba da Maia, São Miguel, Açores).

Curriculum Vitæ na plataforma CiênciaVitæ: <https://www.cienciavitae.pt/pt/E316-9F0E-D494> curriculum Vitæ na plataforma ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4389-6551>



17º Lagoa 2012



20º Seia 2013



24º Graciosa 2015



19º MAIA 2013

25º MONTALEGRE 2016

### TEMA 3.4. SÃO MIGUEL E OS SEUS HABITANTES EM A SUMMER TRIP TO THE ISLAND OF ST. MICHAEL, THE AZORES (1872) DE RUPERT SWINDELLS (1835-1908), Rolf Kemmler (Vila Real)\*

#### 1 Introdução

Apesar de termos conseguido oferecer as respetivas referências bibliográficas no nosso levantamento preliminar dos elementos da literatura de viagens anglófona sobre o arquipélago açoriano (Kemmler 2012), foi só muito recentemente que conseguimos obter acesso a um exemplar da (hoje) raríssima obra que o engenheiro britânico Rupert Swindells (1835-1908) publicou como edição de autor. No seu opúsculo, Swindells relata a viagem que empreendeu durante o mês de julho de 1876, a fim de travar um melhor conhecimento da ilha que já tinha conhecido no âmbito de uma viagem anterior desde 1858. Na senda das nossas outras contribuições sobre a literatura de viagens anglófona oitocentista, pretendemos identificar as observações mais relevantes que o autor tece sobre a ilha de São Miguel e os seus habitantes.

#### 2 O autor Rupert Swindells (1835-1908)<sup>66</sup>

Natural da cidade inglesa de Manchester, Rupert Swindells nasceu aos 20 de junho de 1835 como sexto de oito irmãos, sendo filho do empresário William Swindells (ca. 1795-1840) e da sua mulher Hannah Swindells (em solteira Wimpenny, 1805-1877). Engenheiro de formação, tal como indicado no rosto da sua obra, foi sócio da sociedade britânica de engenheiros civis, conhecida como *Institution of Civil Engineers* e da *Royal Meteorological Society*. Como empregado do engenheiro escocês Sir James Brunlees (1816-1892), Swindells esteve envolvido desde 1860 até 1864 na primeira fase da construção *São Paulo Railway* (SPR) durante quatro anos (Swindells 1877: 17-18-19). É uma linha de ferro de 159 km entre o Porto de Santos e Jundiaí (SP) que de facto constituiu a primeira ferrovia naquele estado brasileiro (e a segunda de todo o Brasil). Para além do seu contributo pessoal para a história económica do Brasil, a permanência de Swindells no Brasil foi imprescindível, pois facultou-lhe a necessidade de aprender a língua portuguesa, como afirma o próprio autor:

*Although thirteen years had elapsed since I returned from Brazil, where we were obliged to learn the Portuguese language, still the words came readily when I had to talk with boatmen and drivers about charges* (Swindells 1877: 25).

Tendo-se reformado em 1900, Rupert Swindells passou o resto da sua vida a viver em Birkdale, Southport (perto de Liverpool), onde faleceu no dia 27 de fevereiro de 1908 (cf. Birkdale Cemetery s. d.).

#### 3 A obra *A Summer Trip to the Island of St. Michael, The Azores*

Com um total de sete litografias que se baseiam em trabalhos do nosso autor, a obra *A Summer Trip to the Island of St. Michael, The Azores*, foi publicada por Rupert Swindells em 1877 como edição de autor para ser circulada entre os seus amigos, sendo a obra impressa pela tipografia R. & R. Clark em Edinburgh, na Escócia. O opúsculo tem [X], 129 páginas em nove capítulos e vem complementado por seis apêndices documentais (páginas 131-172).

\* Sócio Correspondente Estrangeiro da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa (ACL) e investigador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). O CEL é uma unidade de investigação financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UID/LIN/00707/2019).

<sup>66</sup> Este capítulo somente conta com uma biografia muito resumida do autor. Para mais informações, remetemos para a respetiva nota biobibliográfica mais elaborada, submetida á revista *Insulana: Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada* (Kemmler no prelo).

A obra é dedicada «To the Memory of my Beloved Mother» (Swindells 1877: [v]), isto é, à memória de Hannah Swindells, que tinha falecido em 28 de março do mesmo ano. A obra, de que se conserva um exemplar na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, é raríssima, pelo que não admira que não seja referenciada na geralmente bem informada *Bibliografia Geral da Açorianidade* de Chrys Chrystello.

#### 4 Rupert Swindells e São Miguel

Como afirma logo no capítulo introdutório, Rupert Swindells travou o primeiro conhecimento com São Miguel, quando, em novembro de 1858 estava a bordo do vapor inglês *RMS Atrato* (1853), no qual tinha embarcado para viajar a Jamaica. Neste âmbito, partilhou a viagem com figuras tão eminentes como o escritor britânico Anthony Trollope (1815-1882) e o engenheiro americano Samuel Morse (1791-1872), entre outros (Swindells 1877: 1-3). Tendo passado novamente pelo arquipélago por causa do seu já referido trabalho como engenheiro na ferrovia da *São Paulo Railroad* entre inícios de 1860 e fevereiro de 1864 (Swindells 1877: 1-3), o autor resolveu voltar a visitar São Miguel no verão de 1876 (Swindells 1877: 11). Assim, saiu em Southampton na segunda-feira, 10 de julho de 1876, chegando a Lisboa às seis da tarde do dia 13 (Swindells 1877: 14). Em Lisboa, embarcou no vapor / veleiro *Atlântico* (que pertencia à *Empresa Insulana de Navegação*, sediada em Ponta Delgada desde 1871 até 1877)<sup>67</sup> no dia 15 de julho, chegando a Ponta Delgada quatro dias depois. Como voltou a embarcar já no dia 28 de julho do mesmo ano (Swindells 1877: 122), pode dizer-se que a redescoberta de São Miguel pelo nosso autor não durou muito mais do que oito dias.

O seu percurso na ilha levou o autor em primeiro lugar a Ponta Delgada, onde, entre outras atividades, foi visitar os jardins botânicos particulares dos proprietários ponta-delgadenses José do Canto (1820-1898), José Jácome Correia (1816-1886) e António Borges da Câmara Medeiros (1812-1879):

*The magnificent gardens belonging to several of the rich men of St. Michael's are unequalled anywhere in the world; and, partly owing to the peculiarity of its damp warm climate, trees from tropical grow alongside those . from colder countries. Senhor José do Canto, Senhor José Jacemo Correio [sic!], and Senhor Antonio Borges da Camara Madeiros [sic!],*<sup>68</sup> *own the largest gardens. All are beautifully and judiciously planted and laid out with considerable taste; each gentleman employs an English gardener; the first is said to have more than one thousand different kinds of trees [...].*

*In all these gardens there are walks, well shaded, in all directions, and occasionally there are places from which there are exquisite views, one such especially in the gardens of Senhor Jose do Canto* (Swindells 1877: 55; 57).

Quer durante a sua estada na capital da ilha, quer ao longo da sua viagem para as Furnas e as Sete Cidades, o seu opúsculo está repleto de observações próprias da esfera de interesse de um engenheiro civil (p. ex. Swindells 1877: 57-61). Mas também se encontram muitas observações pertencentes a elementos da flora e fauna (p. ex. Swindells 1877: 65-66; 67, 85, 86-87,<sup>69</sup> 90-91) e sobre as principais atividades agroeconómicas que estava a observar (p. ex. sobre a laranja: Swindells 1877: 102-105; o ananás: Swindells 1877: 105-108; a baleação: Swindells 1877: 105-108).

No entanto, nem todas estas informações tão específicas são da pena do nosso autor, como se vê no seguinte trecho:

*Agoa de Pao is not many miles from Villa Franca, on the road to the "Cidade," and has several imposing looking churches and good houses. Here, in 1859, was inaugurated a noted musical band called the "União". In this town there was an odd custom of wearing only one boot, leaving the other foot bare: "Um dos costumes que distinguia os moradores da classe baixa d'esta localidade, era o uso singular, e talvez sem exemplo, de trazerem um pé calçado e o outro descalço, vindo assim á cidade ou villas; mas hoje raros são aquelles que usam tão caricato como encommodo costume"* (Swindells 1877: 39).

Tanto a informação sobre a primeira banda de música de Água de Pau, como o relato do hábito de os pobres só terem usado um sapato vêm, *ipsis verbis*, do *Album Michaelense* (1869) de Joaquim Cândido Abranches (1830-1912).<sup>70</sup>

Pouco admira que também Swindells (1877), como muitos autores antes dele, faça questão de se referir aos dois elementos mais icónicos do traje micaelense, o capote e a carapuça:

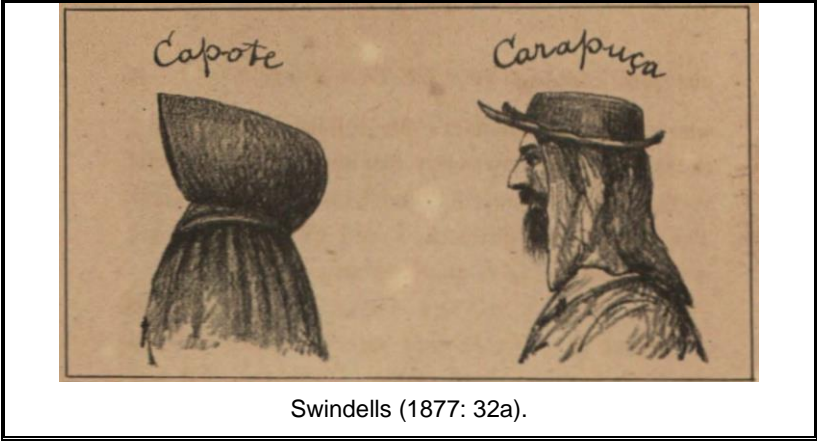
*The dress of the women was one of the first things which struck me as peculiar, certainly not pretty; even though the weather was so hot, they wore their "Capotes" as they are called. Mark Twain, in his Innocents Abroad, humorously describes those he saw in the island of Fayal, thus, "This hood is of thick blue cloth, attached to a cloak of the same stuff, and is a marvel of ugliness. It stands up high, and spreads far abroad, and is unfathomably deep. It fits like a circus tent, and a woman's head is hidden away in it like a man's who prompts the singers from his tin shed in a stage of an opera. There is no particle of trimming about this monstrous capote, as they call it. It is just a plain, ugly, dead blue massif sail, and a woman can't go within eight points of the wind with one of them on, she has to go before the wind, or not at all. The general style of the capote is the same in all the islands, and will remain so for the next ten thousand years, but each island shapes its capotes just enough differently from the others to enable an observer to tell at a glance what particular island the lady hails from". The men too have a peculiar head covering, called a "Carapuça" made also of dark blue cloth, with a large peak in front projecting six to eight inches like a shovel, and turned up like a horn on each side, and with a fall or flap behind and at the sides, which covers the neck and shoulders, protecting them from either sun or rain, and which can be buttoned under the chin. The general dress of the men is also dark blue. My sketch may afford some notion of the male and female headgear of the people of St. Michael* (Swindells 1877: 47-48).

<sup>67</sup> Swindells (1877: 123) afirma ter sido informado por telegrama aos 6 de maio de 1877 que o navio açoriano afundou no Tejo quando bateu contra o Cruzador-Couraçado Vasco da Gama (1876), vindo parar numa profundidade de 14 'fathoms' (ca. 25.6 metros).

<sup>68</sup> Fazendo hoje parte do espólio da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, o livro pertenceu originalmente à biblioteca particular do bibliófilo Ernesto do Canto (1831-1900) que corrigiu os dois nomes em Swindells (1877: 55), mas também noutros lugares.

<sup>69</sup> Ao falar das plantações de José do Canto e da Capela de Nossa Senhora das Vitórias na Lagoa das Furnas (inaugurada em 1886), o nosso autor fala das Araucárias (que identifica pelo sinónimo de *araucaria excelsa*) que já então eram dignas de atenção. Hoje, é precisamente nesta mesma zona que se encontra a «[...] maior Araucaria (*Araucaria heterophylla*) classificada da Europa» (PRC 06 SMI: 2)!

<sup>70</sup> Até mesmo com a grafia algo esquisita 'encommodo', a citação *supra* é inteiramente retirada de Abranches (1869: 85). Já a frase «Também ha n'este logar uma banda de musica inaugurada a 16 de janeiro de 1859, com o nome de =União» obviamente foi traduzida pelo nosso autor.



Como anunciado, a citação oferecida por Swindells (1877) deve-se ao escritor americano Samuel Longhorn Clemens (1835-1910), que ironiza sobre o capote no âmbito do seu retrato das gentes do Faial (Twain 1869: 51-52). Tal como menos bem sucedidamente o fizera Twain (1869: 52) do capote, o nosso autor faz questão de oferecer a uma litografia destes elementos do traje micalense.

Podíamos apresentar as citações de Swindells (1877) sobre a suposta superioridade física dos micalenses em relação aos portugueses do continente, bem como as suas caraterísticas pessoais, os passatempos, as superstições, os hábitos religiosos, etc.<sup>71</sup> Prescindimos, porém, de o fazer, já que os respetivos trechos denotam correspondência textual quase integral com a obra anterior de Boid (1834), pois parece-nos evidente que Swindells, ao longo dos meros oito dias em que esteve na ilha, não se deve ter preocupado tanto com o povo rural da ilha, do que com a *high society* anglófona micalense que encontrava e que o acolhia.

No seguinte parágrafo, o nosso autor observa a forma como a população das Furnas aproveita as caldeiras, destacando ainda o inhame como ingrediente típico para o cozido das furnas:

*The country people save considerable fuel in cooking by these fountains; they place their culinary utensils over the hot springs, or upon some of the steaming crevices; and their cattle by instinct or experience approach these places to clear themselves of vermin, by standing in the sulphurous steam. All around the desolate-looking square quarter of a mile where these springs exist, the vegetation, instead of suffering from the various vapours, seems to thrive exceedingly well, especially a vegetable called here "ignami " or Caladium esculentum, which grows luxuriantly along the banks of the streams, the roots being swamped with the hot water on its way to form the river Quente; these vegetables are considered the finest in the island, and more valued than any other of their kind* (Swindells 1877: 76).

Ainda nas Furnas, o nosso autor observa a forma de viver do povo daquela terra:

*The people of the village are poor, and many of their houses are by no means comfortable, having mud floors and thatched roofs. The peasants are kindly and hospitable; some of the children very pretty; occasionally you see them with black hair and shining eyes, like Spanish gipsies, while others are fair, with flaxen hair and dark blue eyes; but all lacked the rosy cheeks and cherry lips Englishmen so much admire. The men have exceedingly good teeth: my donkey-driver, who was a decidedly handsome fellow had teeth so regular, and of such pearly whiteness, that I think an American dentist, even, could not have copied them perfectly. I often made him laugh in order that I might see his teeth. As we three were walking beyond the "Caldeiras", we were caught in a heavy shower, so took shelter in one of the thatched cottages, and the woman was exceedingly polite, offering us everything she could while we remained under her roof, chatting pleasantly, and amusing my Lisbon friends with the peculiar patois of the island* (Swindells 1877: 80-81).

Sendo simpáticos o hospedeiros, o descritor mais importante do povo da aldeia é de serem pobres, a viver em casas de terra batida e com telhados de palha. O dialeto micalense, enfim, somente lhe vale a classificação como 'peculiar patois of the island'...

A seguinte descrição das casas de Ponta Delgada parece-nos bastante adequada perante o centro histórico de hoje:

*The houses were two and three stories in height, very substantially built of lava, with immensely thick walls to withstand the occasional shocks of earthquake to which they are subject. Some of the exteriors are covered, as in Portugal, with dark blue-and-white patterned glazed tiles, but oftener with plaster, whitewashed, except the cornerstones, doorways, and basements, which are carefully cut basaltic or other volcanic stone of a dark neutral tint. Most of the houses have balconies to the first-floor windows, the latter opening to the floor as in France. The insides of the large old houses are seldom comfortable, at least to the ideas of an Englishman; the ground floors are generally occupied by stables, which always cause the rooms above them to have an unpleasant smell, and they are often infested with disagreeable insects. The exterior of some of the houses belonging to the nobility of the island are very imposing; but of these, being there so short a time, I had little opportunity of seeing the interiors* (Swindells 1877: 46).

É evidente que no entanto muitas casas passaram a adotar uma estrutura diferente, especialmente no que concerne aos estábulos no rés-do-chão e o cheiro que estes emitiam.Nas suas brevíssimas informações sobre as outras ilhas do arquipélago, é de destacar a seguinte notícia dos fósseis da ilha de Santa Maria:<sup>72</sup>

*All the islands are volcanic, and only in one, "Santa Maria", has any stone been found not igneous, a limestone, in which several submarine fossils appear; this rests upon, and is again covered by, basaltic lava, scoria, and conglomerate* (Swindells 1877: 116).

71 Por ser mais pertinente no artigo que se ocupa com as fontes da obra de Swindells (1877), este estudo encontra-se feito em Kemmler (no prelo).

72 Godman (1870: 337) oferece os seguintes esclarecimentos sobre o tópico: «This subject, as regards the Azores, has, so far as I am aware, been investigated by Hartung alone, according to whom the only stratified rocks (containing fossils of salt-water Mollusca) belong to the upper miocenc period, and are only found in Santa Maria, an island I did not visit».

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Deixando de lado o afirmado por Godman (1870), parece aqui que Swindells terá sido o primeiro dos nossos autores anglófonos a preocupar-se com os fósseis de Santa Maria – uma ilha que nunca visitou pessoalmente, pois não chegou a desembarcar com o resto dos passageiros (Swindells 1877: 7-28). No entanto, não se pode esquecer que os geólogos alemães Georg Hartung (1822-1891) e Heinrich Georg Bronn (1800-1862) já tinham estudado os fósseis de Santa Maria na sua obra *Die Azoren in ihrer äusseren Erscheinung und nach ihrer geognostischen Natur* de 1860. Para terminar, não podemos deixar de citar a forma como Swindells descreve a Graciosa que nos acolhe tão bem no XXXII Colóquio da Lusofonia:

*Directly north of São Jorge is the island called "Graciosa", with its town of Santa Cruz. This is one of the smallest of the islands, and is exceedingly pretty, or graceful, as its name signifies. It is highly cultivated, and produces a large quantity of wine, which is consumed in the islands: the only manufacture is brickmaking* (Swindells 1877: 118-119).

Escusam-se mais comentários pois, apesar de todos os louvores merecidos, é evidente que o autor nunca chegou a visitar esta ilha...

### 5 Conclusões

Largamente desconhecida, a obra *A Summer Trip to the Island of St. Michael, The Azores* de Rupert Swindells talvez seja uma das obras menos originais entre a literatura de viagens dedicada aos Açores. Considerando que o autor na viagem em questão somente passou oito dias em São Miguel, realmente não se podia esperar observações muito mais profundas, pois de resto o autor fez aquilo que faziam todos os autores de obras congêneres anteriores e posteriores: foi beber na fonte de outros autores, ora identificando-os, ora não. Devido à sua atividade profissional, nota-se claramente um enfoque em aspetos de natureza prática, relacionados com a construção e com a economia. É um livro de leitura fácil, repleto de informações úteis que, enfim, eram destinadas a ingleses que também ponderavam visitar São Miguel, servindo os jardins de Ponta Delgada e as Furnas como destino favorito predefinido.

### 6 Referências bibliográficas

Abranches, Joaquim Candido (1869): *Album Michaelense*, Ponta Delgada: Typographia de Manoel Corrêa Botelho.

Birkdale Cemetery (s. d.): «Grave E/R3-5: Rupert Swindells, Helen Swindells | Birkdale Cemetery», Southport, Birkdale Cemetery, Section E, Row 3, Grave 5, <http://birkdalecemetery.org.uk/grave-er3-5>.

Boid, [Edward] ('1834): *A description of the Azores, or Western Islands: from personal observation, comprising remarks on their peculiarities, topographical, geological, statistical, etc., and on their hitherto neglected condition, By Captain Boid, late of H. M. F. Majesty's Navy, Knight of the most noble Order of the Tower and Sword, Corresponding member of the Antiquarian Society of Caen, Author of "Travels Through Sicily and the Lipari Islands;" and of "A History of the Various Styles of Architecture*, London: Bull and Churton.

Chrystello, Chrys (ed.) (2017, II): *Bibliografia Geral da Açorianidade*, volume 2, Apoios técnicos e científicos por João Paulo Constância e Rolf Kemmler, Ponta Delgada; Lomba da Maia: Letras Lavadas; Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Godman, Frederick Ducane (1870): *Natural History of the Azores or Western Islands*, London: John van Voorst.

Hartung, Georg / Bronn, H[einrich] G[eorg] (1860): *Die Azoren in ihrer äusseren Erscheinung und nach ihrer geognostischen Natur, geschildert von George Hartung, mit Beschreibung der fossilen Reste von Prof. H. G. Bronn, nebst einem Atlas, enthaltend neunzehn Tafeln und eine Karte der Azoren*, Leipzig, Verlag von Wilhelm Engelmann.

Kemmler, Rolf (2012): «Notas sobre a perceção dos Açores no mundo anglofono novecentista I: Os habitantes dos Açores segundo Thomas Ashe (1813) e Mark Twain (1869)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2012): *Atas / Anais do XVII Colóquio da Lusofonia (Lagoa, São Miguel, Açores): 30 de março a 3 de abril de 2012*, CD-ROM (ISBN 978-989-95891-9-3), ficheiro CD atas Lagoa 2012/atasXVIILagoa2012.pdf, págs. 175-190.

Kemmler, Rolf (no prelo): «Notas biobibliográficas sobre o engenheiro inglês Rupert Swindells (1835-1908) e a sua obra *A Summer Trip to the Island of St. Michael, The Azores* (1877)», artigo submetido: *Insulana: Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada* ISSN 0872-6035.

PRC 06 SMI (s.d.) = «PRC 06 SMI Percurso Pedestre: Lagoa das Furnas, Ilha de São Miguiel NOVA VERSÃO», em: [http://trails.visitazores.com/sites/default/files/prc\\_06\\_smi\\_-\\_lagoa\\_das\\_furnas\\_nova-versao\\_0.pdf](http://trails.visitazores.com/sites/default/files/prc_06_smi_-_lagoa_das_furnas_nova-versao_0.pdf) (ultima consuta: 29 de julho de 2019).

Swindells, Rupert (1877): *A Summer Trip to the Island of St. Michael, The Azores*, By Rupert Swindells, A. Inst. C.E., F. M. S., With Map and Illustrations, Manchester: Printed for Private Circulation [Printed by R. & R. Clark, Edinburgh].

Twain, Mark ('1869): *The Innocents abroad: or The New Pilgrims' Progress, being some account of the steamship Quaker City's pleasure excursion to Europe and the Holy Land, with descriptions of countries, nations, incidents and adventures, as they appeared to the author*, With two hundred and thirty four illustrations, By Mark Twain (Samuel L. Clemens), Hartford; Newark; Toledo; Chicago; Cincinnati; St. Louis; San Francisco: American Publishing Company; Bliss & Co.; R. W. Bliss & Co.; F. G. Gilman & Co.; Nettleton & Co.; F. A. Hutchinson & Co.; H. H. Bancroft and Company.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. -**

**PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020. – VOGAL DA DIREÇÃO DA AICL.**

**- FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.**

**PARTICIPOU NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA (AÇORES) 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013 (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES), 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º ILHA GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019**

39. SÃO JOSÉ MARQUES, BELMONTE, PRESENCIAL



ESTEVE PRESENTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 30º NA MADALENA DO PICO

40. SÉRGIO PROSDÓCIMO, DIRETOR GRUPO GIRA-TEATRO, SANTA CATARINA, ASSISTENTE PRESENCIAL. AICL

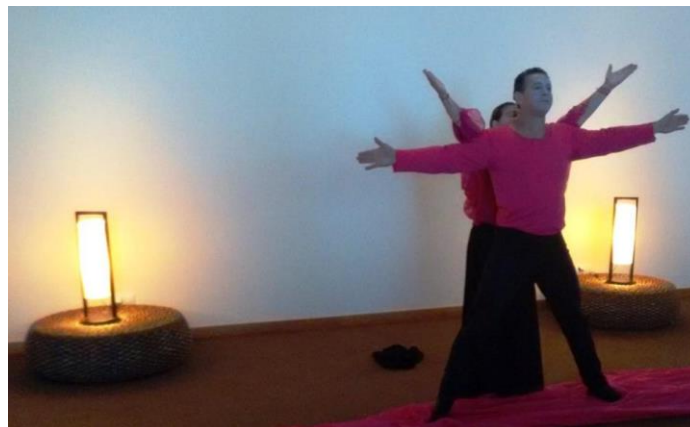


LAGOA 2009

LAGOA 2009

LAGOA 2009

24º Graciosa 2015



24º Graciosa 2015



13º FLORIPA 2010



9º LAGOA 2008



**SÉRGIO DA SILVA PROSDÓCIMO** nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, em 05 de novembro de 1966.

Licenciado em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC;

Especialista em Didática e Metodologia do Ensino: "A arte como meio auxiliar na reeducação de dependentes de drogas", pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro/São Paulo;

Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Atua como arte-educador no Núcleo de Arte Educação do MASC – Museu de Arte de Santa Catarina/FCC (Fundação Catarinense de Cultura); Realizador de projetos de luz cênica em teatros e bandas; Ministra oficinas e workshops com o tema “A Poética do Corpo”; Músico; Ator; Performer; Gestor cultural; fundador e Diretor de expansão do Grupo Gira-Teatro. [prosilva2004@yahoo.com.br](mailto:prosilva2004@yahoo.com.br) / +55 48 9997 8290



24º GRACIOSA 2015

24º COLÓQUIO 2015 TEATRO NA GRACIOSA [https://www.youtube.com/watch?v=SROBBKKHLDG&list=PLWJUYYOUWOKYMKAIEPZF1C\\_4TVTKERI&index=136&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=SROBBKKHLDG&list=PLWJUYYOUWOKYMKAIEPZF1C_4TVTKERI&index=136&t=1s)

*TOMOU PARTE NOS SEGUINTE COLÓQUIOS: 6º NA RIBEIRA GRANDE 2007, 9º LAGOA 2008, 11º LAGOA 2009, 13º EM FLORIPA 2010, 24º GRACIOSA 2015*

*SÓCIO DA AICL.*

41. TEOLINDA GERSÃO, CONVIDADA ESPECIAL



**Teolinda Gersão Moreno** (Coimbra, 30 de janeiro de 1940) é uma escritora e professora universitária portuguesa.

Estudou Germanística e Anglística, na [Universidade de Coimbra](#), Universidade de [Tübingen](#) e na [Universidade de Berlim](#), foi leitora de português na [Universidade Técnica de Berlim](#), docente na [Faculdade de Letras de Lisboa](#) e posteriormente professora catedrática da [Universidade Nova de Lisboa](#), onde ensinou literatura alemã e literatura comparada até 1995.

A partir dessa data passou a dedicar-se exclusivamente à literatura.

Além da permanência de três anos na Alemanha viveu dois anos em [São Paulo](#) (reflexos dessa estada surgem em alguns textos de *Os Guarda-Chuvas Cintilantes*, 1984), e conheceu [Moçambique](#), cuja capital, então Lourenço Marques o lugar onde decorre o romance de 1997 *A Árvore das Palavras*.

Escritora residente na [Universidade de Berkeley](#) em fevereiro e março de 2004, esteve presente na [Feira do Livro de Frankfurt](#) em 1997 e 1999 e, entre outros prêmios literários, recebeu o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores pelo seu romance *A Casa da Cabeça de Cavalo* (1995), os Prémios de Ficção do Pen Clube pelos livros *O Silêncio* (1981) e *O Cavalo de Sol* (1989) e o Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco por *Histórias de Ver e Andar* (2002). Comecei a publicar regularmente em 1981, e os livros que escrevo não envelhecem comigo.

Como escreveu António Guerreiro sobre o meu romance de estreia:

“A receção crítica foi triunfal e afinou pelo tom superlativo da consagração.

Doze anos depois grande era o risco de se ter tornado um objeto cristalizado e enfraquecido. Mas venceu essa prova de fogo e chega-nos intacto.”

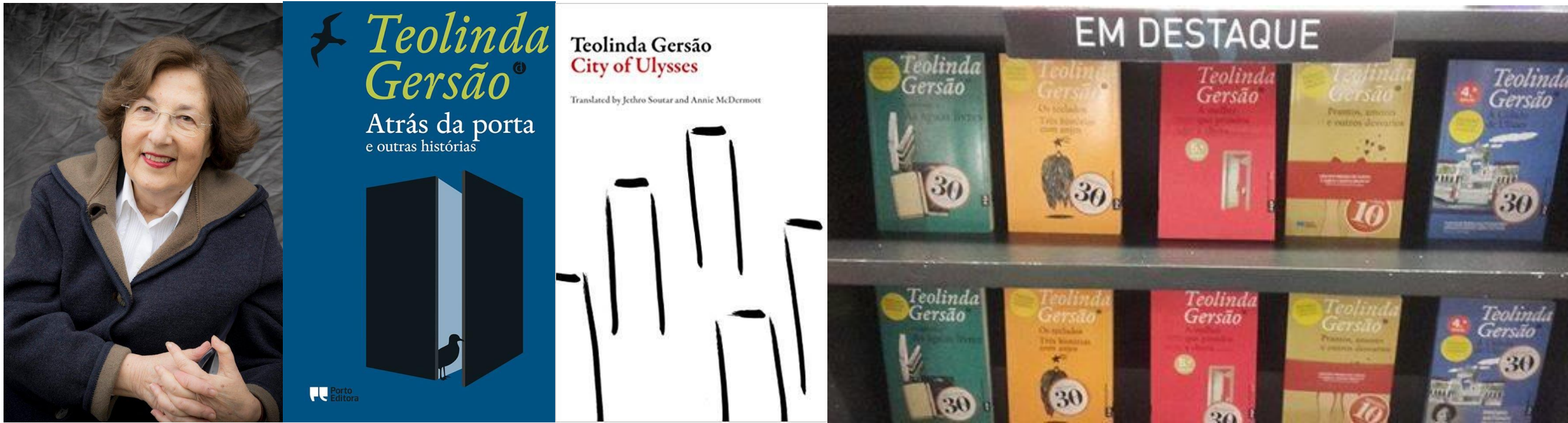
Sou versátil, escrevo romances, contos e ainda outros livros, que escapam a classificações porque são aventureiros e experimentais: vejo-os como uma espécie de diários heterodoxos, em que “eu” estou e não estou, e a que chamo genericamente Cadernos, embora cada um tenha um título diferente.

A minha escrita é muito visual e facilmente adaptável a teatro e cinema, o que tem acontecido com frequência.

Ganhei os principais prêmios literários portugueses, fui finalista do Prémio Europeu de Romance Aristeion e recebi este ano o Marquis Lifetime Achievement Award.








Fui escritora residente na Universidade de Berkeley, estou traduzida em catorze países, e espero vir a estar noutros.

Tenho um site oficial com informação adicional para quem se interessar e estou no FB, onde, se me quiserem encontrar, serão bem-vindos.



(FOTO ALFREDO CUNHA)

<u>Atrás da Porta e outras Histórias</u> Porto Editora Edição: 11-2018	<u>Prantos, amores e outros desvarios</u> Porto Editora Edição: 07-2016	<u>A Cidade de Ulisses</u> Sextante Editora (chancela) Edição: 06-2015	<u>Passagens</u> Sextante Editora (chancela) Edição: 02-2014	<u>As águas livres</u> Sextante Editora (chancela) Edição: 04-2013	<u>Os Teclados Dom</u> Quixote Edição: 04-2001

 <p><u>A Árvore das Palavras</u> Porto Editora Edição: 03-2018</p>	 <p><u>Histórias de ver e andar</u> Sextante Editora (chancela) Edição: 04-2016</p>	 <p><u>Os guarda-chuvas cintilantes</u> Sextante Editora (chancela) Edição: 10-2014</p>	 <p><u>A Cidade de Ulisses</u> 11 X 17 Edição: 08-2013</p>	 <p><u>Os teclados &amp; Três histórias com anjos</u> Sextante Editora (chancela) Edição: 02-2012</p>	 <p><u>Os Anjos</u> Dom Quixote Edição: 04-2000</p>
 <p><u>A casa da cabeça de cavalo</u> Porto Editora Edição: 09-2017</p>	 <p><u>A mulher que prendeu a chuva</u> Sextante Editora Edição: 03-2016</p>	 <p><u>A árvore das palavras</u> Sextante Editora Edição: 06-2014</p>	 <p><u>O silêncio</u> Sextante Editora Edição: 07-2013</p>	 <p><u>O Mensageiro e Outras Histórias com Anjos</u> Dom Quixote Edição: 04-2003</p>	 <p><u>A Árvore das Palavras</u> Dom Quixote Edição: 04-2000</p>
 <p><u>Os Teclados</u> Dom Quixote Edição: 04-1999</p>	 <p><u>A Árvore das Palavras</u> Dom Quixote Edição: 04-1997</p>	 <p><u>Paisagem com Mulher e Mar ao Fundo</u> Dom Quixote Edição: 04-1996</p>	 <p><u>O Silêncio</u> Dom Quixote Edição: 04-1995</p>	 <p><u>O Cavalo De Sol</u> Dom Quixote Edição: 04-1989</p>	 <p><u>Os Guarda-Chuvas Cintilantes</u> Dom Quixote Edição: 04-1997</p>

## OBRAS

Silêncio (1995)

Paisagem com Mulher e Mar ao Fundo (1969)

História do Homem na Gaiola e do Pássaro Encarnado (1982)

Os Guarda-Chuvas Cintilantes (1997)

O Cavalo de Sol (1984)

A Casa da Cabeça de Cavalo (1996)

A Árvore das Palavras (1997)

Os Teclados (1999)

Os Anjos (2000)

Histórias de Ver e Andar (2002)

O Mensageiro e Outras Histórias com Anjos (2003)  
A mulher que prendeu a chuva (2007)  
A cidade de Ulisses (2011) (Prémio António Quadros)  
As Águas Livres (2013)  
Passagens (2014)  
Prantos, Amores e Outros Desvarios (2016)  
Atrás da Porta e Outras Histórias, 2019

PRÉMIOS  
Prémio P.E.N. Clube Português de Novelística (1982, 1990)  
Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (1995)  
Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (1999)  
Prémio Fernando Namora (2001, 2015)  
Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco (2002/2017)  
Prémio Máxima de Literatura (2008)  
Prémio Fundação Inês de Castro  
Prémio Ciranda ( 2012)Prémio António Quadros (2013)  
Prémio Vergílio Ferreira (2017)  
Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco (2017)  
Marquis Lifetime Achievement Award (2018)

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ CONVIDADA ESPECIAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DA GRACIOSA

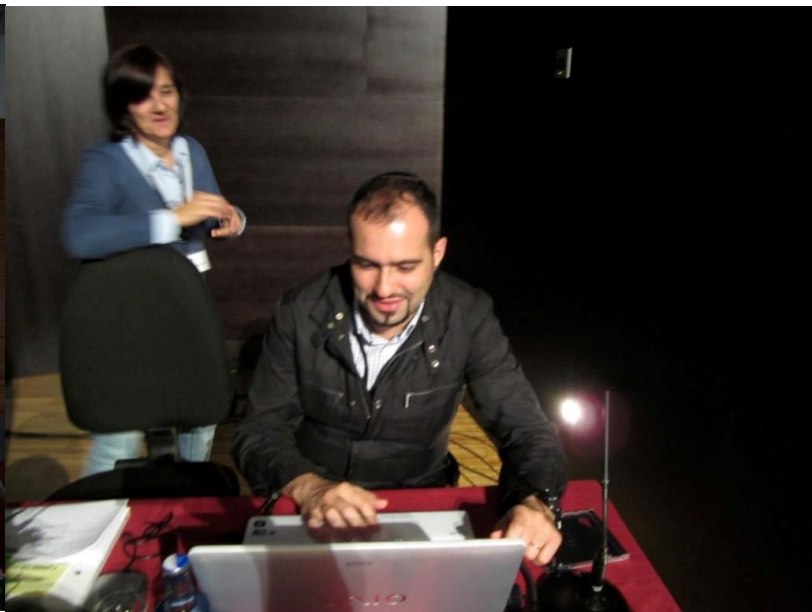
42. TIAGO ANACLETO-MATIAS PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS. PRESENCIAL AICL



15º MACAU 2011



15º MACAU 2011



18º GALIZA 2012

**TIAGO ANACLETO-MATIAS** é mestre em Tradução e Interpretação Especializadas (2008),  
É licenciado em Tradução Especializada (2002)  
É bacharel em Línguas e Secretariado (2000) pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP), tendo sido aluno na Escola Superior de Comércio e Gestão (Handelshøjskole Syd) de Esbjerg – Dinamarca, em 1998, ao abrigo do Programa Erasmus.  
Possui uma pós-graduação em Tradução para Legendagem pelo Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes do Porto (2004).  
As suas publicações são nas áreas dos Estudos da Tradução e da Linguística Aplicada.

Tem igualmente cooperado desde 2008 no apoio ao secretariado em diversos Colóquios da Lusofonia, nomeadamente nos Açores, Bragança e Brasil.  
Desde 2004 que é funcionário efetivo do Parlamento Europeu, em Bruxelas.



15º MACAU 2011



26º LOMBA DA MAIA 2016



13º FLORIPA 2010



30º MADALENA DO PICO 2018



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

- SECRETÁRIO DA DIREÇÃO DA AICL

- FAZ PARTE DAS COMISSÕES E DO SECRETARIADO

PARTICIPOU ININTERRUPTAMENTE DESDE O 3º COLÓQUIO AO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014. REGRESSOU EM 2016 NO 25º EM MONTALEGRE E 30º MADALENA DO PICO 2018 E EM 2019 NO 31º BELMONTE

43. URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO, CIERL-UMA, CEHU-UAC, PICO. AICL



17º LAGOA 2012



28º VILA DO PORTO



17º LAGOA 2012



28º VILA DO PORTO 2017

URBANO BETTENCOURT (Manuel U. B. Machado) nasceu na Piedade, ilha do Pico, 1949.  
Doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade dos Açores, onde lecionou entre 1990 e 2014.  
Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Participou na coordenação das seguintes antologias de poesia açoriana:

**Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense (com Lauro Junkes e Osmar Pisani). Florianópolis, Santa Catarina, 2005.**

**Pontos Luminosos. Açores e Madeira - Antologia Poética do Século XX (com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel). Campo das Letras, 2006.**

**Azoru Salu. Dzejas antologija (com Leons Briedis). Riga, Letónia, 2009.**

Começou a sua atividade profissional na Escola Secundária da Amora, tendo posteriormente lecionado na E.S. da Bela Vista (Setúbal), na E B 2,3 Padre João José do Amaral (Lagoa) e na E.S. Antero de Quental, (1986-1990), a cujo quadro de professores pertenceu e onde voltou a lecionar nos anos letivos de 2014-15 e 2015-16.

Aposentado do ensino desde o dia 1 de julho de 2016.

No domínio da investigação, tem dedicado particular atenção às literaturas insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores.

Colaboração em revistas da especialidade, no país e no estrangeiro.

Entre 2006 e 2009 dirigiu, com Carlos Alberto Machado, a coleção «Biblioteca Açoriana», para a qual preparou a antologia de contos de José Martins Garcia, Português, Contrabandista.

Atualmente, coordena com Carlos Alberto Machado a reedição da obra de José Martins Garcia para a editora Companhia das Ilhas.



30º MADALENA DO PICO 2018



26º LOMBA DA MAIA 2016



23º FUNDÃO 2015



27º BELMONTE 2017



28º VILA DO PORTO



26º LOMBA DA MAIA 2016



23º FUNDÃO 2015



30º MADALENA DO PICO 2018



31º BELMONTE 2019



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018

## Bibliografia

1972, Raiz De Mágoa, Poesia, Setúbal, Ed. Autor

1976, Ilhas, narrativas; em parceria com Santos Barros. Lisboa, Ed. Dos Autores.

1980, Marinheiro Com Residência Fixa. Poesia e narrativas. Lisboa, Ed. Do Grupo De Intervenção Cultural Açoriano.

1983, O Gosto Das Palavras I. Ensaios sobre Antero de Quental e outros autores açorianos; o carácter cósmico de alguma poesia barroca, e os Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo. Coleção Gaivota, SREC, pp. 77-87

1983, Ensaios Sobre Antero De Quental E Outros Autores Açorianos; O Carácter Cósmico De Alguma Poesia Barroca; Os Apólogos Dialogais De D. Francisco Manuel De Melo. Angra Do Heroísmo, SREC.

1983, Antologia De Poesia açoriana in O Gosto Das Palavras I. Angra Do Heroísmo, Secretaria Regional Da Educação E Cultura, pp. 77-87

1984 com Costa Melo, Lúcia. [Rota sibilina: pref. Maria da Conceição Vilhena. Vila Franca do Campo: Ilha Nova Ponta Delgada, Câmara Municipal.](#)

1986 Rodrigo Guerra. Alguns olhares in Onésimo T Almeida Da literatura açoriana, para um balanço. Angra do Heroísmo, SREC, pp. 45-54

1987 Naufrágios/Inscrições. Poesia e narrativas. Ponta Delgada, Brumarte / Signo.

1987 Algumas palavras a propósito, in Terra, F. Água de verão, Ponta Delgada, Signo.

1989 Emigração E Literatura, alguns fios da meada, (ensaio que aborda aspetos da emigração açoriana nalguns contistas açorianos do final do séc. XIX), Horta, Centro de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta

1989, Emigração E Literatura. Ensaio Que Aborda Aspetos Da Emigração Nalguns Contistas Açorianos Do Final Do Século XIX. Horta, Gabinete De Cultura Da Câmara Municipal.

1989 O Gosto das Palavras I. 2ª ed., II [ensaios sobre autores açorianos e ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, entre outros], Ponta Delgada, Jornal de Cultura,

1991, Antero açoriano. Vozes em volta. Revista da História das ideias, vol. 13, Coimbra, pp. 221-229

1992 «Carlos Faria – de Nova Iorque às Fajãs de S. Jorge», in FARIA, Carlos, São Jorge Ciclo da Esmeralda, Signo, Câmara Municipal das Velas, 1992, pp. 3-8.

1993, “S. Jorge no Roteiro de Alguns Viajantes”, Revista Insulana, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1993, pp. 385-402.

1995, Algumas Das Cidades, poemas em prosa. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, coleção Insula.

1995, O Gosto Das Palavras II. Da Literatura Açoriana, Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, Ensaios Sobre Autores Açorianos E Ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, E Outros. Ponta Delgada, Jornal De Cultura, pp. 13-16

1995, Da Literatura Açoriana – Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, In O Gosto Das Palavras II. Ponta Delgada, Jornal Da Cultura, pp. 13-16

1998, De Cabo Verde Aos Açores, À Luz Da «Claridade De S. Vicente. Ensaio sobre A Receção Açoriana Da Literatura Cabo-Verdiana.». Mindelo, Cabo Verde, Câmara Municipal

1998, O Gosto Das Palavras III, SREC, Angra, col. Gaivota, nº 31

1998, Bolos de mel, in Margem 2, Funchal, nº 10, dez. º 1998, pp. 50-51

1998, A ilha de Fernão Dulmo em Mau Tempo no canal in Homem, M.A. ed., atas do colóquio As ilhas e a mitologia, Câmara Municipal do Funchal: pp. 117 - 123

1999, O Gosto Das Palavras III. Ensaios Sobre Literatura Clássica Portuguesa, Literatura Açoriana E Cabo-Verdiana. Lisboa, coleção Garajau, Ed. Salamandra.

2000, Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, organizada por Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers

2001 Uma outra açorianidade, um texto esquecido de Vitorino Nemésio, in Vitorino Nemésio, 1º centenário do nascimento, 1901-2001, separata da Revista Atlântida, vol. XLVI, Angra, Instituto Açoriano de Cultura

2002, Introdução in Vitorino Nemésio, Paço do Milhafre, O mistério do Paço do Milhafre, obras completas, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 9-27

2002, Pedro da Silveira - escrita e o mundo in O Faial e a periferia açoriana, nos 550 anos do descobrimento das Flores e Corvo, Atas do III colóquio. Núcleo Cultural da Horta: pp. 597-604

2003, Ilhas Conforme As Circunstâncias. Ensaios Sobre Literatura Açoriana, Cabo-Verdiana E São-Tomense. Lisboa, Ed. Salamandra.

2004, José Martins Garcia, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. XIII, pp. 59-64

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

- 2004, José Martins Garcia: A Palavra, O Riso. Separata Da Revista Arquipélago -Línguas E Literaturas, vol. XVII. Ponta Delgada, Universidade Dos Açores.
- 2005, Lugares Sombras E Afetos (poesia e narrativas), com desenhos de Seixas Peixoto. Arganil, ed. Moura Pinto e Figueira Da Foz, Ed. Dos Autores.
- 2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Pêssimo. Arganil, Editorial Moura Pinto
- 2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Pêssimo, 2ª edição revista, Câmara Municipal de São Roque do Pico
- 2005, In Caminhos do mar, antologia poética açoriano-catarinense com Lauro Junkes e Osmar Pisani, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
- 2006, Manuel Lopes, escritor – Um cabo-verdiano nos Açores, 2006, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 15
- 2006, Antero, com desenhos de Alberto Pêssimo (poesia). Arganil, Editorial Moura Pinto.
- 2006, Frases Para Ter Na Algibeira, org. De Sara Pais. Lisboa, Livramento.
- 2006, Mística E Nuvens Do Vulcão Do Pico, com Víctor Hugo Forjaz, Zilda Tavares Melo França, Lurdes Bettencourt E Oliveira, João José Fernandes. Ponta Delgada, Observatório Vulcanológico E Geotérmico Dos Açores.
- 2006, O guardador de freiras, in Margem 2, Funchal, nº 21, abril, pp. 44-46
- 2006, In Pontos luminosos, Açores e Madeira, antologia poética do séc. XX com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel, ed. Campo das Letras.
- 2007, Nas Lajes, Um Chá Imprevisível. Separata Da Revista Magma, 4. Lajes Do Pico, ed. Câmara Municipal.
- 2007, Entre Cabo Verde e os Açores, a literatura em viagem, in John Kinsella & Carmen Ramos Villar, eds. Lusophone Studies #5, Mid Atlantic Margins, Transatlantic Identities, Azorean Literature in context. University of Bristol, July 2007
- 2007, «Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo», in Tutikian, Jane e Brasil, Luiz António de Assis (org. de), Mar Horizonte: Literaturas Insulares Lusófonas, Porto Alegre, EDIPUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2007, pp. 11-22.
- 2008, com Lauro Junckes, Coord Onésimo Almeida, Caminhos do Mar
- 2008, A afirmação de uma cultura própria, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas Meneses, Guilherme Reis Leite, dir. História dos Açores, do descobrimento ao séc. XX, vol. II, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 307-322
- 2008, O Tempo De Florêncio Terra. Separata Do Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta, vol. 17. Horta, Núcleo Cultural.
- 2008, Novas do Achamento do Divino em terras brasileiras, in Jornal de Letras nº 114. Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, fevereiro 2008. Recensão ao livro Caminhos do Divino de Lélia Pereira da Silva Nunes
- 2008, Pedras Negras, Dias de Melo, in Jornal de Letras nº 119, Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, julho 2008
- 2008, Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo» in Jane Tutikian e Luiz António de Assis Brasil (org), Mar Horizonte: Literaturas insularem lusófonas. Rio Grande do Sul, EDIPUCRS, Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2008.
- 2009, Manuel Lopes, escritor – um cabo-verdiano nos Açores» in José Luís Hopffer Almada (org), O Ano Mágico de 2006 – Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-Verdianas. Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde, 2009
- 2009, Signo Atlântico in José Martins Garcia, Português, contrabandista, seleção de contos, Lajes do Pico, Biblioteca Açoriana (Companhia das Ilhas)
- 2009, in Azoru. Dzejas antologija com Leon Briedis, Riga, Letónia
- 2009, Santo Amaro Sobre O Mar, com Desenhos De Alberto Pêssimo. 2.ª Edição Revista, Câmara Municipal De S. Roque,
- 2010 Que paisagem apagarás? Ponta Delgada, ed. Publiçor
- 2011, in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2011, IN Antologia da Memória poética da Guerra Colonial, Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (org.), Fotografias: Manuel Botelho, Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva, 1.ª ed. Porto: Afrontamento, 2011 (Poesia; Antologias, 2), ISBN 9789723611748, 648 pp.
- 2011, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (originalmente publicado na revista «Ponto Cardeal», n.º 4. Madalena, Pico, Açores, Escola Cardeal Costa Nunes, novembro de 2011)
- 2011, Eduíno de Jesus, o Bar Jade e o jornal A Ilha, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta
- 2012, Fernando Aires e a Geração de 40, in Atas do 17º colóquio da lusofonia, Lagoa, S Miguel, Açores
- 2012, África frente e verso, Ponta Delgada, Letras Lavadas
- 2012, in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2013, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens, IN revista Ponto Cardeal nº 4 Madalena, Pico, Escola Cardeal Costa Nunes, novº 2011. <http://www.enriquevilamatas.com/escritores/escribettencourt3.html>
- 2013 Outros nomes, outras guerras, Lajes do Pico, ed. Companhia das ilhas,
- 2014, Garcia Monteiro, autógrafos e algo mais, in Boletim do Núcleo da Horta,
- 2014, Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia, tese de dissertação
- 2015, José Martins Garcia. A linguística vai à guerra, in Atas do 23º colóquio da lusofonia, Fundão
- 2015 Ser escritor nos Açores, in Atas do 23º Colóquio da Lusofonia, Fundão
2016. Germano Almeida in Atas 26º colóquio da lusofonia Lomba da Maia 2016
- 2017, Pedro da Silveira, – as ilhas da (sua) literatura in Atas do 27º colóquio da lusofonia, Belmonte
- 2017, O Amanhã não Existe (Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia). Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, 2017)
- 2018, «J. H. Santos Barros, poeta» e «Dossiê crítico», em J. H. Santos Barros, Alexandrina, como era. Todos os poemas. Edição e apresentação de Jorge Reis-Sá. Lisboa: Imprensa Nacional.
2018. Vitorino Nemésio, Amor de Nunca Mais e Paço do Milhafre e O Mistério do Paço do Milhafre. Obra Completa. Teatro e Ficção I. Edição e apresentação da ficção por Urbano Bettencourt. Lajes do Pico e Lisboa: Companhia das Ilhas e Imprensa Nacional.
2019. Mulher de Porto Pim. Libreto sobre a obra homónima de António Tabucchi para cantata (filarmónica e coro) de Rui Souza. Apresentação no Festival Muma (Horta, 9 de maio)
2019. Com Navalhas e Navios [Poesia reunida]. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

**2019 Con Navajas y Navios [Poesia reunida 1972-2018 y dos ensayos].** Prologo y traduccion de Javier Hernandez Fernandez. Biblioteca atlântica. Islas Canarias: Consejería de Turismo, Cultura y Deportes. Gobierno de Canarias.

**2019. Pedro da Silveira, Fui ao mar buscar laranjas [Poesia reunida].** Coordenação, fixação do texto e introdução de Urbano Bettencourt. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

### TEMA 4.1 Eduíno de Jesus e o meio-século açoriano

As décadas de 40 e 50 do século XX açoriano foram marcadas sobretudo pela dinâmica cultural e literária centrada no polo de Ponta Delgada, mas com intervenientes de diferentes origens e quadrantes.

Há dois aspetos gerais a destacar aqui, e a considerar também. Por um lado, o esforço para instituir um espaço público favorável aos novos rumos estético-literários, resumidamente os consignados pelos modernismos português, brasileiro e cabo-verdiano – o que se traduziu numa intervenção jornalística e cívico-social (recitais, conferências, por exemplo) destinadas a divulgar os pressupostos de uma outra prática, trabalho tanto mais ingrato quanto se exercia num meio conservador e vigiado pelos diferentes modos da censura.

Por outro lado, a diversidade da expressão literária, particularmente a representada pela obra poética de Pedro da Silveira, Carlos Wallenstein e Eduíno de Jesus.

É sobre este último que incidirá a presente comunicação: num primeiro momento, pondo em destaque o seu ensaísmo e a relevância do mesmo no âmbito da historiografia literária açoriana; num segundo momento, abordando a sua poesia, as modulações expressivas que a atravessam, entre a releitura de uma tradição lírica filtrada pela leitura da modernidade, que pode, eventualmente, entroncar no simbolismo, e a limpidez discursiva, ora mais expansiva e solta, ora contida e de um aparente classicismo, aparente porque interiormente armadilhado – tudo isso marcado por uma naturalidade que só o é à superfície do texto, pois sabe-se como a naturalidade é um grande artifício, o produto de um intenso labor oficial, mais de transpiração do que de inspiração.

Trabalho final não recebido

#### POESIA “QUADRAS DE ILHA” GRACIOSA 2015

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GXCD2G2-7ZU&T=13S&INDEX=57&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=GXCD2G2-7ZU&T=13S&INDEX=57&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

#### CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #11

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/864/CADERNO-11-URBANO-BETTENCOURT-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-(E-SUPLEMENTOS)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/864/CADERNO-11-URBANO-BETTENCOURT-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF)

#### VER SUPLEMENTO # 11 DOS CADERNOS AÇORIANOS

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/794/SUPLEMENTO-11-URBANO-BETTENCOURT.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-(E-SUPLEMENTOS)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/794/SUPLEMENTO-11-URBANO-BETTENCOURT.PDF)

#### NOVA VÍDEO-HOMENAGEM 4– 2017

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EYFOQVC3PKC&T=3S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&INDEX=38](https://www.youtube.com/watch?v=EYFOQVC3PKC&T=3S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=38)

#### VÍDEO HOMENAGEM 3 2017

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/2405-V%C3%ADdeo-homenagem-3-2017-urbano-bettencourt.html](https://www.lusofonias.net/acorianidade/2405-V%C3%ADdeo-homenagem-3-2017-urbano-bettencourt.html)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JMVX0ZAIMSQ&T=7S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI&INDEX=57](https://www.youtube.com/watch?v=JMVX0ZAIMSQ&T=7S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=57)

#### VÍDEO HOMENAGEM 2 2015

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/2029-HOMENAGEM-AICL2-A-URBANO-BETTENCOURT-2.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/2029-HOMENAGEM-AICL2-A-URBANO-BETTENCOURT-2.HTML)

#### VÍDEO HOMENAGEM 1 2012

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/664-URBANO-BETTENCOURT.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/664-URBANO-BETTENCOURT.HTML)

#### 17º NA LAGOA 2012 POESIA CONCHA, EDUÍNO E URBANO

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ABAJIRQFVOA&INDEX=233&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C\\_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=ABAJIRQFVOA&INDEX=233&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

#### SÓCIO DA AICL

#### É SECRETÁRIO DA ASSEMBLEIA-GERAL DA AICL

#### PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL 2017-2020.

**PARTICIPOU NO 17º COLÓQUIO LAGOA 2012, 19º MAIA 2013, 21º MOINHOS PORTO FORMOSO 2014, 24º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019**

44. VICTOR RUI DORES, ESC. SECUNDÁRIA MANUEL DE ARRIAGA, HORTA, ESCRITOR AÇORIANO, GRACIOSA. AICL



BGA HORTA 2017



24º GRACIOSA 2015



30º MADALENA DO PICO 2018

30º MADALENA DO PICO 2018

30º MADALENA DO PICO 2018

**VICTOR RUI RAMALHO BETTENCOURT DORES** nasceu no dia 22 de maio de 1958, na vila de Santa Cruz da ilha Graciosa, Açores.

Em 1968 fixou-se com a família na ilha Terceira, onde permaneceu até ao ano de 1978, tendo um ano antes concluído o curso liceal no então Liceu Nacional de Angra do Heroísmo.

Obteve, em 1982, a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Ingleses e Alemães), pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, sendo atualmente professor do quadro de nomeação definitiva da Escola Secundária Manuel de Arriaga, na cidade da Horta, ilha do Faial.

Cumpriu o serviço militar obrigatório na Força Aérea entre 1983 e 1985 (Bases da Ota, Tancos e Lajes), com as patentes de aspirante e alferes.

Entre setembro de 1997 e julho de 2004 exerceu o cargo de Presidente da Comissão Executiva Provisória do Conservatório Regional da Horta.

É, desde 1998, o representante da Região Autónoma dos Açores no Conselho Nacional de Educação.

É também, desde aquele ano, Presidente da Assembleia Geral da “Azórica”, Associação de Defesa do Ambiente.

Poeta, escritor, ensaísta e crítico literário (tendo nesta área recenseado mais de duzentas obras de ficção narrativa), dedica-se ainda à etnomusicologia e aos estudos etnográficos.

No campo da linguística, pesquisa, há mais de 20 anos, os sotaques, as pronúncias e as variantes dialetais das nove ilhas dos Açores.

Escreve crónicas para jornais e revistas regionais, nacionais e da diáspora e é assíduo colaborador da RTP-Açores e Antena 1/ Açores.

## Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Está ligado à atividade teatral como ator (no grupo de teatro “Carrocel”, de que é também Presidente da Direção) e como encenador (no grupo de teatro “Sortes à Ventura”, da Escola Secundária Manuel de Arriaga, projeto pelo qual é responsável desde 1988 e para o qual escreveu e encenou mais de trinta peças).

Entre 2004 e 2007 foi membro da comissão editorial do Boletim do Núcleo Cultural da Horta.

É, desde agosto de 2004, Cidadão Honorário da Ilha Graciosa. Em julho de 2006 a Câmara Municipal da Horta prestou-lhe homenagem pública pelo seu “contributo na promoção das artes e da literatura no âmbito da cultura local e regional”.

Possui Certificado de Estatuto de Formador, conferido pela Direção Regional da Educação e Formação, nas seguintes áreas: Didáticas Específicas (Inglês/Alemão) e Expressão Dramática, tendo, nesta última dirigido uma série de formações, ateliês e oficinas.

### **Bibliografia:**

Poemas de Fogo e Mar (poesia), Angra do Heroísmo, edição de autor, 1978.

Grimaneza (contos), Ponta Delgada, Signo, 1987.

Entre o Cais e a Lancha (poesia), Horta, edição de autor, 1990.

À Flor da Pele (poesia), Horta, edição de autor, 1991.

Sobre Alguns Nomes Próprios Recolhidos na Ilha Graciosa (ensaio), Separata do Boletim do Museu de Etnografia da Graciosa, 1991.

Histórias com Peripécias, Horta, edição do Correio da Horta, 1999.

Bons Tempos (crónicas), Horta, edição do Correio da Horta, 2000.

A Valsa do Silêncio (romance), Horta, edição de autor, Nova Gráfica, 2005.

Crónicas Insulares, (Nova Gráfica, 1ª edição, 2010; 2ª edição 2011).

O ouvido que escreve (poesia) 2018

*É coautor dos seguintes livros:*

Açores, as Ilhas Ocidentais – Azores, the Western Islands (álbum fotográfico), de parceria com o fotógrafo alemão Karl Heinz Raach, BLU edições, Angra do Heroísmo 2000.

Do Jardim à Memória (fotografia), de parceria com Paulo Garrão, BLU edições, 2012.

A Graciosa Ilha (álbum fotográfico), de parceria com o fotógrafo José Nascimento F. Ávila), edição da Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa, Nova Gráfica, 1ª edição 2009; 2ª edição 2010).

Ilha Terceira, um tesouro escondido no Atlântico / Terceira island, a hidden treasure of the Atlantic, de parceria com Kelly Luna, BLU edições, 2014.

*É AUTORA DAS TRADUÇÕES DO LIVRO*

Friends in Need, the 1980 Earthquake in Terceira Island / Terramoto de 1980 na Ilha Terceira – a Ajuda Norte Americana, de Michael Peters, BLU edições, 2014.

**NO PRELO**

Mulher nua em contraluz (novela).

**ESTÁ ANTOLOGIADO NAS SEGUINTE PUBLICAÇÕES:**

Cadernos Coletivos de Poesia – Antologia organizada por Emanuel Jorge Botelho, Raiz, Suplemento Cultural “Correio dos Açores”, Ponta Delgada, 1 fevereiro 1979.

O lavrador de ilhas, de Santos Barros, Angra, D.R.A.C., coleção Gaivota 1981.

Toda e qualquer escrita, de João de Melo, Lisboa, Vega, 1982.

A questão da literatura açoriana, de Onésimo Teotónio Almeida, Angra, D.R.A.C., coleção Gaivota, 1983.

Antologia Poética dos Açores, 2º Volume, de Ruy Galvão de Carvalho, Angra, DRAC, coleção Gaivota, 1984.

Os Nove Rumores do Mar, de Eduardo Bettencourt Pinto (antologia de poesia açoriana contemporânea), edição Instituto Camões, 1999.

On a Leaf of Blue: Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry, tradução e organização de Diniz Borges (Institute of Governmental Studies Press University of California, Berkeley, 2003).

Nem Sempre a Saudade Chora – Antologia de Poesia Açoriana sobre Emigração, Seleção, Introdução e Notas de Diniz Borges (edição da Direção Regional das Comunidades, 2004).

“XX3X20” 20 pinturas / 20 melodias / 20 poemas (Direção Regional da Cultura, Açores, 2005).

Voices from the Islands, an Anthology of Azorean Poetry, John M. Kinsella (selection and translation), Gávea-Brown Publications, Providence, Rhode Island, 2007.

Azorean Authors Songbook, Scores and Translated Lyrics, Autores Açorianos, Partituras e Letras, Rafael Fraga e Augusto Macedo, edição Teatro Micaelense – Centro Cultural e de Congressos, Ponta Delgada, 2007.

Eduíno de Jesus – A Ca(u)sa dos Açores em Lisboa, homenagem de amigos e admiradores. Organização de Onésimo Teotónio Almeida e Leonor Simas-Almeida. Instituto Açoriano de Cultura, 2009.

Pico, Poética da Montanha, coordenação de Adélia Goulart, Císalina Martins e Maria Norberta Amorim, Desafios da Montanha, Alvião, Ponta Delgada, 2010.

Desafios dos Açores para o século XXI, coordenação de Eduardo Jorge Brum S. Brum, Expresso das Nove, Ponta Delgada, 2010.

Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos / Bilingual Anthology of Contemporary Azorean Authors, coordenação de Helena Chrystello e Rosário Girão, Calendário de Letras, 2011.

Fernando Aires, Era uma vez o seu tempo, homenagem de amigos e admiradores. Coordenação de Leonor Simas-Almeida, Maria João Ruivo Sousa e Onésimo Teotónio Almeida. Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2012.

BorderCrossings, leituras transatlânticas, de Vamberto Freitas, Letras Lavadas edições, Ponta Delgada, 2012.

Cadernos de Estudos Açorianos, nº 17, edição de dezembro de 2012, [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net), coordenação de Chrys Chrystello.

Antologia de autores açorianos contemporâneos – vol. II, Helena Chrystello / Rosário Girão, vol. II, Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia, 2012.

Onésimo, único e multimodo, organização de João Maurício Brás, Opera Omnia, Guimarães, 2015.

TEMA - Da minha GRACIOSENSIDADE - (a toque de piano)

A Graciosa é o meu regresso a casa. E, ao piano, demonstrarei como se processa musicalmente em mim esse regresso aos locais onde, feliz, decorreu a minha infância. Tal regresso implica harmonia e não dissonância, porque vem ao de cima sentimentos, emoções e estados de alma ligados aos verdes anos. Para exemplificar, interpretarei, *en passant* e comentando, extratos de composições de Mozart, Beethoven, Strauss, John Philip Sousa, Badarewska, Monti, Galos, Scott Joplin, entre outros.

Em paralelo, falarei da forte tradição pianística da Graciosa, recordarei o “Método para Piano”, de Schmoll, e farei uma breve homenagem às senhoras que, noutros tempos, davam lições de piano às meninas prendadas da vila de Santa Cruz.

Terminarei a minha intervenção lembrando que, no verão de 1998, me aconteceu uma espécie de epifania no aconchego da minha casa nas Dores: o conceito da GRACIOSENSIDADE que criei a partir de “açorianidade”, de Vitorino Nemésio, que por sua vez havia sido decalcado, em 1932, de “hispanidad”, de Miguel de Unamuno. Condição de ser graciosense, GRACIOSENSIDADE é o meu apego e o meu amor incondicional pela ilha Graciosa, é a minha marca de identidade com o espaço graciosense e é a minha identificação com o imaginário graciosense.

Darei exemplos desse imaginário.

Victor Rui Dores

Trabalho final não recebido

**JÁ TOMOU PARTE NO 24º GRACIOSA 2015, TOMOU PARTE NO 30º MADALENA DO PICO 2018 E EM 2017 APRESENTOU NA HORTA A BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE**





# 32º COLÓQUIO DA LUSOFONIA



**SANTA CRUZ  
DA GRACIOSA  
2-6 outº 2019**

<http://coloquios.lusofonias.net/XXXII/>

[www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)



**Patrocínio**



Município  
**Santa Cruz da Graciosa**  
[www.cm-graciosa.pt](http://www.cm-graciosa.pt)



Governo dos Açores

**AÇORES**



**Apoios**



GRACIOSA RESORT  
BOUTIQUE & SPA HOTEL  
★★★★★  
SANTA CRUZ DA GRACIOSA

